

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
SÃO PAULO  
PUC-SP**

Camila Camargo Vieira

**Encontro de Memórias: As Mulheres Arturos**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Paulo  
2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

**Camila Camargo Vieira**

**Encontro de Memórias: As Mulheres Arturos**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais sob a orientação da Profa. Dra. Teresinha Bernardo.

São Paulo  
2012

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

As mulheres da Comunidade Negra dos Arturos que com sua força, garra e alegria muito me ensinaram sobre a vida.

A Izaíra Maria, a Tita (em memória), com muito carinho e saudades.

## AGRADECIMENTOS

Percorrer este caminho do doutorado foi uma aventura repleta de muitas surpresas, algumas boas e outras bem difíceis. Contudo, conseguimos fazer a travessia, vencendo a cada dia os momentos de escuridão da alma e também experimentando os momentos de alegria. Felizmente apareceram pessoas para acolher, incentivar, ouvir, ajudar e sorrir comigo, tornando esta trajetória mais leve. A todos minha gratidão.

Agradeço a toda comunidade dos Arturos, pelo aprendizado, pela amizade, acolhimento, carinho durante todo este percurso. Pela força e fé que encontrei em toda comunidade, virando devota de Nossa Senhora do Rosário e pela permissão de compartilhar a vida em seus diferentes momentos, fazendo-me sentir integrante do Rosário dessa família.

Às mulheres Arturos, minha profunda gratidão por me acolherem e compartilharem comigo um pouco de suas vidas, sua amizade, dores, carinho e alegrias. Por me receberem com carinho e disposição para as entrevistas em sua maioria no momento de descanso, ou da lida diária na sua própria casa.

À Cristina e família, Tatiana e Dona Anita que me acolheram em suas casas por 45 dias com meu filho João ladu, sempre com muito afeto e alegria.

À Luana Carolina, jovem dos Arturos, pela generosidade, amizade e algumas fotografias contidas neste trabalho.

A todas as crianças Arturas, que são muitas pelo carinho e brincadeiras.

A minha orientadora e professora Teresinha Bernardo, com muito amor, admiração e gratidão por tudo. Sua compreensão, conhecimentos, enorme paciência, sabedoria, apoio, encorajamento nos momentos difíceis, foram essenciais para que eu conseguisse concluir esta travessia.

Carinhosamente, ao professor Kabengele Munanga, que sempre me acolheu como uma “filha”, iluminando meu caminho, com sua sabedoria, tranquilidade, compreensão, conhecimentos. Pela leitura cuidadosa da banca de qualificação, suas críticas, ensinamentos e sugestões. Minha eterna gratidão, admiração e afeto.

A professora Eliane Gouveia, Lili, pelo incentivo e leitura cuidadosa da banca de qualificação. Agradeço todo carinho e observações que ela fez tanto para o trabalho como para a vida.

Ao professor John Dawsey, pela amizade, carinho, sensibilidade, leitura e discussões das primeiras idéias desta pesquisa, quando ainda nascia um projeto de doutorado.

A todos os professores do Programa de Estudos de Pós Graduados de Ciências Sociais da PUC-SP, que em suas aulas, seminários e debates contribuíram para a ampliação do meu conhecimento, despertando questionamentos sobre este trabalho e sobre a vida.

Aos funcionários da biblioteca e da Secretaria de Ciências Sociais da PUC-SP, Kátia, Marcos, Rafael, Valéria pelas informações, ajuda e apoio necessários.

A Rafael Simões pela revisão do texto, sua compreensão e paciência foram fundamentais. A Victor Callil, pelos gráficos e tabelas do censo. A Thiago Santos pelo “tratamento” de algumas fotos. À Siméia Mello pela diagramação do texto, seu acolhimento, carinho e disposição foram muito importantes. À Eliany pelo abstract e amizade de sempre. A Álvaro pelo “resumé” em francês.

A Glaura, Everaldo, Rosangela e Júnia pelas conversas nas andanças do Congado mineiro.

Ao meu mestre de capoeira e dança afro, Luiz Antônio (Pingüim) por me incentivar o despertar no corpo e na alma da importância de estar viva.

A Cintia, Sidney, Arlete, Sônia, Atualpa, pelas vibrações, apoio, palavras e energia transmitida.

A todos os colegas do Grupo de Pesquisa: “Relações Raciais: Memória, Identidade e Imaginário” da PUC-SP, que com suas discussões promoveram o amadurecimento de muitas idéias aqui desenvolvidas.

A Regimeire, Rute, Renato, Dirce, Marilda, Lourdinha, Nadja, Barbosa, pelo incentivo e torcida.

A Joanice, pela força, ânimo e estímulo constante, além das sugestões e discussão do projeto de pesquisa.

A Ana Helena, Janaína e Flávia, “o trio” da Acubalin, pela amizade e carinho nessa trajetória.

A Márcia Maria Micussi de Oliveira, que se encontra no mundo dos ancestrais, minha eterna saudade, amor e gratidão por tudo. Sua sabedoria, conhecimento, alegria, força, amizade, nossos choros e risos. Por me incentivar me dando coragem pra lutar e nunca desistir e por ter me apresentado a professora Teresinha Bernardo. Sua presença vibrante é constante em meu coração.

As companheiras de estudos, lutas, trabalho, amizade, vida, sonhos, Eliana e Marina. Em especial a Marina que com sua generosidade leu alguns trechos desse trabalho e discutiu comigo, contribuindo muito para o desenvolvimento desta pesquisa. Sua amizade, carinho, apoio, sabedoria foram essenciais, sobretudo, nos momentos difíceis.

Aos eternos amigos: Bia, Bete, Catina, Eliany, André (Dedeco), Thiago, pela amizade, carinho e incentivo sempre.

A Amanda, amiga, “irmã” e comadre, por toda sua paz, sabedoria e equilíbrio transmitido, me ajudando imensamente a superar os momentos sombrios.

A minha família baiana, por todo apoio, torcida e incentivo em toda esta trajetória. Em especial a minha sogra Dona Zenaide e Dona Josefa, que nos últimos meses, num gesto de carinho e solidariedade se deslocaram para São Paulo por uma temporada para que eu pudesse concluir o trabalho. Gratidão por tudo.

A Adriano meu irmão, Sueli, Jacira, Maria de Fátima, pela torcida e vibrações. Aos meus sobrinhos, Janaína, Lucas e Catarina pelo carinho.

Ao meu irmão Álvaro, com meu amor e minha eterna gratidão por tudo. Por não deixar eu desistir e abandonar este caminho, me apoiar, incentivar, auxiliar nas discussões e correções, sobretudo na qualificação, sempre com muita paciência e compreensão. Pelo resumé em Francês. Por sua amizade, sabedoria, nossas conversas tão fundamentais tanto para o trabalho como para a existência.

A minha querida avó Conceição com todo meu amor, pelas orações, encorajamento, força transmitida, sabedoria, que transborda com seus 90 anos de idade. Sua presença me enche de alegria.

Aos meus pais, fonte de vida, amor, energia, a minha eterna gratidão e amor por tudo. Por sempre me incentivarem, estimularem, darem todo o apoio, sempre acreditando no meu trabalho e nos meus ideais. Por me ensinarem a perseverar para alcançar os sonhos.

Ao Alexandre, meu companheiro de jornada, com amor e gratidão, pelas idéias dadas ao longo dessa trajetória, a sugestão do censo, mapas, as correções do texto que contribuíram imensamente pra esta pesquisa.

Aos meus filhos, Gabriel e João, “ladus” da minha vida, com todo meu amor e gratidão, por suas existências, pela amizade, companheirismo e compreensão, sobretudo na minha ausência nesses últimos tempos. A leveza, alegrias, carinhos, incentivo, sabedoria e torcida que os dois sempre me passaram, iluminando a minha vida. Ao Gabriel, pelo diagrama da família dos Arturos, que ele fez de maneira criativa e carinhosa. E a minha filha, Ana Vitória Iadu (em memória), que fez uma breve passagem de 5 meses apenas, em meu ventre, logo no início desta pesquisa. Minha gratidão pela força que ela fez brotar dentro de mim, possibilitando que eu me mantivesse viva, sendo uma estrela eterna, que me acompanha, brilhando no plano ancestral e em meu coração.

Por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPQ pela bolsa de estudos que possibilitou a concretização deste trabalho.

## RESUMO

Esta tese tem como objetivo estudar a trajetória das mulheres da comunidade negra dos Arturos, localizada na cidade de Contagem, próximo a Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. A partir da evocação das memórias sobre Carmelinda Maria esposa do fundador deste agrupamento familiar, filhas, netas e bisnetas recriam fragmentos da história de vida desta mulher e ao mesmo tempo, tecem os fios de suas próprias vidas. Neste sentido, passado e presente se encontram através da memória, tecendo a trajetória dessas mulheres que trazem as suas tradições e as relações vividas dentro e fora da comunidade; o feminino e masculino; as relações familiares, relações de trabalho; o racismo; o congado e as mudanças influenciadas pelo espaço e tempo urbano. A partir de dados etnográficos entrelaçados com a teoria da memória, buscou-se compreender as transformações e permanências existentes entre as gerações de mulheres Arturos, sobretudo entre as jovens e as gerações mais velhas, refletindo sobre as mudanças de comportamento, costumes, valores, visões de mundo que se apresentam de acordo com o processo histórico e social vivido por cada uma delas. A juventude em relação com as gerações mais velhas manifestam mudanças nas percepções e relações com o mundo e com a própria comunidade. Todas estas questões envolvem uma rede de significados que serão tecidos ao longo deste trabalho, por meio dessas narrativas femininas.

**Palavras-chave:** Comunidade dos Arturos, mulheres negras, memória, quilombo, geração, congado.

## RÉSUMÉ

Cette thèse a l'objectif d'étudier la trajectoire des femmes de la communauté noire des Arturos. La communauté est dans la ville de Contagem, près de Belo Horizonte au État de Minas Gerais. À travers de l'évocation de Carmelinda Maria, épouse de le fondateur de ce groupe familial, filles, petite-filles et arrière petite-filles recréent fragments de l'histoire de la vie de cette femme, et trament, au même temps, avec ces fils, l'histoire des ces propres vies. En ce sens là, passé et présent sont reconstruits par les mémoires des ces femmes qui portent les traditions et établissent des relations dans l'intérieur et l'extérieur de la communauté: le féminin et le masculin; les relations familiales, les relations de travail, le racisme, le congado et les changements influencés par l'espace et par le temps urbain. Par les données ethnographiques entrelacés avec la théorie de la mémoire, la recherche eu l'objectif de comprendre les transformations et permanences que existent entre les générations des femmes Arturos. Ces relations reflètent changements des comportements, coutumes, valeurs, regards sur le monde, que sont compris dans le processus historique et social vécu par chacune des ces femmes. La jeunesse, par rapport les générations plus vieilles, montre changements dans les perceptions et relations avec le monde et la propre communauté. Toutes ces questions là couvrent un réseau des significations tissé pendant ce travail.

**Mots-clé:** Communauté des Arturos, femmes noires, mémoire, quilombo, génération, congado.

## ABSTRACT

This thesis aims to study the history of women in the black community of Arturos, located in the city of Contagem, near Belo Horizonte, in the state of Minas Gerais. By evoking memories of Carmelinda Maria, who is the wife of the founder of this familiar group, her daughters, granddaughters and great-granddaughters recreate fragments of this woman's life history at the same time they weave their own lives. In this sense, past and present meet through memory, composing the narratives of these women's lives, who present their traditions and relationships experienced inside and outside the community; the female and the male; the family relationships; the working relationships; racism, the *congado*, and the changes influenced by urban space and time. By considering some ethnographic data combined with the theory of memory, we tried to comprehend the existing transformations and continuities among different generations of women in Arturos, mainly between the youngest and oldest generations, taking into account the changes in behaviors, customs, values, and worldviews that are presented according to the historical and social process experienced by them. In relation to older generations, the young people express changes in their perceptions and relationships with the world and their own community. All these issues involve a web of meanings defined through these female narratives in this research work.

**Keywords:** Community of Arturos, Black women, memory, *quilombo* (black communities), generation, *congado*.

## LISTA DE TABELAS

|            |  |            |
|------------|--|------------|
| Tabela 1 – | Renda média por trabalhador, família e domicílio.....  | <b>63</b>  |
| Tabela 2 – | Comparativos remuneração média e renda per capita dos negros no Brasil.....                                    | <b>65</b>  |
| Tabela 3 – | Posição funcional dos Arturos de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO).....                 | <b>69</b>  |
| Tabela 4 – | Rendimento médio nominal mensal de todos os trabalhos, segundo sexo e cor/raça Brasil 2006 e 2009- DIEESE..... | <b>199</b> |

## LISTA DE GRÁFICOS

|                   |   |           |
|-------------------|---|-----------|
| <b>Gráfico 1</b>  | Evolução demográfica do Brasil (1960 – 2010).....         | <b>37</b> |
| <b>Gráfico 2</b>  | Número de famílias por domicílio.....                     | <b>60</b> |
| <b>Gráfico 3</b>  | Número de pessoas por domicílio.....                      | <b>61</b> |
| <b>Gráfico 4</b>  | Número de pessoas que trabalham por domicílio.....        | <b>61</b> |
| <b>Gráfico 5</b>  | Responsável pela renda da casa.....                       | <b>62</b> |
| <b>Gráfico 6</b>  | Grau de formalização do trabalho.....                     | <b>63</b> |
| <b>Gráfico 7</b>  | Remuneração média da população negra.....                 | <b>64</b> |
| <b>Gráfico 8</b>  | Média salarial da população negra por sexo.....           | <b>66</b> |
| <b>Gráfico 9</b>  | Média do grau de instrução na comunidade dos Arturos..... | <b>67</b> |
| <b>Gráfico 10</b> | Quantidade de anos de estudo dos negros no Brasil.....    | <b>68</b> |

## LISTA DE FIGURAS

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Diagrama 1</b> – Família dos Arturos.....   | <b>92</b> |
| <b>Mapa 1</b> – Região Metropolitana de Belo Horizonte.....  | <b>35</b> |
| <b>Mapas 2</b> – Análise Comparativa da Urbanização do entorno da Comunidade dos Arturos entre os anos de 2003 e 2011..... | <b>36</b> |
| <b>Quadro 1</b> – Comparação salarial de acordo com a CBO.....   | <b>70</b> |

# SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>17</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1 - Arturos: A História de um Quilombo</b> .....   | <b>16</b>  |
| <b>1.1. A Cidade de Contagem e os Arturos</b> .....  | <b>34</b>  |
| <b>1.2. Quilombagem e Quilombos: Conceitos e Questões</b> .....  | <b>41</b>  |
| 1.2.1 Quilombos e suas <i>ressignificações</i> .....   | 47         |
| 1.2.2 Quilombos Urbanos, Espaços e Segregações.....  | 52         |
| <b>1.3 Os Arturos: Origens, laços, quilombo</b> .....  | <b>56</b>  |
| <b>1.4 A Situação dos Arturos hoje: uma análise da Comunidade dos Arturos à luz da Pnad 2009</b> .....   | <b>59</b>  |
| 1.4.1 A Comunidade dos Arturos - Dados Gerais .....  | 60         |
| <b>CAPÍTULO 2- Família Quilombola</b> .....  | <b>74</b>  |
| <b>2.1 Famílias Negras e algumas considerações</b> .....   | <b>73</b>  |
| 2.1.1 Patriarcalismo, Mulheres Escravizadas e Matrifocalidade .....                                      | 81         |
| <b>2.2 A Família dos Arturos</b> .....   | <b>90</b>  |
| 2.2.3 Família e Irmandade.....   | 101        |
| <b>CAPÍTULO 3 - Memórias e Mulheres Negras</b> .....   | <b>75</b>  |
| <b>3.1 Memórias</b> .....  | <b>108</b> |
| <b>3.2 Mulheres Negras-Trajetórias de Mulheres Quilombolas</b> .....                                     | <b>115</b> |
| <b>3.3 Carmelinda Maria da Silva</b> .....   | <b>125</b> |
| 3.3.1 Vovó Carmela.....  | 134        |
| <b>3.4 As Jovens Arturos, bisnetas de Carmelinda Maria</b> .....   | <b>142</b> |
| <b>CAPÍTULO 4 - Encontro de Memórias: filhas, netas e bisnetas – permanências e transformações</b> ..... | <b>111</b> |
| <b>4.1 O espelho de lembranças – filhas e netas: memórias que ecoam no presente</b> .....                | <b>148</b> |
| <b>4.2 Mulheres mais jovens: as bisnetas – olhando para o passado e transformando o presente</b> .....   | <b>186</b> |
| <b>4.3 Silêncios, Percepções e Realidade – Lembranças do Racismo</b> .....                               | <b>200</b> |
| 4.3.1 Percepções sobre o vivido .....  | 219        |

|            |  |            |
|------------|--|------------|
| <b>4.4</b> | <b>Entre o Congado e a Vida Cotidiana: as mulheres da comunidade negra dos</b> |            |
|            | <b>Arturos .....</b>   | <b>225</b> |
| 4.4.1      | O Congado.....   | 225        |
| 4.4.2      | Mulheres e Homens no Congado e na Vida.....                                    | 234        |
| <b>4.5</b> | <b>Transformações e Encontros.....</b>   | <b>247</b> |
|            | <b>Considerações Finais .....</b>  | <b>252</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>   | <b>262</b> |

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa trata da história das mulheres da Comunidade Negra dos Arturos, localizada em Minas Gerais, a partir das lembranças de Carmelinda Maria, esposa e cofundadora da comunidade.

Percorrer as lembranças de Carmelinda visa retratar a trajetória de vida dessa mulher negra quilombola em diálogo com as suas filhas, netas e bisnetas, herdeiras da sua ancestralidade.

O objetivo do trabalho é refletir sobre a trajetória das mulheres Arturos<sup>1</sup> e suas relações estabelecidas tanto na comunidade como também fora dela, na sociedade em torno. Busca-se compreender as tensões nas quais vivem no contexto urbano, o feminino e masculino, as relações familiares, relações de trabalho dentro e fora da comunidade, o racismo vivenciado na escola e na cidade. A juventude manifesta algumas mudanças nas percepções e relações com o mundo e com a própria comunidade.

O enfoque dado às mulheres jovens é fundamental para que se possa verificar as permanências e as transformações em relação à figura de Carmelinda.

Cada geração carrega consigo as experiências do seu tempo seja na relação intrafamiliar, ou naquelas produzidas no contexto da sociedade. Neste sentido, é importante refletir as percepções diferenciadas apresentadas por três gerações de mulheres, filhas, netas e bisnetas de Carmelinda, em relação à vida em comunidade, comportamentos, visões de mundo, tradição e as histórias que trazem modificações e olhares diversos, de acordo com as experiências de cada uma.

Ao recordar o legado da mãe, avó e bisavó Carmelinda, são recriados fragmentos da narrativa histórica da comunidade com o olhar feminino, entrelaçado a partir da evocação de memórias e acontecimentos marcantes na história de vida das mulheres Arturos.

A Comunidade dos Arturos é um quilombo urbano constituído por uma família que reside no município de Contagem, próximo a Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais.

---

<sup>1</sup> Mulheres Arturos – utilizarei este termo no masculino, por ser essa a maneira como as mulheres dessa comunidade se autodenominam.

Os fundadores da comunidade são Arthur Camilo Silvério e sua esposa Carmelinda Maria da Silva, eles primeiros da grande família. Ao longo do tempo, o Congado tornou-se a principal referência a partir da qual a família manteve os laços sociais dentro e fora do espaço da comunidade.

A comunidade dos Arturos pode ser considerada como um quilombo, antigamente rural, mas que urbanizou-se devido à expansão da cidade ao longo das últimas décadas. A passagem do rural para o urbano impôs modificações a toda comunidade e seus membros, fato discutido no âmbito das análises deste trabalho.

A influência da urbanidade promove alterações nas relações sociais e no espaço da comunidade, trazendo novas experiências para o grupo familiar, assim como para as mulheres e homens, individualmente.

A vivência da tradição cultural do Congado propicia um diálogo dos Arturos, não sem tensões, com a cidade de Contagem, revelando os contrastes sociais, raciais e econômicos vivenciados pelo conjunto da população negra brasileira.

Neste sentido, ao mesmo tempo em que são portadores de uma herança não valorizada pelo mundo contemporâneo, estão inseridos no meio urbano, trabalhando como operários nas fábricas, indústrias, em serviços gerais, como motoristas, domésticas, caixas de supermercado, agências de telemarketing, entre outras ocupações profissionais. Há um entrelaçamento de experiências de tempos sociais diferenciados entre a vivência da tradição e a da comunidade e seu entorno, a cidade.

Essa resistência dos Arturos em um contexto mais amplo significa a resistência do negro ao longo da história de Minas Gerais. Nessa perspectiva, há um movimento que impele o Arturo para fora da comunidade, para buscar emprego para o sustento próprio, uma vez que a produção interna torna-se insuficiente para garantir a subsistência das famílias.

Com todo esse processo, a atividade das mulheres Arturos também se modificou bastante daquelas exercidas no passado, quando elas trabalhavam apenas em casa, organizando o espaço familiar, cuidando dos filhos, dedicando-se a cozinha, preparando as receitas antigas de biscoitos, broas, doces, além da produção de sabão. Nos tempos em que o serviço agrícola predominava, a mulher trabalhava junto com o homem nas diversas fases da lavoura.

Todavia, é preciso ressaltar que as mulheres Arturos continuam a realizar todas as atividades acima descritas, contudo o diferencial é o trabalho fora da comunidade, na cidade, o que não acontecia no passado. Outra questão fundamental que não deve ser esquecida é que essas mulheres sempre trabalharam na lavoura, ou como lavadeiras e cuidando da casa dos fazendeiros, mas eram atividades que estavam ligadas ao espaço rural.

Atualmente, grande parte das mulheres Arturos trabalha fora da Comunidade. O trabalho doméstico foi a porta de entrada delas no mercado de trabalho. No entanto, a geração das bisnetas, já com melhor grau de escolarização trabalha no comércio, na indústria e na prestação de serviço.

Toda a dinâmica vivida na comunidade, em nada difere da vida de milhares de mulheres pobres brasileiras, que saem para trabalhar fora, e que muitas vezes realizam a dupla jornada, no trabalho e em casa, quando não realizam um “trabalho extra” para completar a renda.

Além de pobres são negras. Estão expostas a um conjunto de situações que revelam o quanto ainda vivemos sob a égide de um sistema social excludente e racista. Especificamente, a condição de mulheres negras é a mais vulnerável no Brasil sob qualquer critério que utilizarmos para aferir: renda, escolaridade, acesso ao atendimento de saúde. O maior exemplo da situação de vulnerabilidade se expressa no fato de que as empregadas domésticas são uma das únicas categorias que não tem todos os direitos trabalhistas básicos garantidos pela legislação, a exemplo da hora extra e o FGTS.

A população afro-brasileira enfrenta cotidianamente o racismo no trabalho, na escola, ou em qualquer outra dimensão da vida, de forma velada ou explícita. Em muitas comunidades negras rurais remanescentes de quilombos a situação não é diferente, embora talvez haja uma tendência da autoestima ser fortalecida pelo grupo, por suas tradições, por ser um quilombola, sofrem também com o racismo nas mais variadas formas, na seleção e remuneração do mercado de trabalho e nas escolas, onde têm suas tradições e práticas religiosas atacadas, por meio de depreciações, discriminações e preconceitos.

Neste trabalho buscamos refletir sobre essa questão a partir das narrativas das mulheres Arturos, tendo como uma das hipóteses saber se a criação da

identidade em torno de um agrupamento fortalece ou não a autoestima no enfrentamento cotidiano do racismo.

As lembranças que foram se apresentando ao longo dessa pesquisa conduziram a discussão para questões que não poderiam deixar de ser pensadas, sobre o racismo e sobre a longa trajetória de resistência e luta das mulheres negras brasileiras.

Contudo, a discussão central deste trabalho foi motivada pelo silêncio que havia em relação a Carmelinda Maria esposa do fundador, assim como por ter encontrado apenas um artigo escrito sobre as mulheres Arturos. Nos demais trabalhos os pesquisadores escreveram sobre as mulheres Arturos mais superficialmente, não sendo este o tema central.

Com esse objetivo procurei fazer um levantamento bibliográfico sobre o tema de mulheres negras de remanescentes de quilombos, memória e o Congado dos Arturos.

Alguns dos trabalhos que até o momento encontramos sobre mulheres negras que vivem em quilombos são: *Terra de Pretos, Terra de Mulheres-Terra, Mulher e Raça num Bairro Rural Negro* de Neusa Maria Mendes de Gusmão (Gusmão, 1996). Nesse livro, Neusa Gusmão faz uma longa pesquisa sobre a comunidade negra rural de Campinho da Independência, no município de Parati, ao sul do Estado do Rio de Janeiro. Aborda a questão da terra, do reconhecimento de um remanescente de quilombo, suas tensões e toda sua problemática e especificidade, com o enfoque nas mulheres, pois foram a partir de três mulheres que se configurou o grupo negro de Campinho da Independência.

Outra autora que trabalha com a questão de gênero e memória é Benedita Celeste Pinto (1999), na dissertação de mestrado intitulada *Nas Veredas da Sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos de antigos quilombolas*. É feita uma reflexão histórica dos quilombos na região amazônica, enfatizando o poder feminino, por meio de uma reconstrução histórica das relações de gênero nesses povoados.

Outro estudo sobre as mulheres negras não especificamente em contexto rural, mas que busca por meio dos eixos de gênero e religiosidade, trabalhar com a problemática das mulheres negras na sociedade brasileira é o de Teresinha

Bernardo, *Negras mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu* (Bernardo, 2003).

Há também uma pesquisa etnográfica sobre mulheres na área rural, que vem a trabalhar com a relação de gênero e a sociabilidade no interior de Goiás: a tese de Silvana Nascimento, *Faculdades femininas e saberes rurais: Uma etnografia sobre gênero e sociabilidade no interior de Goiás* (Nascimento, 2005).

Tereza Martins Godinho, em seu trabalho *O lugar da mulher no quilombo Kalunga* (Godinho, 2008), busca fazer um estudo sobre o quilombo Kalunga, suas características culturais, sociais, econômicas, históricas, enfocando, sobretudo o lugar ocupado pela mulher Kalunga neste contexto.

Há outros trabalhos que enfocam as mulheres e as relações de gênero no meio rural brasileiro, no entanto, o foco do nosso trabalho se concentra nas mulheres negras de uma comunidade remanescente de quilombo, que possuem algumas características que se inter cruzam com as mulheres da área rural certamente e com todas as mulheres também, mas que apresentam algumas especificidades próprias, por serem mulheres negras pertencentes a uma comunidade negra quilombola nas proximidades de uma metrópole.

Com relação aos trabalhos sobre a comunidade dos Arturos, as principais perspectivas abordadas em geral giram em torno da tradição do congado, os festejos e sua simbologia, aspectos históricos da comunidade, religiosos, etnomusicológicos e rituais fúnebres.

Um dos trabalhos clássicos, eu diria, sobre a comunidade dos Arturos é o livro *Negras Raízes Mineiras: Os Arturos*, de Núbia Gomes e Edmilson Pereira (2000). Estes dois autores são responsáveis por uma vasta produção e reflexão sobre o congado mineiro, e realizaram uma profunda análise histórico-social de comunidades negras praticantes dessas manifestações culturais. Glaura Lucas (1999, 2007), com seus trabalhos de mestrado, doutorado, entre outros, voltados para a pesquisa sonora e etnomusicológica, também traz um olhar diferenciado sobre as comunidades congadeiras mineiras, nos Arturos e Jatobá. Romeu Sabará (1997) trata da questão do congado a partir do campesinato negro no Brasil; Erisvaldo Santos (1997) aborda a questão da religiosidade e da educação entre os adolescentes Arturos; Mariana Simões (2009), trata da questão simbólica das imagens na celebração dos festejos do Rosário; Rosangela Oliveira fez reflexões

sobre os festejos do congado em seu mestrado (2005) e desenvolveu pesquisa sobre tema ainda pouco abordado com relação aos rituais de morte na comunidade dos Arturos no doutorado (2011); entre outros trabalhos de pesquisadores<sup>2</sup>.

Com relação específica às mulheres da comunidade dos Arturos, encontrei apenas um artigo de Seldinha de Jesus e Juniele de Almeida (2008), no qual essas autoras investigam por meio da história oral de vida, memórias e história do cotidiano, aspectos da vida das mulheres Arturos, nos festejos, na religiosidade e na manutenção da ordem familiar.

Neste sentido, é relevante a pesquisa aqui desenvolvida, pois naquele trabalho pouco foi abordado sobre as mulheres dos Arturos, numa perspectiva mais ampliada relacionando as gerações de mulheres em relação a co-fundadora da comunidade. O enfoque geracional possibilitou ampliar as análises encontrando aproximações e afastamentos de experiências a partir da memória. Ao recriar a memória de Carmelinda tenta-se apreender como se processaram as mudanças ao longo das gerações.

Outro aspecto que torna esta pesquisa significativa é que a “história” das mulheres, ainda pauta-se na perspectiva da mulher branca ocidental, poucos enfocam o feminino negro, sobretudo quando se trata de comunidades remanescentes de quilombo. Na condição de sujeitos, as mulheres negras não estão presentes nos anais da “história oficial”, e suas múltiplas e vastas contribuições permanecem fora dos livros didáticos e da memória da população (Schumacher e Vital Brazil, 2007).

Constatamos também que há poucos estudos com enfoque em mulheres negras e memória nas comunidades quilombolas, deste modo, esta pesquisa pode contribuir para que outras realidades sejam pensadas, dando visibilidades a vozes tão silenciadas e discriminadas na sociedade: as mulheres negras, e, principalmente as quilombolas.

Michelle Perrot (1998) considera que no mundo ocidental houve uma divisão entre o público e o privado, este último coube às mulheres. Há, portanto, toda uma construção sociocultural no mundo ocidental, a qual reservou à mulher o espaço da

---

<sup>2</sup>Oliveira, Rosângela P.. “Arturos: Unidos pela festa”, São Paulo, dissertação mestrado PUC-SP 2005; Santos, Erisvaldo dos. “Religiosidade, identidade negra e educação: o processo de construção da subjetividade de adolescentes dos Arturos”, Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado- UFMG, 1997; Simões, Mariana E. “Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos: Imagens de uma celebração”, Rio de Janeiro, Mestrado UFRJ, 2009, entre outros.

casa, o seu interior, o espaço privado, representando dessa forma, a permanência e a continuidade, enquanto os homens assumem as decisões políticas e a administração do espaço público.

Assim ocorre na comunidade dos Arturos, que faz parte de uma sociedade patriarcal, comandada por homens, desde os presidentes da comunidade e em todas as decisões políticas, relegando as mulheres ao espaço da casa, dos filhos, e da manutenção familiar. Durante muitos anos os Arturos vivenciaram um poder feminino que liderava simbolicamente a comunidade, o que ocorreu quando o patriarca Arthur Camilo faleceu, e Carmelinda Maria assumiu o comando da comunidade por cerca de 27 anos, juntamente com suas duas filhas que não se casaram. No presente momento apenas uma das filhas ainda está viva, mas por motivos de saúde já não mais interfere nas decisões da comunidade, como antigamente. É oportuno refletir, então, como se estabelecem essas relações entre o masculino e o feminino nos Arturos. Tendo em vista este poder simbólico, pretendo investigar se houve ou não possibilidades de ampliação do espaço das mulheres na comunidade e na participação do Congado influenciado por essas mulheres.

Seguindo esta indagação, buscar se houve mudanças na participação das mulheres no Congado dos Arturos, pois as mulheres também começaram a dançar o Congado aproximadamente há cerca de quarenta e cinco anos. Nesse contexto a participação das mulheres nos festejos do Congado dos Arturos se reveste de muitos significados relacionados à festa, mas também à própria família.

Os homens assumem as funções públicas, no entanto, o “núcleo duro” pertence às mulheres, esse poder não é somente simbólico, pois sem a participação delas não haveria festa, não haveria irmandade, a comunidade não se sustentaria, como um capitão do Moçambique afirmou: “Se não fossem as mulheres não aconteceria festa, não aconteceria nada na comunidade, elas são o pilar da comunidade”.

Há, portanto, uma complexidade nessas relações que aprofundamos na pesquisa, podendo contribuir para a discussão das relações entre mulheres e homens dentro de uma comunidade negra, que mantém suas tradições e ao mesmo tempo dialoga, vivencia a cidade e os valores urbanos.

Há que se ressaltar, no entanto, que não faremos uma discussão de relações de gênero pautada nas teorias feministas, pois por meio das pesquisas de campo e

das entrevistas percebemos que esta questão não é fundamental para as mulheres Arturos. Além de ser necessário no meu entendimento, para se realizar uma pesquisa sobre relações de gênero, ouvir os homens dessa comunidade, para que se pudesse ter uma visão dos dois lados, o masculino e feminino, podendo a partir daí ser feita uma análise mais aprofundada.

O aporte teórico principal dessa pesquisa se encontra no entrelaçamento de autores que trabalham com a memória. Esta escolha se deu por perceber este atributo como de fundamental importância para a transmissão dos conhecimentos entre as gerações dos Arturos, marcando a sobrevivência do grupo a partir da memória e da oralidade que é fortalecida e ressignificada constantemente entre as gerações por meio da tradição do congado.

As memórias são afloradas e reconstruídas tendo um significado diverso de acordo com o grupo da qual fazem parte e o lugar social que esse grupo ocupa. É primordial enfatizar que Maurice Halbwachs (2006), elaborou a teoria da memória pautada na questão do coletivo, ou seja, as nossas lembranças se apóiam não somente sobre nós, mas também sobre o outro. Sendo assim, as memórias não são individuais, mas coletivas. A memória coletiva é a lembrança de algo vivido por determinado grupo, por um conjunto de pessoas ou até mesmo por uma sociedade. O tempo e o espaço, assim como o que é vivido pelo grupo são substâncias da memória, marcando momentos significativos que saem do presente retornam ao passado e voltam ao presente, seguindo outra concepção de tempo, não linear, mas reversível. Nesse sentido, a memória não é fixa, se recria se reconstrói e se modifica *ressignificando* a vida de determinados grupos, de indivíduos, de gerações, de grupos de diferentes classes sociais, trazendo outra experiência vivida. É nessa perspectiva que se encaixa este arcabouço teórico como fonte para compreender as questões levantadas nessa pesquisa, interpretando as construções coletivas da memória da comunidade, ainda que surgidas individualmente.

Outro teórico que contribuiu auxiliando em nossa análise foi Michael Pollak (1989), trazendo outra perspectiva para interpretação de dados: das memórias subterrâneas lembranças proibidas, silenciadas, envergonhadas, enquadradas, revelando que os “não ditos” têm significado, e marcam o sofrimento, a luta e a resistência de um povo e sociedade. Os “silêncios, segundo este autor, representam uma nova forma de sobrevivência, uma adequação do sujeito à realidade presente,

um novo jeito de esquecer lembranças traumatizantes” (1989). Neste trabalho a problemática do racismo trouxe lembranças difíceis de ser expressas ou até mesmo indizíveis nas narrativas das mulheres Arturos.

Recorri ainda ao estudo de Paul Connerton (1993), e suas reflexões sobre a memória social, e como essa pode trazer nas imagens do passado a legitimação da ordem social presente. O autor enfatiza o fato de que estudar a formação social da memória é estudar os atos de transferência que tornam possível recordar em conjunto. O trabalho de Walter Benjamin (1994) também contribuiu com a recriação da memória dos excluídos da história e com a importância dos narradores num mundo que não mais os enxerga e lhe dá espaço. Este pensamento foi importante para refletir sobre as gerações das Arturos mais velhas e de como estão sendo vivenciadas as experiências destas narradoras em meio às transformações que estão ocorrendo na comunidade.

As lembranças podem ser consideradas narrativas que estabelecem um elo entre a vida de Carmelinda e as experiências de suas filhas, netas e bisnetas, o que se manifesta nas diferenças entre as gerações, seus pensamentos, visões de mundo, transformações e lembranças, de acordo com a idade. As memórias femininas são fontes de conhecimento sobre a vida e podem permitir uma relação diferenciada com a própria realidade social excludente da mulher e, principalmente, da mulher negra. Essas lembranças das diferentes gerações de mulheres Arturos, revelam-se como uma dimensão importante para a compreensão e reprodução da vida social. Para Guita Debert (1999) as categorias e os grupos de idade são elementos privilegiados para dar conta da plasticidade cultural e também das transformações históricas.

Portanto, por meio das lembranças das narradoras serão tecidas a memória da comunidade e as trajetórias de suas mulheres.

A pesquisa de abordagem qualitativa utilizou a técnica da história oral, realizando entrevistas semiestruturadas com algumas questões, mas respeitando o tempo não linear, mas cíclico dos narradores, que, acompanham o movimento reversível da memória. De acordo com Myriam Barros (1987) o presente está constantemente referido a um passado, não a um passado relatado linearmente, mas pinçado aos poucos num processo de associações entre hoje e ontem, seja este ontem distante ou não. As idas e vindas ao passado de suas vidas transformam

as entrevistas em histórias de vidas, permitindo não só uma visão de suas trajetórias como também uma perspectiva de seu meio social.

Neste percurso, entrevistei as mulheres descendentes de Carmelinda, procurando abranger cada núcleo familiar da comunidade, os Arturos da primeira geração, suas duas filhas e dois filhos e também as netas e bisnetas de cada filho e filha de Carmelinda. A escolha por entrevistar apenas mulheres, exceto os dois filhos de Carmelinda que foram entrevistados para se saber mais sobre ela, se deu com o intuito de refletir nas memórias femininas e na vida dessas mulheres.

Foi feito um recorte geracional, para que pudesse perceber através das diferentes gerações, as mudanças e transformações que estão ocorrendo na comunidade. Sendo assim, foram entrevistadas dez mulheres na faixa de 20 a 29 anos, dez mulheres na faixa de 30 a 39 anos, dez mulheres na faixa de 40 a 49 anos, cinco mulheres na faixa de 50 a 59 anos, mais cinco mulheres na faixa de 60 a 69 anos e mais duas mulheres na faixa de 70 a 90 anos. A escolha de mulheres idosas com parentesco direto com Carmelinda justifica-se pela proximidade temporal de relação com ela. O interesse pelas mulheres jovens justifica-se pela tentativa de compreender as recriações e as transformações da memória e o impacto em seu cotidiano, tanto no universo da comunidade como também na sociedade.

As bisnetas de Carmelinda Maria constituem a terceira geração de mulheres da comunidade dos Arturos. A faixa etária escolhida aqui é a partir de 20 anos. Encontrei bisnetas com até 37 anos, assim como uma neta com 30 anos, que acabou se encaixando entre essas mulheres da terceira geração, pela proximidade de sua vivência com a idade das bisnetas. É possível perceber algumas diferenças dentro dessa geração, dividindo-se o grupo de mulheres de 20 a 30 anos e de 30 a 40 anos. Há algumas mudanças que ocorrem apesar do curto espaço de idade cronológica.<sup>3</sup>

Para a Antropologia o modo pelo qual a vida é periodizada e o tipo de sensibilidade investida na relação entre as diferentes faixas etárias, é uma dimensão importante para se compreender as formas de sociabilidade em diferentes contextos

---

<sup>3</sup> A noção de gerações proposta por Karl Mannheim (1928) chama a atenção para o fato de que os diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico: cada um vive com gente da mesma idade e de idades distintas em plenitude de possibilidades contemporâneas (Motta, Alda B.da. e Weller, Wivian. *Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica*, In: Revista Sociedade e Estado vol. 25 No 2 Maio/Agosto de 2010, pp.175-184).

e sociedades. As relações entre as gerações mostram como um processo biológico é investido culturalmente, elaborado simbolicamente com rituais que demarcam fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam. De acordo com Guita Debert (1999), todas as sociedades organizam suas grades de idades nas quais seus membros se inserem, o que varia entre uma sociedade e outra.

Uma reflexão sobre a relação entre as idades e as gerações poderia oferecer uma compreensão diferenciada da experiência contemporânea, marcando especificidades na organização social das sociedades. Neste contexto, é pertinente pensar nas três gerações de mulheres Arturos, filhas, netas e bisnetas, pois traz a possibilidade de abordar as experiências e significados que permanecem ou se alteraram neste período de tempo na vida dessas mulheres.

Ao todo foram entrevistadas 19 mulheres que são bisnetas de Carmelinda Maria, 21 netas, duas filhas e dois filhos. Contudo, devido ao grande número, foram selecionadas as que mais substancialmente representam cada geração, mesmo que todas estejam contempladas em nossa análise, uma vez que há algumas questões comuns recorrentes nas narrativas dessas mulheres.

Na pesquisa de campo realizou-se também observação participante dos festejos e do cotidiano da comunidade. As entrevistas iniciaram-se em dezembro de 2008 e terminaram em maio de 2011. Ao todo quarenta e duas mulheres narraram suas memórias e trajetórias de vida, sendo filhas, netas e bisnetas de Carmelinda. Foram realizadas também pesquisa em jornais, na Casa de Cultura, como também na Coordenadoria da Promoção da Igualdade Racial, ambos em Contagem, com o objetivo de se obter mais dados sobre Carmelinda Maria e a comunidade.

O registro das entrevistas orais respeitou a oralidade de cada fala, sem adequação gramatical para que se mantivesse a naturalidade e peculiaridade das narradoras.

Realizei um censo demográfico na comunidade em 2010 com o objetivo de mapear a situação econômica e social da comunidade e, deste modo, constituir o universo de pesquisa propício à discussão da realidade das mulheres Arturos.

Tendo em vista conhecer e analisar as narrativas das mulheres Arturos, suas memórias, histórias e trajetórias, organizei o presente trabalho da seguinte maneira:

No primeiro capítulo desta pesquisa, faço uma apresentação da comunidade dos Arturos relacionando-a com a cidade de Contagem. Para aprofundar esta

reflexão e buscar, a partir do processo histórico de formações dos quilombos e suas ressignificações, compreender como os Arturos se inserem neste cenário que passou por processo de urbanização e como este espaço é marcado por segregações econômicas, sociais e raciais.

No segundo capítulo, discute-se a constituição da família negra sob o ponto de vista de alguns autores. O objetivo é analisar como se deu a formação de núcleos familiares negros, como as mulheres escravizadas se inserem neste contexto e sua repercussão nas comunidades quilombolas, especialmente entre os Arturos. Procura-se refletir sobre as mudanças no núcleo familiar dos Arturos, e na imbricação que se apresenta entre família, irmandade e congado.

O terceiro capítulo visa o aprofundamento teórico sobre memória e sua relação com o universo feminino, apresentando a partir de dados da historiografia brasileira a trajetória de mulheres negras e quilombolas. Busca-se recriar a história de Carmelinda Maria e conseqüentemente dos próprios Arturos por meio da memória das narradoras de diferentes faixas etárias. Neste processo, são tecidos fragmentos da narrativa histórica da comunidade por meio da evocação da memória coletiva.

Finalmente no quarto capítulo, é promovido a partir da etnografia o encontro de memórias entre as gerações de mulheres Arturos. Por meio de narrativas, tenta-se apreender aquilo que se transformou e aquilo que permaneceu na vida dessas mulheres tanto no congado como em seu cotidiano, demarcando aproximações e diferenciações entre as experiências vividas.

As mulheres Arturos com suas narrativas cumprem o que foi revelado por Benjamim (1994): o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.

### ***Fragmentos das memórias do campo***

Da elaboração da dissertação de mestrado ao término desta tese, passaram-se cerca de 12 anos de pesquisa de campo e convivência com a comunidade dos Arturos. Ao longo deste período entre idas e vindas às terras mineiras, pude acompanhar acontecimentos e mudanças algumas alegres e outras tristes, tais

como: o nascimento e crescimento de muitas crianças, modificações no espaço da comunidade, com muros e grades sendo levantados resultado da violência e individualismo que cada vez mais penetram no cotidiano da comunidade. Ao mesmo tempo um aumento de casas, significando as novas gerações familiares dos Arturos, demonstrando crescimento e resistência deste agrupamento familiar, considerado quilombo urbano, mas que mantém suas tradições ancestrais no dinamismo das transformações culturais e sociais. Neste período algumas pessoas, sobretudo alguns dos mais velhos partiram para o plano ancestral, deixando vazios e saudades infinitas. Quando conheci a comunidade em 1999, havia oito filhos dos chamados Arturos de primeira linha, hoje são quatro ainda vivos. A comunidade passa a meu ver por uma transição de gerações, em que os Arturos de segunda linha tomam a frente da comunidade, em decisões e caminhos, em certos momentos esquecendo a voz da sabedoria dos mais velhos. O poder simbólico da “matriarca”, que fazia um contraponto feminino, também modifica o cenário, uma vez que ela se encontra acamada e sem poder falar nem andar, não interferindo mais nos assuntos da comunidade e do congado.

As novas gerações também trazem mudanças em ocupações no mercado de trabalho, sobretudo as mulheres da comunidade, uma melhora com relação à escolaridade, propiciando novos horizontes a ser descobertos. Com as novas tecnologias cada vez mais presentes, a televisão tomando conta do tempo de lazer, as conversas e brincadeiras nas ruas da comunidade ficam cada vez mais raras, modificando os tempos vividos. Todas essas dinâmicas vão modificando a trajetória da comunidade dos Arturos.

Meu primeiro encontro com os Arturos foi muito marcante, por alguns acontecimentos especiais que ocorreram. Foi em 1997, quando participava auxiliando na organização do “Encontro do Folclore” que acontecia na UNICAMP anualmente. Neste evento, diferentes grupos de manifestações da cultura popular brasileira apresentaram suas tradições culturais com danças e cânticos. Primeiro ao conhecê-los e recebê-los cansados de viagem, para o café da manhã, fui acolhida e capturada por um doce olhar de uma das matriarcas, Izaíra Maria, saudosa Tita que perguntou meu nome e quando falei ela disse: “então somos parentes, pois nós somos todos Camilo”, fazendo referência ao tronco de suas origens, do avô Camilo Silvério e de seu pai Arthur Camilo. Prosseguindo o dia que já havia começado com

este presente, ao ouvir essas palavras, no cair da tarde se completou o encantamento: quando eu acompanhei com os Arturos o trajeto do levantamento dos mastros, com os santos de devoção, ligando céu e terra, nas batidas dos tambores e soar das gungas. A “dor” que havia em meu peito, por na véspera ter sofrido um assalto ficando seis horas presa dentro de um quarto com arma apontada, foi embora; me senti leve, purificada, houve uma transcendência. Daquele dia em diante, fui ler o “livro clássico” da comunidade, o chamado por eles de “Arturão”, que é o livro de Núbia Gomes e Edmilson Pereira (2000) e o amor só foi crescendo...

No mestrado, trabalhei com os festejos do congado, focalizando as duas principais festas, de maio quando comemoram a abolição da escravatura e em outubro nas comemorações de Nossa Senhora do Rosário. Busquei nessa pesquisa investigar a sutil passagem da memória oral para a corporal dentro do ritual do congado.

Neste período, no segundo semestre de 2001, morei quatro meses na comunidade, com meu filho Gabriel, para que conseguisse acompanhar o cotidiano da comunidade e conhecê-la melhor. Realizei ao todo 38 entrevistas, com capitães, rainhas, dançantes jovens, homens e mulheres da comunidade.

Passei por algumas “provas e testes”, como todos os antropólogos em campo enfrentam em diferentes situações. Havia um estranhamento principalmente por parte das mulheres da comunidade, por eu ter deixado meu marido na minha casa, em outra cidade, e ir fazer uma pesquisa, um trabalho, com meu primeiro filho, que na época tinha 4 anos, morando dentro da comunidade por 4 meses. Isto era muito diferente, sobretudo para as mulheres, elas afirmavam “como que seu marido permitiu?”, “e quem vai cuidar dele enquanto você estiver aqui?” Lançou-se também uma pergunta que fiquei sabendo depois, se eu não estava indo lá arrumar marido? Enfim... Aos poucos fui respondendo essas questões levantadas, com meus gestos e atitudes. O fato de ter ido acompanhada de meu filho ajudou muito na aproximação com a comunidade de certa maneira e pra ele sem dúvida, assim como foi para mim – uma experiência muito especial poder ter o privilégio de viver num quilombo alguns meses, fazer novos amigos, brincar solto sem preocupação pela comunidade – enfim, sentimentos e vivências que não cabem em palavras. Aos poucos fomos nos conhecendo, eu fui demonstrando que estava ali para pesquisar,

conhecer, mas sem interesse afetivo por algum homem, e sem interesse de desrespeitar e invadir o cotidiano deles, embora tenha consciência que minha presença trouxe incômodos, por mais que eu sempre tenha tido cuidado, mas também coisas boas. Bom, assim fui seguindo e passaram-se os anos. Neste período percebi o quanto era mais fácil entrevistar as mulheres, sempre que entrevistei os homens, procurei fazê-lo em local público ou em casa junto às esposas, para não gerar nenhum atrito e conflito.

Dessa maneira desde meu mestrado fui me aproximando mais das mulheres, acredito que por ser mulher, ficava mais com elas e as crianças; por estreitar laços de amizade e compartilhar a vida com elas, do universo feminino. E uma inquietação foi crescendo dentro de mim, pois pouco ouvia falar de Carmelinda Maria, era sempre com relação à educação, aos conselhos no casamento, ficava na esfera doméstica, mas muito pouco se falava sobre ela. Tudo girava em torno do masculino, do fundador, embora nos cânticos de tristeza e dor sempre se chamava a mãe, a figura materna, seja ela a mãe carnal que já foi para outro plano, como a “mãe divina” Nossa Senhora do Rosário. E isso foi crescendo dentro de mim. Quem foi Carmelinda? O que fez? Porque não falam quase sobre ela? Quem são essas mulheres Arturos que tanto lutam e trabalham, enfrentando o machismo, o racismo, as dificuldades dentro e fora da comunidade, quem são elas? Num misto de incômodo e curiosidade iniciou-se o meu questionamento sobre tudo isso.

Paralelamente, minha vida profissional também foi me conduzindo para essa questão; fiz parte de um projeto com a comunidade quilombola do Cafundó, próximo à região de Sorocaba, em que juntamente com cinco amigas pesquisadoras iríamos realizar o levantamento da história da fundadora desse quilombo. Entretanto, infelizmente o projeto foi interrompido, e não teve continuidade. Mas acredito que foi um incentivo para que eu enveredasse pela temática das mulheres negras, pensando na visibilidade e invisibilidade dessas mulheres na sociedade brasileira, nas desigualdades sociais, raciais e no quanto seria importante que o discurso e sabedoria dessas mulheres ecoassem pelo mundo, saindo do silêncio.

E assim cheguei à pesquisa do doutorado e resolvi trabalhar com as mulheres Arturos. Nesses 4 anos de pesquisa, realizei algumas idas a campo, tanto nos festejos de congado, como em outros períodos e permaneci “morando” na comunidade por 45 dias seguidos no ano de 2010, já com meu segundo filho, João,

para realizar a maior parte das entrevistas. Procurei também entrar no universo da cozinha, que não é um local tão aberto como se pode imaginar, tentando aprender a fazer broas e biscoitos, e nos dias das festas trabalhei com todas as mulheres, para vivenciar suas experiências, podendo ter um olhar mais aprofundado sobre este espaço feminino.

Minha intenção então foi trabalhar com as mulheres dessa comunidade, buscando ouvir e aprender com essas mulheres sobre suas trajetórias de vida, o pensamento do presente e do passado, o que foi sendo conduzido por elas mesmas em suas narrativas, a partir das lembranças da mãe, avó e bisavó Carmelinda. Sinto neste momento que se encerra um ciclo de estudos, continuando felizmente a amizade e a relação de amor, admiração e gratidão que tenho por todas essas mulheres assim como por toda comunidade dos Arturos.



## **CAPÍTULO 1 - Arturos: A História de um Quilombo**

## **1.1. A Cidade de Contagem e os Arturos**

A cidade de Contagem está situada na região central de Minas Gerais. É o município com a terceira maior população desse Estado, com 568.640 habitantes, segundo o censo do IBGE de 2010, ficando atrás apenas de Uberlândia e Belo Horizonte. Devido ao crescimento horizontal da cidade, Contagem passou a fazer parte da região metropolitana de Belo Horizonte, e é um dos mais importantes municípios dessa aglomeração urbana, principalmente em função de seu grande parque industrial.

A história da cidade de Contagem remonta à época da colonização, quando a Coroa Portuguesa controlava os territórios ocupados por meio de postos de registros, onde eram fiscalizados e registrados todo movimento de mercadorias, pessoas, cargas e tropas. Estes postos acabavam servindo como local de parada, pernoite e até mesmo de trocas locais e pequenas plantações com criação de gado, pois havia intensa movimentação em torno destes lugares.

Contagem surgiu neste período, no qual havia um posto de fiscalização situado no terreno conhecido como Sítio das Abóboras, que originou um pequeno povoado em torno deste posto. A população ergueu uma capela para abrigar o Santo protetor dos viajantes, São Gonçalo do Amarante surgindo então o arraial de São Gonçalo de Contagem, homenageando o santo e fazendo referência à contagem das cabeças de gado, mercadorias e dos escravizados para fins de cobrança de impostos.

O processo de formação do município de Contagem está intimamente vinculado ao tráfico de escravizados e de mercadorias que adentravam os sertões da colônia nas costas de animais ou de transportadores cativos. Isso favoreceu o surgimento de uma população economicamente ativa vinculada a agricultura, criação de gado e comércio, mantendo um contingente servil na região (Gomes & Pereira, 2000). Mesmo com o fim da escravidão, algumas relações se mantiveram como a dos filhos de ex-escravizados que continuavam trabalhando para seus fazendeiros, muitas vezes vistos também como padrinhos, estabelecendo relações semelhantes, em certo sentido, às do passado escravista.

Até 1941 a cidade de Contagem podia ser denominada como agropastoril ou rural, se contrapondo à Contagem industrial e urbana, que começou a tomar corpo

com a criação do Parque industrial após este período. Todo este processo transformou Contagem em um importante pólo industrial, com grandes indústrias, fábricas e usinas, reconfigurando a cidade surgida como periférica da capital Belo Horizonte. Com o passar dos anos, houve um crescimento da população urbana, tornando Contagem uma importante base industrial, onde se desenvolveu uma extensa malha de serviços e equipamentos públicos. Destaca-se a criação do entreposto das Centrais de Abastecimento de Minas Gerais S/A (CeasaMinas) e em 1974, o surgimento do Eldorado, verdadeiro centro comercial da cidade atualmente. O entreposto do CEASA é o mais diversificado do Brasil e ocupa o segundo lugar nacional em vendas de hortigranjeiros.

A localização privilegiada de Contagem como entroncamento de diversas rotas comerciais influenciou na formação de seu complexo perfil sócio-cultural. As principais vias de acesso são representadas pela via Expressa, BR381 e BR 40, facilitando a comunicação com importantes áreas urbanas de Minas e do Brasil.

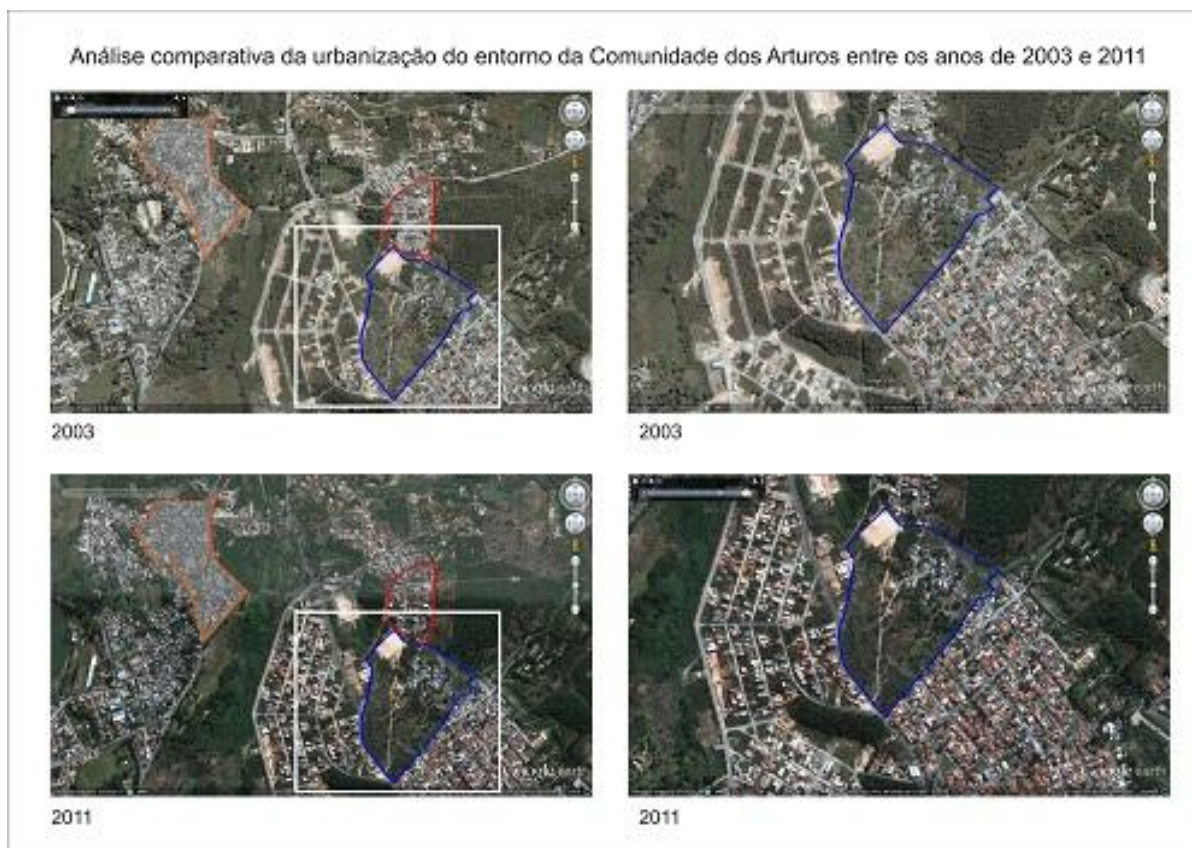
**Mapa 1 -** Região metropolitana de Belo Horizonte:



Neste cenário de mudanças, com a criação de parques industriais, fábricas e usinas, a cidade de Contagem foi se modificando em relação ao seu passado de Contagem “das Abóboras”, configurada como área eminentemente rural atrelada à

escravidão e à colonização do país, marcando a história do Estado de Minas Gerais, com suas novas especificidades, adquiriu uma nova paisagem urbana, modificando as relações sociais e econômicas do município.

**Mapa 2 -** Análise Comparativa da Urbanização do entorno da Comunidade dos Arturos entre os anos de 2003 e 2011



Neste contexto histórico social, se insere a Comunidade dos Arturos. O nome “Arturos” designa, uma Comunidade composta majoritariamente por descendentes de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva, constituindo um agrupamento familiar.

A Comunidade está inserida na trajetória do negro em Minas Gerais, dentro de uma realidade social pautada em um passado, no qual são ressignificadas as tradições dos seus antepassados para manter viva a memória da luta e resistência da população negra escravizada. Os Arturos fazem parte do processo de transformação da cidade, introjetando e mimetizando o conjunto das mudanças que ocorrem no espaço, na sociedade e nas relações, que paulatinamente deixam de ser

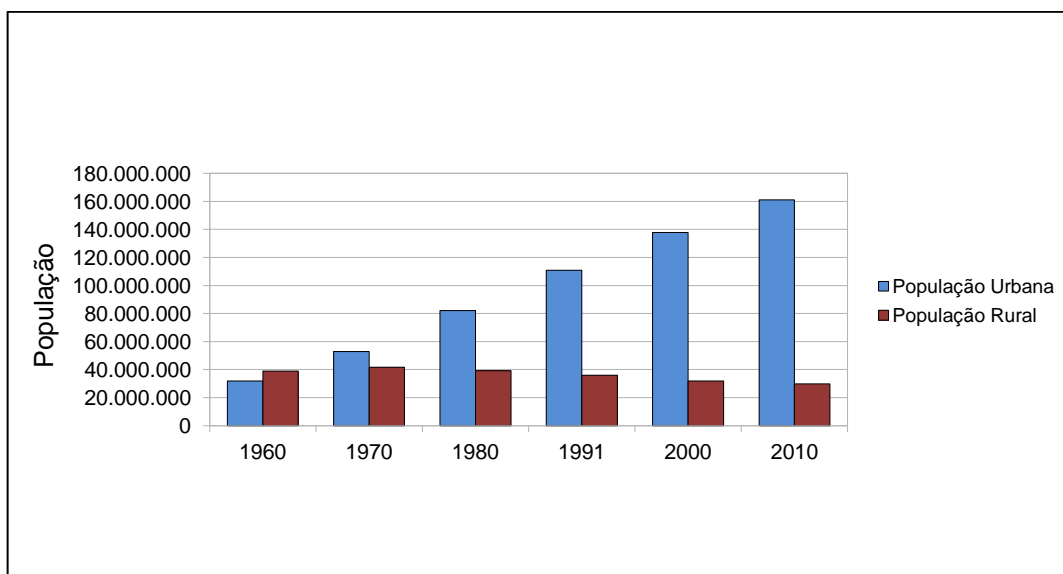
rurais e passam a ser urbanas. Também dentro do grupo e do culto às suas tradições, assim como nas relações de trabalho, ocorreram significativas transformações nos modos de ser e de viver deste agrupamento familiar.

A relação dos Arturos com Contagem deve considerar o desenvolvimento do município, transformado em polo atrativo, sobretudo pela oferta de trabalho. A proximidade a Belo Horizonte e a expansão do parque industrial das suas áreas urbanas reforçaram as características de polo aglutinador que se tornou Contagem.

O processo de urbanização de Contagem incidiu sobre a Comunidade dos Arturos, que ativamente ajudou a transformar e se transformou nesse processo de urbanização do espaço rural. Na medida em que modificaram-se os modos de organização e circulação do espaço, novas situações surgiram e os Arturos estão imersos neste processo social que incidiu sobre as relações dentro e fora do grupo, com especial impacto sobre o processo de integração econômica da comunidade na cidade.

A transição que ocorreu das áreas rurais para as urbanas ocasionou inúmeras mudanças sociais e econômicas. Nos anos 70 ocorreram grandes migrações inter-regionais que tinham por origem as zonas rurais de pequenas e médias cidades e como destino principal as metrópoles de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

**Gráfico 1 – Evolução demográfica do Brasil (1960 – 2010)**



**Fonte:** IBGE - <http://www.censo2010.ibge.gov.br> (acesso em 22/02/2012)

Os anos 80 registraram um crescimento das migrações dentro das regiões, reduzindo-se o número de migrações inter-regionais. A origem continuou sendo predominantemente rural, mas o destino passou a ser tanto as grandes metrópoles regionais como pequenas e médias cidades do interior.

Com a industrialização da agricultura, a partir de meados dos anos 70, impôs-se uma crescente urbanização do meio rural. Há uma nova configuração do campo brasileiro, com pessoas residentes em áreas agrícolas que não estão ligadas a atividades rurais. Hoje o campo brasileiro não pode mais ser caracterizado como um espaço eminentemente agropecuário, ao contrário, outras dimensões adquiriram importância, como as de moradia, de transformação industrial e mesmo dimensões não produtivas no sentido estrito do termo, como lazer e a preservação ambiental (Vieira, 2003).

Segundo José Graziano da Silva (1996):

As evidências empíricas disponíveis mostram que as melhorias nas condições de renda das famílias que têm na agropecuária sua atividade principal - e portanto nas suas condições de vida e trabalho - estão muito relacionadas com a situação rural ou urbana do domicílio, independentemente do grau do desenvolvimento alcançado pelo desenvolvimento tecnológico e pelas atividades agropecuárias de uma região. Os que têm na agricultura sua principal fonte de renda e moram na zona rural se encontram numa situação bem pior do que aqueles que vivem no campo mas não estão ocupados com atividades agrícolas (Silva, 1996, p.189).

A falta de infraestrutura social básica e de oportunidades de emprego em atividades não agrícolas tem transformado as pequenas e médias cidades em um estágio intermediário do processo de êxodo rural, que termina “inchando” cada vez mais as regiões metropolitanas.

Essa realidade socioeconômica vai influir de maneira decisiva na forma com a qual o grupo se organiza internamente, seja com relação à convivência entre uns e outros ou na manutenção e forma de realização e participação nos cultos e festas.

As características industriais do município de Contagem, e a proximidade com uma metrópole do tamanho de Belo Horizonte, tornam complexas as razões que levaram a permanência dos Arturos como um grupo familiar, cuja força reside em uma identidade pautada numa constante resignificação do passado a partir de tradições e rituais imersos no presente.

Por meio das tradições de seus antepassados, a comunidade resiste a diferentes opressões, participa das mudanças que ocorreram ao longo do tempo, na qual migraram de uma situação de campesinato para uma de trabalhadores urbanos, visto que a cidade se expandiu e os alcançou.

Embora não seja mais um agrupamento rural, os filhos de Arthur Camilo não aderiram por completo à urbanização, ainda subsistem na comunidade diversas características de “bairro rural”<sup>4</sup>, como a participação coletiva nas atividades lúdico-religiosas, a solidariedade grupal e os laços de parentesco entre os moradores.

A agricultura e a pecuária, já não são fontes de renda da comunidade que produz basicamente para subsistência. Plantam verduras, legumes e hortaliças em geral. Há ainda produção de frangos e ovos nos inúmeros galinheiros que ficam geralmente no fundo das casas.

A pecuária é de pequeno porte: gado, cavalos e suinocultura. Uma pequena parte da produção de leite e de porcos é comercializada, o restante é consumido na própria comunidade, inclusive nos eventos coletivos: grandes festas, casamentos e aniversários. A venda de leite para fora da comunidade, assim como de doces de leite e queijos é realizada em pequena escala, na maioria das vezes entre pessoas próximas. A dieta alimentar é composta pelo que é produzido na própria comunidade, e complementada por produtos adquiridos nos supermercados e no centro da cidade.

A maioria dos Arturos busca fora da Comunidade o emprego e o sustento, diferente do tempo do pai Arthur e da mãe Carmelinda, quando trabalhavam em atividades agrárias. Nos dias de hoje, os homens, mulheres e jovens saem cotidianamente para trabalhar nas indústrias, fábricas de menor porte, supermercados, padarias, como domésticas e diaristas no caso das mulheres, e no caso dos homens como seguranças, motoristas de caminhão e de ônibus. Há ainda uma parcela dos Arturos formada por funcionários da prefeitura.

No contexto desta transição a Comunidade dialoga suas tradições com o mundo contemporâneo, com a urbanidade. O trajeto e extensão dos cortejos das

festas que se estendem para fora da Comunidade é um bom exemplo de como a tradição dialoga com as transformações da ocupação, uso e circulação do espaço em direção à urbanidade. Nos últimos anos, em algumas situações, parte do trajeto é feito de ônibus, por exemplo, quando há o levantamento de mastro na Casa de Cultura de Contagem. Antigamente o trajeto era todo feito a pé. As razões do uso de um veículo são principalmente em função do transtorno que o cortejo causaria no trânsito.

Mais recentemente, todo o cortejo é acompanhado por uma equipe responsável pelo gerenciamento do trânsito no município, que além de proteger os participantes e ordenar a passagem de carros, tem a função adicional de legitimar a saída da festa para fora dos muros da Comunidade, uma vez que há contrariedade por parte de alguns moradores do município, sobretudo quanto à saída do grupo durante a madrugada, quando o trajeto é feito ao som dos tambores para a primeira oração do dia, na qual pedem proteção para o desenrolar da festa.

As objeções às manifestações dos Arturos se estendem também a parte dos membros da Igreja Católica, pois justamente nos dois dias do ano em que há levantamento de mastro, tem-se tornado comum a realização de casamentos e missas. Nestas situações, o cortejo chega, e tem que esperar o encerramento desses eventos para que possam rezar e levantar os mastros.

Estes acontecimentos demonstram certa dualidade no relacionamento da Comunidade com o seu entorno. Pois, se de um lado, o calendário de festas dos Arturos é do conhecimento de todos, sendo respeitado e valorizado pelo poder público, por parte da Igreja Católica e por grande parte de cidadãos; por outro lado, são questionados no direito de realizar suas manifestações por uma parte dos munícipes e boicotados pela própria igreja, à qual professam a todo tempo sua fé.

Essa dualidade também é fruto do processo de urbanização do espaço e dos costumes, que tendem a desvalorizar e desqualificar os ritos de origem rural, sobretudo com características de um grupo tradicional de ancestralidade africana.

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por Antonio Candido- “Os bairros rurais são caracterizados como um agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo (mutirão) e pelas atividades lúdico-religiosas” (Candido, 2001) Aqui neste trabalho é importante frisar que a Comunidade dos Arturos não constitui um bairro da cidade de Contagem, ela integra um bairro que se chama Jardim Vera Cruz. Desse modo, o que estamos chamando de bairro rural se referem as relações sociais estabelecidas no espaço da comunidade se configurando com este termo desenvolvido por Antonio Candido.

Os Arturos marcam neste sentido a trajetória da resistência de uma determinada parcela da população negra de Minas Gerais, numa cidade que foi formada no período escravagista, de um lado por uma forte aristocracia rural e de outro pelos escravizados. Filhos e filhas que emergiram de uma sociedade escravista, lutando de diferentes maneiras contra as opressões impostas pelo próprio sistema, hoje são reconhecidos como patrimônio cultural da cidade de Contagem. O que não quer dizer que embora haja o reconhecimento e valorização formal de sua cultura e tradições, assim como um bom diálogo com os dirigentes políticos, não padeçam de desigualdades e racismo enquanto negros em Contagem, como em qualquer outro lugar deste país. É necessário ressaltar que existem peculiaridades nas maneiras com que o racismo se instala e se perpetua, dependendo do contexto. Estas questões serão abordadas em capítulo posterior deste trabalho.

Para refletir melhor neste processo de luta e resistência da população negra, faz-se necessário pensar na formação dos quilombos no Brasil no passado e no presente como espaços de lutas e ressignificações, e a Comunidade dos Arturos insere-se neste contexto.

## **1.2. Quilombagem e Quilombos: Conceitos e Questões**

Os quilombos representaram um espaço de luta e resistência da população negra escravizada que se rebelava contra a ordem do sistema escravista. Os escravizados buscavam um espaço de liberdade, no qual pudessem se organizar social e economicamente de maneira própria com outros valores e ideais diferentes dos impostos pela sociedade escravocrata.

Este tipo de formação de escravizados fugidos se deu em todas as Américas, onde houve a escravidão. No Brasil, esses grupos eram chamados principalmente de quilombos e mocambos e seus membros de quilombolas, calhambolas ou mocambeiros.

De acordo com Kabengele Munanga (1996):

O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. A

história do quilombo como a dos povos bantu é uma história que envolveu povos de regiões diferentes entre Angola e Zaire, atual República Democrática do Congo (Munanga, 1996, p. 58)

O quilombo africano se tornou uma instituição política e militar centralizada, formada por homens submetidos a um ritual de iniciação, em que havia um guerreiro entre os guerreiros que liderava a organização. Há uma correlação entre os quilombos brasileiros e os africanos, segundo Kabengele Munanga, em que muitas semelhanças são enunciadas como no caso de Palmares: “Pelo conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano, reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos (Munanga, 1996, p.63)”.

Os quilombos brasileiros sempre foram espaços de muita luta e resistência, contra todas as formas de opressão, exploração, submissão, na busca pela liberdade e dignidade da população negra escravizada, como também de alguns indígenas e oprimidos que existiam na sociedade escravista.

Em 1740, em resposta ao rei de Portugal, o Conselho Ultramarino definiu os quilombos como sendo: “toda habitação de negros fugidos que passe de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (Schmitt, Turatti e Carvalho, 2002). Os quilombos passaram a representar uma considerável ameaça simbólica, abalando o sistema escravista e o imaginário dos senhores e funcionários coloniais.

Os quilombos tinham vários tamanhos e se organizavam de acordo com o seu número de habitantes. Os pequenos quilombos possuíam uma estrutura simples: eram grupos armados. As lideranças, por isto, surgiam no próprio ato de fuga e da sua organização. Os grandes possuíam uma maior complexidade, como o de Palmares, por exemplo, que chegou a ter cerca de 20 mil habitantes e o de Campo Grande em Minas Gerais, cerca de 10 mil ou mais, assim como teve o do Ambrósio também naquele Estado (Moura, 1987).

Aparentemente o quilombo era um grupo defensivo, mas havia em alguns momentos, no entanto, a necessidade de atacar a fim de obter artigos e objetos necessários à sobrevivência, especialmente pólvora e sal. É importante ressaltar que o quilombo também nunca foi uma organização isolada. Para o seu núcleo convergiam pessoas igualmente oprimidas na sociedade escravista: fugitivos do

serviço militar, criminosos, indígenas, mulatos e negros marginalizados. Todos estes contatos entre quilombolas e outros grupos (escravizados das senzalas, entre outros) em maior ou menor escala oprimidos pela estrutura escravista, proporcionaram a continuidade e importância dessas lutas.

A maioria dos quilombos não ficava em lugares isolados; muitos quilombolas viviam próximos a engenhos, lavras, vilas e cidades, na fronteira da escravidão, mantendo uma rede de apoio e interesses que envolvia escravizados, negros livres e mesmo brancos, de quem recebiam informações sobre movimentos tropas e outros assuntos estratégicos.

Embora tenha havido quilombos isolados, às vezes encontrados por expedições que até então os desconheciam, as evidências, mesmo para o quilombo de Palmares, e mais ainda para os quilombos que o sucederam Brasil afora, apontam contudo para uma relação muito mais intensa entre quilombolas e outros grupos sociais (Reis, 1995/1996).

Este pensamento de isolamento e não associação dos quilombos com outros movimentos sociais, cristalizado numa definição clássica de quilombos perdurou por muito tempo, determinando como se a existência dos quilombos estivesse atrelada apenas ao período histórico da escravidão brasileira e que houvesse um isolamento da população negra neste período.

Contudo, este pensamento é contestado por uma cadeia de relações estabelecidas através dos quilombos, chamada por Flávio Gomes de:

“Campo negro”, porque constituía um espaço social, econômico e geográfico através do qual circulavam os quilombolas, articulando mocambos, senzalas, tavernas, roças, plantações, caminhos fluviais e pântanos, alcançando vilas pequenas e cidades como Rio de Janeiro, com 200 mil habitantes em meados do séc. XIX. (Gomes, 1998, p.18)

Em Minas Gerais esta interação foi grande. O escravizado mineiro que fugia ligava-se, constantemente, ao faiscador e ao contrabandista de diamantes, com eles mantendo um comércio clandestino que era severamente combatido. Com esta vinculação econômica e financeira, os contrabandistas prestavam serviços aos quilombolas, informando-os das medidas tomadas pelo aparelho repressivo escravista para combatê-los (Moura, 1987).

Os quilombos em Minas Gerais não existiam isolados, em geral os escravizados não fugiam para muito longe das comunidades mineradoras urbanizadas.

A proximidade com as áreas urbanas se constituía como importante aspecto das relações empreendidas por tais comunidades no que se refere, por exemplo, ao espaço para negociar seus produtos, trocar informações e estabelecer solidariedade. Neste contexto, as mulheres negras do tabuleiro tiveram papel preponderante ao dominar este tipo de comércio. Entretanto, pouco se fala do protagonismo feminino na formação dos quilombos. As mulheres tiveram participação significativa no fornecimento de gêneros alimentícios, na facilitação das fugas de escravizados, escondendo-os nas suas residências e vendas, além de informarem de possíveis ataques. Eram nestes espaços que os negros ficavam sabendo das futuras invasões aos seus quilombos e acabavam fugindo antes que as expedições chegassem (Silva, 2005).

Segundo Carlos Guimarães (1998), a existência dos quilombos provocou desgastes não só ao escravismo enquanto sistema econômico, mas à sociedade como um todo.

A grande quantidade de quilombos em Minas Gerais comprometia e desestabilizava o sistema escravista, pois a despeito de todas as rígidas providências que eram tomadas, os escravizados continuavam a fugir e a fundar novos núcleos. Isto segundo Djalma da Silva (2005) punha em cheque a eficácia do aparato jurídico-ideológico, que foi criado para prevenir fugas e punir os fugitivos. Por outro lado, essa situação deixava a população e as autoridades com medo constante, pois os ataques contínuos dos quilombolas causavam insegurança a toda a população (Silva, 2005).

A forte oposição e transgressão ao sistema escravocrata viabilizada pelo potencial mobilizador dos quilombolas pode ser exemplificada pelas fugas, assaltos, etc. O que possibilitou, inclusive a convergência de diversos níveis de descontentamento de outras esferas da sociedade contra a opressão representada pelo sistema escravista. Os quilombolas se constituíram em uma força desestabilizadora do sistema social vigente. Ciclicamente, na medida em que os quilombos se fortaleciam, a resposta do sistema era tentar aumentar o controle, principalmente com a contratação de mais capitães do mato; que faziam aumentar o

número de descontentes dispostos a arriscar a vida por um fio de liberdade. Na medida em que o sistema buscava responder com mais violência e opressão, produzia mais vontade e desejo de liberdade. E os quilombos foram a porta aberta para quem não aguentava mais viver oprimido ou de pessoas que iniciavam oposição a tal regime.

Foram muitas as atividades desenvolvidas pelos quilombolas para sua sobrevivência como: caça, coleta, agricultura, criação de animais, mineração, contrabando, assaltos a tropas e fazendas, etc. As atividades e práticas de garantia do sustento estavam adaptadas ao espaço de cada região da capitania das Minas Gerais no século XVIII. Há semelhanças nos quilombos, pois eram em sua maioria constituídos por escravizados fugidos e configuravam um movimento de rebeldia escrava, mas há também diferenças de uma região para outra, em decorrência da época de existência de cada quilombo, sua região e seus mecanismos de sobrevivência, constituindo assim uma configuração histórico-cultural específica (Silva, 2005).

Na área de extração de diamante e ouro, os quilombolas geralmente se dedicavam à mineração de maneira clandestina, obtendo com este contrabando o que necessitavam em termos de pólvora, alimentos e armas. Já em outras regiões do sertão, os quilombolas se dedicaram a agricultura e a caça (Guimarães, 1998).

Com relação à agricultura, na maioria dos quilombos, até mesmo fora de Minas Gerais, a economia era policultora, seguindo uma organização própria. As principais plantações eram de milho, que era colhido duas vezes ao ano, no entanto, também se plantava feijão, mandioca, batata-doce e cana-de-açúcar (Moura, 1987).

Um fator importante na organização da maioria dos quilombos, desde o início, foi a dedicação dispensada à preparação militar com o propósito de se defender da repressão contínua dos senhores.

Segundo João Reis (1995/1996), os quilombolas foram duramente reprimidos pelos senhores, sobretudo em Minas Gerais, durante a primeira metade do século XVIII, quando autoridades locais e até mesmo governadores conceberam punições bárbaras contra os quilombolas, como corte de orelha, mutilação de um braço, enforcamento, etc. (Reis, 1995/1996). Mas mesmo com todas as repressões, as fugas e formação dos quilombos continuaram.

Os quilombos próximos aos centros urbanos em geral, eram móveis e flutuantes por facilitarem as denúncias e a repressão. Em Minas Gerais, a maioria dos quilombos se organizou em torno das regiões urbanas, devido à cata do ouro e diamantes, na região diamantina. Deste movimento pode-se constatar que muitos quilombolas conseguiam, por meio do ouro e diamantes, comprar sua alforria buscando a liberdade.

Em algumas regiões do Brasil os quilombos muitas vezes se aliaram a levantes de escravizados, integrando muitos movimentos de revoltas e rebeliões escravistas, sobretudo na Bahia na primeira metade do século XIX.<sup>5</sup>

No estado de Minas Gerais, Donald Ramos (1998), demonstra que algumas rebeliões foram contidas pela presença das irmandades religiosas. Os senhores tentavam, por meio da Igreja católica, “controlar” os escravizados transmitindo valores morais e cristãos que acabavam incitando certa obediência e o não incentivo a rebeliões e fugas (Ramos, 1998). O que não quer dizer, ainda segundo este autor, que não houve luta por parte dos escravizados mesmo dentro das irmandades, só que aqui a luta era mais interna. Aqueles escravizados que não aceitaram as irmandades e nem as vidas nas senzalas em tais condições, acabaram fazendo rebeliões e formando quilombos.

De acordo com Clóvis Moura (1987):

Várias foram as formas de resistência do escravo negro ao regime escravista. Mesmo com todas as limitações que a estrutura do sistema impunha ao cativo, ele, ao contrário do que afirmam aqueles que seguem a chamada historiografia acadêmica, resistiu de várias formas e níveis de importância durante todo o tempo em que a escravidão perdurou. Resistiu usando desde formas ativas, como insurreições cidadinas, que não se esgotaram com as de Salvador, ocorridas durante o século XIX, até os quilombos, disseminados em todo território nacional- do Rio Grande do Sul ao Pará- e as guerrilhas que permeavam as duas formas fundamentais de resistência (Moura, 1987, p.94).

É importante ressaltar que sempre houve lutas e resistência da população negra escravizada, que se configuraram de diferentes maneiras. Para Clóvis Moura (1987) tratou-se de uma luta de classes sustentada entre senhores de engenho, de um lado, escravizados e outros marginalizados socialmente, de outro; que mesmo

---

<sup>5</sup> Ver mais sobre este assunto em Reis, João José. Quilombos e Revoltas Escravas No Brasil: “Nos achamos em campo a tratar da liberdade”, Revista da USP, São Paulo (28):14-39, 95/96.

não conseguindo modificar o sistema vigente, os escravizados sempre lutaram e marcaram certamente uma outra história. Uma visão diferente da de alguns pesquisadores que acreditavam na passividade dos escravizados.

Outro fato relevante sobre os quilombos é perceber que a maioria destes não se manteve de forma isolada, pelo contrário, propiciaram a formação de uma rede de relações que ajudou a mantê-los e a desenvolvê-los econômica e socialmente.<sup>6</sup>

Neste sentido, ao pensar na formação dos quilombos no Brasil desde o tempo da escravidão, não é possível esquecer o quanto este movimento dos quilombos é singular na vida nacional e como simbolizou a resistência e a luta contra a escravidão. Estes espaços de resistência ensejaram novas formas de organização social, política e econômica com visões de mundo mais inclusivas e plurais. A partir deste movimento seguiremos para pensar nos quilombos atuais.

### **1.2.1 Quilombos e suas *ressignificações***

O conceito de quilombo foi se delineando no tempo, sempre associado a muita luta e resistência desde a época da escravidão até os dias de hoje. Atualmente há algumas denominações, como *Terras de Preto*, *Mocambos*, *Comunidades Negras Rurais*, *Remanescentes de Quilombos*, para grupos descendentes de escravizados, que ocupam um mesmo espaço e território, partilham tradições dos antepassados, praticam uma religião comum, mantém laços de parentesco, possuem uma rede de sociabilidade e muitas vezes têm outras formas de organização social (Ratts, 2000).

Esse debate foi impulsionado desde as décadas de 70 e 80 pelo movimento negro, que reivindicava politicamente em favor da população negra rural que já sofria com as incessantes expropriações, demandando um olhar específico a um segmento “invisibilizado” desde os tempos da escravidão brasileira.

Como afirma o geógrafo, Rafael dos Anjos que fez a primeira configuração espacial dos territórios remanescentes de quilombos no Brasil:

As comunidades de remanescentes de antigos quilombos emergem nesse momento histórico, do centenário da abolição e da década de 90 a 2000, apresentando uma visibilidade no movimento do

---

<sup>6</sup> Ver mais sobre este assunto com Gomes, Flávio (1998), Reis, João José (1995/1996), Ramos, Donald (1998), Magno, Carlos (1998), Silva, Djalma Antônio da (2005).

campesinato brasileiro e revelando que não foram poucos os sítios de quilombos formados durante a escravidão. Esse processo ocorre dentro de um contexto de luta política, sobretudo de conquistas e reivindicações do Movimento Negro Unificado, da Comissão de Articulação dos Quilombos e de outras entidades Negras organizadas com ações em todo território brasileiro (Anjos, 1999, pp.8-9).

Nas últimas duas décadas, a população negra organizada em associações quilombolas em todo território nacional, reivindicam o direito à permanência e ao reconhecimento legal de posse das terras ocupadas e cultivadas para moradia e sustento, assim como a liberdade de praticarem suas tradições, crenças, religiões e valores considerados em sua especificidade (Leite, 2000).

A população negra remanescente de quilombos sofre com um processo de legitimidade das terras, enfrentando alguns questionamentos do direito a essas terras e o uso que pode ser feito dela com outra forma de organização, práticas e valores. Após a Abolição em 1888, os negros não tiveram direito a terra e a nada, sendo constantemente desqualificados com os lugares que habitavam, ignorados pelo poder público ou mesmo questionados por outros grupos com maior poder e legitimidade junto ao Estado. Há muitas especulações imobiliárias, assim como a construção de hidrelétricas feitas por empresários, pelo Estado e governantes em áreas de comunidades quilombolas, grupos que priorizam o capital e não valorizam a história, a memória, as especificidades, as tradições dessas comunidades e mais do que isto, a terra cujo pertencimento não deveria haver dúvidas.

O processo de formação social brasileira no que diz respeito ao uso da terra e dos recursos naturais passou ao longo do tempo a ser uma moeda de troca e um valor de “negócio”. Há um sistema que hierarquiza e escolhe quem domina e quem é dominado, configurando relações marcadas pela exclusão, pelo racismo e pela discriminação do espaço e do direito à terra.

Este histórico vem desde a primeira Lei de Terras, escrita e lavrada no Brasil em 1850, que de acordo com Ilka Boaventura Leite:

(...) exclui os africanos e seus descendentes da categoria de brasileiros, situando-os numa outra categoria separada, denominada “libertos”. Desde então, atingidos por todos os tipos de racismos, arbitrariedades e violência que a cor da pele anuncia - e denuncia - os negros foram sistematicamente expulsos ou removidos dos lugares que escolheram para viver, mesmo quando a terra chegou a

ser comprada ou foi herdada de antigos senhores através de testamento lavrado em cartório. Decorre daí que, para eles, o simples ato de apropriação do espaço para viver passou a significar um ato de luta, de guerra (Leite, 2000, p.335)

A problemática dos quilombos perpassa nossa história, revelando-se como uma questão que persiste na atualidade. A luta constante de parcela significativa da população negra brasileira para ter seus direitos garantidos e respeitados. A disputa pelo reconhecimento passa pela garantia de que as terras serão transmitidas às novas e futuras gerações, considerando que as identidades aí inscritas têm no uso compartilhado da terra a manutenção e transmissão de laços, memórias e tradições.

Assim, a definição do que seja quilombo e quilombola é fundamental para o reconhecimento do potencial político e social desta parcela da sociedade, não nos esquecendo de que tal definição não deve ser elaborada à revelia das construções identitárias promovidas pelas comunidades e militantes dos movimentos negros.

Então, a partir da Constituição Federal de 1988 o quilombo adquire uma significação atualizada, ao ser inscrito no art.68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) para conferir direitos territoriais aos *remanescentes de quilombos* que estejam ocupando suas terras, sendo-lhes garantida a titulação definitiva pelo Estado brasileiro (O'Dwyer, 2002).

Desse modo, em continuidade a mobilização regional que empreendiam e com o artigo 68 (do ADCT da Constituição Federal de 1988), algumas comunidades negras rurais emergem como “remanescentes de quilombo”. No entanto, há discussões que colocam dúvidas sobre esta denominação e sobre a garantia jurídica dessas terras. Há um debate não somente acadêmico, mas entre os moradores dessas comunidades que narram suas histórias de formação de forma variada (questão de compra da terra, doação de ex-fazendeiros).

Neste contexto, os grupos que hoje são considerados remanescentes de comunidades de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação em terras livres, mas também heranças e doações senhoriais realizadas no contexto da abolição. Assim como a permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra destas durante a vigência do sistema escravocrata, e após sua extinção (Schmitt, Turatti, Carvalho, 2002).

Em relação à nomeação do que seriam os remanescentes de quilombos, há uma discussão por parte dos pesquisadores como também das próprias comunidades negras que vem desde 1988 buscando novas denominações do termo de acordo com as situações adversas que vem surgindo ao longo do tempo e dos debates (Ratts, 2000).

Neste trabalho, para compreender o espaço geográfico dos habitantes da Comunidade dos Arturos, utilizei a definição de quilombo adotada pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), que aponta para uma nova visão dos espaços ocupados pelas comunidades negras, terras de pretos, comunidades quilombolas, representando diferentes segmentos negros da sociedade brasileira:

(...) Contemporaneamente, o termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio. A identidade desses grupos também não se define pelo tamanho e número de seus membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade enquanto grupo. Nesse sentido, constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão. (O'Dwyer, 2002, p.18)

De acordo com Maria da Glória Moura (1997) os *quilombos contemporâneos* caracterizam-se como comunidades negras rurais habitadas por descendentes de escravizados que mantêm laços de parentesco e vivem, em sua maioria, de culturas de subsistência, em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo. Os negros dessas comunidades valorizam as tradições culturais dos antepassados, religiosas ou não, recriando-as no presente. Possuem uma história comum e têm normas de pertencimento explícitas, com consciência de sua identidade étnica.

Neusa Gusmão e Olga Simson (1989) trazem a questão do espaço físico investido como construção simbólica, ampliando o significado da terra para os quilombolas.

A terra, antes de mais nada, é *território* e, como tal, comporta uma história. Constitui-se como universo cultural que diz de cada um e de todos, de modo particular e específico. A realidade da terra e a realidade étnica confundem-se como uma só. É na terra e nas condições em que ela, efetivamente, pode ser ocupada, que se construiu, na diáspora, a trajetória de negro africano a negro brasileiro. No processo, preservaram-se ou transformaram-se elementos de uma cultura africana, dando condições para uma resistência inteligente. (Gusmão e Von Simson, 1989, p.226)

Para as comunidades de quilombo, tanto no passado como no presente, a conquista do território é de fundamental importância, pois possui significados que vão para além da materialidade da posse da terra. Nestes espaços os grupos negros se constituem, revelam visões de mundo, religiosidade, tradições, suas diferenças, com o objetivo de manterem-se no espaço e no tempo, mesmo transformando-se.

Partilhando dessas concepções, compreendo a questão do espaço e do território para estas populações, como constituintes de história e memória, marcando o pertencimento desses indivíduos a suas próprias comunidades. É a partir do território, do parentesco, da religiosidade, das tradições compartilhadas entre todos da Comunidade que a identidade quilombola se constitui e fortalece o grupo.

É importante, contudo, perceber que esta discussão tanto de denominações como de nomenclaturas de acordo com a história e memória que cada comunidade traz, devem partir das próprias comunidades e seus sujeitos e do processo de construção de identidade que tem relações com o território e com o espaço vivido.

A Comunidade dos Arturos desde 2010 tem realizado a discussão sobre a efetivação do reconhecimento da comunidade como quilombo. Embora os Arturos já façam parte da catalogação realizada pela Fundação Palmares desde o ano 2000, o reconhecimento legal está aberto, sendo debatido por antropólogos do INCRA e os membros da comunidade. Há controvérsias entre os membros da comunidade sobre os efeitos que tal categorização possa trazer aos herdeiros. Isso, sobretudo no que diz respeito às restrições quanto ao uso e apropriação do espaço e aos aspectos mercantis da herança. Tal temor pode ser verificado pela fala de uma das descendentes dos Arturos:

*E se os meus netos e bisnetos quiserem vender estas terras ou construir um hotel, não sei, como que vai ficar? Pois uma vez reconhecido como quilombo como falou o pessoal do INCRA que*

*veio aqui conversar com a gente, há regras e regulamentos que terão que ser seguidos...não sei não... (Mulher Arturos)*

Este debate tem gerado alguns conflitos, dividindo a opinião da comunidade, no entanto, o próprio grupo terá que encontrar suas saídas e soluções. Quando se envolve terra, dinheiro, interesses particulares mesmo dentro de uma comunidade como esta, outras relações se configuram, como reflexo de todo um processo de mudança com a cidade e a urbanidade. A proximidade da cidade traz novas configurações para os quilombos, modificando as relações dentro do próprio grupo e fora dele também.

### **1.2.2 Quilombos Urbanos, Espaços e Segregações**

A comunidade dos Arturos, assim como algumas comunidades negras espalhadas pelo Brasil, passa por modificações com a expansão das cidades. Neste contexto, muitas dessas comunidades que aproximadamente até a década de 80 eram rurais ou semirurais, se modificam com as influências da cidade que chega cada vez mais perto.

Segundo Milton Santos (2005), o processo de urbanização a partir de 1970 alcançou um novo patamar tanto quantitativo como qualitativo. Desde os anos de 1950 começa haver o desenvolvimento urbano brasileiro, com uma urbanização aglomerada, com o aumento do número e da população respectiva com núcleos de mais de 20 mil habitantes e, em seguida, uma urbanização concentrada, com a multiplicação de cidades de tamanho intermediário, para depois vir o estágio da metropolização, com um aumento considerável de cidades com cerca de meio milhão de habitantes.

Os Arturos passaram por este processo, constituíram até aproximadamente a década de 1980 uma comunidade rural se transformando à medida que a cidade de Belo Horizonte e Contagem se expandiam, estando hoje na periferia da cidade, se configurando como um quilombo urbano.

Há no Brasil quilombos urbanos que estão sendo regularizados pela Coordenação Geral de Regularização de Territórios Quilombolas do INCRA, que trabalha em parceria com o Ministério das Cidades e com a Seppir. O objetivo deste trabalho conjunto é integrar as políticas públicas dos órgãos governamentais,

somando recursos técnicos e financeiros para viabilizar a regularização fundiária das comunidades quilombolas urbanas existentes em todo o país.

A partir de estudo realizado por um grupo de trabalho com integrantes do INCRA, Seppir e Ministério das Cidades, foram encontrados 44 quilombos urbanos no Brasil até o ano de 2007. Pelo levantamento eles são assim distribuídos: dezesseis em Goiás, um em Sergipe, dois na Paraíba, três na grande Belo Horizonte em Minas Gerais, treze no Paraná, cinco no Rio Grande do Sul, dois em Alagoas e dois no Rio de Janeiro (2007, Observatório Quilombola/Koinonia).

Na afirmação do coordenador de Regularização de Territórios Quilombolas do INCRA em 2007, Rui Leandro Santos, estas áreas estavam em processo de confirmação. As nove localidades já reconhecidas como quilombos urbanos e com processos de regularização fundiária aberto no INCRA são: Alpes, Família Fidélix, Areal (Luiz Guaranha), Chácara das Rosas e Família Silva (todas no Rio Grande do Sul); Arturos, Luízes e Mangueiras (na Grande Belo Horizonte/ Minas Gerais); Sacopã e Pedra do Sal (no Rio de Janeiro). Em Minas Gerais há outros quilombos urbanos como o quilombo de Tabatinga, em Bom Despacho e o quilombo do Baú em Araçuaí (idem).

Para a regularização fundiária dessas comunidades, o Ministério das Cidades participa com o repasse de recursos e a parceria técnica. Já a Seppir atua principalmente ligando as comunidades aos técnicos, a fim de juntar esforços para agilizar os laudos antropológicos.

Os quilombos urbanos possuem formações diferenciadas, alguns foram constituídos nas próprias cidades, já desde a abolição em 1888, em que muitos negros escravizados que viviam nas cidades ou bem próximo delas acabaram por formar seus agrupamentos e núcleos de resistência nas áreas urbanas e periféricas. Nestes espaços constituíam sua identidade, suas tradições e praticavam suas religiões como o candomblé, participavam de irmandades negras, entre outros. Já alguns quilombos que se tornaram urbanos, como os Arturos, por exemplo, possuem origem rural, mas foram se modificando com o crescimento e expansão das cidades e se tornaram quilombos urbanos, embora dentro da comunidade tenham se mantido algumas práticas de origem rural, fazendo parte do cotidiano da comunidade e até mesmo da vida das pessoas mais velhas da comunidade.

Lourdes Carril (2006), em seu trabalho: “Quilombo, Favela e Periferia: a longa busca da cidadania” trabalha com a formação do “quilombo urbano” na periferia da metrópole de São Paulo. A autora neste estudo reflete sobre a reconstrução da identidade quilombola a partir do movimento *hip hop* no bairro de Capão Redondo em que teve uma migração de população da zona rural. Por meio dos temas abordados na música e na dança do movimento *hip hop*, são revelados os problemas desta população que enfrentou a fragmentação e a interface do campo com a cidade, além das inúmeras desigualdades decorrentes deste processo. O quilombo urbano então faria parte desta manifestação político-cultural e estética, aparecendo como forma de protesto, resistência e também de denúncia de segregações raciais e espaciais. Lourdes Carril enfatiza também a questão do território o concebendo:

O território é a prova histórica de sua identidade, o que os vincula à formação da comunidade e ao acesso à terra. Se esse é o diferencial de luta do negro no campo, no espaço urbano, embora não apresentando a mesma pertinência, o mesmo compreende que se encontra em relações similares às da vigência da escravidão, interpreta a partir do rap as relações fundantes e denuncia a segregação racial e espacial urbana, apontando o quilombo como resistência territorial (Carril, 2006, p.54).

Outra autora que vem trabalhando com territórios negros como espaços de resistência e de segregação urbana é Antonia dos Santos Garcia (2009) com o seu trabalho: “Desigualdades Raciais e Segregação Urbana em Antigas Capitais: Salvador, Cidade D’Oxum e Rio de Janeiro Cidade de Ogum”. Neste trabalho a autora desenvolve como estão intrinsecamente ligadas a desigualdade racial, a hierarquização social e a segregação urbana. A partir de estudo sobre as cidades de Salvador e Rio de Janeiro, a autora reflete na metrópole moderna que recria estas hierarquias, explicando-as com relação a todo um histórico trazido desde os tempos da escravidão.

Antônia Garcia (2009) procura articular as categorias de raça e classe, buscando demonstrar que a segregação espacial é resultante dessas duas categorias igualmente fundamentais na determinação das desigualdades. Além disso, busca também demonstrar em que medida as desigualdades raciais e sociais resultam em segregação urbana, com dados estatísticos dos censos do IBGE

(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), entre dados colhidos pela própria autora que vem desvelando estas desigualdades no espaço da cidade.

Outro pesquisador que trabalha com esta temática da segregação urbana atrelada a questão racial é Henrique Cunha Junior (2007) em alguns textos seus e na obra organizada por ele intitulada: “Espaço Urbano e Afrodescendência - Estudos da Espacialidade Negra Urbana para o debate das Políticas Públicas”. Para o autor, os problemas urbanos possuem um caráter geopolítico de micro e macro estruturas, etnicamente determinadas. As políticas urbanas são contrárias aos afrodescendentes ao longo da história. Nesta obra, vários autores escrevem sobre esta temática em diferentes cidades brasileiras.

Djalma Antônio da Silva (2005) também desenvolveu uma importante pesquisa sobre a formação do quilombo urbano, em sua tese: “*O Passeio dos Quilombolas e a Formação do Quilombo Urbano*”. Neste trabalho o autor promove uma reflexão sobre o vai – e – vem dos remanescentes de quilombos das comunidades de Bias Fortes e da Colônia do Paiol que migram temporariamente para Juiz de Fora em sua grande maioria. Para tanto, faz um extenso e minucioso levantamento histórico da escravidão brasileira e mineira para poder compreender essa formação e esse “passeio” em que muitas relações são desencadeadas e memórias despertadas.

Todos os trabalhos aqui brevemente mencionados são significativos para pensarmos na formação destes quilombos urbanos, percebendo que não há um “conceito” fechado do que sejam essas formações, sendo algumas configurações diferentes, mas ao mesmo tempo semelhantes, em relação às desigualdades raciais e sociais que são históricas, assim como da eterna luta da população negra por uma vida digna e pela visibilidade que insistentemente desejam ocultar.

Na comunidade dos Arturos, a formação do quilombo urbano ocorreu devido a expansão da cidade dentro deste processo de urbanização entre as décadas de 1970 e 1980. O crescimento demográfico do grupo a partir da década de 80, a expansão da cidade de Contagem ao redor dos Arturos, a chegada da energia elétrica, a entrada dos eletrodomésticos e da televisão, a proeminência do trabalho assalariado, são fatores que alteraram profundamente o modo de vida do grupo (Sabará, 1997).

A maioria dos membros dos Arturos que saem para trabalhar todos os dias retorna no final da tarde e a noite para a comunidade. Não houve migração para outras cidades como Djalma da Silva (2005) encontrou na pesquisa em Bias Fortes e Colônia do Paiol. Os Arturos não migram para outras cidades para trabalharem, pois eles já vivem na cidade de Contagem, trabalhando nesta ou em cidades vizinhas, como Belo Horizonte, Betim, podendo retornar para casa para dormir, não necessitando mudar para outras cidades. Há algumas famílias que moram fora da comunidade em bairros próximos, mas são exceções, a maioria se concentra no espaço da comunidade assim como no entorno, bem próximo.

Desse modo, é importante destacarmos como a comunidade dos Arturos se originou e como se organiza enquanto grupo, na tentativa de compreendermos melhor estas relações, percebendo suas especificidades entre tantas outras comunidades negras quilombolas.

### **1.3 Os Arturos: Origens, laços, quilombo**

A comunidade dos Arturos constitui um agrupamento familiar de negros que habitam um espaço de 6,5 hectares de terra na região suburbana da cidade de Contagem, próximo a Belo Horizonte no Estado de Minas Gerais.

Os fundadores da Comunidade são Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva, eles primeiros da grande família. O nome Arturos vem do pai Arthur, marcando esta formação familiar através da descendência direta, Arturos por serem filhos, netos e bisnetos de Arthur. Essa ancestralidade é mantida e transmitida entre as gerações dos Arturos. Segundo Hebe Mattos (2005-2006) os nomes próprios que se repetem em cada geração, ou se transformam em sobrenomes, na família como linhagem, na referência do nome como pertencimento à comunidade, ocorreram em muitas comunidades de senzala no Brasil oitocentista.

Arthur Camilo é filho de Camilo Silvério. De acordo com informações esparsas e incertas, Camilo Silvério teria chegado a Minas Gerais como escravizado, ao que tudo indica no terceiro quartel do século XIX. Casou-se com Felisbina Rita Cândida, de quem não há informação alguma; nem mesmo se ela era forra ou livre à época do casamento. Desta união nasceram alguns filhos. As informações mais precisas

são sobre Arthur Camilo, que viria mais tarde a formar seu agrupamento familiar, no qual tem origem a Comunidade dos Arturos.

Em meio a escassa documentação que faz referência ao surgimento da Comunidade, há algumas hipóteses que apresentam a formação da comunidade em torno de um nobre negro, que ao comprar sua alforria, dirigiu-se a Contagem acompanhado de um grupo de negros alforriados. Estabeleceu-se onde hoje estão os Arturos como se ali fosse, desde então, um “quilombo legalizado” no qual outros negros fugidos de fazendas na região podiam se integrar à comunidade, recebendo guarida e trabalho (Gomes & Pereira, 2000). Esta hipótese não se confirma nos relatos da comunidade sobre sua própria formação e nem na maioria dos trabalhos escritos sobre a comunidade por diferentes pesquisadores.

Outras fontes indicam a origem familiar pela “transcrição da certidão de pagamento, extraída dos autos de arrolamento dos bens deixados por Camilo Silvério da Silva e Felisbina Rita Cândida”, passada a seus herdeiros, entre os quais se encontrava Arthur Camilo Silvério. Segundo Núbia Gomes & Edimilson Pereira (2000):

Consta no documento que os 6,5 hectares “de terras e campo de cultura, situados mais ou menos no lugar denominado ‘Domingos Pereira’, em Contagem” foram adquiridos “por título particular datado de 2 de novembro de 1888”. Prossegue o documento: “Conforme consta da citada certidão passada pelo escrivão do 2º ofício desta comarca, J. A. Filho, em 25 de março de 1952”. (Gomes & Pereira, 2000, p.165)

Por meio da pesquisa feita por estes autores, dos documentos levantados, assim como da lembrança dos filhos, narrando suas histórias e fazendo a reconstituição dos lugares em que Arthur Camilo viveu, quando constituiu família, na mata do Curiangu (Fazenda do Macuco), região situada entre Caracóis, Esmeralda e Betim, seguindo depois para Domingos Pereira, em Contagem, é que se torna possível constatar a origem familiar da Comunidade.

Não consta também nos registros que Camilo Silvério tenha sido um “nobre negro” que depois de alforriar-se tivesse acolhido outros companheiros, formando um “quilombo legalizado”. Nas informações colhidas até o momento não há a indicação da comunidade dos Arturos como repetição da história de “Xico Rei” (Gomes & Pereira, 2000).

Neste sentido, o que prevaleceu e está sendo também levado em consideração é a lembrança dos próprios membros sobre a formação da comunidade, assim como dados revelados em registros no cartório colhidos por outros pesquisadores, que demonstram em documentação a origem das terras. Para Núbia Gomes & Edmilson Pereira (2000), a comunidade baseou-se na organização familiar, com a passagem do patrimônio material, cultural e religioso de uma geração para outra. A oralidade e a memória se apresentam então como um forte elemento de transmissão dos ensinamentos deixados pelos fundadores da comunidade, marcando a continuidade das tradições entre as gerações.

A comunidade segue pautada nos ensinamentos dos pais, ancorados pela religião e pela tradição do Congado que é transmitida entre as diferentes gerações.

É importante ressaltar o Congado, pois esta tradição é vivenciada o ano inteiro, não somente nas duas grandes festas da comunidade, que são: a festa da Abolição que acontece em maio, quando há a rememoração e reinterpretação da Abolição da escravatura e a de outubro, quando é comemorado o aniversário de Nossa Senhora do Rosário. Durante praticamente o ano inteiro, aos domingos, o Congado dos Arturos vai nas festas de outras guardas e Irmandades, retribuindo a visita recebida em sua festa. Somente no período entre dezembro e abril é que não se dança o Congado, retornando após a quaresma no sábado de aleluia. Com esta vivência aos domingos e com os preparativos dos festejos do Congado que começam meses antes, há toda uma vivência desta tradição no cotidiano da comunidade.

As crianças cantam músicas de congado, batem latas imitando os grandes tambores, fazendo o seu cortejo, as mulheres e homens nos seus afazeres diários domésticos muitas vezes cantam, falam sobre isso. Até mesmo nas entrevistas o Congado, mesmo sem ser mencionado, aparecia na conversa, como algo que guia a comunidade, “alimenta” a família dos Arturos, com a fé em Nossa Senhora do Rosário, para que haja a continuidade do que foi transmitido pelo pai Arthur e a mãe Carmelinda, embora esta seja pouco lembrada como referência pela comunidade, figurando nos cânticos principalmente como guia e fortalecedora do espírito familiar.

Há outros festejos que ocorrem na comunidade, como a Folia de Reis que acontece entre dezembro e janeiro, em que se rememoram a jornada dos três Reis Magos; a festa do João do Mato, que é interna, para festejar a colheita do milho, no

entanto, já não ocorre há alguns anos. O Candombe para abrir o Congado, o Batuque e festejos de aniversários, casamentos, batizados, que acontecem durante o ano todo, sempre muito alegres, são acompanhados de muita música e dança.

É desta maneira que os Arturos seguem os ensinamentos transmitidos entre as gerações, na tradição que fortalece e direciona o grupo familiar, enfrentando os desafios cotidianos de uma comunidade negra inserida no espaço urbano.

#### **1.4 A Situação dos Arturos hoje: uma análise da Comunidade dos Arturos à luz da Pnad 2009<sup>7</sup>**

Desde meados dos anos 2000 há um aumento de políticas voltadas a incorporação social e econômica das populações negras no Brasil<sup>8</sup>. Neste sentido é que consideramos importante averiguar os reflexos desse processo na Comunidade dos Arturos.

Elaboramos um questionário<sup>9</sup> e realizamos um censo, no qual se constatou a presença de 284 Arturos<sup>10</sup> vivendo na comunidade e no seu entorno, distribuídos em 72 domicílios, ou seja, em média 4 pessoas por domicílio – número este acima da média do Estado de Minas Gerais, que é de 3,2 pessoas por domicílio, a mesma do Brasil.

Para permitir uma análise mais ampla dos dados recolhidos durante o censo da Comunidade dos Arturos, utilizaremos os dados da PNAD 2009 relacionados à população negra no Brasil, no Estado de Minas Gerais, no Interior do Estado de Minas Gerais e na Região Metropolitana de Belo Horizonte<sup>11</sup>.

---

<sup>7</sup> Para conseguirmos entender mais sobre os Arturos, realizei um censo em maio de 2010, com o objetivo de mapear a comunidade e ter alguns dados para saber como a comunidade se encontra em relação aos salários, mercado de trabalho, escolaridade, entre outras questões.

<sup>8</sup> Criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial em âmbito federal, política de demarcação de terras quilombolas, aprovação por parte de Universidades federais de políticas de cotas para estudantes negros, etc.

<sup>9</sup> Anexo a esta tese.

<sup>10</sup> É importante ressaltar que faltaram no Censo algumas pessoas da família dos Arturos, por morarem fora da comunidade em um bairro distante e por participarem pouco das atividades da Comunidade, impossibilitando que eu pudesse incluí-las no censo.

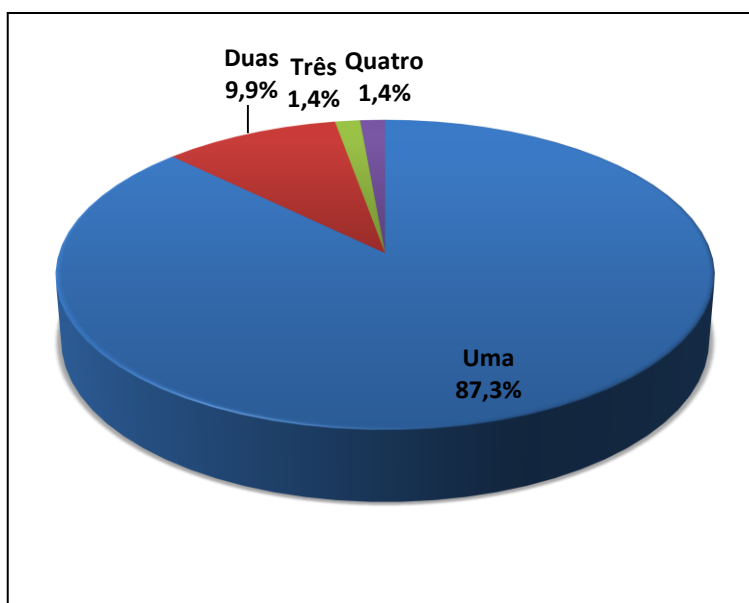
<sup>11</sup> A opção de utilização dos dados da PNAD foi por se tratar das informações mais recentes disponíveis no momento (2010).

### 1.4.1 A Comunidade dos Arturos - Dados Gerais

#### Famílias por domicílio

Apesar da maioria dos domicílios ser habitada por apenas uma família, existem alguns em que moram mais de uma. A média é de 1,17 famílias por domicílio. O número total de famílias na comunidade é 83. O maior número de famílias em uma mesma residência é quatro.

**Gráfico 2** - Número de famílias por domicílio



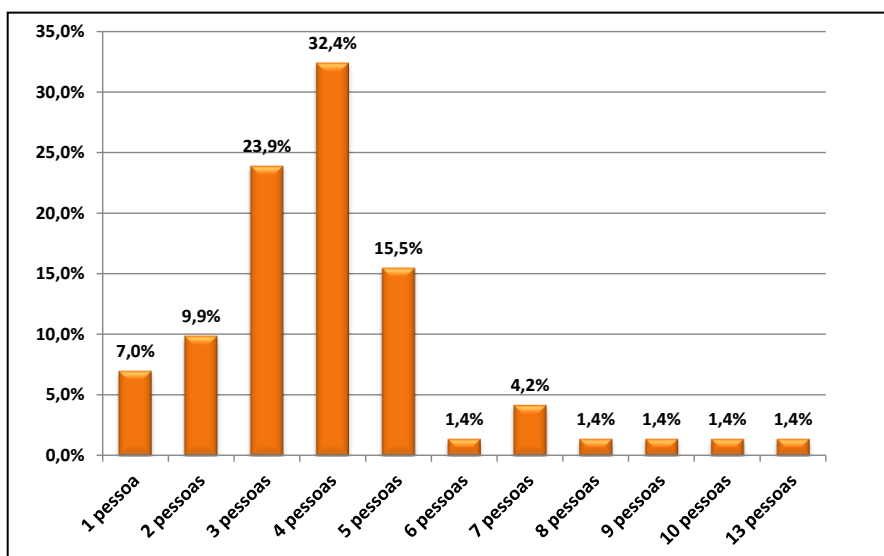
Fonte: Elaborado por Victor Callil

#### Pessoas por domicílio

Quando nos referimos ao número de moradores por domicílio, verificamos que a comunidade possui média de 4 pessoas por domicílio. O número total de pessoas da comunidade é de 284, e o número máximo de pessoas em um mesmo domicílio é 13.

Quanto ao número de pessoas que habitam na casa, quase a metade dos domicílios abriga entre 4 e 6 pessoas, com em média 2,5 filhos por família.

**Gráfico 3 – Número de pessoas por domicílio**

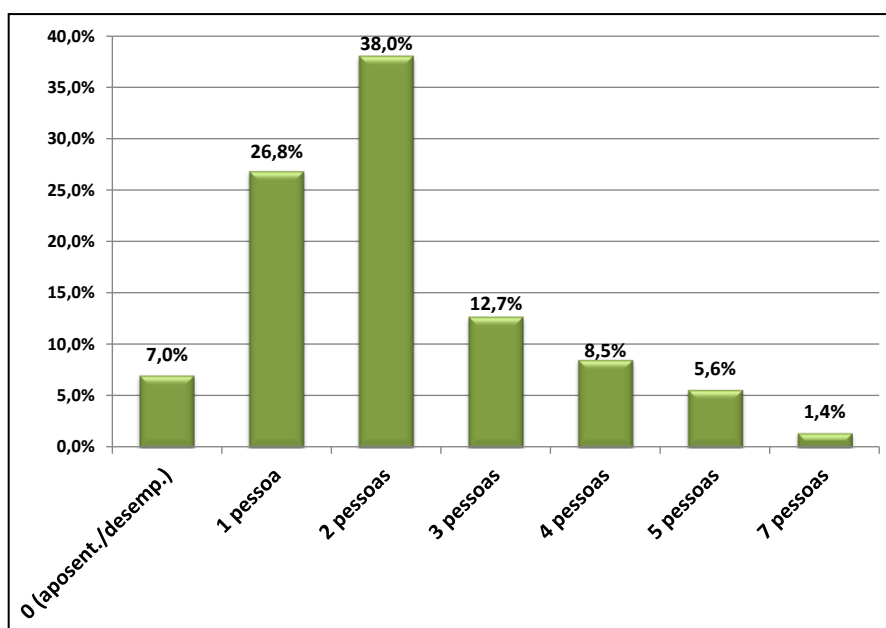


Fonte: Elaborado por Victor Callil

### População Economicamente Ativa

Levando-se em consideração o número de pessoas que trabalham no domicílio, podemos dizer que, na maior parte deles, o número de pessoas que trabalham varia entre uma (26,8%) e duas pessoas (38%).

**Gráfico 4 – Número de pessoas que trabalham por domicílio**

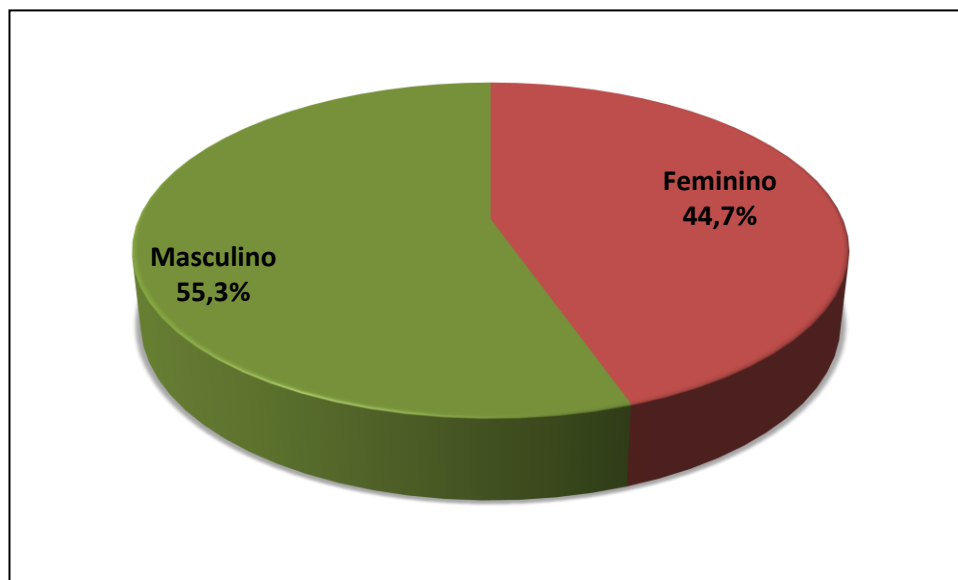


Fonte: Elaborado por Victor Callil

### **Sexo daqueles que provém renda**

Em relação ao responsável pela renda da casa, há equilíbrio entre os gêneros.

**Gráfico 5** – Responsável pela renda da casa

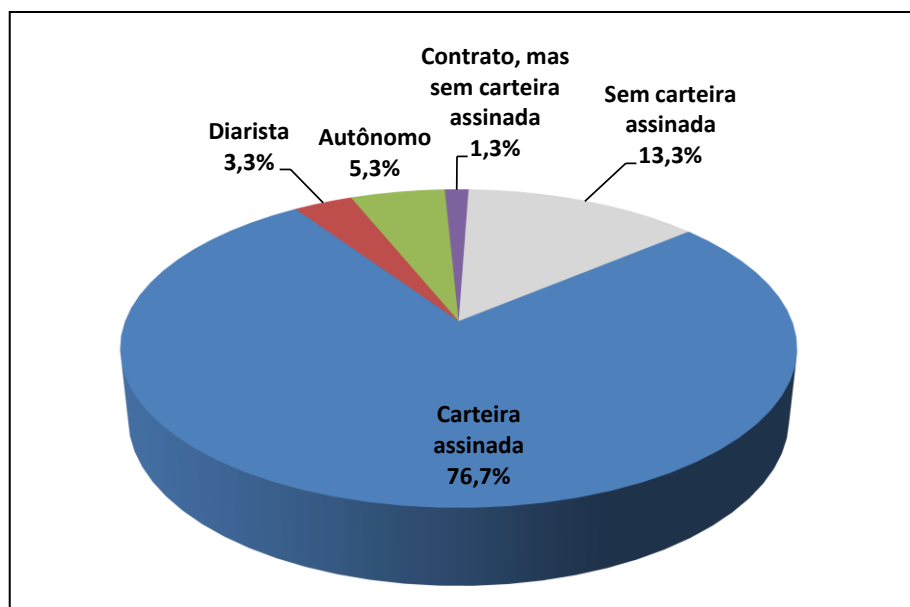


**Fonte:** Elaborado por Victor Callil

Durante o questionário, foi também perguntado quem sempre trabalhou no domicílio. Nesse caso, 70,4% dos sujeitos disseram que ambos, o homem e a mulher sempre trabalharam; 21,1% disseram que apenas o homem sempre trabalhou na casa; outros 7% disseram que a somente a mulher sempre trabalhou na casa; e 1,4% não respondeu esta questão.

De acordo com o gráfico 5, observa-se também na comunidade um altíssimo grau de formalização do trabalho.

**Gráfico 6 – Grau de formalização do trabalho**



**Fonte:** Elaborado por Victor Callil

Este é aparentemente é um dado positivo, mas é necessário ser levado em consideração a que tipo de ocupação nos referimos. Outra variável que nos atenta para as condições de vida da comunidade são os baixos salários recebidos. A média salarial daqueles que possuem renda, seja trabalhando, seja por aposentadoria, é de 1,3 salários mínimos.

**Tabela 1:** Renda média por trabalhador, família e domicílio

|   |     |
|---|-----|
| Renda média por trabalhador/ pessoa com renda | 1,3 |
| Renda média por família                       | 2,6 |
| Renda média por domicílio                     | 3,0 |

**Fonte:** Elaborado por Victor Callil

### **Renda**

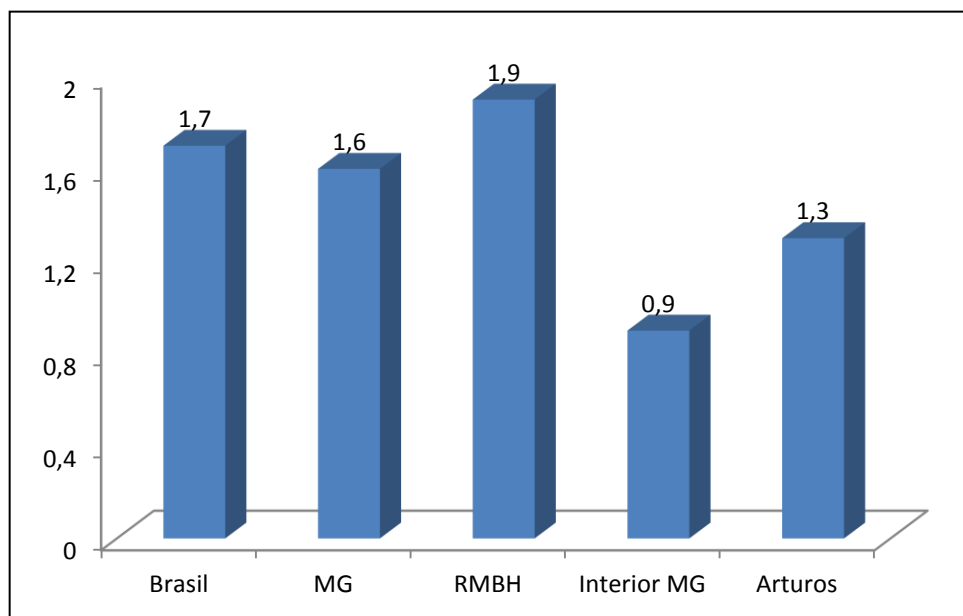
Moram na comunidade dos Arturos 284 pessoas, 156 trabalham. Ou seja, 55% estão empregadas, e têm remuneração média de 1,3 salários mínimos. A observação do gráfico 1 demonstra que em 2009 no Brasil, a remuneração dos negros<sup>12</sup>, era de 1,7 salários mínimos e, em Minas Gerais, 1,6 SM. Na RMBH<sup>13</sup> a

<sup>12</sup> Levando-se em consideração a Renda do Trabalho Principal

<sup>13</sup> Região Metropolitana de Belo Horizonte.

remuneração média dos negros fica em torno de 1,9 salários mínimos e, no interior do estado de Minas Gerais, 0,9 salários mínimos.

**Gráfico 7** – Remuneração média da população negra



**Fonte:** Elaborado por Victor Callil

Ao compararmos a renda média do trabalhador arturo com a PNAD 2009, constatamos que a remuneração salarial na comunidade é 23,5% menor que a média salarial dos negros no Brasil, e 18,8% menor que o salário dos negros em Minas Gerais, em 2009. Em relação à remuneração média da RMBH, a diferença é maior: 31,6%. Porém, em relação à remuneração média da população negra no interior do Estado de Minas Gerais, a remuneração dos Arturos é 44,4% superior.

A renda per capita, por habitante negro no Brasil é de 0,9 salário mínimo, no estado de Minas Gerais, 1 salário mínimo e, na RMBH, 1,3; enquanto, na comunidade, a renda per capita é de 0,7 salários mínimos por habitante.

**Tabela 2:** Comparativos remuneração média e renda per capita dos negros no Brasil

|             | Remuneração média em SM | Comparativo Arturos | RPC em SM | Comparativo Arturos |
|-------------|-------------------------|---------------------|-----------|---------------------|
| Brasil      | 1,7                     | -23,5%              | 0,9       | -22,2%              |
| MG          | 1,6                     | -18,8%              | 1         | -30,0%              |
| RMBH        | 1,9                     | -31,6%              | 1,3       | -46,2%              |
| Interior MG | 0,9                     | 44,4%               | 0,9       | -22,2%              |
| Arturos     | 1,3                     | -                   | 0,7       | -                   |

**Fonte:** Elaborado por Victor Callil

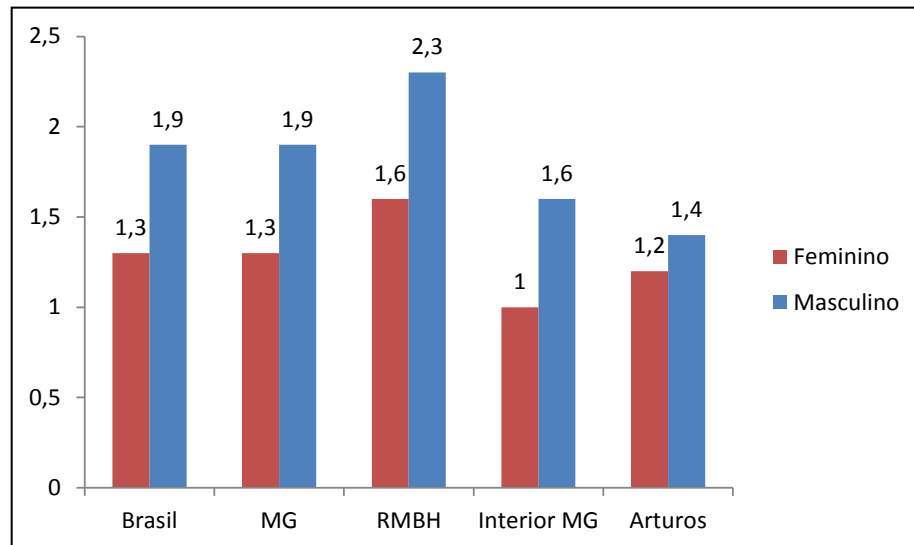
A remuneração média da comunidade é a segunda menor do quadro comparativo e a renda per capita, ou seja, a divisão dos salários pelo número de pessoas que vivem na comunidade é a menor do quadro comparativo. Ainda que levemos em consideração o fato de que as diferentes regiões tenham custos de vida diferenciados, a comparação entre a remuneração salarial dos Arturos e do conjunto da população negra no Brasil, em Minas Gerias, na RMBH, demonstra que a remuneração média nos Arturos está aquém da remuneração da maioria da população negra no Brasil.

A análise do gráfico 8, abaixo, nos permite algumas conclusões:

1. As mulheres negras têm remuneração menor do que os homens negros. Esse padrão também se verifica na Comunidade do Arturos; os homens (1,4 SM) ganham em média 14,3% a mais do que as mulheres (1,2 SM).
2. Quando levamos em consideração somente o sexo feminino, a análise da remuneração média demonstra que na comunidade dos Arturos (1,2 SM), as mulheres possuem uma renda inferior as outras unidades de comparação, exceto em relação às mulheres do interior de MG (1 SM).
3. A diferença entre a renda das mulheres Arturos (1,2 SM) e o conjunto das mulheres negras no Brasil, em Minas Gerais (1,3 SM), é de apenas 7,7%; em relação a RMBH (1,6 SM) as mulheres Arturos ganham menos 25%.
4. Em relação aos homens a diferença é maior: os homens Arturos (1,4 SM) ganham 26,3% a menos do que os homens negros no Brasil e em Minas Gerais (1,9 SM) e menos 39,1% do que os homens na RMBH (2,3 SM). A maior diferença entre a remuneração de homens Arturos em relação ao conjunto dos homens negros; do que a das mulheres Arturos em relação ao conjunto das mulheres negras; pode ser explicada devido ao fato de que, em

geral, as mulheres negras têm sua remuneração média muito próxima ao salário mínimo.

**Gráfico 8** – Média salarial da população negra por sexo



**Fonte:** Elaborado por Victor Callil

A análise dos gráficos sobre renda deixa claro que a população negra, ainda está na base da pirâmide salarial, uma vez que recebem em média menos do que 2 SM. Os Arturos estão em uma posição inferior ao conjunto dos negros recebendo em média 1,3 SM. Se levarmos em consideração apenas a remuneração da população negra da RMBH, 1,9 SM; a vulnerabilidade da comunidade dos Arturos, 1,3 SM; é ainda maior. Esses dados demonstram a dificuldade de incorporação econômica dos Arturos às atividades econômicas na RMBH, na qual têm em média remuneração 44,4% inferior ao conjunto da população negra.

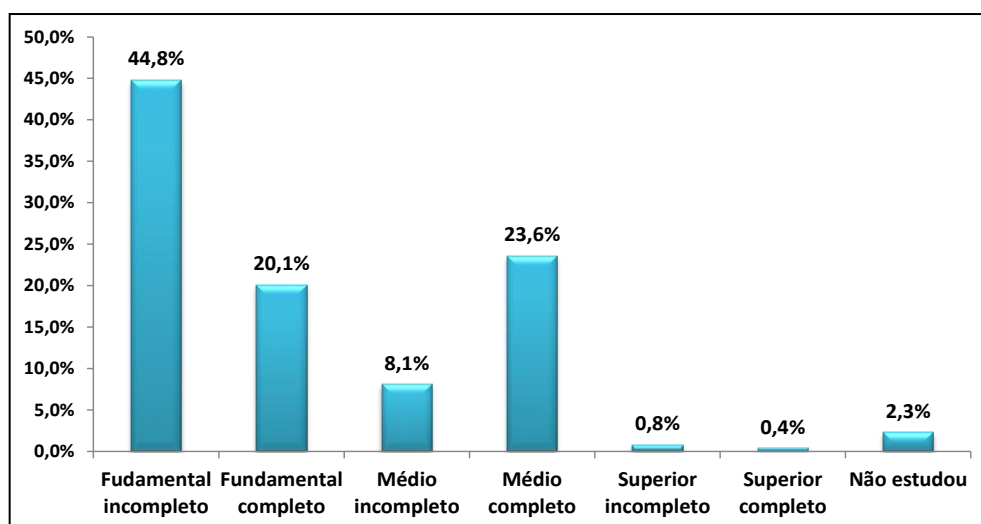
### **Escolaridade**

Os dados referentes à remuneração e ocupação, condizem com o grau de escolaridade apresentado nas respostas da comunidade. Apesar de a variável de escolaridade incluir pessoas que ainda estão estudando, os números apontam baixo grau de escolarização. Quase a metade daqueles que possuem estudo, têm o ensino fundamental incompleto. Apenas 23,6% dos indivíduos que informaram a escolaridade possuem ensino médio completo e 8,1% ensino médio incompleto.

Vale lembrar, entre esses últimos, bem como entre aqueles que possuem ensino fundamental incompleto, alguns ainda estão estudando.

De acordo com o gráfico 8, um fator que pode explicar a menor remuneração salarial dos arturos em relação à população negra geral é que 2,3% não estudaram; 44,8% não completaram o ensino fundamental e 20,1% concluíram o ensino fundamental. Em relação ao ensino fundamental, 8,1% não concluíram e 23,6% concluíram. Apenas uma pessoa tem ensino superior completo e duas outras ainda não haviam concluído quando da realização do censo. As três pessoas que cursaram ensino superior são mulheres.

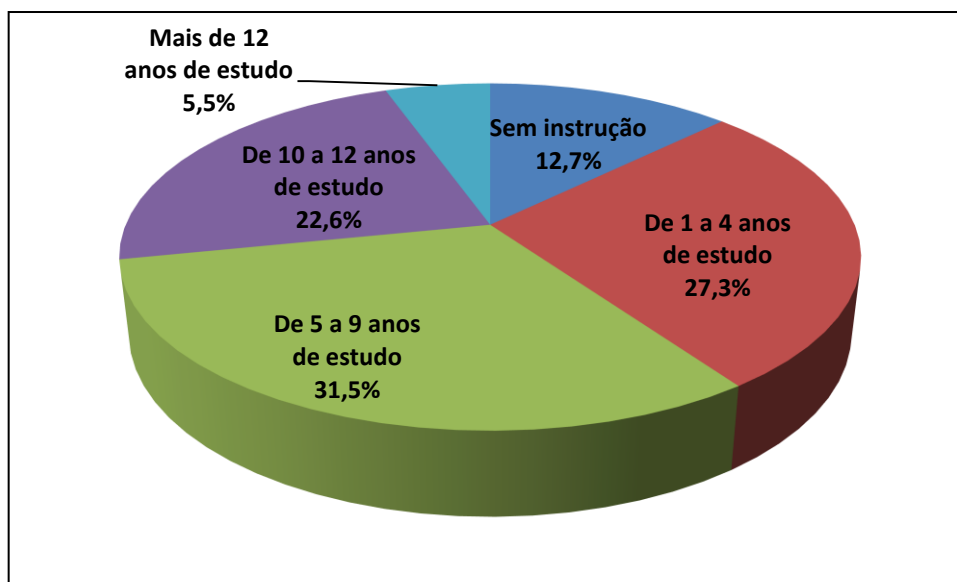
**Gráfico 9** – Média do grau de instrução na comunidade dos Arturos



**Fonte:** Elaborado por Victor Callil

O gráfico 10, abaixo, mostra os anos de estudo dos negros no Brasil. Se compararmos os dois, podemos ver que a comunidade dos Arturos possui um número de pessoas sem instrução menor que no Brasil. Por se tratarem de duas amostras formadas de maneira totalmente diferentes, fica difícil a comparação direta, mas podemos inferir algumas considerações a partir da observação dos dados.

**Gráfico 10** – Quantidade de anos de estudo dos negros no Brasil



**Fonte:** Elaborado por Victor Callil

A comunidade dos Arturos possui uma escolaridade relativamente maior em relação à dos negros no Brasil. É importante destacar, no entanto, que, enquanto no Brasil, cerca de 5,5% dos negros possuem 12 ou mais anos de estudo (indicativo de ensino superior), na comunidade dos Arturos, esse número pode chegar a 1,2%. Ou seja, a escolaridade média na comunidade é um pouco maior que no país, mas ainda é menor no que se refere ao acesso ao ensino superior.

O alto número de pessoas nas categorias “Fundamental Completo” e “Ensino Médio Completo” condiz com a faixa salarial da comunidade como um todo. As pessoas que possuíam ou estavam cursando ensino superior foram as que declararam possuir remuneração maior do que 2 salários mínimos.

Segundo a Pnad de 2009, os negros do estado de Minas Gerais com 5 a 9 anos de estudo possuem uma remuneração de 1,4 salários mínimos, ou seja, bastante próxima da remuneração observada na comunidade dos Arturos. Se olharmos, porém, os negros mineiros que possuem de 10 a 12 anos de estudo, ou seja, aqueles que, provavelmente, puderam fazer ou estão fazendo o ensino médio, verificamos que a renda média mensal deles é de 1,8 salários mínimos. Nesse caso, o salário apresentado é muito maior que o salário observado na comunidade. É importante dizer que, na comunidade, não temos a escolaridade do trabalhador, o que torna inviável uma comparação de faixas de salários mínimos por escolaridade.

## Ocupação

A ocupação dos trabalhadores da comunidade se comporta da seguinte forma:

**Tabela 3:** Posição funcional dos Arturos de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)

| <b>Categorias da CBO</b>   | <b>Nº trabalhadores</b> | <b>%</b>      |
|--|-------------------------|---------------|
| Técnico de nível médio   | 5                       | 3,1%          |
| Trabalhadores de serviços administrativos                              | 7                       | 4,3%          |
| Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados | 137                     | 85,1%         |
| Profissionais das ciências e das artes                                 | 3                       | 1,9%          |
| Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais               | 9                       | 5,6%          |
| <b>Total</b>   | <b>161</b>              | <b>100,0%</b> |

**Fonte:** Elaborado por Victor Callil

A principal categoria, responsável por empregar a maioria dos trabalhadores da comunidade dos Arturos, é a de serviços. Os trabalhadores Arturos dessa categoria têm remuneração média de 1,3 salários mínimos. Se observarmos os dados da Pnad, os negros, de MG, que se enquadram nessa categoria recebem cerca de 1,1 salários mínimos.

Se olharmos as ocupações de nível técnico e médio, no entanto, veremos uma grande defasagem dos trabalhadores da comunidade dos Arturos em relação aos trabalhadores do estado de MG como um todo. Os negros dessa categoria na comunidade possuem remuneração mensal média de 1 salário mínimo. Os negros dessa categoria, em MG como um todo, recebem 2,4 salários mínimos, ou seja, o salário do estado é 140% maior que o salário observado na comunidade nessa categoria de trabalhadores.

Já os trabalhadores do serviço administrativo recebem, na comunidade dos Arturos cerca de 1,4 salários mínimos. No estado de MG como um todo, os negros dessa categoria possuem remuneração de 1,7 salários mínimos. Essa diferença, no

entanto, pode se dar, principalmente devido à defasagem educacional da comunidade, haja vista que nessa categoria enquadram-se pessoas com ensino superior e, supostamente, com salários mais altos.

Os profissionais das ciências e das artes são apenas 3 na comunidade dos Arturos, e possuem uma remuneração média de 1,7 salários mínimos. No estado de MG como um todo, os negros dessa categoria, possuem uma remuneração de 7,3 salários mínimos. Nesse caso a diferença é grande.

Na última categoria, “trabalhadores da produção de bens e serviços industriais”, a comunidade apresenta uma remuneração média de 1,3 salários mínimos. Já no estado de MG como um todo, os negros dessa categoria possuem remuneração média de 1,6 salários mínimos.

O grande número de pessoas com ensino fundamental e médio faz com que, dentro dessas categorias da CBO, os trabalhadores arturos ocupem cargos baixos como caixa de loja/mercado, diarista, jardineiro, mecânico e etc. Abaixo, uma tabela comparativa de salários médios entre os trabalhadores da comunidade dos Arturos, Brasil e MG.

**Quadro 1** Comparação salarial de acordo com a CBO

| Categorias da CBO  | Arturos | RMBH | Interior de MG | Brasil | MG  |
|--|---------|------|----------------|--------|-----|
| Técnico de nível médio   | 1,0     | 2,7  | 2,2            | 2,4    | 2,4 |
| Trabalhadores de serviços administrativos                              | 1,4     | 1,9  | 1,6            | 1,8    | 1,7 |
| Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados | 1,3     | 1,2  | 1,0            | 1,1    | 1,0 |
| Profissionais das ciências e das artes                                 | 1,7     | 4,8  | 3,1            | 4,1    | 3,7 |
| Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais               | 1,3     | 1,8  | 1,5            | 1,6    | 1,6 |
| Total  | 1,3     | 2,0  | 1,4            | 1,7    | 1,6 |

**Fonte:** Elaborado por Victor Callil

Estes dados levantados a partir do censo não têm intenção estatística mas de estabelecermos comparações de situações. Confrontar os dados da Comunidade dos Arturos com os dados da população negra é uma maneira de refletir a partir de dados concretos as especificidades que as comunidades negras, os quilombos sejam urbanos ou rurais demandam para que haja mais políticas públicas diferenciadas para este segmento da sociedade e que possam contribuir efetivamente para a inclusão plena desse segmento na sociedade.

Como afirma Sidney Chalhoub (2006), as grandes dificuldades por que passam os afro-brasileiros, ainda nos dias atuais, não são vistas ou compreendidas

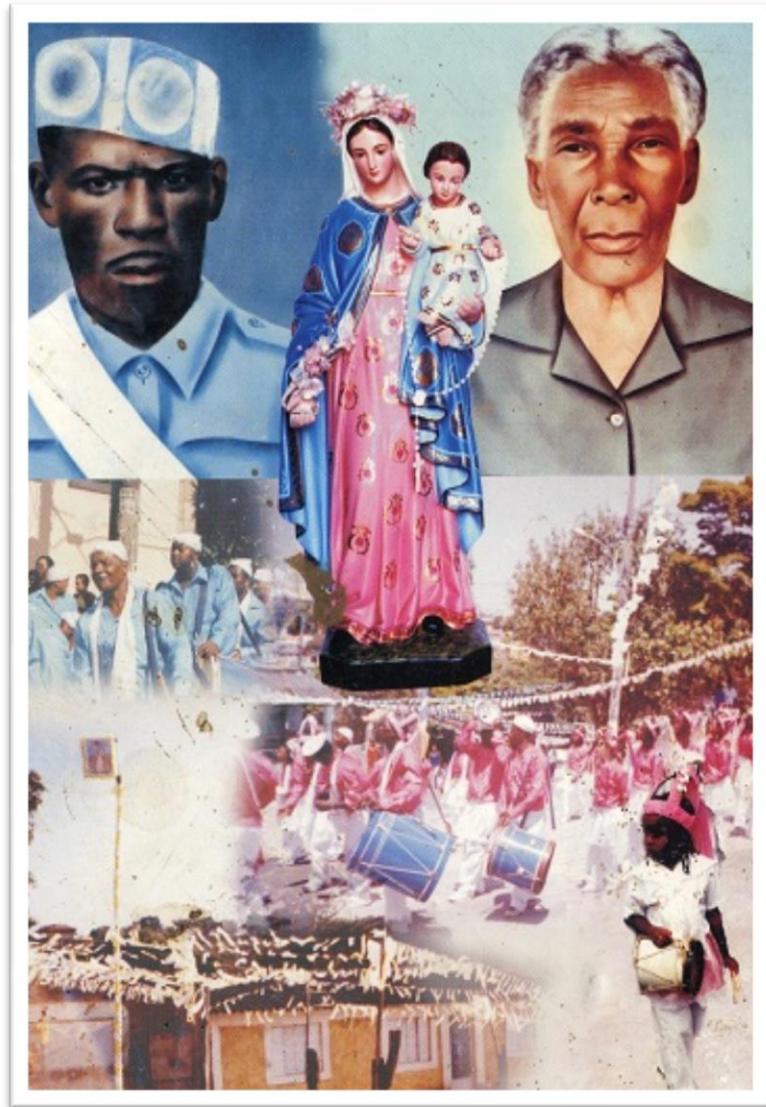
por boa parte da sociedade. Não se trata apenas de uma ‘questão de negros’ e sim de toda sociedade brasileira (Chalhoub, 2006, p.118).

Os dados mostram as desigualdades sociais e raciais em que os Arturos estão inseridos juntamente com grande parte da população negra brasileira, apresentando desigualdades salariais, baixa escolaridade, com o predomínio de profissões tidas como “subalternas”, além da posição das mulheres negras na faixa salarial mais baixa.

De acordo com Henrique Cunha Jr. (2007) há um problema histórico que afeta particularmente os afro-brasileiros. São problemas sociais específicos, não universais; possuem características históricas, culturais e geopolíticas.

Questões históricas arraigadas no processo de formação da sociedade brasileira no qual o racismo impera, reverberam segregações que necessitam tornar-se visíveis, ser refletidas no espaço acadêmico e também fora dele, para que sejam modificadas com políticas públicas e ações conjuntas que venham das próprias comunidades, dos quilombolas e da militância do povo negro, e que possam contar com o apoio das autoridades públicas. Todas estas mudanças perpassam o território, o espaço e a história dos quilombos.

Nesta perspectiva, percebemos a comunidade dos Arturos, que vem se modificando com a urbanidade em suas relações e formas de se organizar socialmente, lidando cada vez mais com problemas gerados a partir da passagem de um quilombo rural para o urbano. Os Arturos ancorados pela herança da tradição cultural seguem sua trajetória lutando por direitos e pela manutenção da comunidade, embora existam alguns conflitos, o laço que os une e os estrutura passa pelo território em comum herdado dos pais, pela memória dos que já viveram na comunidade e de suas lutas, pelo que enfrentam cotidianamente em suas vidas e pela família que se mantém unida.



## CAPÍTULO 2- Família Quilombola

## 2.1 Famílias Negras e algumas considerações

Claude Levi-Strauss (1976) em seu célebre estudo sobre a família, afirma que esta pode ser designada como um grupo social que tem sua origem no casamento e é formada por marido, esposa e os filhos nascidos desta união, embora possa incluir outros parentes dentro do grupo nuclear. Os membros da família estão unidos por laços legais, direitos e obrigações econômicas, religiosas e proibições sexuais, mais uma quantidade variável e diversificada de sentimentos psicológicos tais como amor, afeto, respeito, medo, etc. (Lévi- Strauss, 1976, p.17).

Há uma tendência em se considerar a família na civilização moderna baseando-se no matrimônio monogâmico, no estabelecimento de uma relação de união entre um homem, uma mulher, seus filhos e essas relações entre si como se este modelo familiar fosse universal. Levi Strauss demonstra em seus estudos sobre a família, no entanto, que as relações monogâmicas e nucleares prevalecem como maioria nas sociedades, mas adverte que há a presença da poligamia em algumas outras.

Esta concepção de família apontada por Lévi-Strauss foi resultado de uma trajetória nas perspectivas analíticas antropológicas, nas quais a compreensão dos povos e das instituições, a partir de determinantes pautadas no modelo de sociedade industrial e ocidental foi superada (Reis, 2011). Atualmente há uma ampliação destas perspectivas, com o objetivo de buscar a compreensão da família em cada realidade peculiar, realizando conexões sociais mais gerais. Para os estudos antropológicos a compreensão da família nos diversos núcleos sociais tornou-se cada vez mais relevante. Segundo Lévi-Strauss (1976), “a vida familiar, para a maioria dos antropólogos, está presente praticamente em todas as sociedades humanas, inclusive naquelas cujos costumes sexuais e educativos diferem em grande parte dos nossos (Lévi- Strauss, 1976, p.9)”. São raros os grupos em que não se verifique o estabelecimento de laços familiares.

Neste sentido, concordo com Levi-Strauss em relação aos diferentes modelos familiares existentes nas sociedades, o que nos permite pensar na constituição da família negra brasileira, que teve sua origem diferenciada dos modelos estabelecidos e aceitos socialmente.

Florestan Fernandes, em sua obra *A integração do negro na sociedade de classes* (1965), dedicou atenção especial à formação da família escrava, abordando o escravismo como um sistema econômico e um regime para acabar com a resistência subalterna. Para este autor, as duras condições da escravidão e, mais especificamente, o esforço dos senhores em “solapar e tolher todas as formas de união ou de solidariedade dos escravos”, não apenas tornaram os grupos de parentesco extremamente instáveis, mas também destruíram as normas familiares dos cativos, deixando-os sem regras para a conduta sexual e sem um imperativo cultural que incentivasse a formação de unidades familiares ancoradas no tempo. Segundo Florestan Fernandes, a destruição da família impôs aos escravizados “condições anômicas de existência”, ou seja, contrárias às regras monogâmicas legitimadas pela sociedade e que continuaram a existir muito além da abolição.

Roger Bastide (1960) fez análise semelhante à de Florestan Fernandes, com uma discussão do impacto da escravidão sobre dois aspectos centrais da cultura africana: a linhagem, como princípio organizador da família; e ligada a esta, a vida religiosa. O autor aborda a questão da linhagem que teria sido perdida ao longo do tempo entre os escravizados submetidos à migração involuntária da África para a América, em sua maioria escravizados do complexo etnolinguístico Bantu na região Sudeste brasileira. E na esfera religiosa “o culto aos antepassados” seria modificado tendendo ao desaparecimento ou à sobrevivência indireta.<sup>14</sup>

Outros estudiosos também seguiram na esteira de Florestan Fernandes e Roger Bastide, ligados à linha historiográfica, e não deram peso à resistência escravista, vendo o escravizado como passivo, subalterno aos senhores e sem voz, com pouca relevância na participação da luta pela abolição e em seus processos de libertação.<sup>15</sup>

Nos debates acadêmicos, estas idéias foram amplamente aceitas, vindo a ser questionadas somente a partir da década de 1970. Nos últimos 20 anos, um número cada vez maior de estudos, baseados principalmente em novas fontes demográficas e focalizados especialmente sobre o Sudeste do país, têm contestado diretamente a antiga visão da vida sexual e familiar do escravizado como

---

<sup>14</sup> Ver mais sobre este assunto em Bastide, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*, São Paulo, Pioneira/Edusp, 1971.

<sup>15</sup> Sobre este assunto ver: Slenes (1999, p.28-31), Reis (2011, p.41-56), entre outros.

pouco mais do que uma desordem cultural, ou (nas palavras de Bastide) uma “vasta promiscuidade primitiva” (Slenes, 1999, p.43).

Robert Slenes em seu livro *Na Senzala Uma Flor* (1999) é um dos estudiosos que demonstra em pesquisas realizadas na região de Campinas (São Paulo), dados que comprovam o alto índice de casamentos que apresentam laços de parentesco “simples” (entre cônjuges e entre pai/mãe e filhos) entre os escravizados (maioria mulheres). Este autor trabalha também com as memórias e recordações dessas famílias como estratégia de resistência e de recriação de suas próprias vidas, revelando assim dados qualitativos que sugerem que a constituição de famílias (inclusive extensas, incorporando pessoas não aparentadas) interessava aos escravizados como parte de uma estratégia de sobrevivência dentro do cativeiro (ibid, p.44).

É importante lembrar que as reflexões que surgiram a partir da década de 1970 no Brasil sobre a história familiar, sua constituição e seus desdobramentos foi estimulada por discussões elaboradas nos Estados Unidos, como é colocado por Robert Slenes (1999). Autores como, por exemplo, Franklin Frazier, Melville Herskovits, Moynihan, se colocam dialogando e confrontado muitas vezes com as teorias estabelecidas por Gilberto Freyre, Caio Prado, Arthur Ramos entre outros.<sup>16</sup>

Esses estudos norte-americanos, segundo Heloisa Teixeira (2004), trouxeram um novo olhar sobre a família escrava ao comprovarem que predominavam as uniões monogâmicas. Essas famílias nucleares e extensas formavam instituições ativas, ao contrário do que era compreendido pelas teses da historiografia tradicional, os escravizados eram regidos por normas estabelecidas pela própria comunidade negra. A autora afirma que: “os novos achados norte-americanos

---

<sup>16</sup> Para maior detalhamento desse tema, ver Slenes(1999, p.31-43) e Russel-Wood (1982, p.161, trad.livre) no livro *Escravos e Libertos no Brasil Colonial*, autor mostra que uma reavaliação dos aspectos da diáspora africana ocorrida nas últimas duas décadas ocorreu num período em que o interesse pela história familiar emergiu como um novo campo de investigações históricas nas preocupações individuais dos acadêmicos, com revistas especializadas e como uma ampla subdivisão do campo de investigações sobre a escravidão. Os interesses por padrões de comportamento e interações sociais por parte da econometria, investigadores de idéias e valores e antropólogos, encontraram na vida familiar um conjunto de dados apropriados para suas necessidades investigativas específicas. Essas tendências estão explícitas em *The black family in slavery and freedom* (A família negra na escravidão e na liberdade), 1750-1925 de Herbert G. Gutman (1976), que seguiu a trilha definida por *The slave community* (A comunidade escrava), de John Blassingame (1972), *Time on the cross* (Tempos de cruz), de Stanley Engerman (1974) e *Roll, Jordan; roll*, (Navegando pelo rio Jordão) de Eugene Genovese (1974). A contribuição de Gutman é de suma importância para a historiografia da América inglesa (especificamente para as 13 colônias, e após 1776, dos Estados Unidos propriamente ditos).

assinalaram, no Brasil, uma mudança de enfoque quanto à sociabilidade escrava, sendo atualmente inquestionável a existência da família escrava e sua comunidade”.

Heloísa Teixeira, em seu artigo: *Família e reprodução escravas em Mariana (1850-1888)* se apoia na concepção de família escrava utilizada pela demografia histórica da década de 1980, entendendo como família não apenas aquelas constituídas, mas também as constituídas por pais e mães solteiros ou viúvos (as) com seus filhos. Família seria o “casal (unido ou não perante a igreja), presentes ou não ambos os cônjuges, com seus filhos, caso houvesse; os solteiros (homens e mulheres) com filhos e os viúvos e viúvas com filhos. Em qualquer dos casos os filhos deveriam ser solteiros, sem prole e coabitar junto aos pais” (Costa, Slenes, Schwartz, 1987, p.257 apud Teixeira, 2004, p.511).

Há uma separação entre famílias nucleares e matrifocais. Há que se ressaltar que, muitas vezes, famílias de mães solteiras não passam de arranjos consensuais. Outras vezes, em função das condições da produção do documento, famílias matrifocais nada mais são que famílias nucleares e legítimas sem a descrição do chefe masculino. A autora cita ainda aquelas famílias extensas, que transcendem o núcleo primário, e compõem-se às vezes por mais de três gerações. Nesse caso, poderiam ser formadas tanto por famílias nucleares como por aquelas de mães solteiras (Teixeira, 2004, p.511).

Apoiando-se em dados estatísticos, Heloísa Teixeira mostra como a partir de 1870 houve um aumento da porcentagem de escravizados inseridos em famílias na cidade de Mariana, Minas Gerais. Dois fatores podem ser atribuídos: o fim do tráfico internacional, que possibilitou um maior equilíbrio sexual entre os cativos; e a maior possibilidade de conhecer essas famílias, por meio da instituição das listas de matrículas, que forneciam dados incompletos a respeito do escravizado – entre outros, o parentesco.

Em todo o artigo vão sendo colocados dados que comprovam a formação desses núcleos, havendo especificidades com relação ao número de filhos, suas diferenças de idades, famílias nucleares e matrifocais que eram em maior número, em grande parte devido à pouca regulamentação do casamento legal ou na paróquia. A autora enfatiza que este dado revela provavelmente um descaso em relação à legitimação das uniões ou a negligência da descrição da filiação paterna. A presença do pai deveria existir nos plantéis compostos por mãe e filho, embora se

tratasse de relações não legitimadas. Os dados revelam a reprodução natural dentro do âmbito familiar: mais de um terço da população vivia em grupos familiares neste período da metade do século XIX, encontrando muitas vezes três gerações vivendo no mesmo plantel (Teixeira, 2004).

No capítulo intitulado *Comunidade e Vida Familiar de Libertos* de Walter Fraga Filho (2006) são demonstradas as transformações que ocorreram no interior das comunidades rurais formadas por ex-escravizados nos últimos anos do século XIX e início do século XX. O autor pretende explorar as dimensões das experiências dos ex-escravizados, revelando como estas foram reflexos das vivências familiares engendradas ao longo da vida escrava. É ilustrativo o exemplo abaixo:

A partir das listas de escravos dos anos de 1871, 1883 e 1887, foi possível identificar 46 mulheres, acompanhadas de um ou mais filhos, residindo no Engenho de Pitinga. Com o auxílio de outras fontes documentais, soubemos que muitas delas conviviam maritalmente com escravos do próprio engenho. Como em outras grandes propriedades, esses casais gozavam de certa estabilidade, o que permitiu à maioria de seus membros permanecer junta por mais de duas gerações. Além dos grupos primários formados por pais e filhos, foi possível identificar a presença de avôs e avós, tios, tias e primos. Verificamos ainda que, entre casais, muitos eram parte de redes familiares extensas articuladas através do casamento e do compadrio. (Fraga Filho, 2006, p.285)

Estes dados, revelados por Walter Fraga, demonstram que havia laços familiares que se constituíam como possibilidades de busca de estabilidade por meio da formação da família e das relações que se ampliavam estreitando laços de amizade e solidariedade, fortalecendo o indivíduo dentro do próprio grupo. Faz-se importante neste sentido, mencionar mais um exemplo:

Com base nos registros das crianças nascidas entre 1888 e 1899, foi possível identificar 20 grupos familiares; oito são formados por esposos e esposas que viveram juntos a escravidão, no Engenho Pitinga. Em seis casais, verificamos que um dos cônjuges havia pertencido àquela propriedade. Seis ex-escravas aparentemente viviam sós, pois os filhos foram registrados sem o nome do pai. Esses laços de parentesco reforçaram a coesão da comunidade e demonstram que os libertos não emergiram da escravidão em estado de “anomia social”. (Fraga Filho, 2006, p.292)

A complexidade dessas relações formadoras da família negra, revela dinâmicas diferentes, diametralmente opostas à visão de acomodação,

“desregramento” e falta de elos de parentesco, que transcendem os laços de sangue e se estendem a outras configurações familiares.

A formação de famílias e núcleos de parentesco na época da escravidão encontrava certa resistência por parte dos senhores, mas ao mesmo tempo um incentivo, como uma maneira de afastar possibilidades de fugas e revoltas. Contudo, a família minava constantemente a hegemonia dos senhores, criando condições para a subversão e a rebelião, por mais que parecesse reforçar seu domínio na rotina cotidiana. De acordo com Robert Slenes (1999).

O que emerge é a família como centro de “um projeto de vida”. Essa família projeto, entretanto, não configura uma “brecha” camponesa, que permita uma pequena autonomia ao cativo, pelo contrário é um campo de batalha, um dos palcos principais que se trava a luta entre escravo e senhor e se define a própria estrutura e destino do escravismo (Slenes, 1999, p.49).

Esta visão da família se contrapõe à interpretação de alguns autores, como por exemplo, Manolo Florentino e José Roberto Góes (1997) que afirmaram que no ambiente da senzala, a constituição dos laços de parentesco aproximariam pessoas de diversos grupos étnicos, trazendo certa estabilidade para este grupo, diminuindo as possibilidades de reivindicação contra a casa-grande, contribuindo para manutenção e reprodução do escravismo. Para Robert Slenes (1999), embora houvesse uma integração maior nas senzalas a partir dos laços familiares, ainda assim se mantinha aceso o desejo de unir forças contra o sistema opressor. A família cativa contribuía para a formação de uma identidade nas senzalas, compartilhada por grande parte dos escravizados, sendo conscientemente antagônica à dos senhores (ibid., pp.49-51).

Os casamentos nas senzalas eram em sua maioria endogâmicos, não havendo casamentos entre escravizados de senhores diferentes. Entretanto, a exogamia e os casamentos fora do grupo também ocorriam, evidenciando um forte movimento em direção à formação de uma “comunidade”, para reforçar e ampliar laços de parentesco.

É necessário ressaltar que os casamentos foram considerados no modelo familiar monogâmico, na visão de Robert Slenes (1999), por estarem vinculados à religião católica. A influência do catolicismo era muito forte na região Sudeste, propiciando a manutenção de muitas famílias. Minas Gerais faz parte deste quadro,

no qual o catolicismo tem muita força, como pode ser constatado na própria manutenção e formação da família dos Arturos. Contudo, há vários tipos de família que surgem na escravidão e na pós-escravidão, sobretudo em outras regiões do país, que se constituíram de maneira diferente.

No Sudeste, a agricultura em maior escala se desenvolvia bastante e o número de escravizados masculinos aumentava na mesma proporção, condenando uma grande parte desses homens a casar-se tarde ou a nunca se casarem. Esta situação permitiu que a maioria das mulheres e uma minoria significativa de homens chegassem a constituir famílias com expectativa razoável de “estabilidade”. Em consequência, a maioria das crianças nas posses maiores passavam seus anos formativos com ambos os pais. Outro dado relevante é que era grande a proporção de crianças pequenas com ambos os pais nessas escravarias maiores, demonstrando que os proprietários dessas posses parecem ter seguido a política de não separar casais (unidos pela Igreja), nem pais casados e seus filhos pequenos, em contratos de venda e em partilha de herança.

Isto não significa a inexistência de pressões psicológicas e até de separações muito dolorosas entre irmãos. É importante ressaltar que este favorecimento na formação da família estável ocorreu especialmente na região Sudeste, diferente de outras regiões do país, como no Nordeste, que apresentava outras configurações, devido à crise na produção canavieira, o que modificou esse quadro de permanência da força de trabalho escrava. Outro fato relevante, segundo Robert Slenes (1999), é que mesmo dentro dessa “estabilidade”, havia constante instabilidade dentro do regime escravista, pois os escravizados não tinham qualquer garantia contra os “caprichos do senhor”; por outro lado, qualquer “proteção” que a lei costumeira pudesse oferecer aos casais, aos pais e às suas crianças pequenas, contra a possibilidade de separação por venda ou herança no período anterior a 1869, parece ter sido muito menos presente no caso de pais e crianças mais velhas (Slenes, 1999, pp109-111).

O fim do tráfico de africanos em 1850 provocou rearticulação do escravismo, que para continuar a existir, teria que investir na reprodução natural e\ou intensificar o tráfico interno. Tais alternativas também sofreram abalos quando da instituição de outras duas leis: uma que declarava proibida a separação das famílias escravas por

vendas, doações ou partilhas e outra que libertava o ventre das escravizadas<sup>17</sup>. Soma-se a essas a criação do Fundo de Emancipação para libertação dos escravos, que dava prioridade às famílias na ordem de classificação para alcançar o benefício (Teixeira, 2004).

Os casamentos e as formações familiares traziam para os senhores de um lado inseguranças por temerem que os casamentos reconhecidos pela Igreja católica resultassem em liberdade, ou certa imposição de dificuldades para a mobilidade e venda dos escravizados. Por outro lado, muitas vezes esses casamentos surgiam como forma de controle e de manutenção de certo grau de “estabilidade” e até mesmo de aumento da produtividade e do lucro com os filhos nascidos destas uniões.

Para os escravizados, o casamento representava um apoio emocional e psicológico que ajudava no enfrentamento das violências, punições e privações. Mas tudo isso só teria sentido se estes sentimentos internos reverberassem externamente em mudanças na própria vida. Como nos diz Robert Slenes:

O casar-se mesmo sem o ritual da igreja conferia acesso a um espaço construído próprio, seja um cubículo num barracão, pavilhão, seja um barraco separado. Era uma habitação que congregava bem menos gente, dividida com um parceiro de vida e não apenas de roça. Enfim, casar-se frequentemente implicava para o escravo ganhar mais espaço construído; mas, sobretudo, significava apoderar-se do controle desse espaço, junto com o cônjuge, para implementação de seus próprios projetos. (Slenes, 1999, p.159)

Neste contexto, o casamento possibilitaria aos escravizados certa autonomia em relação ao espaço em que viviam, garantindo maior privacidade, sendo também um espaço em que era possível reviver valores e rituais trazidos da sua terra de origem.

Contudo, aos olhos dos viajantes europeus e dos homens brancos, estas uniões não eram consideradas legítimas, por não serem sacramentadas pela Igreja em sua maioria, devido ao concubinato ser muitas vezes comum nas senzalas e pelos escravizados não seguirem as regras de vida íntima ditadas por estes homens. Tudo isso revela o racismo, a imagem deformada e preconceituosa de

---

<sup>17</sup> 1869- Lei de proteção às famílias escravas – senhores não poderiam separar mais as famílias escravizadas que foram constituídas em seu plantel, sem acompanhar a lei e algumas imposições.

como os negros eram vistos nesta sociedade, que não concebia outras formas de constituir famílias, e nem aceitava outros modos de ver o mundo e outras concepções culturais.

Entretanto, de acordo com Robert Slenes, muitas estratégias oriundas de suas heranças africanas foram desenvolvidas pelas famílias escravizadas, fazendo com que resistissem e recriassem suas realidades envoltas em dor, sofrimentos, e opressões, para realizar mudanças e se libertarem a seu modo, formando família, tendo sua roça uma vez por semana pra cultivar, adaptando-se às habitações das senzalas com as recordações que traziam de sua terra de origem, demonstrando uma identidade e cultura própria e resgatando seu passado para enfrentar o que viria pela frente (idem, p.208).

Dentro deste contexto emergem as famílias escravas, em constante embate com os senhores, na busca por maior autonomia; enquanto que os senhores desejavam cada vez mais o controle e a exploração do trabalho escravo visando o aumento de produção e lucro a qualquer custo. É importante perceber que as conquistas e formações familiares escravas, por mais cerceadas e controladas que fossem se mantinham resistindo e se recriando nas adversidades da escravidão. Neste sentido é fundamental pensar, no âmbito do presente trabalho, no papel das mulheres escravizadas dentro da casa dos senhores de engenho e nas relações que se desencadearam a partir dessas na formação da família negra.

### **2.1.1 Patriarcalismo, Mulheres Escravizadas e Matrifocalidade**

Na história brasileira é bem difundida a idéia de que a formação familiar tem raízes profundas no modelo familiar patriarcal predominante desde a época de Brasil colônia, em que a figura do senhor do engenho representava o patriarca: os proprietários das terras, dos homens e das mulheres, que estabeleciam suas casas como emblema de poderio feudal. Esta tese foi difundida por Gilberto Freyre na obra *Casa Grande e Senzala* (1933). Nas palavras do autor:

A unidade da família patriarcal mostrava-se o centro de toda organização nacional e representava a totalidade do sistema econômico, social e político no período colonial. O modelo valia para os engenhos de açúcar do

---

1871 – Lei do ventre livre – os filhos das escravizadas que nascessem a partir desta data seriam considerados livres – formação da categoria de ingênuos.

Nordeste, para exploração do ouro em Minas Gerais, para o gado no Rio Grande do Sul, para o extrativismo na Amazônia, etc., ou seja, regulava a totalidade da vida social da Colônia, de norte a sul do território brasileiro, independentemente de suas diferenças regionais. A casa-grande, completada pela senzala, representa todo sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o bangüê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo da família, com capelão subordinado ao *pater familias*, culto aos mortos, etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o “tigre”, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrio). Foi ainda banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos. (Freyre, 2006, p.36)

Segundo Gilberto Freyre, nesse modelo de organização, as mulheres estavam submetidas aos seus senhores, que possuíam um poder de dominação, oprimindo estas mulheres, marcando também relações de oposições e subordinações entre escravizados e senhores, mulheres e senhores, mulheres negras e senhores, e mulheres brancas e mulheres escravizadas (Freyre, 2006). Em *Sobrados e Mucambos* ([1936]2006) obra que deu continuidade a *Casa Grande e Senzala*, evidencia-se a decadência do patriarcalismo rural no final do século XVIII, com o desenvolvimento das cidades e a formação do Império. Novamente, nas palavras do autor:

A casa patriarcal perdeu, nas cidades e nos sítios, muitas de suas qualidades antigas: os senhores dos sobrados e os negros libertos, ou fugidos, moradores dos mucambos, foram se tornando extremos antagônicos, bem diversas as relações entre eles, das que haviam se desenvolvido, entre senhores das casas-grandes e negros da senzala, sob o longo patriarcado rural. Começava a aparecer o espaço da rua e o prestígio da rua que outrora não existia, pois tudo era feito na casa-grande. (Freyre, 2006, pp.30-32)

O espaço da rua modifica a paisagem, diminuindo a centralização patriarcal de outrora que se concentrava toda na casa grande. Contudo ainda se mantiveram resquícios do patriarcalismo, sobretudo em algumas regiões rurais. E o autor demonstra, nesta mesma obra, que as relações entre homens e mulheres nesse sistema, eram fortemente marcadas pela diferenciação entre os sexos, dando aos homens brancos um padrão duplo de moralidade, atribuindo a esses toda liberdade do gozo físico do amor e limitando as mulheres a terem relações sexuais toda vez

que os homens quisessem procriar, atrelando a relação sexual a uma obrigação para mulher vinculada somente a procriar, parir e cuidar dos filhos.

Este sistema patriarcal marcou profundamente a formação da sociedade brasileira, tendo influência tanto dentro da própria elite dominante da época escravocrata, como também entre os escravizados. O patriarcalismo, segundo Klaas Woortmann (1987) constituía um modelo de violência intrínseca e de extrema concentração de poder, que se manifestavam não apenas em relação ao escravizado, mas também a todos que ousassem desafiar a autoridade do patriarca, incluindo até mesmo os membros de suas próprias famílias.

Para as mulheres escravizadas, a lógica da sociedade patriarcal e escravista era de apropriação do corpo da escravizada pelos senhores e seus filhos, como se esses tivessem direito de explorá-las sexualmente e estuprá-las. Essas mulheres, produto e produtoras de cultura, tornavam-se “objetos” aos olhos do senhor. Dentro deste sistema havia a legitimação da dominação do homem sobre a mulher, fundada na lógica da escravizada e da propriedade privada, em que os senhores e seus filhos tinham liberdade para agir como desejassem, extrapolando quaisquer valores morais e religiosos. Diferentemente da lógica no interior da família branca, em que a sexualidade estava a serviço da procriação e da reprodução como foi mencionado acima (Giacomini, 1988).

Para além da exploração sexual, as escravizadas também eram manipuladas aos interesses do senhor, sendo incentivadas a procriar para fornecer mão de obra escrava para os senhores, e a evitar o aborto e infanticídio. É evidente esses atos escondiam intenções relacionadas ao cessar do comércio de escravatura africana.

Outra questão presente e paradoxal era que, por um lado, havia o incentivo da procriação, para se dispor de mão de obra quando o tráfico acabasse, mas ao mesmo tempo, algumas mulheres escravizadas eram obrigadas a procriar para amamentar os filhos da senhá (mulheres brancas) deixando os seus filhos sem leite e muitas vezes acarretando na morte desses. Sua maternidade lhe era negada, uma vez que elas procriavam mas amamentavam os filhos das mulheres brancas, sendo amas-de-leite, não podendo amamentar seus próprios filhos. De acordo com Sônia Giacomini (1988):

Numa sociedade cuja ideologia dominante atribui à maternidade o papel de função social básica da mulher, a escrava transformada em

ama-de-leite conhece, na negação de sua maternidade, a negação de sua condição de mulher. Por paradoxal que pareça, é sua fisiologia feminina – capacidade de lactação – que se contrapõe à realização de sua potencialidade materna. (Giacomini, 1988, p.58)

As amas-de-leite sofriam também com a sifilização, que não teve sua origem apenas nas crianças brancas, mas também pela apropriação de seu corpo pelo homem branco como objeto sexual, como foi mencionado acima, gerando uma situação de estupro institucionalizado. Neste processo, incluíam-se as amas-de-leite, ou amas, mucamas, cozinheiras e todas as escravizadas em geral.

Contudo, em meio a todo este processo, algumas mulheres conseguiam fugir, levando seus filhos no ventre ou pequeninos. Isabel Reis no seu artigo intitulado: *“Uma negra que fugiu, e consta que já tem dois filhos”* (1999) nos revela muitos casos de fuga como: Luiza que fugiu levando seu filho de um ano de idade e mais um no ventre com sua irmã Maria. Anna, também escravizada, uma crioula jovem, com apenas 16 anos de idade fugiu “pejada em véspera de parir”. Outro caso foi de:

Um menininho “fulo, embigudo e de pernas arqueadas”, com apenas 10 meses de idade estava sendo procurado, ele e sua mãe. Tão novinho e já freqüentando o rol dos fujões. Sua mãe, a negra “fula” Maria, aparece descrita como tendo “no meio dos peitos umas costuras de ferimentos que recebeu, outras no meio da cabeça, e outra no meio das costas”. Essa Maria é mais uma negra fujona, que não abriu mão de sua maternidade, empreendendo a fuga com um filho, o que certamente dificultaria sua mobilidade e facilitaria sua identificação por ávidos caçadores de recompensa. (Reis, 2000, p.34)

Podem ser enumerados diversos outros casos de mulheres escravizadas que praticavam fugas levando seus filhos. Foram mulheres que não se conformaram com sua condição servil e se rebelaram contra esse sistema, empreendendo suas fugas com todos os riscos que dessas pudessem advir. Estes atos de fuga demonstram a resistência negra feminina e a tentativa de preservar e proteger seus filhos das atrocidades da escravidão. Nesses processos de fuga, construíam-se laços de solidariedade e até mesmo familiares no momento em que eram encontrados parentes alforriados ou também fugidos.

É possível perceber dentro deste contexto, que as mães escravizadas mobilizavam a tentativa de constituir suas próprias famílias e de viver livre das opressões impostas pelo sistema escravista, prevalecendo assim a tendência à

matrifocalidade na formação das famílias escravizadas. A centralidade no reconhecimento da mãe escravizada e do filho eram determinantes para as relações familiares, nas quais o homem negro escravizado, o pai, aparecia como “genitor”, mas não como *pater*, tal como definido pelos termos do modelo ideológico patriarcal dominante. Sendo assim, tornava-se difícil encontrar uma família escrava integrada, composta por pai, mãe e filhos. Embora existisse a lei de 1869 que vedava a venda separada de membros de uma mesma família, a preocupação maior se concentrava sobre a separação dos filhos de suas mães e menos em relação aos pais ou à separação dos cônjuges. Mais uma evidência também é revelada pelo padrão de nomeação: as crianças escravizadas eram nomeadas a partir da mãe e não a partir do pai. Algumas vezes, ao nome da mãe era acrescentado o do senhor.

Segundo Klass Woortmann (1987), um aspecto importante da escravidão era que o pai escravizado era irresponsável, *de facto* e *de jure*, desprovido assim de qualquer autoridade reconhecida. O escravizado podia ter tido uma família, mas não tinha o direito indiscutível a ela, pois não possuía direitos sobre si mesmo.

Dentro deste sistema, o escravizado pai masculino não tinha o poder de decidir, nem de proteger suas famílias, governar suas vidas, não podendo tornar-se um homem em sentido pleno, tal como definido pela ideologia patriarcalista. Como poderiam esses homens constantemente desumanizados, assim como suas mulheres escravizadas, exercer seu poder de marido e pai interferindo de alguma forma na venda de seus filhos e esposas? A masculinidade era central neste sistema cultural dominante, sendo confrontada com o status de homem e ser humano, ambos simbolicamente imbricados. Segundo Rute Reis era pouco provável que o sistema escravista estimulasse padrões familiares organizados em torno da autoridade paterna. Dessa maneira foi se consolidando a ausência da tradição familiar paterna, que não chegava a ser plenamente afirmada, dadas as condições que se seguiram à abolição (Reis, 2011).

Outro fator a ser colocado é que era possível aos escravizados viverem em “famílias nucleares”. No entanto, essa “família nuclear” podia também significar uma agressão aos padrões de parentesco africanos, uma vez que para os africanos, esta formação nuclear poderia ter outro significado ideológico e outras interpretações, diversas do olhar etnocêntrico do colonizador.

Para algumas análises historiográficas, segundo Rute Reis (2011), a existência das famílias nucleares, ocorreu porque seus senhores permitiram e não porque o escravizado dispusesse de algum direito inegável à vida familiar. Também é possível que fosse uma forma de transferir para o próprio escravizado enquanto pessoa e enquanto força de trabalho os custos de sua reprodução, obrigando-os a dupla jornada de trabalho. Destaca-se que o marido pai, separado de sua esposa e filhos, era considerado como uma unidade, ainda que apenas do ponto de vista comercial.

Houve um florescimento da matrifocalidade, de acordo com Teresinha Bernardo (2003), impulsionado pela Lei do Ventre Livre de 1871, que acentuou uma forma alternativa de família, com origens na diáspora e em seus desdobramentos durante a escravidão e no pós-abolição. Cunhou-se também o termo “família” para designar a relação dos até então definidos como filhos de escravizadas e mãe escravizada. Na condição do cativo então, a família negra é consolidada na figura da mãe e do filho, ganhando outras expressões ao longo do tempo na matrifocalidade.

Outro indício importante a respeito da matrifocalidade é apresentado por Russel-Wood (1982), que identifica o que define como pressões sócio-sexuais impetradas pelos senhores contra a família cativa integrada, composta de pai, mãe e filhos, intensificando o papel da mãe e contribuindo para a tendência das famílias escravizadas serem matrifocais. Às mulheres negras casadas eram negados os estatutos que contemplavam as mulheres brancas, pois na dimensão comercial dos processos típicos do escravismo, o fato de serem casadas ou não, não tinha peso nas decisões tomadas. A condição de casada, abençoada ou não pela Igreja, não dava à escravizada os privilégios e o reconhecimento do novo estado civil. Ou seja, as famílias eram vendidas separadamente, mas geralmente os filhos ficavam com as mães.

Ainda segundo esse autor, este processo de pressão resultava em ausência de proteção e implicava na incidência de adultérios ou concubinatos, praticados pelos donos brancos e mais frequentes em lares encabeçados por mulheres. Russel-Wood apontou que as mulheres escravizadas com estas relações de concubinação e adultério poderiam beneficiar-se da alforria, com seus filhos, além de usufruir das vantagens de “embranquecerem” (ibid, p180).

A família matrifocal constituía mais a norma do que a exceção. Era comum que as mulheres negras e mulatas encabeçassem lares nos quais não havia homem, devido ao abandono ou à morte. A incidência da matrifocalidade passa a ser determinada pelas condições sociais, econômicas e demográficas predominantes. É nessa perspectiva analítica que Russel-Wood percebe a matrifocalidade relacionada aos problemas oriundos do cativo e de todo sistema escravista, diferentemente de Robert Slenes (1999) para quem este processo está mais atrelado a uma reelaboração das sociedades africanas com relação a suas casas e a suas memórias em terras do outro lado do Atlântico.

Para Teresinha Bernardo (2003) a matrifocalidade parece fazer parte dos fluxos e das trocas constituídas na diáspora como foi dito anteriormente. O universo das mulheres negras livres era maior do que o de homens livres durante o século XVIII, e essas possuíam mais autonomia, já conquistada desde a África, onde as mulheres foram as principais responsáveis pela rede de mercados que interligavam todo território iorubá e possuíam renome de excelentes comerciantes, qualidade também atribuída às mulheres bantas. Esse comércio foi recriado no Brasil, sendo estas mulheres as grandes responsáveis por venderem gêneros alimentícios de primeira necessidade, desempenhando as funções de ganhadeiras, quitandeiras, e muitas vezes conseguindo comprar suas próprias alforrias. Neste sentido, as mulheres negras tiveram muito mais oportunidades para entrarem no mercado livre que se formava, uma vez que não eram tão necessárias à produção na qual se baseava o sistema escravocrata, ao contrário de seus parceiros.

Outro dado interessante revelado pelas pesquisas de Teresinha Bernardo (2003) é que a matrifocalidade das mulheres negras é vivenciada de maneira diferente das mulheres brancas, sendo encarada não como sofrida e pesada, mas ao contrário algo que traz autonomia e satisfação.<sup>18</sup>

Russel-Wood (1982) também traz questões relevantes sobre a participação das mulheres negras escravizadas na sociedade escravocrata da época, ressaltando o quanto a participação dessas na vida familiar era ativa. Essas mulheres agiam de acordo com suas crenças, independente da demanda de seus proprietários em relação à contracepção e ao aborto. A negação da maternidade no

---

<sup>18</sup> Um maior aprofundamento sobre este tema pode ser encontrado nos trabalhos de Bernardo(2003), Woortmann(1987), Reis (2011), que extensamente se debruçaram sobre a temática da matrifocalidade e realizam interessantes análises.

cativeiro vinha como negação da reprodução do sofrimento. Segundo este autor, os escravizados tomavam medidas conscientes para impedir que os donos aumentassem suas posses pela reprodução do cativeiro, e o aborto fazia parte dessa medida consciente para impedir que os filhos tivessem uma vida de servidão que beneficiasse financeiramente o proprietário.

Outro modo de exercer esta autonomia consciente, para este autor, vinha por parte dos homens cativos na escolha dos nomes que diferiam dos seus donos, numa tentativa de manter os laços com sua família de origem, reafirmando uma identidade familiar independente da família de seu senhor. Na análise de Russel-Wood:

Os laços de parentesco familiares ou consanguíneos, dentro de uma mesma geração ou entre gerações, reais ou fictícias, mostraram-se sólidos e resistentes. Foram reforçados pelas práticas de nomeação que estabeleciam laços de sangue entre diferentes gerações consanguíneas, além de reforçar os laços com comunidades mais amplas de parentesco (Russel-Wood, 1982, p.162, tradução livre).

Este autor se contrapõe à tese amplamente aceita de que os negros adotavam normalmente o mesmo sobrenome da família de seus senhores brancos. Na minha interpretação, os dados históricos e de pesquisas comprovam que a população negra escravizada brasileira foi obrigada a adotar os nomes das famílias de seus senhores, sem a possibilidade de escolha, chegando a gerar certa ameaça e preocupação às famílias dos senhores, caso os escravizados resolvessem reivindicar seus direitos à herança e filiação, por levarem o sobrenome de seus “proprietários”<sup>19</sup>. Em minha opinião, Russel-Wood (1982) enfatiza a existência por parte dos escravizados da tentativa de se diferenciar da família dos senhores, estabelecendo sua própria identidade, talvez não externamente como sugere o autor, mas internamente, entre o próprio grupo familiar, para se descolar da visão de que tudo atrelava-se somente ao espelho da casa-grande, e que os escravizados não tinham um olhar próprio sobre seu núcleo familiar. Penso ser importante destacar que com todas as influências e opressões vividas pela população negra escravizada, houve resistências formadas e reproduzidas culturalmente no seio das próprias famílias negras.

---

<sup>19</sup> Sobre este assunto ver em Bernardo, Teresinha. *Memória em Branco e Negro: Olhares sobre São Paulo*, EDUC:Editora UNESP, 2007, p.126-131.

Para tanto, há dados e pesquisas como as apresentadas nesse capítulo e atribuídas a determinados autores, como Robert Slenes, Russel-Wood, entre outros, que demonstraram existir núcleos familiares de escravizados, constituídos de pai, mãe e filhos, casamentos entre escravizados, assim como, “rearranjos” familiares com núcleos matrifocais, com mães e filhos diferindo dos modelos familiares estabelecidos pela sociedade escravocrata.

De acordo com Robert Slenes:

A “família” é importante para transmissão e reinterpretação da cultura e da experiência entre as gerações. O grupo subalterno que tem instituições familiares arraigadas no tempo e redes de parentesco real e fictício não está desprovido de “formas de união e de solidariedade”, muito menos de uma memória histórica própria; portanto, suas interpretações da experiência imediata nunca serão idênticas às do grupo dominante, nem poderão ser previstas a partir de um raciocínio funcionalista. (...) Havia uma autonomia bastante cerceada entre as famílias escravas cerceando a possibilidade de rebelião devido à formação de famílias, o que não quer dizer que estes grupos não tenham encontrado outras formas de contestar. (Slenes, 1999, pp.114-115)

Neste sentido é fundamental ressaltar que a despeito de todas as pressões encontradas no Novo Mundo, diferentes formas de resistência e sobrevivência foram encontradas e praticadas pelos escravizados.

A força do sistema de parentesco coloca em dúvida a fragmentação da família negra no processo de escravidão. Havia uma rede de ajuda e solidariedade mútua entre os escravizados e negros livres no período colonial, a partir do que foi possível estabelecer paralelos entre as famílias negras nas Américas. Nas palavras de Russel-Wood:

Na América colonial portuguesa e espanhola, para pessoas de descendência africana, a família era uma força protetora não apenas contra a exploração de brancos e senhores, mas também contra o julgo do Estado. Ela oferecia uma alternativa – seja um recanto de lealdade, um local para se dar ênfase ao altruísmo, e não ao materialismo, a afirmação de valores humanos ao invés de ganho material, ou onde fosse possível se afirmar o permanente sobre o transitório. Tais coincidências apenas confirmam que os afro-descendentes em vários locais das Américas conceberam estratégias, algumas das quais podem ter se originado na África ou tido precedentes africanos, enquanto outras foram concebidas no Novo Mundo (Russel-Wood, 1982, p.197, tradução livre).

Nesta perspectiva, será pensada aqui a formação da família dos Arturos, seu desenvolvimento ao longo do tempo, relacionando o passado e o presente e a importância que a família exerce sobre esta comunidade negra.

## **2.2 A Família dos Arturos**

Pensar na comunidade dos Arturos é pensar numa grande família que possui muitos descendentes que carregam um nome ancestral comum.

A formação familiar dos Arturos, revela laços familiares que se constituem diferentemente do modelo universal, baseado na família nuclear. Embora, a comunidade tenha se originado dentro de uma relação nuclear, entre pai, mãe e seus filhos, outras relações constituíram-se com o desenvolver do grupo familiar, ampliando, estendendo e transformando o núcleo familiar. Na periferia das grandes cidades, verifica-se também este tipo de formação familiar negra, extensa, e que agrega constantemente novas pessoas, como forma de resistência e manutenção do grupo.

Os Arturos são todos descendentes de Camilo Silvério, pai de Arthur Camilo. De acordo com informações esparsas e incertas, Camilo Silvério teria chegado a Minas Gerais como escravizado, ao que tudo indica no terceiro quartel do século XIX. Casou-se com Felisbina Rita Cândida, sobre a qual não há qualquer informação disponível, nem ao menos se já era livre à época do casamento. No entanto, Felisbina Rita Cândida participa da memória afetiva cultivada pelos Arturos, incluindo-se entre os antepassados que umedeceram a raiz que deu origem à Comunidade (Gomes & Pereira, 2000, p.162). Desta união nasceram alguns filhos, dos quais Arthur Camilo é de quem mais conseguimos reunir informações<sup>20</sup>, esse viria posteriormente a formar seu próprio agrupamento familiar: a Comunidade dos Arturos.

A Comunidade dos Arturos iniciou-se a partir do casamento de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva, que se deu, segundo os registros, no dia 29 de dezembro de 1917. Nasceram desta união onze filhos, são eles: Geraldo Arthur Camilo, Maria Gelsa da Silva, Conceição Natalícia da Silva (Tetane), Juventina

---

<sup>20</sup> A não disponibilidade de informações sobre Arthur está ligada à memória de seus filhos sobre o pai. Pois, são os seus relatos que construíram a explicação de como eles próprios interpretam o patriarca.

Paula de Lima(Intina), Maria do Rosário da Silva (Induca), José Acácio da Silva( Zé Arthur), Izaíra Maria da Silva (Tita), Antônio Maria da Silva, Mário Braz da Luz, João Batista da Silva e Joaquim Bonifácio da Silva (Bil). Destes, estão vivos apenas quatro filhos: as duas filhas Conceição Natalícia e Maria do Rosário e Mario Brás da Luz e Antônio Maria da Silva.

Os chamados Arturos de primeira linha são<sup>21</sup>:

**Geraldo Arthur Camilo** – Capitão Mor da Comunidade , Rei Congo de Contagem e do Estado de Minas Gerais. Faleceu em 2004 com 92 anos. Teve vinte e um filhos.

**Maria Gelsa da Silva** – faleceu na adolescência.

**Conceição Natalícia da Silva (Tetane)** – Rainha do Império, Irmã mais velha. Está com 93 anos. Teve oito filhos.

**Juventina de Paula Lima (Intina)** – Rainha Conga da Comunidade e de Contagem. Benzedeira muito requisitada na região. Faleceu em 2005, aos 87 anos. Teve cinco filhos.

**Maria do Rosário da Silva (Induca)** – Rainha Perpétua. Está com 87 anos. Em 2009 amputou uma perna devido à má circulação. Encontra-se com a saúde bem fragilizada, estando numa cama sem falar e andar. É solteira e ficou como uma das matriarcas no lugar dos pais quando faleceram.

**José Acácio da Silva (Zé Arthur)** – Guarda Bandeira do Congo. Faleceu em 1990, aos 64 anos, durante um assalto dentro da Comunidade. Teve oito filhos.

**Mário Brás da Luz** – Comandante do Congo, Capitão Mor e Patriarca da Comunidade. É também um benzedor muito procurado. Está com 81 anos. Teve cinco filhos.

**Antônio Maria da Silva** – Capitão Regente. Está com 76 anos. Teve oito filhos.

**Izaíra Maria da Silva (Tita)** – Rainha do Treze de Maio. Faleceu em 2007 com 80 anos. Solteira, ficou como uma das matriarcas ao lado de sua irmã Maria do Rosário, no lugar dos pais quando faleceram.

**João Batista da Silva** – Faleceu em 1989, e sobre ele há poucas informações. Teve dois filhos.

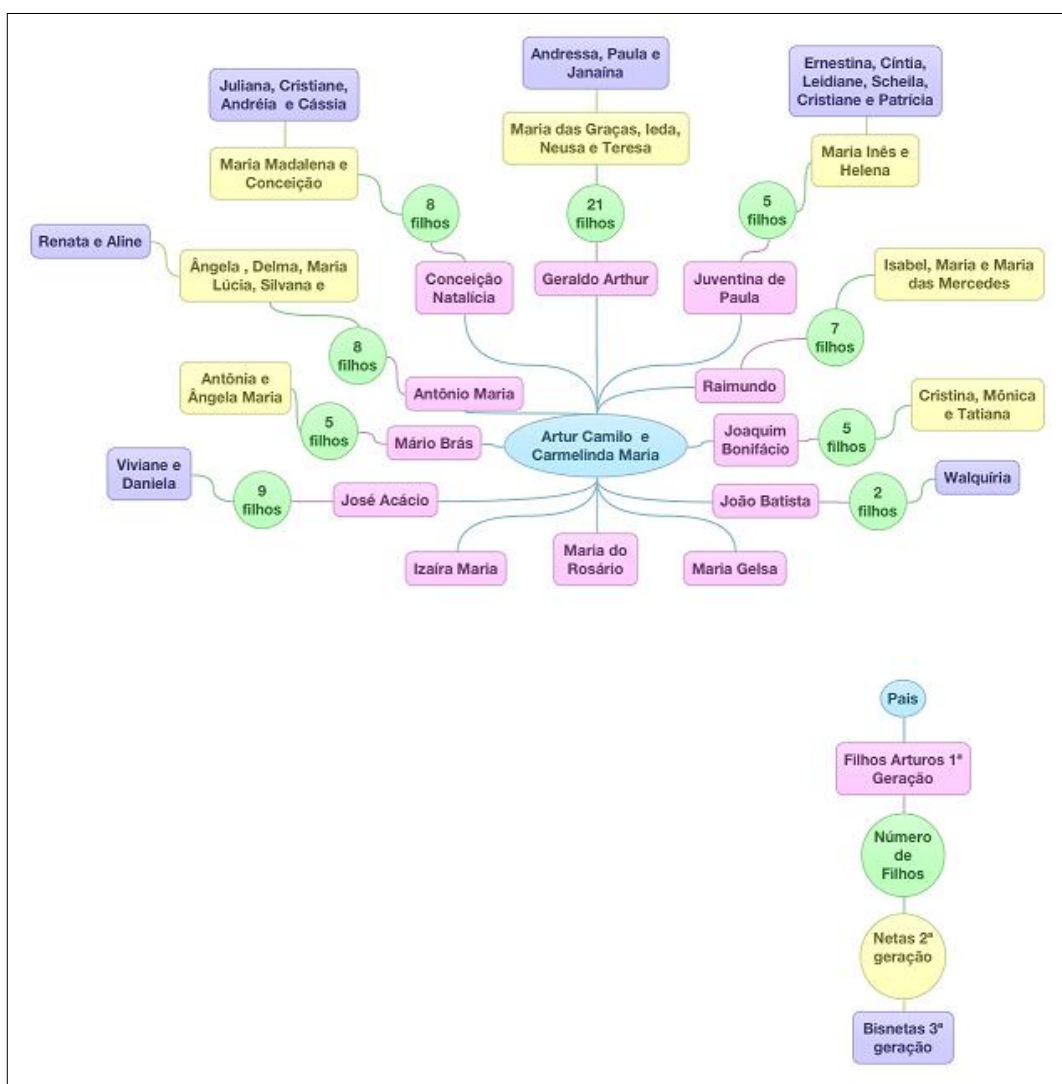
---

<sup>21</sup> Oliveira, 2011, p.69-70.

**Joaquim Bonifácio da Silva (Bil)** – Era o primeiro Capitão do Moçambique. Faleceu em 2007 de ataque cardíaco, aos 68 anos. Teve cinco filhos, e era o caçula dos irmãos.

**Raimundo Nonato da Silva** – Sobrinho de Carmelinda Maria – foi criado pelo casal como filho desde pequeno. Casado com Lúcia dos Santos, sobrinha neta de Arthur Camilo, com quem teve sete filhos. Em 1986 foi encontrado morto aos 55 anos de idade, com um ferimento na cabeça próximo à Comunidade. Até hoje não se sabe o real motivo da morte.

**Diagrama: Família dos Arturos**<sup>22</sup>



**Fonte:** Elaborado por Gabriel Iadu

<sup>22</sup> Este diagrama foi elaborado com o objetivo de visualizar os Arturos de Primeira Linha e os “ramos dessa árvore”- destacando as mulheres que foram entrevistadas, mais para localizar as famílias. Infelizmente não foi possível ainda fazer um diagrama completo, mas está nos planos futuros.

Os descendentes de Arthur Camilo trazem no nome a força da ancestralidade, sendo chamados de Arturos porque são filhos, netos, bisnetos, tataranetos de Arthur. O legado do nome faz com que os Arturos se denominem separando as gerações por linhagens, então os filhos de Arthur Camilo e Carmelinda são denominados Arturos de primeira linha, e as outras gerações seguem esta nomenclatura, segunda linha, terceira linha, e assim sucessivamente.

Pesquisas feitas sobre as sociedades bantu e da África Central, demonstram que entre essas havia grande valorização da questão da linhagem, sendo esta fundamental para o princípio de organização social. Para Robert Slenes:

A grande maioria dos escravos importados para o atual sudeste do Brasil, desde o final do século XVIII até 1850, veio de sociedades falantes do complexo etnolinguístico bantu, principalmente da atual Angola e Congo/Zaire e Gabão. Segundo uma característica comum a praticamente todas as sociedades bantu, como aliás a quase todas as sociedades africanas, é o fato de que elas se estruturam em torno da família concebida como *linhagem*: isto é, como um grupo de parentesco que traça sua origem a partir de ancestrais comuns. (Slenes, 1999, p.143)

Pode-se, de acordo com Slenes, pensar na formação familiar dos Arturos como sendo uma característica comum a algumas sociedades africanas de se estruturarem em torno da família extensa, isto é, como um grupo de parentesco que traça sua origem a partir de um ancestral comum. Estas características, comuns aos Arturos, nos levam a pensar neste sistema de linhagem.

Ainda segundo este autor, os africanos trazidos ao Sudeste do Brasil, apesar da separação radical de suas sociedades de origem, teriam lutado com uma determinação ferrenha para organizar suas vidas, na medida do possível, de acordo com a gramática (profunda) da família-linhagem. Encontrando ou forjando, condições mínimas para manter grupos estáveis no tempo, sua tendência teria sido a de empenhar-se na formação de novas famílias conjugais, famílias extensas e grupos de parentesco ancorados no tempo (Slenes, 1999, p.147).

De acordo com Hebe Castro (1995), o casamento e a formação de uma família nuclear estável, ou outras formas de associação de caráter familiar (como o condomínio entre irmãos ou ex-escravos), tornavam-se assim pré-requisitos para a produção independente e para o acesso à roça de subsistência. Para os homens

livres, a família nuclear, como unidade de produção e consumo, e a reciprocidade entre iguais eram a base econômica da sobrevivência.

As comunidades que se formaram no pós-abolição partilham, neste sentido, uma história que lhes é peculiar. Nos conturbados anos do pós-abolição, elas foram frutos de projetos familiares nas condições oferecidas após o fim do cativeiro. Muitas tiveram origem em famílias extensas, como a família dos Arturos, ou em grupos familiares supostamente ligados pela convivência na mesma fazenda (Rios, 2005).

Em torno de Arthur Camilo Silvério, figura central e de referência para seus filhos e descendentes, formou-se a Comunidade dos Arturos. A figura paterna norteou a comunidade com seu exemplo de vida e com seus ensinamentos religiosos, pautado na sabedoria dos ancestrais. A mãe Carmelinda Maria surge nas lembranças familiares, mas não relacionada ao mito fundador da comunidade, uma vez que a comunidade dos Arturos é uma comunidade patriarcal, na qual os homens exercem seus poderes políticos e de comando e as mulheres ficam na esfera do familiar e do privado.

Nos Arturos, não se poderia falar em família moderna à luz de Phillipe Áries (1981), pois para este autor a família conjugal moderna foi responsável pelo enfraquecimento da linhagem. Havia segundo esse autor, além dessa distinção, oposição entre família e a linhagem: os progressos de uma, provocariam o enfraquecimento da outra, ao menos entre a nobreza. A família compreendia, embora não estendido a toda linhagem, vários elementos, e muitas vezes, vários casais, que viviam numa propriedade que haviam se recusado a dividir, segundo um nome de posse chamado, *frereche* ou *fraternitas*. A *frereche* agrupava em torno dos pais os filhos que não tinha bens próprios, os sobrinhos ou os primos solteiros. Essa tendência à indivisão da família, que aliás não perdurava por mais de duas gerações, deu origem às teorias tradicionalistas do século XIX sobre a grande família patriarcal.

A família conjugal moderna seria, portanto, uma consequência da transformação que no final da Idade Média provocou o enfraquecimento da linhagem e as tendências à sua indivisão. Nos Arturos, por se tratar de um quilombo, não se verificou tal enfraquecimento da linhagem, configurando-se outras relações

familiares que se mantiveram pautadas tanto no passado étnico como também nas formações familiares negras reinventadas na diáspora negra brasileira.

Nesta perspectiva de análise, a família dos Arturos pode ser considerada como um núcleo familiar também formado por relações de parentesco e compadrio, no qual a família não é considerada uma unidade social isolada, como acontece no modelo nuclear da família conjugal moderna.

As relações de compadrio, apadrinhamento e laços de irmandade foram se constituindo para população negra escravizada e livre como um meio de reconhecer e fortalecer seu pertencimento a um grupo que compartilhava experiências semelhantes.

Segundo Russel-Wood (1982), os escravizados por meio da socialização buscavam reduzir o impacto desestabilizador da escravidão sobre a família. Isso era obtido pelo reforço dos laços de parentesco, e pela criação de uma série de outros laços fictícios e rituais. Laços que poderiam basear-se em experiências comuns (o fato de terem sido transportados no mesmo navio, de serem membros de um mesmo quilombo, de terem trabalhado na mesma casa ou lavoura, etc.) ou poderiam também refletir locais de origem comuns na África, laços fortes o suficiente para resistirem ao aprisionamento, ao transporte e à escravidão. Dois processos de estabelecimento de laços fictícios tiveram destaque neste processo: os de parentesco ritual ou espiritual, expressos pelo apadrinhamento ou compadrio e as irmandades católicas laicas. No dizer de Russel-Wood:

Onde quer que essas formas de parentesco ritual pudessem ser utilizadas pelos negros para estender suas famílias além dos laços de consanguinidade e afinidade, as irmandades se apresentavam aos escravos e aos libertos como mecanismos para estabelecer ou reforçar laços extra-comunais e ampliar uma rede de relações extra domésticas para além das famílias imediatas e para além dos ambientes ocupacionais locais. Tanto o parentesco fictício como as irmandades forneciam aos negros, escravos e livres, uma base para o estabelecimento de redes organizacionais de dominância e subordinação no seio da comunidade negra. (Russel-Wood, 1982, p.186-187, tradução livre).

Essas redes de sociabilidade que uniam os grupos de escravizados por meio de um parentesco espiritual foram e, ainda hoje são, a marca principal das comunidades negras mineiras que cultuam a Virgem do Rosário, e realizam o Congado. Neste ritual, há o fortalecimento e a união desses irmãos e irmãs de fé na

luta pela sobrevivência cotidiana na grande urbe, que foi se transformando e lhes relegando o poder, a exemplo do que acontecia no cativo (Oliveira, 2011).

O parentesco espiritual se manifestava também nas relações de compadrio e apadrinhamento, ampliando as relações sociais disponíveis nos núcleos urbanos. Aquele que batizava uma criança, ou mesmo um adulto, estabelecia com os pais e com o afilhado um compromisso que envolvia cuidados e convenções sociais. Segundo Rosângela de Oliveira (2011) estas relações eram um elemento importante de sociabilidade comunitária, criando e recriando a reciprocidade: com visitas, convívio, festas, cuidados no momento de doença e também apoio nas necessidades da vida colonial. Contudo, o compadrio e apadrinhamento também reproduziam as relações hierarquizadas do Antigo Regime: separava-se de um lado o padrinho e de outro a família e o afilhado, hierarquicamente posicionados. Essas relações na maioria das vezes não eram igualitárias, e eram marcadas pelo domínio e pela exploração (ibid, p.128).

A história de Arthur Camilo pode ser compreendida dentro deste contexto de desigualdade, exploração e violência exercida pelo padrinho, estabelecendo uma relação de continuidade da escravidão.

Seus filhos contam que Arthur Camilo trabalhou em serviços de fazenda sob a guarda de seu padrinho fazendeiro. Embora Arthur Camilo tenha nascido sob o benefício da Lei do Ventre-Livre, desde pequeno teve que trabalhar duro para o padrinho, para pagar as despesas que este tinha com ele, apanhando e sofrendo muitos maus tratos e humilhações. Nesta época posterior a abolição, foi comum que os descendentes de escravizados permanecessem agregados às terras dos antigos senhores de seus pais. A relação de trabalho e de convivência não sofreu grandes melhorias, pois o agregado devia obediência ao patrão, que impunha sua autoridade pela força e pela violência (Gomes & Pereira,2000).

O que permanece na memória dos filhos de Arthur Camilo e que é contado na Comunidade é que Arthur Camilo passou por todo tipo de humilhação, tendo uma vida de escravizado, apanhando e vivendo com muito sofrimento. Até mesmo quando seu pai faleceu, ele não pôde ir dar a bênção ao pai, seu último adeus, e ainda teve todos os seus dentes quebrados.

O passado de sofrimento experimentado impulsionou a dedicação que desempenhou à criação dos filhos, pois imaginava ser essa a única forma de

protegê-los das mazelas próprias de um sistema que, embora não mais escravista, reservara ao negro a discriminação, a fome e a miséria. Neste contexto, cria-os juntamente com Carmelinda Maria, dando forma a uma ética pautada no trabalho duro, na solidariedade entre os irmãos e na honestidade como força capaz de mantê-los em condições de respeito na sociedade que os circundava. O exemplo dos pais é contado e recontado entre os seus descendentes, e se tornou um modelo responsável pela estabilidade familiar. Neste sentido a família é um valor que se tornou referência social fundamental para a constituição da identidade social de cada indivíduo.

Os Arturos seguem trilhando os caminhos dos ancestrais, em seus ensinamentos, tradições, e sobretudo, em relação à união de todos, embora as influências externas da metrópole tenham ocasionado transformações nas relações sociais do grupo, assim como no espaço físico. Há um sentimento de pertencimento que reverbera entre todos os participantes da comunidade. Como podemos perceber nas seguintes narrativas:

*Eu tenho muito orgulho de ser a pessoa que eu sou, da minha família que é, entendeu, a minha família pra mim é uma família maravilhosa, sabe não tenho o que reclamar, qualquer problema a gente chega junto, não todos mas os que podem chegam. Sabe pra mim é uma família maravilhosa, é a família que eu queria nascer e ficar, continuar ser o que é os Arturos (Helena, 59 anos, neta de Arthur Camilo e Carmelinda).*

*É, eu acho que só de fazer parte de uma comunidade isso aí já é uma importância muito grande né, que hoje é uma coisa rara que tem eu acho que hoje é raro ter essa comunidade, esse vínculo que a gente tem de um com outro, de ser mesmo uma família (Conceição, 54 anos, neta de Arthur e Carmelinda).*

O sentimento de pertencimento a uma comunidade e a união entre a família foi responsável pela formação de valores deixados pelos pais que continuam a existir entre todos da comunidade. Mesmo que haja mudanças, como discutiremos oportunamente nos capítulos posteriores, a questão da mobilização coletiva entre

todos os Arturos é uma constante. No caso de uma doença, acidente, emergência, qualquer que seja a necessidade, todas as pessoas se ajudam e comparecem pra prestar auxílio mútuo, verifica-se a união de todos. Assim como também os mutirões, realizados na construção de novas casas na Comunidade, destinadas às novas gerações, tudo é feito de maneira coletiva, baseando-se no mutirão familiar.

Em relação ao espaço, a Comunidade divide-se em núcleos familiares, no terreno deixado por Arthur Camilo Silvério, fundador da Comunidade. Cada filho possui seu terreno, que foi dividido aleatoriamente, sem demarcação rígida. Próximo à casa dos filhos da primeira geração, agrupam-se os filhos que se casam e constituem suas “novas famílias”, com esposas ou maridos e filhos. Há ainda filhos que moram bem próximos da Comunidade, aqueles que têm famílias maiores. Há um núcleo familiar em um bairro próximo, chamado Praia, no qual moram Dona Conceição Natalícia da Silva (Tetane) e seus filhos, embora ela tenha uma casa na Comunidade, deixada para um dos filhos, e habitada agora por uma neta casada, seus três filhos e o marido. Mas quando dona Tetane vai à Comunidade, ela pode ficar lá, assim como todos os seus outros filhos, netos, bisnetos. Esta é a única filha da primeira geração que mora fora da Comunidade, visitando a Comunidade com frequência, com intuito de visitar os irmãos e irmãs, além de participar de festejos e preparativos para os mesmos. Este modo de organização espacial, em que os filhos em sua maioria constroem próximo aos seus pais, colabora para a manutenção e fortalecimento dos laços familiares.

Embora a maioria dos novos casais esteja construindo no próprio terreno da comunidade, há alguns jovens casais que deixam a comunidade pra morar fora, uma vez que a família acabou crescendo bastante, e não tem espaço para viver ao redor dos pais. Há em geral, localizados em bairros próximos, ou na área ao lado da comunidade conhecida como Vila Militar, um terreno que foi ocupado por invasão e que abriga algumas pessoas da comunidade dos Arturos, geralmente netos de Arthur Camilo.

Esse terreno diferencia-se da Comunidade por um campo que separa os dois espaços. A maioria dos moradores da Vila Militar não é composta de legítimos Arturos, embora a boa convivência entre todos predomine.

Há uma discussão que divide atualmente a comunidade em relação à possibilidade desta se tornar ou não um quilombo reconhecido, como já observado

no capítulo anterior. A dúvida reside sobre qual a liberdade que sobre uso e posse da terra lhes será atribuída, caso a mesma seja demarcada como quilombo. A preocupação maior é referente ao uso da terra e à sua divisão, pois há o receio de que uma vez reconhecida e legalizada como quilombo, haverá restrições à venda de terras ou será realizado algo que possa obliterar o uso coletivo, como foi falado por uma mulher da comunidade. Até o momento ainda não foi estabelecida uma decisão sobre essa problemática.<sup>23</sup>

Dentro desta discussão sobre as terras, outro fato relacionado à habitação se destaca: a construção de duas casas na parte frontal do terreno da comunidade, construídas por dois netos de Arthur Camilo, mas posteriormente alugadas a pessoas sem laços com a família dos Arturos. Esta situação gerou comentários e ressentimentos entre as pessoas da família e revela que ao interesse coletivo muitas vezes sobrepõe-se os interesses individuais e econômicos.

No passado, predominavam os casamentos endogâmicos entre primos de primeiro grau. São ainda comuns no presente, mas já há uma tendência de casamentos com pessoas de fora da comunidade. Estes casamentos entre primos ocorrem em virtude da forte convivência, antigamente devido ao isolamento e também, talvez de maneira inconsciente, como mecanismo de fortalecimento do próprio grupo, mantendo-o restrito à própria família. De acordo com Neusa Gusmão e Olga Von Simson:

A família negra mostra-se, então, não apenas como unidade de produção e consumo, mas, fundamentalmente, no sentido de reproduzir valores que orientam o grupo. É através da família que se expressam a razão da descendência, os direitos de herança, a educação etc.; reproduzindo no âmbito doméstico uma cultura própria. É através da família que a endogamia reforça o parentesco e tudo o que ele representa enquanto direitos e obrigações, reciprocidade e solidariedade. (Gusmão e Von Simson, 1989, p.224)

Contudo, como foi ressaltado acima, são comuns também os casamentos com pessoas de fora (exogâmicos), sobretudo entre as novas gerações. Com os matrimônios realizados fora da Comunidade, outras gerações se incorporam à família originada por Camilo Silvério. E estes novos elementos, segundo Gomes e

---

<sup>23</sup> Há uma antropóloga do INCRA realizando esta discussão com mediação do presidente da comunidade e de uma pesquisadora e professora da UFMG.

Pereira (2000), refletem a dinâmica social do grupo aberto e fechado para o mundo, determinada por suas necessidades e interesses.

Lévi -Strauss (1976) afirma que a monogamia em muitos casos aparece como uma consequência da pouca disponibilidade de mulheres por homem em dadas sociedades. E na sociedade moderna, a monogamia existe por razões morais, religiosas e econômicas, sendo o casamento o meio pelo qual se estabelecem alianças. Nos Arturos, o casamento intrafamiliar e a importância dada ao núcleo familiar estão intimamente ligados à moral religiosa do grupo; exemplo disso é a não aceitação da separação pelo grupo, e quando essa ocorre, um Arturo não pode trazer um novo cônjuge para morar dentro do espaço da comunidade. Somente as pessoas que se casam na Igreja e no civil podem viver no espaço da Comunidade.

Outra característica da formação da família dos Arturos digna de nota é a existência de uma distinção entre os chamados “Arturos de sangue”, e os que são casados com Arturos, vindos de fora. Esta diferença é estabelecida quando o assunto é sobre algo relacionado à família de origem, à tradição, ou a alguma decisão relacionada diretamente ao parentesco. Desse modo:

Casar na família com um homem ou mulher da comunidade, não dá ao cônjuge a condição de Arturo, somente seus filhos e filhas terão esse status, pois ser Arturo é mais que um nome, é símbolo de status social. A família demarcará muito bem esse território de pertença. (Oliveira, 2011, p. 89)

Estas relações segundo Ana Rios (2005), são muito comuns nas comunidades negras:

A formação de comunidades negras rurais, remanescentes de quilombos, nos quais se encontram os Arturos, marcam que o pertencimento à comunidade, bem como as regras de comportamento e hierarquia são definidos internamente. Porém o traço mais característico de experiência camponesa de afro-brasileiros é o papel que o parentesco assume hoje na organização e cotidiano das comunidades. Na maioria dos casos é a concepção de parentesco, bastante particular de cada comunidade, que define o pertencimento e os direitos. (Rios, 2005, p.221)

Neste contexto, foi importante refletir sobre a família dos Arturos, percebendo como se mantiveram vivas no Brasil algumas relações ancoradas no passado histórico que tem sua origem na formação familiar da diáspora africana, e as

ressignificações desencadeadas a partir disso como forma de resistência por meio dos laços familiares. Os Arturos em sua organização familiar marcam sua existência enquanto comunidade e quilombo, dialogando entre o passado e o presente.

### **2.2.3 Família e Irmandade**

A família dos Arturos se mantém unida na terra herdada de seus ancestrais e em torno das tradições deixadas por seus pais, sendo a principal delas o Congado, que mobiliza a comunidade durante quase todo ano com os festejos do Reinado de Nossa Senhora.

Estes festejos ligam-se às irmandades católicas que foram espaços muito importantes de solidariedade, reciprocidade, apoio e sentimento de pertencimento aos africanos escravizados e seus descendentes. Segundo Russel-Wood:

As irmandades exerceram um papel fundamental nas comunidades negras. Ramificações cooperavam e os membros se beneficiavam dos acordos de reciprocidade. Isso não apenas garantia que o escravo e o liberto trazido para cá tivesse acesso imediato à comunidade negra local, mas também lhes davam acesso a uma rede de contatos, e mais importante: tornar-se membro de uma irmandade constituía uma garantia de segurança para toda sua família. Quando um ou mais parentes faleciam, os membros da irmandade se mobilizavam para garantir que os órfãos obtivessem um novo lar. As irmandades também ofereciam a seus membros um grau de estabilidade e proteção contra as incertezas da sociedade escravocrata. (Russel-Wood, 1982, p189, tradução livre)

As irmandades contribuía auxiliando também nos enterros dignos dos irmãos negros e em tudo o que a família precisasse. Foi um espaço encontrado para que os escravizados pudessem manifestar sua religiosidade, mesmo que encoberta pelo culto aos santos católicos.

A origem das irmandades religiosas, de acordo com Antônia Quintão, data do período medieval e surgiu a partir do modelo das corporações de ofício, que atendiam aos interesses profissionais de seus integrantes, mas tinham também como objetivo a assistência mútua entre os seus membros. Enquanto as corporações limitavam seu auxílio aos próprios membros, as irmandades eram formadas por leigos, sem restrições de qualificação profissional e, até mesmo, sem distinção social (Quintão, 1997).

Além disso, as irmandades zelavam pelas atividades religiosas, organizando procissões, festas, coroação de reis e rainhas, exercendo também atribuições de caráter social, como ajuda aos necessitados, assistência aos doentes, visita aos prisioneiros, concessão de dotes, proteção contra os maus tratos dos senhores e ajuda para a compra da carta de alforria.

Nesse contexto, surge a irmandade de Nossa Senhora do Rosário, associada à libertação dos escravizados, tornando-se a preferida e mais conhecida entre as demais irmandades de pretos. Desde os séculos XV e XVI era sob essa invocação que em Portugal se congregavam os homens negros (ibid).

Para Antônia Quintão, as irmandades representaram para seus confrades a possibilidade de garantir a sobrevivência numa sociedade profundamente hierarquizada, injusta e desigual, dando dignidade ao negro (ibid,p. 72).

As irmandades marcaram sobretudo a vivência religiosa do negro em Minas Gerais, interferindo e cerceando os rituais de sua terra de origem, de acordo com as medidas repressivas do estado e da igreja.

Em Minas Gerais, no século XVIII as irmandades assumiram toda a atividade religiosa das cidades da mineração. As confrarias religiosas de africanos se subdividiam de acordo com as etnias de origem, havendo, por exemplo, as de angolanos, jejes e nagôs. Essa forma de organização foi apropriada pelos negros, embora fosse estimulada pelos brancos, para manter as rivalidades étnicas, dificultando sua união e alianças. Nas confrarias mineiras do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia, assim como na maioria do Sudeste brasileiro, predominavam os negros do complexo etnolinguístico bantu, vindos dos atuais Angola, Congo(s) e Moçambique.

As irmandades duplicavam-se em torno da região de maior exploração de ouro, nas vilas, formadas pela capitania, que necessitavam de muita mão de obra escrava. Na região de Mariana e Vila Rica, atuavam as irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos; em Sabará, as de Santa Quitéria e Santíssimo Sacramento; em São João Del Rei, as de Nossa Senhora do Rosário e Santíssimo Sacramento. As diferenças étnicas afloravam no interior dessas irmandades, em relação ao campo religioso, pois havia divisões, como por exemplo, as de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito para negros

escravizados ou forros, Nossa Senhora das Mercês para pardos, e Santíssimo Sacramento para homens brancos.

Portanto, dentro dessas associações religiosas havia a separação de negros, mulatos e brancos, o que por si promovia conflitos. Além disso, dentro das irmandades de negros, reforçavam-se a hierarquia do preconceito social e racial, pois diferenciavam negros brasileiros (crioulos) e africanos, vetando aos últimos o direito de exercerem cargos nas mesas diretoras das associações. O crioulo estava situado acima do africano na escala hierárquica dos líderes das irmandades religiosas (Gomes & Pereira, 2000).

É possível perceber, portanto, que por trás de todas essas rivalidades encontravam-se interesses políticos manipulados pelo estado português, nas Minas Gerais, uma vez que a integração do escravizado à religião do senhor era forjada via seu ingresso nas Irmandades. A igreja também tem sua participação juntamente com o estado, pois procurava inibir rituais que não fossem católicos, impondo aos negros o batismo e os preceitos cristãos.

Contudo, mesmo com as influências e manipulações do estado e da Igreja, acredito, assim como Antônia Quintão, que *o controle sobre as Irmandades nunca se deu de forma definitiva, e a resistência implícita e explícita a esse controle sempre existiu* (Quintão, 1997, p. 22). Podendo ser demonstrada nas manifestações e crenças que perduraram por todo este tempo dentro das irmandades, mantendo a vitalidade de heranças africanas, nos Congados, Reinados, Ticumbis, entre outros que se mantiveram e se recriaram aqui no Brasil.

A Comunidade manteve-se ligada a esse quadro histórico do passado escravista, marcado pela tensão religiosa e social nas irmandades, tendo em mente o passado dos cativos e a devoção a Nossa Senhora do Rosário. E são ainda verificáveis no presente, haja vista toda a fé consagrada aos festejos do Rosário de Maria.

A Irmandade do Rosário de Contagem foi o espaço encontrado pelos Arturos para que se mantivessem os laços criados entre a população negra e a Santa do Rosário, nos primórdios da capitania. O culto à padroeira dos negros ganhou força e foi reelaborado dentro da comunidade (Gomes & Pereira, 2000) Como afirma Núbia Gomes e Edmilson Pereira:

A Irmandade do Rosário vinculada à comunidade dos Arturos tem se fixado no tempo e na memória de Contagem e de Minas. A comunidade projeta como realidade viva a herança cultural de seus antepassados. A religiosidade marcada pelo catolicismo sofre a influência dos sons, danças e das imagens de uma tradição negro-africana. (2000, p.206)

No entanto, para os Arturos, a importância maior de se participar dessa associação está na manutenção da devoção do pai, Arthur Camilo destinada ao Rosário de Maria e ao Congado. E por meio da comunidade, com as danças das guardas de Congo e Moçambique e com a continuidade da tradição aprendida com os antepassados, que se fortalecem os festejos de Nossa Senhora do Rosário em Contagem.

É necessário ressaltar, entretanto, que nem sempre a existência de grupos de Congados esteve diretamente ligada a confrarias e irmandades, alguns grupos surgiram independentemente. Nos Arturos há uma integração entre a irmandade do Rosário e o Congado, mas o que se destaca como formador de identidade e afirmação do grupo são os festejos do Reinado de Nossa Senhora. Neste sentido, há um entrelaçamento entre Irmandade e Congado, uma vez que o presidente eleito para a irmandade influencia e interfere em toda dinâmica da Comunidade e do Congado, articulando assim três instâncias, a família de Arthur Camilo e Carmelinda, os festejos do Congado e a participação na irmandade (Oliveira, 2011). Essa formação familiar encontrada na tradição cultural do Congado é de fundamental importância para o negro na diáspora, pois é participando dela que muitas vezes há a auto-afirmação do negro enquanto indivíduo e grupo, fortalecendo e formando suas identidades.

A irmandade do Rosário da cidade de Contagem fundada em 1864 seguindo a tradição, é composta em sua maioria pelos membros da comunidade dos Arturos, praticamente toda família faz parte da irmandade, tendo apenas alguns poucos participantes de fora, mas esses poucos são pessoas que possuem laços afetivos e de amizade já antigos, após anos de participação nas festividades do Congado e nos principais acontecimentos da comunidade. A comunidade dos Arturos dirige a irmandade desde 1972, sendo essa uma instituição jurídica que representa os Arturos estatutariamente.

No último sábado de cada mês, a irmandade se reúne na comunidade dos Arturos. Devido a uma participação efetiva na associação, os Arturos podem se

candidatar a todos os cargos eletivos, tendo sempre um secretário, tesoureiro, diretoria. Há algumas pessoas que não são da família que se candidatam e são escolhidas, contudo a maioria do corpo diretivo é da própria comunidade. No entanto, o poder se concentra muitas vezes nas mãos de um grupo de pessoas da comunidade, ficando apenas este grupo como representante nas diferentes esferas públicas (Oliveira, 2011).

Desse modo, surgem alguns conflitos que se originam destas relações, pois há conflitos entre o poder de decisão do presidente da irmandade e das decisões tomadas por esse em relação à comunidade, ao Congado e conseqüentemente à família dos Arturos. Antigamente havia separação e os mais velhos da comunidade eram os responsáveis pelo comando da comunidade e do Congado, relegando o poder da irmandade apenas ao simbólico. Os velhos Arturos possuíam força e poder e eram respeitados no comando do Congado, como se fosse uma extensão da família. Mas estas relações se transformaram, levando a comunidade e os mais velhos a momentos de muito estresse e desvalorização, expondo a comunidade e a família a coisas contrárias aos ensinamentos dos antigos (ibid, 2011).

A comunidade dos Arturos vive uma transição de gerações, em que os mais velhos estão partindo e as outras gerações estão chegando com novos pensamentos e concepções muitas vezes bem diferentes da história dos fundadores da comunidade e de seus filhos, gerando embates e transformações. Algo preocupante é a desvalorização da sabedoria dos mais velhos, a ausência de interesse em se escutar os ensinamentos antigos, que outrora tiveram tanto valor e respeito, mas que perdem espaço para interesses individuais e econômicos.

Os mais velhos se ressentem desta situação, sentindo que suas palavras e seu conhecimento não têm mais o valor que lhes era atribuído no passado, e que tinham na época em que foram criados, quando as palavras e a sabedoria dos mais velhos orientavam o grupo e a família dos Arturos.

Na confluência dessas relações, portanto, se encontram a família, a irmandade e o Congado, revelando a ausência de um diálogo e de compreensão entre as gerações, para que a tradição herdada pelos pais pudesse ter alguma continuidade, ainda que passando por transformações.

A família dos Arturos trilha seu caminho e atualmente encara os desafios que lhe são postos, frutos das relações e das transformações sociais vividas pela

Comunidade. Neste contexto, buscaremos analisar estas modificações a partir do olhar das mulheres, iniciando com as memórias das filhas, netas e bisnetas sobre Carmelinda Maria, a cofundadora dessa comunidade. Para tanto, será necessário pensar na memória como arcabouço teórico, entrelaçando com a historiografia das mulheres negras quilombolas, para se chegar à história dessa mulher e consequentemente como que estas gerações femininas percebem o passado da mãe, avó, bisavó relacionando-o com os dias de hoje.



### **CAPÍTULO 3 - Memórias e Mulheres Negras**

### 3.1 Memórias

As lembranças sobre a vida de Carmelinda Maria, provenientes das memórias de suas filhas, netas e bisnetas, possibilitam revelar não somente o passado de uma mulher negra quilombola que viveu no século XX, mas também as teias de significados tecidas entre essa mulher e outras gerações posteriores à sua união com Arthur Camilo Silvério.

A memória possibilita que a expressão da subjetividade possa ser revelada, demarca o passado, e alimenta o presente de cada um dos indivíduos e de todo o grupo.

De acordo com Teresinha Bernardo (2007), o estudo da memória se revela um recurso metodológico por excelência. Um dos primeiros estudos a trabalhar com este recurso foi o de Ecléa Bosi (1979). Ao descrever a substância social da memória, Bosi definiu que a matéria lembrada é tanto individual quanto social (Bernardo, 2007, p.29).

Nesta perspectiva, a memória se apresenta como uma fonte de descobertas sobre a história da sociedade e sobre o cotidiano dos indivíduos, ligando-os a seu tempo, espaço e grupo social.

Para Henri Bergson por meio da memória:

O passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (Bergson, 1999, p.176)

O passado atua no presente não de forma homogênea, pois o corpo de um lado, guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na ação sobre as coisas, a chamada memória hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas e singulares, evocando um passado de caráter não mecânico. A memória hábito é adquirida pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. Faz parte do processo exigido pela socialização, determinado por cada cultura (Bergson, 1999).

Já as lembranças puras são imagens-lembranças que permanecem aparentemente congeladas na consciência humana, como momento único, singular, irreversível, não repetido da vida. Possuem um caráter evocativo e não mecânico da memória.

A conservação do passado na sua completude e autonomia enfatizado por Bergson, foi relativizado por Maurice Halbwachs (2006), que realça a iniciativa que a vida atual do sujeito toma ao desencadear o curso da memória. O trabalho de Halbwachs se direciona não propriamente sobre a memória enquanto tal, mas aos *quadros sociais de memória*, nos quais nossas lembranças se dão porque os outros, ou a situação presente nos faz lembrar. As lembranças se constroem nos processos de interação social que se operam nas relações com os pais, amigos e outros indivíduos.

Sobre isto, Ecléa Bosi explica :

A memória Bergsoniana, enquanto conservação total do passado e sua ressurreição, só seria possível (afinal impossível) se o adulto se mantivesse afastado do sistema de representações, hábitos, relações sociais etc. A menor alteração do ambiente, atinge a qualidade íntima da memória. Por essa razão, Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade (Bosi, 1994, p.55).

Há, portanto, uma memória individual que se junta e se mistura com a memória do grupo do qual aquele indivíduo faz parte. Sendo assim, a memória individual não é isolada e fechada, há toda uma influência do meio, da sociedade que interfere e também modifica.

De acordo com Halbwachs (2006), a memória que envolve a recordação e as lembranças dos indivíduos aparece localizada nos contextos sociais dentro do momento. Está relacionada, portanto, ao que está sendo vivenciado pelo indivíduo em seu presente e sujeito às influências do meio em que vive.

Nossas lembranças se apoiam não somente sobre nós, mas também sobre o outro. As memórias não são individuais, mas coletivas.

A memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, que muda conforme muda o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda de acordo com as relações que mantenho com os outros ambientes. A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais,

sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, ou seja, pelas transformações desses ambientes, cada um tomado em separado, e em seu conjunto (Halbwachs, 2006, p.69).

Cada indivíduo delinea sua própria memória das coisas mais pessoais que foram vividas por ele de acordo com o contexto em que ocorreram, do que estava se passando naquele momento, e o que esta memória reteve como importante vem determinado por aquilo que o indivíduo viveu. O tempo, o espaço, o lugar, sua classe social, sua faixa etária, geração, seu grupo étnico, o grupo social ao qual pertence, sua profissão, sua família e sua religião marcam o quanto a coletividade influencia trazendo configurações diferentes na memória e na história de vida de cada pessoa.

Neste sentido, em toda a memória pessoal há uma influência da memória coletiva, há um quadro de acontecimentos, de acordo Halbwachs (2006), que são lembrados, vivenciados e influenciados por todo o grupo ao qual pertencem. A memória coletiva pode ser exemplificada pela lembrança de algo vivido por um determinado grupo, lembrança de acontecimentos vividos por um indivíduo juntamente com um grupo, uma sociedade ou um conjunto de pessoas.

As lembranças podem ser de algo que foi vivido pelo grupo, compartilhado, ou imaginadas como tendo sido vividas. Passam pelo imaginário algumas lembranças que se confundem entre o que foi vivido e o que faz parte da imaginação, mas que em algum momento se conectam, concordam entre si, como se de fato tivessem existido.

Há diferentes memórias, que surgem com sentimentos, emoções, percepções sobre o mundo, fatos ocorridos, fatos imaginados, no espaço, tempo, lugar. Tecem histórias de vida que se renovam e se completam a cada momento vivido.

A partir desta concepção, os fragmentos de memória presentes neste trabalho, são lembranças individuais sobre a Carmelinda Maria, mas que estão entrelaçadas com a memória coletiva da comunidade dos Arturos, e com o lugar ocupado pelas mulheres Arturos, de onde falam e se colocam, além da memória coletiva das diferentes gerações que apresentam transformações e peculiaridades.

Há uma memória social que é partilhada por todo grupo, mas há memórias que se diferenciam de acordo com as gerações. Paul Connerton afirma que:

De geração em geração, conjuntos diversos de memórias, frequentemente sob a forma de narrativas de fundo implícitas, opõem-se uns aos outros, de tal modo que, embora as diferentes gerações estejam presentes fisicamente, umas perante as outras, num determinado cenário, podemos permanecer mental e emocionalmente isoladas, como se as memórias de uma geração estivessem, irremediavelmente encerradas nos cérebros e nos corpos dos indivíduos dessa geração. (Connerton, 1993, pp.3-4)

As gerações diferenciam suas memórias de acordo com o que viveram em um determinado momento. Com o olhar do seu tempo, seguem o movimento da memória que busca no presente evocar o passado, aquilo que se escolhe como significativo recordar e que tenha sido sentido como relevante no presente.

Há conflitos, mas também encontros de memórias que permeiam o grupo, a comunidade, com saberes que se reconstróem cotidianamente sendo passados de pais para filhos, de avós para netos, entre as diversas gerações.

Na comunidade dos Arturos, ainda é muito forte esta passagem dos conhecimentos entre as gerações, há um saber que circula na comunidade expresso na oralidade, nos gestos e na memória corporal e musical que se confronta com o saber da escrita tão valorizado por nossa sociedade.

Todo o desenvolvimento da oralidade é muito forte nas sociedades africanas e afro-brasileiras, e também nas sociedades indígenas e rurais, nas quais segundo Bloch (Bloch apud Halbwachs, 2006), o aprendizado do legado das tradições e costumes ainda é muito forte principalmente entre avós e netos, por vivenciarem outro tempo de aprendizagem, quando ficam juntos enquanto os pais saem para trabalhar. Ainda nessas sociedades, a sabedoria dos mais velhos é muito valorizada, o que quase não ocorre na sociedade atual, marcada pelo ritmo industrial de produção, no qual o tempo e as relações se configuram de uma maneira diferente.

Os Arturos situam-se entre o tradicional e o moderno. O diálogo entre as gerações traz consigo conhecimentos vindos da oralidade ainda muito forte, mas já indicam diferenças nas relações, sobretudo em relação aos mais velhos e ao saber

que esses possuem. Atualmente, o Congado dos Arturos está em uma fase de transição, e os netos de Arthur Camilo assumiram praticamente de forma integral as funções relacionadas ao coletivo. Tem havido situações de tensão entre a forma com que os netos reinterpretem e solucionam problemas antes inexistentes<sup>24</sup>, e o entendimento da geração anterior (filhos de Arthur Camilo). Essas tensões são acompanhadas pelos mais novos, e alguns jovens buscam junto aos mais velhos entender os marcadores da tradição que estariam sendo desrespeitados. Acredito que nessas tensões estão circunscritas as diferenças de percepção, fruto da experiência diferente entre as duas gerações.

A memória das mulheres Arturos, desse modo, constitui importante meio de reflexão e informação sobre as transformações e mudanças que vêm ocorrendo na comunidade, uma vez que, a terceira geração (as netas de Arthur Camilo), assim como a segunda geração (as filhas) de mulheres, mantiveram-se ainda muito ligadas ao espaço doméstico, diferente da quarta geração (as bisnetas), cada vez mais conectada à urbanidade.

A memória oral é parte essencial da manutenção das tradições entre os Arturos, as mudanças e transformações que incidem sobre as práticas sócio-culturais alteram o modo de vida de toda a comunidade, e determinam a relação com os mais velhos.

A vivência do sagrado e das tradições permanece na comunidade durante todo o ano como um modo de propiciar o aprendizado e reforçar a identidade. Os saberes e conhecimentos são transmitidos para as crianças e jovens, na certeza de manter a continuidade da tradição do Congado. As práticas são transmitidas de geração para geração a partir das diferentes linguagens corporais: a oralidade e o corporal, por meio das danças, dos cantos e gestos que ligam o corpo ao espírito.

As tradições e transmissões orais, segundo Jan Vansina (1967), são fontes históricas que de acordo com a forma com que se apresentam, determinam-se como orais e não-escritas e têm a particularidade de ser transmitidas de geração para geração na memória dos homens (Vansina, 1967).

---

<sup>24</sup> Com o crescimento de Contagem, as saídas do Congado pelas ruas da cidade sofrem interferências e atrapalham o trânsito, por exemplo. Em parceria com a administração municipal, uma parte do trajeto até a Casa de Cultura, onde se levanta um mastro, é feita de ônibus. Antes todo o trajeto era feito a pé.

O pensamento oral está ligado a outra forma de saber e a outras experiências que estabelecem o elo do homem com a palavra. A palavra está sempre viva e em movimento, presente nos cânticos, mitos, histórias, conversas, sons, gestos. Para Marlene Cunha, a oralidade é considerada um meio de expressão:

A oralidade, segundo historiadores e sociólogos africanos, como “meio de expressão de uma civilização, está sempre integrada aos diferentes aspectos da vida social, desempenhando funções múltiplas e variadas. Atua como memória da sociedade e transmite códigos de ética e expressão estética. Assim, a tradição oral é uma forma de instrução transmitida pacientemente, de boca a ouvido e de mestre a discípulo, através dos tempos”. (Cunha, 1986 apud Vieira, 2003, p.133)

As memórias afloram mais facilmente nas sociedades que possuem saberes e tradições mantidos e transmitidos pela oralidade, tão presentes em parcela da população afro-brasileira. Nos Arturos, o conhecimento das suas tradições é passado e rememorado pela oralidade, dança, canto e gestos que são reatualizados em cada festejo ou saída do congado.

Faz parte da cultura das sociedades nas quais a oralidade é latente, desenvolver a memória para que a cultura se mantenha viva. A memória traz o passado ao presente, resignificando-o em um processo cíclico de ir e vir, que marca a cada momento as experiências vividas de cada indivíduo.

A importância de se lembrar, de buscar na memória as recordações que temos de nossas vidas, ou de um grupo do qual fazemos parte, marca nossa história, o que pensamos e as transformações que ocorreram ao longo da nossa trajetória. A memória, portanto, possibilita a construção da nossa identidade. Ao lembrarmos a nossa história, fazemos a partir de lembranças registradas no curso da nossa experiência e construímos um novo significado para o que somos e para o grupo ao qual pertencemos.

A memória e a identidade aparecem imbricadas em determinados grupos que vivenciaram os mesmos acontecimentos, muitas vezes em um mesmo local. Partilham o registro do que é comum, do que viveram, do que lembram ter vivido e da forma com que lembram, assim como de alguns significados. A identidade se constrói com o grupo em uma relação com o outro, não é fixa, se transforma.

Michael Pollak (1989) concebe a memória como um fenômeno construído social e individualmente. Neste sentido se aproxima de Maurice Halbwachs (2006).

O modo como me vejo, e como os outros me vêem, como a pessoa constrói a imagem de si própria para si e para o mundo, tudo isso passa pela memória que se entrelaça com as lembranças coletivas, construindo as identidades grupais.

Este autor enfatiza a busca da história dos povos marginalizados e excluídos, por meio das memórias subterrâneas, dos silêncios, dos não-ditos, do povo judeu durante o período da Segunda guerra mundial, dos campos de concentração, do nazismo e holocausto, a história do seu povo. Não somente ele, mas vários teóricos da memória buscam a compreensão da própria história por intermédio da memória e do que não pode ser esquecido, o que foi vivido por milhares de pessoas e que talvez nunca tenha sido dito.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional. (Pollak,1989, p.4)

Há três tipos de memória: a memória proibida, de algo que a pessoa não pode falar; a memória envergonhada, aquilo que a pessoa tem vergonha de lembrar que fez ou foi obrigada a fazer; e a memória indizível, a pessoa não consegue falar, só fala, se manifesta em grupos de sua confiança (ibid, 1989). Existem desse modo, nas lembranças de uns e outros zonas de sombras, silêncios e não-ditos.

O que está escondido de repente aflora nas memórias subterrâneas formadas no interior dos grupos informais, das famílias, dos amigos, e de outras redes de sociabilidade e afetividade. Os silêncios e os não ditos têm interpretações, assim como o esquecimento. Nem tudo fica gravado ou registrado, e a memória seleciona por diferentes razões. Portanto, o pensamento de Michael Pollak (1989) se concentra nas rupturas da memória, nas suas quebras e no que pode ser revelado nelas, nos silêncios e nos não ditos que estão fora da construção da memória oficial.

Este trabalho busca os fragmentos das memórias de uma população secularmente excluída e marginalizada, que enfrenta cotidianamente o racismo, a discriminação, os preconceitos, a invisibilidade: a população negra brasileira. Há uma experiência comum vivenciada por este grupo que é partilhada e perpetuada entre as gerações marcadas pelas experiências de luta e resistência contra o racismo, as discriminações, os diferentes e ao mesmo tempo semelhantes preconceitos. Contra a exclusão e as desigualdades que pouco foram narradas,

sobretudo em relação às mulheres negras na sociedade brasileira. Há ainda muito a ser contado sobre uma outra história que começou a ser reescrita há cerca de duas décadas, e que não por acaso, se contrapõe em certos momentos, ao que foi estabelecido pela história oficial, a partir de um olhar eurocêntrico e preconceituoso tanto de fora, como de dentro, da própria sociedade racista brasileira.

A memória revela conflitos, desigualdades, preconceitos, discriminações, relações de poder entre os indivíduos e os seus grupos sociais. Neste sentido, a pesquisa busca contribuir com um debate teórico em construção e necessário para que a sociedade brasileira possa compreender a si mesma.

Desse modo, as memórias de Carmelinda Maria, por meio das lembranças de suas filhas, netas e bisnetas se revelam importantes, para se conhecer a sua história, o que esta mulher viveu em sua época e também para pensar nos dias de hoje a vida das mulheres da comunidade dos Arturos, relacionando-as com a realidade maior das mulheres negras brasileiras.

Fragmentos de histórias serão narrados, memórias femininas dirão um pouco de si, do seu tempo, do seu passado, do seu presente, da sua vida.

### **3.2 Mulheres Negras-Trajatórias de Mulheres Quilombolas**

Ao pensar nas mulheres negras de hoje, não há como deixar de pensar no passado e em todas as lutas que estas mulheres travaram desde os tempos da escravidão atlântica, na qual milhares de africanas e africanos desembarcaram nas Américas na condição de escravizados. No Brasil chegaram aproximadamente quatro milhões de homens e mulheres para exercerem múltiplas atividades e funções na construção de cada uma das regiões do país.

Homens e mulheres escravizados eram batizados com nomes cristãos a bordo dos navios, na travessia ou chegando ao Brasil. As mulheres transformavam-se da noite para o dia em Maria, Eva, Felicidade; os homens tornavam-se Francisco, José, Joaquim. A pretensão dos clérigos e escravocratas com o batismo era provocar a perda das identidades de origem e promover uma metamorfose interna aos indivíduos que os fizesse conformar-se com a passagem de mulheres e homens livres para escravizados por vontade divina. No entanto, muitos africanos resistiram e preservaram seus nomes em um ato de afirmação identitária de sua

etnicidade e / ou religiosidade. Os nomes católicos eram utilizados apenas nas relações com os colonizadores. Em alguns casos agregavam nomes relativos à linhagem da sua família de origem, para marcar sua própria identidade (Shumaker e Vital Brazil, 2007). No candomblé também há a inclusão de um nome de origem africana ao nome da pessoa, marcando sua entrada neste universo religioso, ligando-a com as raízes ancestrais.

As mulheres escravizadas durante a colonização exerceram diferentes tipos de atividades, desde o trabalho na lavoura da monocultura da cana-de-açúcar, na qual aravam grandes extensões de terra-roxa, até a produção e manufatura dos produtos canavieiros, colheita do café, assim como tarefas das mais variadas na esfera doméstica. Nos engenhos, cozinhavam as canas nos enormes tachos de cobre, nos quais produziam o melaço, processo que teria como produto final o açúcar.

No interior da casa grande preparavam a comida, lavavam, costuravam, arrumavam a casa. Cuidavam de todos os afazeres cotidianos para as famílias escravocratas. Muitas foram amas-de-leite, violentadas pela negação de sua maternidade em prol dos filhos das senhoras e senhores de engenho, quando entregavam seus filhos a instituições de caridade, onde desprotegidos dos cuidados maternos em tenra idade, os recém-nascidos faleciam. Na prática, assassinados pela impossibilidade de receberem cuidados de suas mães. Havia ainda a exploração sexual, das mulheres escravizadas, prática que instituiu as mulheres negras, até os dias de hoje, como objeto de desejo sexual, desde a época que escravizadas, eram obrigadas a se submeterem aos ditames dos senhores de engenho. Por paradoxal que possa parecer<sup>25</sup> muitas mulheres escravizadas tiveram uma função importante na educação das crianças brancas, função que perdura até hoje.

Segundo Kátia Mattoso havia uma escolha preferencial pelos homens, relacionada à crença de que o trabalho da mulher era menos produtivo, pois eram consideradas mais frágeis e envelheciam mais depressa. Uma escravizada com mais de 35 anos, para muitos traficantes, não possuía nenhum valor (Mattoso apud Mott, 1988 p.19).

---

<sup>25</sup> O paradoxo consiste no fato de que as famílias escravistas confiavam seus filhos justamente a quem não conferiam nenhum valor.

A historiadora Maria Lucia Mott (1988), levanta a hipótese de que talvez devido a esta desvalorização da mulher escravizada, eram-lhe atribuídas funções perigosas como a de colocar cana-de-açúcar para moer e tirar seus bagaços. Esta atividade que poderia durar horas, era arriscada, pois, as mãos poderiam ser decepadas caso houvesse descuido na realização da tarefa. No entanto, essa divisão sexual do trabalho ocorria nos engenhos mais estruturados, com mais capital para escolher a mão de obra necessária (Mott, 1988).

Nos engenhos menos estruturados, as mulheres realizavam todas as tarefas juntamente com os homens, não havia divisão sexual do trabalho. As mulheres também trabalhavam nos desmatamentos, no corte de lenha, eram empregadas na manufatura do açúcar, no descaroçamento do algodão, na limpeza da roça de milho, na ordenha e na colheita de produtos silvestres. As mais velhas ainda cuidavam do galinheiro e escolhiam café. A jornada de trabalho da escravizada durava mais que de 12 a 15 horas e era estipulada pelo senhor. Para as mulheres escravizadas casadas, ainda era preciso lavar e cozinhar para os filhos e companheiro.

Nas primeiras décadas do século XIX, com o processo de urbanização surgiu a possibilidade de comércio ambulante. Muitas escravizadas passaram a exercer também o ofício de vendedora, ofertando as mais variadas especiarias nas ruas e mercados. Nessa época, contudo, ainda predominava o trabalho escravizado voltado para atividades agrícolas e pastoris de subsistência como hortas, criação de animais, além de cuidarem das plantações em pequenos sítios e residências suburbanas. Nas senzalas, devido aos ensinamentos transmitidos oralmente pelas mulheres mais idosas e os aprendizados das suas terras de origem, lembrados com ajuda da memória, muitas escravizadas benziam, faziam partos, tratavam dos doentes escravizados e cuidavam da parte religiosa. Os afazeres domésticos da senzala recriavam práticas e aprendizagens oriundas da ancestralidade, ainda que ressignificados naquele espaço,.

Nas ruas, as escravizadas, principalmente as provenientes diretamente do continente africano, se tornavam 'vendedeiras', 'ganhadeiras' e 'quitandeiras' na época da Colônia e Império. Mulheres anônimas movimentaram o comércio ambulante com seus tabuleiros e gamelas que marcaram de maneira significativa a história cotidiana brasileira. Em muitas sociedades africanas, a responsabilidade

pela subsistência e pelo comércio de gêneros de primeira necessidade foram, desde os mais remotos tempos, encargos femininos.

Foram as mulheres mbundu, provenientes da África Centro-Occidental as primeiras feirantes no país. Foram elas as quitadeiras, tanto daqui como de Luanda, Angola, que imprimiram um jeito especial de fazer negócio caminhando, ou de montar um tabuleiro em cada esquina e vender toda a sorte de produtos. Foram elas as ganhadeiras que, durante séculos, dominaram o comércio ambulante em diversas cidades dos dois continentes (Schumacher e Vital Brazil, 2007, p.16).

Neste tipo de atividade, as relações escravistas se refaziam em outras possibilidades pelo sistema de ganho, no qual a mulher negra ocupou destaque no mercado de trabalho urbano. Havia mulheres escravizadas como também livres e libertas que lutavam para garantir o seu sustento e de seus filhos.

As escravas ganhadeiras eram obrigadas a dar a seus senhores uma quantia previamente estabelecida, a depender de um contrato informal acertado entre as partes. Embora não fosse fácil este ganho e convivência, ainda era bom para as escravas este trabalho de ganho, pois era com isso que muitas delas compravam sua alforria, e também ficavam mais livres dos olhares dos senhores, uma vez que nem sempre precisavam morar na casa deles. Já as mulheres libertas experimentavam uma situação no ganho diferente das escravas, pois no seu trabalho não interferiam os senhores e os produtos da venda lhes pertenciam totalmente. Contudo, apesar dessa diferença, desempenhavam a mesma função social que as escravas, circulando a vender produtos alimentícios a qual se dedicavam e das oscilações de mercado (Soares, 2006, pp.60-61).

Todas estas mulheres realizavam uma importante função, não somente por alcançarem a possibilidade de comprarem alforrias e libertarem seus filhos, companheiros, mães, mas também por estabelecerem um elo entre a maioria escravizada e os denominados desclassificados sociais, que eram compradores assíduos dos seus produtos. Assim sendo, davam alento e intermediavam relações importantes entre os escravizados, livres, forros, mulheres e homens brancos pobres.

As mulheres livres, caipiras e mestiças vendedoras de garapa, aluá, saúvas fêmeas e peixes alternavam-se com as escravizadas de tabuleiro que vendiam quitutes e biscoitos. Isto demarca os diferentes modos de organização e circulação

da sobrevivência de que participavam escravizados e livres, brancos pobres e forros (Dias, 1995).

Muitas escravizadas, ainda assim, eram vendedoras particulares dessas mulheres brancas e pobres ou da família de mulheres sós, que usufruíam de suas habilidades para o comércio e em troca as ajudavam no culto dos ancestrais, propiciando a formação de um importante e novo espaço de convívio e fortalecimento social entre os escravizados, como descreve Maria Odila Dias:

Enredadas nos laços pessoais muito fortes e contidos que as ligavam às proprietárias, era com o desdobramento de relações sociais inerentes ao pequeno comércio ambulante que as escravas reconstruíam seus laços primários, para além do espaço doméstico, chegando a improvisar uma vida comunitária intensa, prática dissimulada de uma resistência que permitia a sua sobrevivência e devolvia a sua vida a dimensão social, arrebatada pelo tráfico. (Dias, 1995, p.157)

Podemos considerar, a partir destas ações, como as mulheres negras escravizadas buscaram estratégias de resistência e sobrevivência dentro da sociedade opressora escravista.

As chamadas *negras de tabuleiro*, quitandeiras, vendedeiras, ganhadeiras, das diversas regiões brasileiras, movimentaram e muito o comércio da colônia, o que, de alguma forma, incomodava as autoridades locais. Pois, se de um lado reconheciam que havia necessidade dos produtos de primeira necessidade comercializados nos tabuleiros, por outro, eram nestes espaços que circulavam informações e corriam as possibilidades de ajuda aos escravizados em suas fugas, a possibilidade de compra de alforrias e a busca de mais autonomia e liberdade.

Na região de Minas Gerais não foi diferente,

As vendas se multiplicariam pelo território. Estabelecimentos comerciais dotados de grande mobilidade faziam chegar às populações trabalhadoras das vilas e das áreas de mineração aquilo que importava ao seu consumo imediato: toda a sorte de secos (tecidos, artigos de armarinho, instrumentos de trabalho) e molhados (bebidas, fumo e comestíveis em geral). As vendas eram quase sempre o lar de mulheres forras (alforriadas) ou escravas que nelas trabalhavam no trato com o público. (Figueiredo, 2004, p.145)

A presença feminina era temida nas áreas de mineração, pois aos olhos dos senhores e jesuítas da época, representavam a possibilidade que os escravizados mineradores adquirissem bebidas e gêneros comestíveis ou desviassem o ouro minerado. Havia assim, uma multidão de negras, forras, ou escravizadas que circulavam pelo interior das povoações e arraiais com seus quitutes, pastéis, bolos, doces, mel, leite, pão, frutas, fumo e pinga, aproximando seus tabuleiros de onde se extraíam ouro e diamantes (Figueiredo, 2004).

Nestes espaços, as mulheres aproximavam vários segmentos da população pobre mineira, prestando solidariedade e auxiliando nas práticas de desvio de ouro, contrabando, prostituição e articulação com os quilombos – pois, ao circular com mais desenvoltura e relacionar-se com um sem número de pessoas, as negras de tabuleiro transformaram-se em excelentes mensageiras.

Minas Gerais se destacou como província com maior número de mulheres cativas que conseguiram juntar dinheiro para comprar suas alforrias nos tempos auríferos do ciclo do ouro, cerca de duas mulheres alforriadas para cada homem liberto (Schumacher e Vital Brazil, 2007).

É importante perceber que sempre houve um enfrentamento das mulheres africanas escravizadas e das suas descendentes nascidas no Brasil, as chamadas crioulas, com o objetivo de superar as condições impostas pelo terrível sistema escravista.

Nos diferentes espaços públicos nas ruas, ou no privado, do universo doméstico, como lavadeiras, cozinheiras, amas de leite, como objetos de desejo sexual dos senhores de engenho, as mulheres negras escravizadas sofreram muito, mas resistiram de diversas maneiras, com muita força e coragem, recriaram possibilidades de vida na luta pela liberdade.

Na busca de uma vida mais digna e livre das opressões das classes dominantes da sociedade colonial, encontramos também as mulheres mocambeiras, as chamadas quilombolas, mas sabe-se pouco sobre elas.

De acordo com Maria Lucia Mott :

A participação das mulheres nos quilombos, nas revoltas, nas insurreições foi em muitos casos apagada devido, em parte, ao fato de a documentação oficial, utilizar o masculino - escravos negros - para designar homens e mulheres. E tem permanecido assim em sua

maioria. A mulher permanece como mercadoria, na maioria das vezes “objeto sexual”. (Mott, 1988, p.42)

Os quilombos no Brasil existiram desde o século XVI, espalhados desde o Rio Grande do Sul até o estado do Amazonas, com suas áreas de ocupação e exploração econômica. Nos quilombos sempre existiram mulheres que seguiam e participavam deste tipo de organização e alguns chegavam a ter lideranças femininas.

Há indicações que Acotirene e Aqualtune foram mulheres que exerceram influência no célebre quilombo dos Palmares, em Alagoas.

Foram encontrados ainda alguns escritos sobre a rainha, não se sabe se africana ou brasileira de nome Teresa, que teria sido líder de um quilombo no Mato Grosso, chamado Quatirerê. O quilombo sobreviveu durante duas décadas, até 1770, sendo chefiado por Teresa que contava com um parlamento, um conselheiro da rainha e um sistema de defesa com armas trocadas com os brancos, ou furtadas das propriedades vizinhas. Neste quilombo, mantinham agricultura de algodão e de alimentos muito desenvolvida. Além do uso da forja<sup>26</sup>, possuíam teares com os quais fabricavam tecidos.

Outro relato que chegou até os dias atuais diz respeito às irmãs Francisca e Mendecha Ferreira, que com mais quatro mulheres, numa atitude de resistência, fugiram das senzalas em busca de um lugar com liberdade e segurança. A história oral aponta o início do século XIX, mais precisamente 1802, como ano em que as seis mulheres chegaram à região de Salgueiro, em Pernambuco, onde fundaram a comunidade hoje conhecida como Conceição das Criolas. Outra liderança foi Zacimba Gambá da capitania do Espírito Santo; Mariana Crioula do quilombo Manuel Congo, que em 1838, após uma grande rebelião, se instalava no interior da então província do Rio de Janeiro. Outra foi Zeferina, que na década de 1820, comandava os combatentes do quilombo de Urubu, em uma revolta ocorrida nos subúrbios de Salvador, Bahia. Fala-se também de Felipa Maria Aranha, que teria chefiado um grande mocambo entre Grão-Pará e Tocantins, em meados do século XIX e ainda há anotações sobre Mãe Domingas responsável pelo surgimento da comunidade quilombola de Tapagem, à margem direita do Rio Trombetas, no Pará. (Schumacher e Vital Brazil, 2007, p.82)

---

<sup>26</sup> FORJA – s.f.1.oficina onde se fundem e se modelam metais;fundição, ferraria 2. conjunto dos instrumentos de um ferreiro (Houaiss, Instituto Antônio. Dicionário Houaiss, São Paulo, ed.Objetiva,2010, p. 368)

Embora haja poucos dados, há suposições de que a participação das mulheres nas comunidades quilombolas foi determinante e fundamental, tanto na manutenção prática, com as funções de abastecimento de provisões e confecção de roupas e utensílios, quanto na preservação de valores culturais e religiosos. Elas representavam o elo com as divindades, fortaleciam o espírito combativo de seus habitantes, valendo-se de ritos e práticas litúrgicas, traziam proteção e guiavam sobre os perigos de captura e combates. Além de lutarem lado a lado com os homens, as mulheres exerciam, frequentemente, funções logísticas significativas, transportando alimentos, pólvora e armamentos, assim como removendo e cuidando dos feridos (Schumacher e Vital Brazil, 2007).

Estas mulheres também tiveram participação importante nas insurreições, rebeliões e revoltas que visavam o fim da escravidão africana por todo o Brasil. Na revolta dos malês, por exemplo, João José Reis (Reis, apud Mott, 1988, p.50) afirma que muitas mulheres africanas participaram da fase conspiratória desta revolta, como Luisa Mahim, mulher guerreira notável, que também trabalhou muito como quitandeira. Ela mais de uma vez foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravizados, mas que não tiveram efeito. Era mãe de Luís Gama, poeta abolicionista. Entre inúmeras mulheres importantes podemos citar Emereciana, escravizada, companheira do liberto Dandaró. Ela teve uma atuação peculiar na insurreição ao distribuir anéis que identificavam os malês. Quando foi presa, foi condenada a receber quatrocentos açoites. Outro sem número de mulheres negras lutou e participou desses movimentos de conquista da liberdade e pelo fim da escravidão, em uma clara demonstração das constantes lutas, e demonstrações de coragem e força por parte delas ao lado dos homens negros.

No contexto da luta feminina negra desta época, é relevante a formação de comunidades negras rurais, por mulheres ex-escravizadas que receberam terras como heranças ou doações dos antigos patrões, atestadas por documentos que justificam as cessões de terras, nos seguintes termos: “por reconhecimento ao seu trabalho e devoção” (Schumacher e Vital Brazil, 2007). Benedita Angélica, por exemplo, recebeu e transformou seu legado na conhecida Comunidade de Cabral. Próximo a essa comunidade, Maria Antonica, Marcelina e Maria Luiza, todas ex-cativas, se instalaram em terras herdadas e fundaram o Campinho da Independência. Estas duas comunidades se localizam em Parati, no estado do Rio

de Janeiro. Em 1888, Ricarda e Joaquim Congo receberam de seu antigo senhor a doação de um terreno, e anos depois, o dote foi trocado por terras em uma área na qual hoje se situa o quilombo do Cafundó, próximo de Sorocaba no estado de São Paulo.

Existiram, também, mulheres que conseguiram comprar seu pedaço de terra, como Eva Barreto que comprou do seu ex-senhor o sítio de Santa Rita de Cássia, em Capivari, no interior de São Paulo, consequência de anos de trabalho redobrado. Mais tarde, por volta de 1905, Eva Maria de Jesus, que veio de Goiás, arrematou um terreno nos arredores de Campo Grande Mato Grosso do Sul, agregou pessoas para construir a igreja de São Benedito, e se tornou a primeira moradora da comunidade de São Benedito nessa região (Schumacher e Vital Brazil, 2007).

Estes autores mostram, ainda, a existência de inúmeras mulheres na liderança de comunidades. Em Alagoas, a comunidade da Serra das Morenas; na Bahia, as de Lagoa da Negra, Paramirim das Crioulas e Lagoa Duas Irmãs; em Minas Gerais, a Buriti do Chega Nega; no Pará, a de Mãe-Cué, Narcisa e Tomásia; no Rio de Janeiro a de Maria Conga e em Sergipe a de Maria Preta (Schumacher e Vital Brazil, 2007). Estas são as que foram levantadas, certamente há muitas outras.

O fato é que pouco se falou e foi escrito sobre estas mulheres, o que revela sua invisibilidade e o não reconhecimento de suas intensas lutas. Isto porque a história era até pouco tempo escrita predominantemente por homens brancos, de uma determinada classe social, que conferiram um olhar eurocêntrico sobre a história brasileira.

A historiografia das mulheres é recente e surge sob o impacto dos movimentos feministas dos anos 70, que apontaram para academia a necessidade de uma nova história social das mulheres. Na mesma época, iniciou-se o debate e a construção de uma nova história da população negra e da escravidão em particular, incentivados pela mobilização dos movimentos negros tanto das Américas como dos movimentos de descolonização e libertação de países africanos (Soares, 2007).

Embora existam poucos trabalhos sobre as mulheres negras quilombolas, há pesquisas que foram realizadas, sobretudo, nos últimos vinte e cinco anos que detêm-se sobre essas mulheres, suas comunidades e de toda organização em torno da terra.

A pesquisa de Neusa Gusmão (1996) é sobre a comunidade de Campinho da Independência, que fica no município de Parati, no estado do Rio de Janeiro. Esta comunidade negra rural foi fundada, como supramencionado, por três irmãs escravizadas: Marcelina, Antonica e Luiza que trabalhavam dentro da casa grande da antiga Fazenda Independência. Com o fim da escravidão, receberam o terreno como doação e constituíram a comunidade de Campinho da Independência.

A comunidade negra de São Benedito foi fundada também por uma mulher que se chamava Eva Maria de Jesus, ex-escravizada, por volta de 1905. Esta comunidade se localiza em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Nesta comunidade a própria fundadora Eva Maria de Jesus comprou as terras como cumprimento de uma promessa ao seu santo de devoção que era São Benedito. Conseguiu comprar o terreno em 1910 com o dinheiro que ganhava ao ajudar as famílias tradicionais da região ao curar doentes ou fazer partos, atividade na qual se destacava, segundo seus bisnetos. (Valente e Gusmão, 1991).

Há outros trabalhos que destacam a importância das mulheres quilombolas; as mulheres Kalungas, do quilombo Kalunga em Goiás, as mulheres da comunidade negra de Tijuaçu na Bahia, mulheres da comunidade de Vila Bela no Mato Grosso, entre outros. O que é importante destacar é que cada comunidade negra tem uma história diferente, algumas foram fundadas por mulheres, outras por homens, outras pelo casal. Estas comunidades também possuem diferenças devido às regiões a que fazem parte, que podem ser rurais, urbanas, próximas ao mar, no sertão, enfim, não há homogeneidade, cada qual possui sua história e suas especificidades econômicas, sociais e culturais. Em todas elas, entretanto, a presença feminina, muitas vezes não lembrada, foi de fundamental importância devido às próprias características de suas organizações.

Esta pesquisa focalizou a comunidade negra dos Arturos, uma comunidade patriarcal, com o objetivo de compreender a importância da matriarca Carmelinda Maria na construção da vida da comunidade. As narrativas de suas filhas, netas e bisnetas proporcionou a recriação de fragmentos da trajetória dessa mulher. Ao mesmo tempo, contribuiu para uma

reflexão sobre a própria vida das novas gerações, que ora se aproximam, ora se distanciam, e revelam diferentes modos de ser, pensar e estar no mundo.

No decorrer do trabalho ficou claro que a força das mulheres na vida da comunidade é fundamental para a existência do grupo, para a manutenção das tradições, da religiosidade, e de tudo que acontece na comunidade. Há intenso poder feminino, ainda que invisibilizado. O que se verifica entre os Arturos já foi indicado por Schumacher e Vital Brazil (2007), em outras pesquisas etnográficas, que revelam a atuação de inúmeras mulheres negras, idosas e jovens em suas comunidades.

Por isso, é importante dar voz às mulheres Arturos, para que, por meio de suas narrativas, seja tecida a história da comunidade, como também para revelar os desafios atuais enfrentados por elas.

As memórias coletivas de mulheres quilombolas são importantes para que se possa conhecer melhor a história da população negra do Brasil. Pois, cada quilombo tem sua história e as mulheres sempre estiveram presentes nas trajetórias de luta e resistência que se somaram à luta de toda população negra.

Esta pesquisa insere-se entre as que buscam valorizar as narrativas femininas negras, a partir do registro da experiência vivida pelas mulheres da comunidade dos Arturos. Faz parte do legado de luta e resistência de tantas outras mulheres negras brasileiras.

Com estas memórias, este trabalho será sedimentado, memórias femininas que estão vivas e falam do passado ao falar do presente com suas tensões tanto internas na comunidade, como fora dela.

### **3.3 Carmelinda Maria da Silva**

*Mamãe era uma senhora que todo mundo adorava ela, criou nós tudo com muita dificuldade, era nós em casa as mais velhas, olhando a casa e ela trabalhava de segunda a sábado, trabalhando pra ajudar papai criar nós. Mas toda vida coitada foi uma senhora que foi responsável pelos filhos, pela responsabilidade que ela tinha, ela criou nós com muita dificuldade, mas graças a Deus, estão todos aí, criou com muito amor e com muito carinho, e ensinou nós como é*

*que nós ia criar a família também. E hoje o que ela deixou, criou nós, nós agora criamos nossos filhos, até o ponto que valeu, já tô com 90 anos mas o que ela me ensinou graças a Deus eu ensinei meus filhos e como eu digo de hoje em diante eles seguem o que eu ensinei a eles.*

*(Conceição Natalícia da Silva, filha de Carmelinda Maria, 93 anos)*

Testemunho de outra filha sobre sua mãe:

*Ah! (...) a lembrança de mamãe (...) uma pessoa coitada muito (...). ela era uma mulher alta, trabalhava muito, a gente nem sabe contar (...) trabalhava na roça (...)*

*(Maria do Rosário da Silva, filha de Carmelinda Maria, 89 anos)*

Seu filho diz:

*Mamãe era uma santa, ela fazia tudo ao lado do papai. Eu nunca vi os dois falarem nada um com outro, discutirem. Foi o segundo casamento de papai. Ela fazia de tudo ao lado de papai. Trabalhava na roça, costurava as roupas do congado, cuidava dos filhos, arrumava casa, fazia de tudo. Buscava água, que antes não tinha aqui. Fazia tudo ao lado dele. Ela deixava de comer para dar para os filhos, caso não tivesse muita comida.*

*(Antônio Maria da Silva, filho de Carmelinda, 76 anos)<sup>27</sup>*

Outro filho fala sobre sua mãe:

*Ah ela era da altura da Juventina assim, só que era mais morena um pouquinho, mais clara um pouquinho, criou 10 filhos, desses 10 filhos dela hoje existe 4, ela era uma mãe saudável, olha, era pra fazer comida fazia pra nós tudo e ainda levava lá para os trabalhador que trabalhava, nove e meia o almoço tinha que estar pronto, ela fazia tudo. E a fonte nossa era longe, então (...) ela mandava a gente ir lá lavar vasilha, tinha tarefa para todo mundo, ela soube criar os filhos dela. Cada dia um fazia uma coisa, nós éramos muitos (...) se hoje eu lavava, levava as vasilhas pra lavar, buscar água, outro dia ia*

---

<sup>27</sup>Foram realizadas duas entrevistas com os filhos homens de Carmelinda, com o objetivo de colher mais informações sobre ela. No entanto este trabalho enfoca suas descendentes mulheres.

*outro, iam todos, quando chegava no último tornava voltar, ela que mandava dirigia nós todos.*

(Mário Braz da Luz, filho de Carmelinda Maria, 80 anos).

Carmelinda Maria da Silva nasceu no dia 20 de maio de 1898, no distrito de Contagem no estado de Minas Gerais. É filha de Maria do Amparo e Francisco José da Silva. Casou-se com Arthur Camilo Silvério no dia 29 de dezembro de 1917 na Comarca de Contagem.

Desta união formou-se a comunidade negra dos Arturos, com o nascimento dos seus onze filhos que são: Maria Gelsa da Silva, Geraldo Arthur Camilo, Conceição Natalícia da Silva, Juventina Paula de Lima, Maria do Rosário da Silva, José Acácio da Silva, Izaíra Maria da Silva, Antônio Maria da Silva, Mário Brás da Luz, João Batista da Silva e Joaquim Bonifácio da Silva. Desses, estão vivos quatro, as duas filhas, Maria do Rosário e Conceição Natalícia da Silva e os filhos Antônio Maria da Silva e Mário Brás da Luz.

Nas lembranças sobre a mãe, as marcas de uma mulher forte, trabalhadora, lutadora, que fazia tudo junto do pai. A maneira de educar os filhos e conduzir a família, deixando frutos que se perpetuaram entre as diferentes gerações também se revela nestas narrativas.

Sobre o seu trabalho diário, os filhos de Carmelinda afirmam:

*Mamãe? Ela trabalhava em roça minha filha, nunca foi fichada assim igual hoje, trabalhava na fazenda Maçarandiba, mas ela não era fichada igual hoje, ela ia e voltava todo dia, saía de manhã cedo, como eu falei com ocê, deixava as filhas mais velhas cuidando da casa, uma hora vai fazer comida aí procês, cada uma tinha sua tarefa, nega minha irmã ela chamava Maria foi a que morreu com 13 anos, ela era cozinheira, ela falava: “oh Maria você faz a comida aí procês, Conceição a hora que as galinhas botar você acompanha as galinhas, colhe os ovos pra mim”, Geraldo, que era compadre Geraldo, papai falava: olha, você vai tratar dos cachorros, você vai cuidar dos cachorros, cada um tinha sua obrigação. Foi até nós crescer cada um tinha sua obrigação.*

(Conceição Natalícia, filha de Carmelinda, 93 anos)

A filha Conceição fala do trabalho duro da mãe e também das tarefas que ela e os irmãos tinham que realizar para ajudar os pais. Há uma mistura do labor da mãe e do seu próprio trabalho que vem entrelaçada na memória desta filha que não se esquece das dificuldades enfrentadas por sua mãe, e também por eles próprios em tempos difíceis, como ela continua narrando:

*Ela coitada trabalhava na roça, na fazenda dos outros, ela não tinha favorecimento nenhum, nós comia o suor do que a gente ganhava a gente comia, hoje graças a Deus tem muito favorecimento em vista do que nós foi criado, hoje tem muito jeito da gente levar a vida mais tranquila, porque de primeiro a vida era pesada viu, mas graças a Deus estamos todos aí, louvor a Deus e ela também deu louvor a Deus, coloca a alma dela em bom lugar porque foi uma mãe que nós queríamos e que ensinou nós tudo que é bom, o que é ruim ela nunca ensinou, trazia nós com muito respeito.*

*(Conceição Natalícia, filha de Carmelinda, 93 anos)*

*Naquela época é trabalhar (...) dez filhos não é fácil não (..) .e trabalhar (...) ela apanhava café, serviço não mata ninguém não, mas como ela trabalhava (...) Casamento de Tetane, elas fizeram o casamento a custa de panha de café e panha que eles apanhavam, papai trazia (...) De dia fez o casamento de Tetane lá, hoje a gente só tem alegria, dar eles muito o reino do céu lá que eles souberam criar nós. Tava barrendo um terreiro, ela pegava a vassoura não mas quando eu mandar vocês fazerem é bom pra vocês saberem fazer (...) pai ia furar um buraco lá na roça ele levava a gente, oh pai você tá mandando pra eu ver você fazer um buraco? Não, quando eu mandar vocês fazer, vocês sabem fazer, hoje graças a Deus eu sei carrear, sei troperar, sei fazer qualquer serviço que mandar de roça eu sei fazer, chiqueiro, só não aprendi ser pedreiro, porque ele não era, mas carreiro, tirar leite, carrear, quando cresci fui trabalhar de ajudante de caminhão, ele ensinou a nós tudo a fazer tudo.*

*(Mário Brás da Luz, filho de Carmelinda, 80 anos).*

Nestas narrativas, as lembranças seguem como peças a montar um quebra cabeça. Encadeiam os acontecimentos sem ter necessariamente uma linearidade,

movimento próprio da memória que vai se constituindo de acordo com fragmentos que se atualizam nas imagens evocadas sem ser fixas. Então, ao falar sobre a mãe, rememora o casamento da irmã, junto com os ensinamentos e afazeres dos pais.

A filha Conceição ainda lembra que a mãe não tinha tempo para nada, como segue na narrativa abaixo:

*Mamãe, mamãe coitada, não contava história não, o tempo dela não dava. Chegava em casa de noite e ia arrumar as coisas, fazer o que era preciso, dava hora de nós dormir, nem ensinar nós rezar mamãe não tinha tempo não, quem ensinava nós rezar, era papai, tava falando com os meninos aí, que nós brincava que dava hora de nós brincar, papai chegava do serviço, cada um tinha sua obrigação, um por água na bacia, naquele tempo não tinha água, tinha que ser na bacia, aí Nega punha água, a hora que ele chegava o serviço era meu, tinha uma faca desse tamanho assim, ele sentava e falava: “oh Conceição tá na hora”, eu vinha segurava na barra da calça dele e passava a faca na calça pra tirar os carrapichos, ele chegava com a calça cheia de carrapicho. Rapava a vontade punha no fogo pra queimar, daí Nega vinha punha água ele tomava banho, depois que ele tomava banho ele deixava nós ir brincar, agora pode ir lá fora um pouquinho.*

*(Conceição Natalícia, filha de Carmelinda, 93 anos)*

Nestas narrativas percebe-se que nas falas sobre a mãe, o pai também está presente, mesmo quando não é mencionado, pois a figura do pai na comunidade é muito forte. Ele é o mito fundador, o patriarca, que fundou a comunidade dos Arturos. É comum pela comunidade se ouvir falar muito mais de Arthur Camilo do que de Carmelinda. Mesmo nas entrevistas sobre a figura materna, sempre aparecia o pai. Isto pode ser explicado pelo fato de ser uma comunidade patriarcal, em que os homens têm maior visibilidade e poder.

A mãe aparece junto ao pai quando lembrada em suas atividades diárias: na roça, na luta cotidiana para criar os filhos, etc. Um exemplo de força na organização e manutenção da família. Como mulher tinha jornada de trabalho dupla, fora e dentro de casa, o que ainda acontece hoje com a maioria das mulheres que precisam trabalhar fora.

Segundo Teresinha Bernardo:

Pela análise da memória dos velhos negros e brancos, transpareceu que quem viveu a dupla jornada de trabalho desde o início do século, foi a mulher negra, que aliou o trabalho, em sua casa com o trabalho regular fora dela, exercendo atividades ocasionais para dar conta das solicitações econômicas e sociais que recaíam sobre ela. (Bernardo, 2007, p.184)

As lembranças sobre o trabalho são, portanto, partes constitutivas das narrativas, o que indica a condição de pobreza na qual a maioria das mulheres negras vivia e ainda vive. A este respeito continua a filha Conceição Natalícia:

*Mamãe trabalhou até quando ela tava criando Induca. Ela trabalhava na roça, depois que ela parou. Trabalhou depois só pra nós, mas para os de fora não, panhava café, tudo quanto era serviço assim ela trabalhava. Trabalhava na roça, tinha chácara que a gente panhava café 2, 3 meses sem parar, vendendo farinha, fazia farinha ela gostava de trabalhar, capinar para os outros, tinha um senhor que plantava uma lavoura grande, ele pagava as mulheres pra ajudar porque os homens eram poucos né, tinha aquela turma de mulher, as vezes tinha oito mulheres capinando, elas batiam enxada o dia inteiro, era mamãe, era Servina, era Dindinha Petrina, era comadre sinhá Codé, juntava aquela turma, eles já compravam aquela enxada pra vender das mulheres, era separado dos homens, as mulheres tinham uma lavoura, os homens outra, capinavam a semana inteira, elas ganhavam seus trocados nelas tranquilos e mamãe no meio. Agora, depois que ela foi ficando doente não deu conta mais, não dava conta, ela teve que parar, mas enquanto ela pôde ela trabalhou. (Conceição Natalícia, filha de Carmelinda, 93 anos)*

A filha Conceição fala do trabalho da mãe, e de como ela e outras mulheres na época pegavam na enxada e trabalhavam junto com os homens. Era comum os filhos e filhas acompanharem a mãe trabalhar junto, desde pequenos. As lembranças da enxada, dos trabalhos nas plantações povoam intensamente a memória de Conceição, que até pouco tempo, pegava numa enxada para capinar e limpar sua roça. Ao falar de outras mulheres contemporâneas a Carmelinda, a filha

relembra a labuta diária nos afazeres domésticos. A roça, a terra, os trabalhos fora não se separam da rotina diária da casa.

*Elas todas, não era só mamãe não, as mulheres todas trabalhavam, ela não tinha tempo nem de lavar as roupas nossas, às vezes de noite ela esfregava a roupa e no outro dia mandava nós enxaguarmos. Nós pegávamos aquela roupa que ela esfregou e enxaguávamos e púnhamos pra secar, ela não tinha tempo não. Agora quando era dia de folga, que ela não ia trabalhar, sempre tinha vovó. Ela pedia vovó pra lavar, mas era muita roupa, às vezes tinha que lavar roupa de cama, agora nós ia, juntava aquela trouxa de roupa, deixava na casa de vovó, ela mandava: vocês vai amanhã cedo pra lá ajudar sua avó lavar roupa, vovó ia esfregando mandando nós estender assim, nós ajudava vovó, vovó que lavava roupa pra ela, vovó lavava, remendava, ela não tinha tempo não, pra ela poder trabalhar. Ela levantava cedo fazia o café, ensinava a nós como era pra fazer deixava tudo determinado pra nós e cascava fora. (Conceição Natalícia, filha de Carmelinda, 93 anos)*

Nesta narrativa, além de falar da mãe e de sua luta diária nos trabalhos fora de casa nas roças, plantações, como no trabalho interno da casa, há a fala de outras mulheres que sempre trabalharam junto aos homens, com muito vigor e força. Esta lembrança veio animada na voz de Conceição Natalícia, que até sorriu ao falar das mulheres e de si mesma, ao rememorar os tempos difíceis do passado, mas significativos. Além da participação das filhas e filhos tanto fora como dentro na ajuda das tarefas cotidianas domésticas.

Todo este processo provém da realidade vivida na época por muitas mulheres e homens negros nas áreas rurais em que exerciam seus trabalhos, seja nas plantações, seja na colheita de café, seja como lavadeiras, cozinheiras e nos serviços domésticos da casa dos fazendeiros. Havia um prolongamento de relações sociais marcadas pelo sistema escravista, com muito preconceito e discriminação, como demonstra esta narrativa:

*Sabe, o Parafuso, marido da Juventina, então quando ele era jovem trabalhava numa fazenda, maltratavam muito ele, na hora dele comer*

*às vezes punham prego na comida dele, ele ficava trabalhando muito mais horas do que os outros empregados, só porque ele era negro (...) uma maldade isso...*

*(Conceição Natalícia, filha de Carmelinda, 93 anos)*

Neste momento um olhar tristonho para o horizonte se fez no rosto de Conceição Natalícia ao falar da realidade vivida no passado. Memórias subterrâneas que vieram depois do momento da entrevista, na conversa do café. Nestas lembranças do passado, retornam ao presente os registros que ainda estão vivos e permanecem latentes. Neste caso, o racismo, existente e sofrido em nossa sociedade por toda população negra.

Esta realidade do racismo e das desigualdades é experimentada pelas diferentes gerações da comunidade dos Arturos, cada qual com seu olhar e experiência, como será narrado ao longo deste trabalho.

Nas narrativas dos filhos de Carmelinda, as lembranças se sobrepõem, produzem dores, sofrimentos, o indizível, a infância e as responsabilidades que desde cedo apontavam na vida deles ressurgem com elas. Para estes, o trabalho, as dificuldades em criar os filhos, a luta e resistência da mãe junto ao pai para fortalecer a família é o grande propulsor da vida, ensina-os a continuar a caminhada com muita força e honestidade.

*É, a gente não tinha tempo nem de brincar porque o serviço que ela deixava tudo marcado, então eu, coitada de mim, caçava ovo das galinhas, as galinhas botava no mato, eu tinha que andar atrás das galinhas até achar os ninhos dela, chegava de tarde ela perguntava achou quantos ovos? colheu, tantos ovos (...) ela ia olhar lá na cumbuca se tava certo, no outro dia lá vai eu olhar as galinhas. Ela olhava as galinhas no galinheiro, sabia quantas galinhas estavam com ovo, aí ela marcava. Teve um dia que nós rimos muito, porque eu fui lá achei o ninho com 5 ovos, e todos os ovos eu entreguei a compadre Geraldo, meu irmão, para guardar pra mim a cumbuca, pois eu não dava conta de subir e ele que era mais velho ele subia e punha os ovos na cumbuca. Daí, compadre Geraldo muito velhaco, pôs 3 ovos lá e tirou 3, ele pegou e comeu escondido o dele, ele*

*fritou e comeu sozinho não fritou pra nós comermos. Quando mamãe chegou, quantos ovos? Tá com 5 ovos, quando ela foi olhar uai que você fez Conceição? os ovos aqui estão faltando, você falou que pôs 5, não tem, eu falei tem mãe tem(...) quem guardou os ovos? Não fui eu não, foi Lado, nós chamávamos ele de Lado, onde você pôs os ovos Lado, pus na cumbuca, a mamãe disse: tá faltando lá, não mãe os ovos estão aí, tão aí, teimou com ela, aí Nega falou eu vi Lado comendo os ovos lá trás da casa, ele comendo ovo lá sozinho. Mamãe falou: você podia ter comido os ovos não tem importância, porque tá aí pra vocês comerem, mas eu não quero que fale mentira, se você falasse comigo, mamãe ela me deu, mas eu comi, agora você vai apanhar, deu umas varadas boas nele pra ele aprender, e não falar mentira, isso tudo ela foi ensinando.*

*(Conceição Natalícia, filha de Carmelinda, 93 anos)*

A honestidade e este modo de educar até hoje é passado na comunidade entre as gerações, que seguem a educar seus filhos da mesma maneira. A filha de Carmelinda continua a falar da mãe e de seus ensinamentos:

*Mas a criação era muito difícil, se nós comêssemos ovo tinha que falar, se nós déssemos os ovos tinha que falar, eu dei (...) Ela falava eu não gosto que fala mentira. Se ela chegasse na sala e achasse um pano diferente ela chegava e falava de quem é esse pano? Tinha que falar de quem é que era e ela ia perguntar: fulano você deu ou foi ele que pegou? Não fui eu que dei pra por na cabeça (...) aí tá certo. Se falasse não mandei, ela ia saber de nós (...).por que você trouxe aquele pano aqui, você trouxe a dona não falou nada, por que você trouxe? ela falava ela raiava, e assim que cria família. Muito ladrão rouba as coisas, mas por que? porque não tem aperto, vai fazendo assim eles acostuma, menino não tem maldade as vezes guarda, mas mamãe era assim, ela não queria saber (...) e assim que ela criou nós. Ela não deixava, se falasse uma mentira, tanto faz ela como papai, aí, aí, o couro comia mesmo, eu não quero saber de ninguém mentiroso aqui não, mentiroso é matador, faz briga, faz mesmo né...*

*(Conceição Natalícia, filha de Carmelinda, 93 anos).*

Ao mesmo tempo vinham lembranças do carinho da mãe que eram enormes, de como ela era uma pessoa boa, carinhosa, cuidadosa com todos à sua volta.

*Mamãe era muito alegre, tratava todo mundo muito bem, ela era igual a Tita né, tratava todo mundo alegre e satisfeito coitada, não sabia maltratar ninguém, nunca vi ninguém reclamar nada de mamãe, toda vida o jeito dela foi um só, não maltratava ninguém. Tratava todo mundo muito bem, e raiava com a gente também, Nossa Senhora, se a gente maltratasse uma pessoa perto dela ela ficava nervosa; “gente pode ser um cachorro que chega na porta docês , você precisa tratar bem ele (...)” e com isso a gente vai levando a vida graças a Deus se ela não ensinasse nós também estávamos aí sofrendo. Mas graças a Deus todo mundo sabe, a família que todo mundo gosta, falou que é dos Arturos (...). Então nós era filha, ela tinha carinho e os de fora ela dava mais carinho ainda. Ela acarinhava muito menino, eles gostavam de ir lá pra casa da Macavera, eles falavam quero ir pra casa da Macavera todo sábado, era mamãe, eles ficavam lá o dia inteiro brincando (...) ela tinha tanto cuidado, dava comida, dava banho em menino dos outros, só quando ela tava em casa, ela não parava em casa não, trabalhava a semana inteira.*

*(Conceição Natalícia, filha de Carmelinda, 93 anos)*

Entre os carinhos e as lutas pela sobrevivência, com o trabalho contínuo, a memória de Carmelinda vai sendo tecida, apesar das lembranças de algumas de suas netas serem, talvez, um pouco diferentes das memórias de suas filhas e filhos.

### **3.3.1 Vovó Carmela**

*Ah, minha avó Carmela era uma pessoa muito maravilhosa, muito educada, tratava a gente muito bem entendeu. Você chegava na casa dela lá, ela sempre tinha uma palavra amiga, sempre conversava, fazia muito cará cozido pra gente com mel, muito bom, Vó Carmela era maravilhosa...*

*Maria da Silva, 49 anos)*

Uma outra neta diz:

*Lembranças da minha avó, eu tenho muitas. Minha avó era doce, meiga, mãe, vó, bisavó, ela era tudo na vida da gente. A lembrança que eu tenho dela é o jeito de corrigir a gente, ela não precisava nem de falar, nem bater, nem nada. Só dela olhar, morder os lábios a gente já sabia tudo o que ela queria.*  
(Dalvina, 63 anos)

Outra neta lembra com uma expressão de saudades, como se voltasse ao tempo de sua avó:

*Ah minha avó era uma senhora muito elegante, uma bondade de coração, fora de série, era amiga de todos, boa demais da conta (...) ensinou muito pra gente. Ela era muito enérgica né? ensinava a gente, do jeito que ela criou os filhos dela, ela também queria que a gente fosse criado. Ela era rígida mesmo, questão do respeito com o outro, de respeitar os mais velhos, aquele negócio de tomar a benção de manhã e de tarde quando chegava. Falar pra onde foi, pra onde vai, que hora que volta, controlava tudo, era muito boa, ensinou muito pra gente. Eu era o xodozinho dela, eu adorava chegar em casa de tarde, sentava, ela punha a cabeça da gente nas pernas, no colo dela e ficava catando, mexendo assim no cabelo, pra cá, pra lá, as vezes até a gente dormia no colo dela.*  
(Maria Madalena, 65 anos)

A vibração, alegria, entusiasmo são uma constante no relato das netas, ao lembrar de Carmelinda:

*Tenho, só lembranças boas eu tenho Del. Ela era guerreira, guerreira sabe ali assim, dentro do lar, muito dedicada, orientava a gente conversava, contava as coisas do passado: “no meu tempo a gente fazia assim” descrevia a vida assim que ela tinha, de plantação que a gente falava né? de como é que eles plantavam, como é que eles colhiam, época de colher, das nossas festas, principalmente quando tava chegando a época das nossas festas que a gente reunia ali,*

*todo mundo ficava mais reunido ali, que era só chegar o mês de abril, que o mês de maio tava próximo, aí nós começávamos aquele negócio havia um instinto mesmo. E ela falando como é que era, e era assim, muito bom, muito agradável, ficar sentado na hora do almoço perto dela e ela picando ali a couvinha sentadinha conversando com a gente (...) eu gostava muito de ficar perto dela ali cozinhando, e ficar conversando, oh vó, oh vó, oh vó é isso, oh vó é aquilo (...) era muito bom (...). Muito guerreira minha avó, eu gostava muito de ficar lá conversando com ela.*

*(Ângela Maria, 42 anos)*

Outra neta em suas primeiras lembranças da avó:

*Ela era um exemplo de mulher, nossa, sabia dar um bom conselho, sabia ouvir a gente, conversava, às vezes a gente conversava com ela, ela sabia ouvir a gente, ela dava muitos conselhos, via ela dando aos meus primos, pois eu era ainda pequena, ela dava, mas via mais dando para eles conselhos, às vezes um conselho dela valia mais do que uma boa surra, aquela palavra que ela falava com a gente doía mais que um coro que a gente tomava.*

*(Maria Cristina, 43 anos)*

Nas narrativas de algumas de suas netas já modificam os olhares sobre Carmelinda, e o que mais lembram são os bons conselhos, o carinho da avó, as comidas gostosas para as netas. Com o passar dos anos, e a impossibilidade de trabalhar fora devido ao desgaste de vários anos de trabalho pesado, esta avó tinha mais tempo para conversar, pois estava mais em casa, tinha mais tempo para viver com as netas e netos e todos da comunidade. O tempo do trabalho adquiriu outro ritmo, o das conversas, das histórias, das comidas, e da continuidade dos ensinamentos.

A memória de Carmelinda no trabalho permanece viva e é sempre retomada, principalmente pela geração das filhas. Isto revela que o trabalho desgastante e o sacrifício diário constitui a sua própria identidade.

*(...) Ela trabalhava na roça, na casa de família, ela era muito trabalhadora, era lavadora de roupa né, trabalhava na roça mesmo, ela era muito trabalhadora.*

*(Neusa,, 56 anos)*

*Ah, ela era muito trabalhadeira, muito religiosa, trabalhava ao lado do meu avô junto com ele na roça.*

*(Maria das Graças, 61 anos)*

A maioria das netas, entretanto, lembra da avó no trabalho interno na própria comunidade, também ligado à terra, e ao espaço da cozinha.

*Meu avô eu não cheguei a conhecer não, meu vô não cheguei conhecer não, mas ela nessa época, ela descia com nós pra plantar aqui no fundo aqui, plantava o milharal , tinha um cantinho que plantava arroz, feijão, então desde (...) até uma certa época ela ajudava, ela ajudava. Aí depois ela ficou já mais lá fazendo almoço e nós descíamos com minha tia Induca. Tia Induca que descia para lavoura, daí nós íamos plantar daí iam os netos tudo, a ninhada toda. Para nós era uma farra né, estar lá ajudando jogar sementinha dentro das covas depois vinha com o pezinho jogando a terra lá dentro das covas então era assim, e ela lá fazendo comidinha. Depois o nosso almoço tava pronto ela de lá mesmo chamava: ohhhh eeeeeiii (...) aí era interessante nossa (...)*

*(Ângela Maria , 42 anos)*

Deu uma gargalhada gostosa e continuou:

*Ah!, o anguzinho, sempre o anguzinho, tinha que ter uma verdura, né? o angu, o torresminho né? e era assim, sempre a comida na base do angu, cará, que era sempre as coisas que a gente plantava aqui era o quiabo, as verduras aqui né? (...) principalmente essas verduras que davam na beira de brejo né? muito bom, verdura normal, ali todo dia tinha que ter um anguzinho.*

*(Ângela Maria, 42 anos)*

Ainda sobre a cozinha, outra neta diz:

*Ela gostava de cozinhar, gostava muito de fazer, eu lembro muito bem que ela gostava de fazer abóbora d'água com quiabo, e jiló, ela falava o qui bebe, era gostoso demais para gente comer com angu, um feijãozinho bem grossinho né? Eu lembro demais desse prato que ela fazia, eu gostava demais, fubá afogado, fubá suado, fazia muito para gente, mingau de fubá, naquela época não tinha pão, ou fazia broa em cima, rachada na caçarola, quando não fazia isso ela fazia fubá suado, era bom demais, todo mundo gostava de fubá suado. E quando também sobrava resto de comida da janta ela nunca jogava fora, de manhã ela esquentava aquilo, mexia a farinha, apertava na mão e chamava de capitão, aquilo, chamava cada um: "ei fulano vem comer um capitão!" ela ficava na porta ou na janela chamando vem comer um capitão, ou a gente mesmo perguntava: Vó hoje tem capitão, tem hoje tem, hoje tem fubá suado, oh que bom (...) ela gostava muito de fazer.*

*(Maria Madalena, 65 anos)*

*Vó Carmela, na época que eu lembro dela, ela já não trabalhava mais na roça, era mais dentro de casa mesmo, mais na cozinha mesmo, mas ela sempre estava participando de algum jeito, mas trabalhar na roça, já não trabalhava mais não. Mas na cozinha (...) eu lembro do cará cozido dela era muito bom, isto eu me lembro muito bem (...) nossa era bom demais (...) a gente às vezes chegava lá á noite, ela tinha um banquinho na cozinha, a gente sentava lá e ficava ao redor dela. Ela sempre conversando, fazendo o foguinho lá no chão, ela era legal demais. Na nossa época lá era muito bom. Teve uma vez até que ela brigou comigo né? Porque a gente, aquele negócio do meu pai ser de criação, aí um dia eu disse que não era neta dela (...) nossa senhora pra que que eu falei isso? ela falou nunca mais repete isso, vocês são meus netos sim, fui eu que criei seu pai desde os sete anos, a gente criou ele, então vocês são netos (...) e aí foi até ela morrer, foi muito bom (...) ela foi muito especial mesmo nossa (...) ela era muito boa (...)*

*(Maria da Silva, 49 anos)*

Neste momento, os olhos de Maria da Silva se encheram d' água, e quando falou da questão de não ser neta, um silêncio se fez. O pai dela que se chamava Raimundo foi criado como filho, por Carmelinda e Arthur Camilo desde os 7 anos de idade. Seus filhos e filhas, netos, netas e bisnetos vivem na comunidade e são considerados Arturos como todos os outros.

Outra lembrança da avó significativa que veio no meio das conversas, neste processo da memória de sair do presente e ir para o passado e vir novamente para o presente, se entrelaçando com sentimentos e dificuldades, foi da neta Isabel, falando das comidas que a avó gostava:

*Ah a comida dela era muito boa, anguzinho, feijão, couve, eu lembro uma vez quando eu comecei estudar, todo mundo tinha merenda pra levar pra escola e eu não tinha daí eu cheguei lá chorando e falei pra ela que todo mundo tinha merenda pra levar pra escola e eu não, e ela falou comigo: “você vai levar a melhor merenda pra escola”, fez uma farofa de couve colocou num saquinho e eu levei, foi a melhor merenda que eu comi até hoje... sorrindo neste momento... ah eu lembro dessas coisas, é muito bom...*

*(Isabel, 40 anos)*

A cozinha e as comidas acabavam surgindo nas entrevistas, sendo um espaço importante para as mulheres Arturos, primeiro porque é na cozinha da casa dos pais, a chamada casa paterna, de Carmelinda Maria e Arthur Camilo que todos passam, e onde as mulheres mais ficam, então era ali que a avó reunia suas netas e netos, seus filhos e filhas. Depois, porque são as mulheres que preparam os alimentos seja no dia a dia, como também nos dias das festas, elas são as que comandam, sejam festas religiosas e não religiosas. A alimentação é algo de fundamental importância para as festas, como será visto quando for falado sobre o congado e a participação das mulheres.

Ainda no espaço da cozinha:

*A lembrança que eu tenho dela, era os mexidos que ela fazia, ela punha nós todos, nós lá ao redor do fogão e fazia aquele Tutu , fazia umas bolinhas e colocava na boca de cada um de nós. Nós ficávamos todos lá alegres sentados em volta dela, comendo tutu.*

*Induca contando as historinhas e nós lá comendo (...) ela fazia uma farofa de miolo de porco, aí que delícia (...) quando ela matava porco lá, ela fazia e mandava pra nós, as vezes era aquele pouquinho, mas ela fazia questão de mandar pra gente. Ela chamava mamãe num cantinho: vem cá, dá pra Joaquim, às vezes a gente nem tinha carne ela dava pra nós, chegava na hora do almoço ela pegava e trazia assim na vasilhinha e entregava pra gente pela cerca.*

*(Cristina, 43 anos)*

Estas lembranças se ligaram na memória ao modo de educar da avó:

*Ah, mas também era assim, mamãe chamava atenção aqui de alguma coisa que eu fazia errado, eu corria pra lá, ficava catando os cabelinhos brancos dela, às vezes ela nem tinha quase cabelo mas eu ficava lá. Ajudava também catar as sementinhas de algodão que ela ficava tirando, e ela não deixava bater em mim, não deixava não, vai bater não, falava (...) mas dava um conselho que valia a pena. Chamava atenção, mas era mais na conversa, nós ficávamos o tempo todo lá, às vezes eu até dormia lá porque eu sabia que se eu saísse de lá eu (...) oh (...) eu era danada mesmo, aprontava mesmo, mas ela nunca foi a favor de bater, negócio dela era na conversa, dava conselho, contava histórias, às vezes até inventava história para poder educar a gente.*

*(Cristina, 43 anos)*

Entre estas lembranças de algumas das netas de Carmelinda, as narrativas se misturam: da avó carinhosa, calorosa, que não gostava de bater, mas também não gostava de coisas erradas, sabia conversar e educar. Uma pessoa que só com o olhar já dizia o que estava errado, isto permanecia desde a educação dos seus filhos. Uma avó amiga, solidária que se preocupava com todos da família, sem estabelecer diferenças para ninguém.

Todas estas memórias da mãe Carmelinda, vinda dos filhos, filhas e netas, estão voltadas para o espaço privado, da casa, da cozinha, da educação com os filhos, dos conselhos do universo familiar, pois este era o espaço por excelência

reservado às mulheres, enquanto que os homens estavam nos espaços públicos, de poder, de comando, nas ruas (Perrot, 1998).

E dessa maneira, ela seguiu após o falecimento de seu marido Arthur Camilo em 1956. Viveu mais 27 anos, com as duas filhas Maria do Rosário e Izaíra Maria, que não se casaram, mas se tornaram as guardiãs da tradição na comunidade. Neste momento acredita-se que houve uma transição de poder. Embora o poder da presidência sempre estivesse nas mãos dos homens, a mãe e as duas filhas exerciam na comunidade um poder simbólico e interferiam nas decisões e em tudo o que acontecia na comunidade. Dona Carmelinda passou a chefiar a família com a ajuda do filho mais velho e das duas filhas que moravam com ela. Segundo Romeu Sabará (1997), é comum entre os Arturos o filho e filha mais velha exercerem a autoridade herdada pelos pais. Hoje, apenas uma irmã segue no comando simbólico, Maria do Rosário, no entanto, como ela está com a saúde bem frágil, sem poder falar nem andar, e já não interfere e participa como antigamente.

A comunidade passa por novas transformações, na qual a segunda geração descendente de Carmelinda começa a assumir cada vez mais o comando da comunidade na tomada de decisões. Os mais velhos começam a ficar sem voz, são cada vez menos ouvidos, diferente de anos atrás, quando eram mais valorizados, mais respeitados e a palavra da geração dos filhos tinha mais força.

A transição de comando da tradição de uma geração a outra gera ruídos e insatisfações, sobretudo entre os mais velhos. De certa forma, as insatisfações não são fruto apenas das diferenças entre gerações. No caso da comunidade dos Arturos, nos últimos 40 anos, houve uma mudança significativa no modo de viver do grupo e de cada um dos indivíduos, na medida em que a área na qual moram foi alcançada pelo crescimento de Contagem e hoje integra a zona urbana do município.

Neste sentido, as tensões entre a geração das filhas e filhos de Carmelinda com as netas e netos, refletem também a mudança de valores mais amplos, nas quais se circunscrevem as tensões entre o rural e o urbano e a oralidade perde espaço para outros saberes e tempos, que pouco a pouco modificam as relações na comunidade. De acordo com Ecléa Bosi (1994), a sociedade industrial é maléfica para a velhice, pois rejeita o velho e não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Os mais velhos da comunidade começam a vivenciar este processo, contudo, ainda

há uma parte da comunidade formada inclusive por jovens, que valoriza a sabedoria dos mais velhos. Respeitam-os e desejam que haja continuidade dos seus ensinamentos. Os conflitos existem, mas também há encontros de pensamento e memórias entre as gerações dos Arturos. Estas lembranças podem ser mediadoras entre a geração mais velha da comunidade com as atuais. Revelam que de geração em geração a história se reproduz, e se reconstrói em muitas outras, cujos fios se cruzam e prolongam o original, puxados por outros dedos (Bosi, 1994).

Assim, o desdobramento do trabalho se dá ao longo desta memória coletiva, agora nas narrativas das jovens bisnetas de Carmelinda Maria e nas suas experiências de outro tempo vivido.

### **3.4 As Jovens Arturos, bisnetas de Carmelinda Maria**

Na comunidade dos Arturos, a cada ano nascem mais crianças, o que faz crescer os descendentes da família. Os jovens em sua maioria compartilham as mesmas faixas etárias, ou seja, há grupos com a mesma idade, ou com idades próximas, cujas mães engravidaram junto, ou em momentos próximos, o que é muito comum de se encontrar pela comunidade.

Nessa convivência, crescem juntos, e formam seus grupos. Em geral, a juventude dos Arturos convive muito junto tanto na comunidade, como na escola que frequentam. Estão juntos nas brincadeiras e afazeres comunitários, no colégio e nas saídas noturnas aos finais de semana. No Congado também participam juntos. A forte convivência entre eles tem contribuído, desde a geração de seus pais, para a ocorrência de muitos casamentos intrafamiliares. Na geração anterior, cerca de 80% dos casamentos se deu entre primos. Hoje o percentual é menor, mas, ainda assim, ocorre com grande frequência.

Ao mesmo tempo em que os jovens continuam casando entre os 17 e 22 anos, há na atual geração algumas jovens que ainda não se casaram e que estão na faixa dos 30 anos de idade, sobretudo mulheres. Entre os homens, normalmente chegam aos 30 já casados e com filhos. No entanto, há alguns casos, de gravidez precoce na adolescência, entre meninas de 14 a 15 anos de idade.

Outro dado importante, é que as mulheres jovens estudam mais que os homens, e terminam adiantadas o ensino médio. Os meninos jovens param os

estudos por volta da 8ª série, para trabalhar em atividades que exigem o emprego da força física. As meninas jovens também começam a trabalhar cedo, primeiro cuidando da casa e dos irmãos para a mãe possa trabalhar fora, e posteriormente muitas delas começam sua vida profissional como babás de crianças nos bairros próximos da comunidade ou até mesmo no centro da cidade de Contagem ou Belo Horizonte. Outras ainda cuidam de crianças na própria comunidade, filhos e filhas de mães que precisam trabalhar fora e não têm com quem deixar seus filhos. Muitas delas cuidam, levam para escola, e dão aulas de reforço.

Neste trabalho, as jovens narradoras têm mais de 20 anos e são bisnetas de Carmelinda Maria. Esta faixa etária foi escolhida pela suposição de que elas poderiam ter a lembrança das narrativas a respeito da bisavó, pois ela faleceu há 28 anos. Buscou-se então, alguma lembrança vinda da real interpenetração, as chamadas lembranças por tabela, nas quais aquilo que me contam, eu sinto como se tivesse vivido, mas na verdade foi contado pelo outro, ressignifico o que me contaram (Halbwachs, 2006, p.62). Neste sentido, as possíveis lembranças da bisavó desta geração mais nova viriam ressignificadas de tanto elas ouvirem falar dela, a partir daí construíram a impressão de que a conheceram.

Nesses fragmentos de memória, algumas lembranças sobre a bisavó:

*Que eu me lembre assim, que eu ouvi falar é que ela era muito parecida com minha avó Tetane. Que eu me lembre é só.*

(Cristiane, 28 anos)

*Eu só ouvi comentários sobre ela, que ela era uma pessoa assim muito correta. Não tenho muito assim o que falar dela, porque quando eu nasci eu tinha 15 dias de nascida ela faleceu. Ela faleceu no dia 4 de novembro, vai fazer 28 anos que ela faleceu. Eu nasci dia 21 de outubro. Mas aí quem fala sobre ela, fala que ela era uma pessoa muito correta com as coisas dela, mas assim que eu sei dela, é pouco.*

(Daniela, 27 anos).

*A gente ouviu, só de ouvir falar mesmo. Que ela era uma pessoa que sabia dar carinho, mas também era muito rígida, tinha que ser tudo muito certinho, muito correto com ela, tudo muito certo, ela era muito*

*brincalhona, não tem muita coisa que eles falam pra mim assim dela não.*

(Renata, 23 anos)

*Não, que minha avó comentava: “Ai minha mãe não gostava disso, daquilo, mais assim”. Fato marcante assim eu não lembro não (...)  
Ah, mais assim como a gente agiria (...) Vou dar um exemplo: namorar: na época dela, ela não deixava a gente namorar assim, era um sentado de um lado, outro sentado do outro, não era como hoje; mais isso...*

(Cíntia, 26 anos)

*Ah de ouvir falar (...) eu já ouvi falar que ela mexia lá, trabalhava lá nos Arturos, não sei não. Quando ela morreu eu não a conheci não.*

(Leidiane, 20 anos)

*Dela assim nós não lembramos não. Nós sabemos mais do bisavô, dela não.*

(Walquiria e Aline, 22 anos)

Pode-se perceber que são muito poucas as lembranças sobre a bisavó, o bisavô ainda é mais lembrado, por ser constantemente ressignificado e rememorado por toda comunidade por ser o mito fundador.

Outra questão que se apresenta é que faltam lembranças da bisavó, também por conta das mudanças e transformações no tempo e no espaço. Não há mais o tempo de contar e ouvir histórias, estas novas gerações vivenciam outro ritmo de vida, outras experiências com as novas tecnologias e com a televisão que ocupa cada vez mais as suas vidas. A cidade chegando e este diálogo constante entre a tradição, os ensinamentos dos ancestrais, dos avós e o mundo de hoje, com suas emergências e exigências.

Atualmente com a proximidade da cidade, dos valores urbanos, de outro tempo instaurado dentro da vida dos jovens Arturos, modificaram-se as relações, o estar no mundo, e as experiências são sentidas de outra forma, trazem os elementos da urbanidade, intercalam com os saberes tradicionais provenientes dos

ancestrais, dos ensinamentos dos antigos e da presença forte da oralidade na cultura africana e afro-brasileira.

Há mudanças entre as gerações, os mais velhos da comunidade vivenciaram outro tempo, com pouca influência da televisão e da inserção de novas tecnologias. Um tempo de mais conversa, de contar histórias, dos afazeres ligados a terra, ao cuidado dos animais, como gado, porcos, cavalos. Diferente das outras gerações que atualmente trabalham fora da comunidade para sobreviver e sustentar suas famílias. Saem de casa na madrugada e retornam ao final da tarde. Os jovens seguem o tempo marcado pelos programas de televisão, pelos celulares, alguns estudam a noite, outros trabalham, num ritmo bem diferente do que no passado. As jovens saem com as amigas, para o pagode no meio da semana na cidade de Belo Horizonte, ou conversam e namoram no 'trailer barzinho' próximo à comunidade, até por volta de meia noite. Vivências e experiências que demarcam outras práticas sociais, mudanças de valores, costumes e comportamentos.

Todas essas transformações revelam mudanças operadas na vida da comunidade e nas jovens Arturos com as influências da metrópole que instauram outras trajetórias de vida.

Neste contexto, as narrativas se modificam entre as gerações dos Arturos, com o aumento do individualismo, falta de sociabilidade, do tempo volátil, com a vida cada vez mais imersa na modernidade e nos valores urbanos.

Ouvir essas mulheres, as suas narrativas, e retratar a trajetória das gerações que se cruzam e se modificam, permite melhor compreender o significado do presente por elas experimentado.

Ouvindo depoimentos orais constatamos que o sujeito mnemônico não lembra uma ou outra imagem. Ele evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência. (Bosi, 2003, p. 44)

As lembranças possibilitam reatualizar o que foi vivido, ganham um colorido de acordo com a experiência do presente. Neste sentido, as lágrimas, os risos, os silêncios, as dores, o não querer falar, ou o querer falar, se revelam nas falas das narradoras desta pesquisa. Pode-se perceber que há, na maioria das narrativas, sobre a mãe, avó e bisavó Carmelinda, um enquadramento da memória (Pollak,

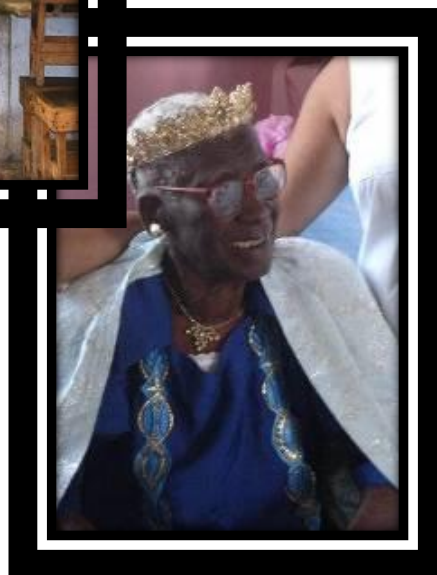
1992), no qual as mulheres Arturos enquadram as memórias do que querem falar, passar, aquilo que é dizível e aceito pela sociedade.

Neste movimento da memória, do dizível e indizível, passado e presente se encontram e reconfiguram as gerações de acordo com seu tempo. Há distanciamento e aproximações que se entrelaçam na trajetória dessas mulheres.

Como no passado, a vida das mulheres Arturos continua vinculada ao trabalho extenuante, às duplas jornadas e à sustentação da comunidade. O presente se mostra tão difícil quanto o passado, mas agora as dificuldades são outras e envolvem novas relações de trabalho, novos hábitos e desejos.

As relações são transformadas: a família, que no passado estava ligada à atividade rural, diante das exigências do presente é modificada, assim como a percepção dos próprios indivíduos da comunidade sobre si mesmos. Desse modo, a trajetória das mulheres Arturos também se modifica ao fazer parte deste movimento. Traz novas percepções sobre a vida e as relações sociais e marca diferenças do tempo de Carmelinda. Neste contexto, buscaremos refletir sobre a participação das mulheres Arturos, tanto na comunidade como no Congado e nas modificações dessas entre as diferentes gerações seguidas à de Carmelinda Maria.

As mudanças entre as gerações das mulheres da Comunidade não acontecem de forma linear, apresentam contradições e conflitos de olhares e de visões de mundo, marcados pelas transformações sociais vividas por cada geração. Mas é importante lembrar que nas diferenças de olhares, há encontros e aproximações que revelam o entrelaçar da memória.



**CAPÍTULO 4 - Encontro de Memórias: filhas, netas e bisnetas – permanências e transformações**

## 4.1 O espelho de lembranças – filhas e netas: memórias que ecoam no presente

Neste capítulo serão aprofundadas as narrativas das mulheres Arturos que fazem do passado uma fonte para compreensão do presente. Ao falar da história da comunidade e da participação da Carmelinda na conformação da família, as mulheres Arturos também falam de si mesmas e de suas vidas. A família é um assunto sempre presente como o elo que une todas as gerações. Assim como o Congado, que aparece como um eixo guia dos Arturos, algo que reativa a memória da comunidade, ligando-a a seus ancestrais.<sup>28</sup>

### As Filhas de Carmelinda

#### Conceição Natalícia

Nas memórias de Conceição Natalícia, dona Tetane (93 anos), como todos da comunidade a chamam carinhosamente, o exemplo dos pais, seus ensinamentos e cuidados e a força empenhada na manutenção da família é um sentimento que perpassa a própria existência. Ao recordar o que a mãe a ensinava com relação a ajudar a quem precisasse, ela narra:

*A casa nossa era assim igual é até hoje, nós segue a mesma coisa, todo mundo que chega a gente acolhe. Mamãe sempre falava: “eu vou sair, vou trabalhar, mas se chegar um pobre coitado aqui na porta aí pedindo um prato de comer, ocê se sobrou um angu da panela tira um pedaço de angu e mata a fome daquele. Não quero que ocês falem que não tenha, o pouco que tiver aí vocês matam a fome. Porque o que ocês dá a ele, Deus dá a nós a recompensa e me dá saúde pra eu e pra seu pai pra comprar outro”. Assim nós fazíamos até hoje, eu vou falar com ocê, bem na verdade aqui no Praia (bairro de Contagem) a casa que todo mundo gosta, a casa mais farta que tem aqui, que se passar alguém, é minha família. A família de Devardo a gente chega lá come, bebe, dorme e ela trata a*

*gente com todo carinho. Ainda hoje veio um rapaz falou comigo aqui, veio e encontrou comigo ali, foi ótimo me abraçou e falou comigo você é minha mãe, Devarado me criou e eu considero você como minha mãe. Papai era assim também, por lá não passava um sem ele ajudar.*

O interessante é que na fala de Conceição, assim como da maioria das mulheres da comunidade, a referência paterna é sempre presente, como foi dito anteriormente, assim como o masculino que comanda a família. Esses elementos fazem parte da formação da sociedade brasileira na qual o homem é visto com maior destaque e superioridade, influência do machismo e de uma cultura patriarcal. Dona Tetane contou como ainda hoje segue os ensinamentos dos pais ao ajudar Rossino um agregado da família, filho de um amigo do seu pai que ficou órfão e foi adotado como membro da família. O quase irmão dos filhos e filhas de Carmelinda e Arthur cresceu na Comunidade, ajudava as irmãs Izaíra Maria (Tita) e Maria do Rosário (Induca)<sup>29</sup> na lida diária com as plantações e animais.

Depois de Izaíra Maria falecer e Maria do Rosário adoecer ele foi acolhido por Dona Tetane até falecer em 2011. Conceição enfatizou os cuidados que dedicava a ele, “igual mamãe ensinou e papai criou”, considerando-o igual um filho. Lavava e passava sua roupa; quando ele adoeceu, ficou no hospital, todos da família cuidaram dele com muito carinho. Com alegria, enfatiza:

*Nós fomos criado assim, e assim nós vamos levando pra frente. Graças a Deus tanto faz mamãe como papai, ensinou nós muito bem, como é que era a vida de viver uns com os outros. Todo mundo graças a Deus, eu não tenho uma inimizade com ninguém, tenho 93 anos, e acho que não tem uma pessoa que reclama Dona Conceição é isso, Dona Conceição é aquilo não. E mamãe também era a mesma coisa, todo mundo gostava de mamãe, ela criou com*

---

<sup>28</sup>Dado o grande número de entrevistas, optei por apresentar a história dessas mulheres de forma a contemplar as diferentes gerações. Aqui, a escolha ilustra as mulheres filhas e netas de Carmelinda Maria, nos seus tempos. As narrativas têm o espelho da mãe e avó como o fio condutor que se entrecruza com suas próprias existências.

<sup>29</sup> Izaíra Maria (Tita) e Maria do Rosário (Induca) foram as duas irmãs que não casaram. Sem constituir um novo núcleo familiar, tornaram-se como que guardiães das tradições da família e a casa delas, que é a casa onde viveram os pais, passou a centralizar todos os acontecimentos que dizem respeito a comunidade.

*muito respeito, ensinou nós todos trabalhar direitinho e assim eu ensinei meus filhos também. Meus filhos, eles não escolhem serviço pra eles, o que dá pra eles fazer eles fazem, graças a Deus, não tem ladrão não tem malfazejo. Graças a Deus, mas é o que já vem das raízes.*

A família e os valores aprendidos com os pais orientam o grupo no cotidiano. O acolhimento é uma característica incontestada da família dos Arturos, que ao longo dos anos constituiu extensa família, com os agregados que foram acolhidos e entraram para a família.

Ainda nesta mesma esfera da continuidade dos ensinamentos dos pais, a boa convivência, as amizades, o tratar bem as pessoas foi tão enfatizado por Dona Tetane, como um valor muito importante deixado por sua mãe Carmelinda a todos eles. Ela foi a única filha que, após ter se casado, morou e mora até hoje fora do espaço da comunidade, por conta do trabalho do seu marido.

*É, e eu falo mesmo. Todo o lugar que eu já morei graças a Deus eu deixei boas amizades, nós mudamos daqui, nós fomos morar lá no alto. Onde Devardo trabalhava me levou pra lá, mas eu dexei tantas boas amizades lá que até hoje, tem um tal de Joaquim, nós morávamos no barracão dele, quando eu mudei de lá, a esposa dele, Dona Raimunda, diz que chorou depois que eu vim, oh meu Deus, não tem uma inquilina aqui perto de mim que eu combinava tanto igual a Dona Conceição. Deixei muitas amizades lá, tinha uma tal de Dona Josina, Dona Raimunda, Dona Conceição, nós éramos muito amigas. Eu cheguei lá fiz amizade com elas todas e elas tudo tinha muito amor, muita consideração, me ajudava a olhar os meninos, porque menino quando chega assim, parecia mais gato no mato, chegava lá a gente não sabia, a gente não podia ter confiança né? De deixar eles. Com os meninos delas saiam lá por toda banda.*

Nesta época era muito bom, segundo Dona Conceição, poder contar com a amizade das mulheres que moravam perto de onde ela morava, já que ela não vivia mais na comunidade, sobretudo para ajudar nos cuidados com os oito filhos. Na

comunidade não se tem este tipo de problema, pois todos cuidam das crianças, há uma responsabilidade com o coletivo.

No entrelaçar da memória, suscitada por essas lembranças de boas amizades, surgiu a lembrança da morte de seu irmão, que foi morto próximo de sua casa, como ela mesma conta:

*Eu graças a Deus tenho meu coração aberto pra todos, tem gente que a gente sente mas a gente (...), mas peço a Deus que perdoa ele foi quem matou meu irmão. Em seu Paulo, vizinho ali, esse a gente tem mágoa no coração que não saí mas, eu peço a Deus que perdoa a ele pois ele não sabe o que faz como diz o ditado. Esse aí matou um irmão da gente, eu tenho mágoa mas o resto não. Ele que matou compadre Zé, ele que matou. Marido de comadre Virginia, ele era dançante do Congo. Se você ver Luis é o que mais parece com ele, os outros parecem, mas ele é o que mais parece. Então quando eu vejo ele dançando com a espada na frente do Congo me dá aquela dor no coração. Luis é filho dele, Luis Acácio, marido de Geralda, o mais velho. Agora Taquinho tá parecendo demais com compadre Zé, mas Taquinho não dança. Os meninos de compadre Zé quem só dança é só Zé. Os outros, a Fátima dança igual ele, é mesma coisa. Você já foi na Libertação dos escravos, né? Pois ele é que canta naquela hora da libertação dos escravos. “Eu tava dormindo Sá Rainha me chamou, acorda nego cativo já acabou”. O compadre que cantava aquela música, e ele ficou no lugar do compadre, até ele aguentar a cantar é ele quem vai ter que cantar, porque ele ficou no lugar do pai dele. No ano que compadre Zé morreu, no outro ano que nós fizemos a festa eu via ele lá também. Era mesma coisa de compadre Zé, todo mundo chorou na hora que ouviu ele cantar. Ele parece muito com ele.*

Nas rupturas da memória, Dona Conceição Natalícia (Tetane) já trouxe junto da lembrança de morte de seu irmão a lembrança dele no Congado, o canto e a dança que permanecem vivos nos filhos dele. Ao narrar esses fatos era como se a

memória se transformasse em “imagens-lembranças” (Bérgson, 1999) para a narradora, que reconstrói a emoção do que foi vivido. A linguagem da memória, desse modo, desperta o fluxo afetivo que recupera o ente perdido.

O Congado faz parte da memória e se mantém vivo no cotidiano e no imaginário da Comunidade. E Dona Tetane segue a narrativa, fala que a mãe dela desde que casou com seu pai começou a gostar do Congado e que ele já era congadeiro antes mesmo de se casar. Com muita vivacidade afirmou que Carmelinda foi “a dona do Congado até morrer”. Neste momento as memórias da perda dos pais afloraram. Dona Tetane, contou que quando seu pai faleceu, ela já estava casada, e Neusinha, filha dela, já estava com seus seis meses<sup>30</sup>.

Conceição lembrou a data do falecimento do pai através da lembrança da idade que a filha tinha à época. Pois nesse dia, Neusinha estava com o avô.

*Neusinha, minha filha, tinha 6 meses quando ele morreu, e no dia que ele morreu, ela veio no quarto dele, devia ser uma 8 horas, e tava no quarto aquele quarto que é de junto da cozinha da Tia Induca, ele dormia era ali. Aí todo dia de manhã cedo quando nós não passava a noite eu ia pra lá, todo dia ele falou:*

*- Cadê a menina?*

*- Tá deitada;*

*- Traz ela aqui;*

*Aí sentei no pé da cama dele e ele ficou segurando na mão dela balanceando.*

*Compadre José tinha ido na Contagem porque tinha comprado uma penca de banana madura prata, porque ele falou que tava com vontade de comer banana prata, compadre Zé foi lá. Tudo que falava que ele queria comer compadre ia lá e corria pra comprar. Trouxe a penca de bananas, daí ele mandou eu sentar no pé da cama dele, e pegou na mão de Neusinha e ficou brincando com ela assim e falou me dá uma banana dessa aí descasca e dá pra ela. Aí eu descasquei a banana e dei pra Neusinha, daí ela ficou comendo a*

---

<sup>30</sup> Arthur Camilo faleceu no ano de 1956, em dezembro, com 76 anos de idade ao que tudo indica. Consta que ele nasceu em 1880 pelo atestado de óbito levantado por Gomes e Pereira, mas ao certo não se sabe se foi 1880 ou 1885, de qualquer maneira Arthur Camilo assistiu ainda criança aos lentos e derradeiros lances da escravidão (Gomes e Pereira, 2000, p.211).

*banana e ele balanceando a mão de Neusinha. E ela ficou sentadinha, sentadinha. Aí a gente via que ele tava que a água escorria na cama, aí ela não comeu nem a banana toda ficou um pedaço. Daí eu falei:*

*- Ah papai ela não quer mais não porque ela comeu ao menos um pedaço da banana.*

*Daí eu pus ela nos pés da cama dele assim, e sem perceber nessa hora Devardo chegou, ficou mais ele conversando. Devardo tinha ido lá em Serra Negra olhar o serviço de compadre Zé, daí Devardo foi lá olhar um trabalho, daí ele falou:*

*- É compadre onde você tava?*

*- Eu fui lá pagar o salário pra compadre Zé que ele tava ajudando, daí eu fui lá olhar um trabalho pra ele.*

*- Pagou o cidadão? , ele disse*

*- Paguei, falou Devardo, tá tudo pago.*

*Daí ele ficou olhando sossegado, e falou Graças a Deus (...) daí eu saí com Neusinha e ficou Devardo e o meu compadre que era o pai de comadre Lucinha no quarto com ele. Quando eu cheguei na cozinha que eu sentei assim, eu vi que o compadre olhou pra ele eu vi que tinha dúvida, porque compadre olhou pra mim assim (...) papai morreu de vez? Tio Joaquim e Devardo me olhou (...) era ele que tava acabando, ele deu a Neusinha a banana de despedida. Por isso eu não tenho a data certa é pela idade de Neusinha que eu sei, porque ela só tinha 6 meses quando ele morreu.*

Junto com esta lembrança da morte do pai, surgiu a lembrança da mãe Carmelinda. Dona Tetane afirmou que depois do falecimento do pai, a mãe seguiu o Congado. Ficou na casa com Tia Induca e Tia Tita até ela falecer também há uns 28 anos atrás. Conforme narra:

*Mamãe morreu com problema de pressão alta, deu aquele tipo de derrame. Ela tava almoçando, as meninas<sup>31</sup> estavam todas almoçando, até comadre Lucinha tava. Depois ela comeu conversando com ele Joaquim, meu filho. Oh Carmélia você quer*

---

<sup>31</sup> Meninas são as suas duas irmãs Izaíra Maria e Maria do Rosário.

*mais, põe mais um pouquinho. Tia Induca passou a mão no prato e foi lá na panela, pôs comida pra ela, quando veio com o prato de comida pra ela daí ela já tava parada assim, olha comida aqui mãe olha comida aqui mãe, daí ela já não falou mais nada. A fala sumiu, perdeu a fala, eles ficaram apertados, Nossa senhora, Nossa Senhora, ninguém deu idéia pra comer mais, pegou ela e saiu com ela correndo levou ela pro hospital e ela não voltou mais. Não falou mais, foi derrame que deu. Com isso ela foi, não durou muito não, ficou lá foi uns 10 dias mais ou menos, e morreu, não voltou em casa mais (...) Engraçado que ela deu vontade de comer um frango, eles fez, matou o frango e deu a ela, ela comeu dois pedacinhos, daí perguntou se ela queria mais, ela falou que queria, daí eles foram lá colocou, quando voltou ela não deu conta de comer mais, morreu, ela nem emagreceu pra morrer, tava com uma cor bonita doeu pouco, já Devardo não, Devardo teve internado umas 6 vezes, não houve jeito, vinha, voltava, vinha, voltava, o dele era pior que era coração né?*

Ao se lembrar da morte do pai, Dona Tetane mencionou também a morte de seu marido Devardo. Mas pouco falou sobre ele. Continuou falar sobre a saúde da mãe nos tempos de sua juventude:

*Mamãe, ela tinha problema de pressão alta, igual a gente mesmo, um dia tava boa, outro dia (...) foi até piorar, daí não teve jeito mais.*

*Eu ficava mais com ela, por isso que eu sou mais 'garrada em casa, eu não gosto de sair de casa, às vezes eu saio porque tem precisão, mas toda vida eu fui acostumada a ficar em casa, mamãe e as outras.*

Ao falar de si e de sua personalidade caseira, Dona Tetane se lembrou da irmã Juventina, que gostava de sair e ir para os bares e festas.

*Juventina não, Juventina gostava de ir pros bares, pra festa, tudo. Aproveitava muito, eu não, às vezes tinha festa lá em Caracóis, todo*

*ano tinha na casa de compadre Antonio, a gente ia e ficava lá em Caracóis, ficava lá num dia voltava no outro. O dia que ela falava comigo. Conceição pode ir eu to melhor, você não vai em festa nenhuma, ah eu falava: ah mãe não tem graça ir e deixar a senhora nesses perrengues não (...). Papai comprava os remédios e deixava lá e me ensinava:*

*- Olha esse remédio você dá a ela tantas horas, esse é depois do almoço, esse é meio dia.*

*E eu cuidava daquilo tudo direitinho, aí ele tinha aquela confiança, ele saía e deixava eu em casa e ficava tranquilo, porque eu dava tudo certinho, a comida, tudo na hora certa, e eu acostumei. Às vezes ela falava pra mim, pode ir “eu não to sentindo nada, pode ir”, ah eu não vou não mãe, eu não gosto de deixar você aí sozinha e acostumei, não saía muito, as outras saíam. E até hoje acostumei em casa, não gosto de ficar saindo muito não. Mas a vida foi assim minha.*

É comum na Comunidade, que as filhas e filhos mais velhos cuidem tanto dos irmãos mais novos, como também dos pais, exercendo inclusive certa autoridade sobre os irmãos. Sobretudo as mulheres, que cuidam e assumem essas responsabilidades. Se as mulheres não se casam, esta responsabilidade aumenta, como as duas irmãs de Dona Conceição que ficaram solteiras e permaneceram ao lado da mãe na casa paterna. Assim é também com Maria Madalena (Miria), filha de Dona Tetane, que é solteira, mora e cuida da mãe.

Ao continuar nossa conversa sobre a vida e o passado referenciado na figura materna, chegamos ao casamento. E Dona Tetane falou da época em que se casou:

*Desde que a gente começava namorar e ficava noivo ela ia explicando tudo como era direitinho. Tanto faz ela como vovó, que morava com nós e dava pra nós tanto conselho (...) e explicava tudo direitinho e também notava qual era o rapaz que a gente tava namorando, se ela visse que convinha ela falava, se não, você não deve namorar esse rapaz, pra mim não serve, a gente não teimava não. Teimava não, hoje as moças teimam, não adianta mãe falar, pai*

*falar, tá tudo diferente. Igual eu to falando com ocê, nós era de um jeito e agora já é de outro porque agora modificou muita coisa, a gente vê muita coisa errada, igual as mães da gente dava a gente conselho, hoje você não pode dar conselho porque elas não obedecem, nem os filhos, nem as filhas, obedecem nada, aí a gente tem que falar, e se a gente falar eles ainda ficam com raiva da gente.*

Nessa narrativa, percebemos as mudanças na relação cotidiana entre pais e filhos. As novas gerações têm uma postura de maior independência em relação aos pais, algo que é interpretado de maneira negativa por Dona Tetane, que adotou tom queixoso ao se referir ao fato de que os filhos já não ouvem tanto os pais.

A transformação nas relações cotidianas entre os mais novos e os mais velhos estarão presentes em muitas outras narrativas, como experiências vividas no presente que demarcam uma transição nas formas de interação entre gerações diferentes.

No desenrolar das memórias, Dona Tetane explica a configuração de sua família. Falou de sua avó, Maria do Amparo Diniz, e do avô Francisco José Mariano. Enfatizou que seus avós foram seus padrinhos. Assim como a dindinha Tetane, que também a batizou, que era filha do avô, irmã de sua mãe, ela afirma que “era padrinho tudo em casa”. As relações de compadrio e apadrinhamento eram muito fortes nesta época, e até hoje são valorizadas entre todos da comunidade. Dentro dessas relações, outras se enredam, como compromissos, autoridade e respeito aos padrinhos e madrinhas, e na falta dos pais, cabe a eles o dever de assumir os afilhados(as). O batismo ainda simboliza o “firmamento” do anjo da guarda da criança, garante a proteção, como me contaram algumas mulheres da comunidade. Por isso que lá, geralmente até a criança completar um ano, já acontece o batizado.

Outro fato narrado por ela refere-se aos irmãos de sua mãe, que os legítimos eram três, Dórico, Petrina e Carmelinda. Mas enfatiza que sua avó era casada pela segunda vez, tinha a filha Filomena que era filha do primeiro marido dela, assim como Salvador e Efigênia. E Filomena foi casada com Arthur Camilo, seu pai, depois que ela faleceu, ele se casou com Carmelinda, sua mãe. Com a Filomena ele não teve filhos. Somente no segundo casamento com sua mãe, Arthur Camilo foi pai. Os três irmãos já faleceram, a última foi Carmelinda. Petrina, irmã de

Carmelinda, era mãe de Raimundo, o marido de comadre Lucinha, e por essa razão, considera Raimundo como um irmão, conforme afirma:

*Quem vê fala que nós somos irmãos, mas não é irmão, ele porque dindinha Petrina morreu, ele tava pequeno, ele foi criado com nós, o padrinho deixou ele com mamãe pra ele poder trabalhar. Aí nós fomos criados como irmãos, mas ele era primo nosso, a família era grande e era complicada, né? Papai casou duas vezes (...).*

A memória dos avós, filhos, e das pessoas que foram agregadas reforçam a existência da família extensa, muito comum na formação das famílias negras, como foi mencionado no segundo capítulo deste trabalho.

No decorrer da nossa conversa, os fios da memória nos levaram para os filhos e seus nascimentos. Neste momento surgiu a lembrança de mais um ofício da mãe, o de parteira e rememorou que todos os filhos naquela época nasceram com parteira em casa.

Ao lembrar que Carmelinda era parteira e teve todos os filhos em casa, Dona Tetane se lembrou de sua própria história, de que todos os seus filhos nasceram em casa e de como a filha Neusinha nasceu.

*Eu nunca fui no hospital, foi tudo nascido e criado em casa. Essa Neusinha minha, essa nasceu comigo sozinha, eu morava num lugar que não tinha vizinha nenhuma, um tal quilombo que fica pro lado de Neves, roça pra lá, Devardo tratou com uma parteira pra ela ficar comigo, só que ela tava na casa de mamãe, só que ele tinha que sair e buscá-la, só que foi num sábado, era pra ele ter ido buscá-la. Mas ele não foi, daí ela não veio, ele foi fazer compra, chegou lá tomou um 'gole', chegou em casa 'bicudo', daí não deu conta de buscar ela na casa de mamãe. (...) mas quando deu meia noite eu comecei a sentir, mas eu não falei nada com ele, porque ele tava 'bicudo' e ele ia fazer uma confusão se eu acordasse ele (...) aí eu levantei ele tava garradinho no sono, fui arrumei, fui no terreiro apanhei folha que eu sabia que era boa pra fazer banho, pus na panela pra ferver. Depois pus na bacia, tomei banho, agora eu não devia ter tomado banho,*

*porque o banho aperta, devia ter chamado ele, mas não, eu fiquei calada pra ele melhorar. Aí minha filha, arrumei tudo, peguei tesoura, peguei os trens tudo pus dentro de uma cesta, e pus nos pés da cama, aí quando eu vi garrei no sono, quando eu vi que a dor tava apertando agora a melhor coisa que tem é eu deitar, subi nos pés da cama (...) quando eu ia deitar (...) ele acordou:*

*- O que você vai fazer aí?*

*- Ah eu não to passando bem Devardo,*

*- Nossa Senhora! e Servina, e agora? você espera amanhã?, ele falou*

*- Que amanhã Devardo, não! que tempo eu to mexendo na cozinha, já banhei, já fiz tudo, agora é pegar com Deus.*

*Aí pensei assim: Oh meu Deus a alma de minha vó vai me valer que eu to sozinha, ele desse jeito, se eu for chamar ele, sai doido aí fora não acha cavalo vai ser aquela confusão (...) menina eu fui aguentando, aguentando, ele doido querendo sair (...) eu falei:*

*- Não, agora você não saí não Devardo. Você sai e eu vou ficar aqui sozinha? Devardo, agora seja o que Deus quiser.*

*Aí pensei: Ah, minha alma de minha avó ela era uma parteira muito boa, ela vai me valer, ela não vai deixar acontecer coisa grave comigo, vai me orientar que eu vou dar conta de fazer o que for preciso, quando dei fé a menina nasceu (...) quando a menina nasceu ele falou?*

*- E agora? –*

*E agora? você bebeu sua cachaça agora você vai sarar essa cachaça agora e vai fazer o que é preciso uai.*

*- O que, que eu vou fazer?*

Entusiasmada, continuou a contar:

*- Você levanta, põe uma água pra esquentar lá, daí põe na bacia e coloca aqui nos pés da cama.*

*Ele foi lá, ele tremia igual uma vara verde com medo que acontecesse alguma coisa, ele nunca tinha cortado umbigo, não sabia, aí meu Deus (...) Deus ah de me ajudar,*

*- Me dá tesoura aí Devardo.*

*Daí ele trouxe a tesoura ele tremia igual uma vara verde, como ele estava sentindo a dor. Daí eu falei:*

*- Não precisa ter medo não, a alma de vovó me orienta aqui, que eu vou fazer tudo certinho não vai dar nada errado.*

*Daí sentei na cama, cortei umbigo, dei banho na menina, arrumei tudo, arrumei o umbigo, enrolei ela e pus no canto da cama. Daí mandei ele tirar os trens tudo e por pra lá, e vai buscar mamãe quando amanhecer. Quando o dia começou a clarear, eu falei:*

*- Agora você pode ir, traz mamãe e Servina.*

*Graças a Deus, a menina mais forte que eu tive foi Neusinha, agora que ela tá meio 'catimbada'. Parece que a alma de vovó me ajudou eu arrumei tudo certinho. Quando mamãe chegou lá e foi olhar eu falei:*

*- Oh mãe se tiver alguma coisa errada aí você arruma, eu fiz porque o que eu ia fazer? não tinha quem fizesse pra mim.*

*- Aí ela foi olhar e falou: "não Conceição, graças a Deus tá tudo certo não tem nada errado. Deus vai tomar conta que vai dar tudo certo, não vai acontecer nada não."*

*A menina ficou boa graças a Deus, mas eu nunca fui no hospital pra parto não, criei meus oito filhos (...) e não sei o que é porta do hospital. Toda vida graças a Deus, tive muita saúde, agora que de vez em quando eu vou no médico, mas eu não tinha esse negócio não, eu tinha a natureza igual papai, papai foi no médico quase na hora dele morrer. Ele nunca adoeceu assim, ele tinha gripe, uma dor de barriga, mas doença mesmo papai não tinha não, tomou remédio de médico já pra morrer, mas ele não tinha esse negócio de adoecer e fazer exame, ele nunca tomou injeção (...)*

Sobre os remédios naturais e outras formas de curar as doenças:

*Era remédio do campo, chá, era raiz, essas coisas, e o povo também tinha muita fé assim: era dor de ouvido, benzina e sarava. Hoje não, parece que o remédio não vale de nada e o povo também não tem fé. O povo tá tudo doente o povo de primeiro era tudo forte. Eu graças a Deus toda vida fui muito forte, eu tinha tanta saúde, agora que enfraqueci; mas também*

*você vê o que eu já passei, também não é brincadeira, criar esses filhos tudo. Com toda dificuldade que eu falei com 'ocê, ajudar mamãe a criar os delas como eu falei pr'ocê, porque as mais velhas que criam os irmãos.*

No movimento de ir e vir da memória, Dona Conceição volta a falar mais sobre as parteiras, ofício que sua mãe aprendeu com a avó.

*Vovó, Maria do Amparo, era parteira muito boa, com isso mamãe aprendeu, acostumou, não tinha esse negócio de chamar médico não, ia uma parteira pra casa da outra, e mamãe sempre acompanhava vovó, e vovó ensinava a ela, toda a vida ela sabia. Lá tinha muito parteira, vovó era parteira, mas uma tal de Sinhana da Costa que cortou meu umbigo, porque o dia que mamãe ficou me esperando, vovó não tava em casa, ela tava cuidando de outra. Daí mamãe ficou passando mal e chamou essa senhora Sinhana da Costa, nossa era Oliva, Senhora Codena, Servina, nossa era muita parteira, era tudo parteira, era coisa muito fácil. Hoje que não tem, ninguém mexe quase nada, aí não usava levar para o hospital nem nada, criava os meninos em casa, criava os meninos tudo forte.*

Dos nascimentos surge a lembrança dos filhos e de como no passado eram cuidados os nenéns, diferente de hoje:

*De primeiro nascia, eles não saiam no terreiro igual hoje, era com touca na cabeça, era enrolado com flanela, hoje, não, no outro dia já tá apanhando sereno, tudo isso adocece, né? (...) Antes, 7 dias depois que nascia, o menino era fechado no quarto, não deixava ninguém nem fazer visita, pegar serviço em 7 dias, não entrava pra ver a criança não. Já avisava, amanhã vai fazer 7 dias, vocês vem amanhã. Ou depois não vem amanhã não, que amanhã ninguém pode. (...) No sétimo dia tinha aqueles banhos preparados pros meninos, era arruda, era remédio pro umbigo, fazia o pó de fumo, punha no umbigo, e hoje acabou isso tudo, porque tudo é diferente hoje. Se tiver menino em casa hoje os médicos até processa a gente*

*viu? Eu da Neusinha, eu cortei o umbigo, cuidei dela, até cair, porque era longe, mamãe não podia ir lá pra cuidar do umbigo. Eu mesma curei e graças a Deus não deu problema, mas hoje eu não faço isso nem (...).*

Com seu jeito alegre de falar, Dona Conceição se emociona ao falar dos cuidados de antigamente, de “um outro tempo” como ela diz:

*É, não é fácil não. Você vê que eu curava o umbigo dos meninos com azeite de mamona, pó de fumo, hoje se por pó de fumo no umbigo dos meninos, os médicos falam que é veneno. Vovó ia mandar, preparava aquilo pó fininho e deixava numa caixinha pra quando ele nascesse já estava pronto. Fazia aquela simpatia tudo direitinho, a gente já comprava as roupinhas dos meninos, era engraçado, flanela, pra fazer cueiro de flanela, touca, paletozinho, e Vovó ainda cortava aqueles lenços que eles usavam de primeiro né? Agora quando o menino nascia punha o lenço assim, passava assim oh, e amarrava para trás, disse que é para os meninos firmar o pescoço, se deitasse eles não ficavam com o pescoço bambo igual muitos ficam hoje, ela não deixava. Tem que amarrar esses lenços para ficar firme e tinha que amarrar os lenços, tirava um, punha outro, dava banho tirava aquele e já tinha tudo arrumadinho e punha, passava assim, e os meninos ficavam durinhos mesmo. Hoje não, eu fico boba, os meninos nascem no hospital coitadinhos dá banho nos meninos, acabam com a saúde dos meninos (...)*

Neste testemunho, os saberes tradicionais antigos das parteiras, como o cuidar das crianças ao nascer, sem ajuda de hospital, de ter saúde mais forte, estão atrelados às mudanças do modo de vida, que se utilizavam intensamente da sabedoria popular e ancestral.

A origem da parteira tradicional no Brasil parece tratar-se de uma fusão de conhecimentos tradicionais, trazidos da África, com a escravidão, com os da parteira indígena, ainda na época do descobrimento. Esta profissão parece que vai além da técnica, atingindo o campo religioso. (Silva, 2005, p.266)

Desse modo, estes saberes remontam a conhecimentos ancestrais. Demonstram que a sabedoria não se encontra somente na técnica, mas em conhecimentos desprivilegiados no mundo moderno. O saber de origem popular ou adquirido na experiência de vida não é reconhecido como válido por nossa sociedade, como afirma Teresinha Bernardo, ao tratar das guardiãs da tradição na sociedade moderna:

Essas mulheres são hoje dissonantes ao discurso do progresso; são perigosas, são capazes de armar, além de resistências, a manutenção de dissidências contrárias à ordem, à racionalidade aliada à calculabilidade. (2003, p.150)

Neste contexto, estes saberes são contrários ao ritmo de produção e ao desenvolvimento tecnológico existentes na sociedade moderna.

Outra questão interessante revelada na narrativa de Dona Tetane e presente no modo com que a comunidade concebe sua religiosidade é a crença na ajuda prestada pelos antepassados da comunidade: avós, bisavós, os que já partiram para outro plano, mas que na verdade se mantêm vivos no plano simbólico. Vivem em um *mundo intermediário* entre os vivos e os mortos. Na comunidade, os antepassados e as pessoas que faleceram são sempre rememorados, sobretudo nos festejos do Congado, quando há a evocação para que eles estejam presentes na festa, para proteger e fortalecer a comunidade. Este modo de conceber a vida vem do diálogo com a ancestralidade africana, e das culturas existentes neste continente que concebem a morte de outra maneira.<sup>32</sup>

Em uma análise mítica da memória, à luz de Jean Pierre Vernant:

A função da memória – não reconstrói o tempo, não o anula tampouco. Faz cair a barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além ao qual retorna tudo o que deixou a luz do sol. (1990, p.143)

Neste sentido entendo a narrativa desta mulher negra, guardiã de sua história e da história da comunidade, ao falar de sua família, de sua vida e de seus

---

<sup>32</sup> Para aprofundamentos sobre este assunto, cf. Oliveira, Rosângela, “Morte tradicional em sociedade moderna: Os ritos de morte na Comunidade dos Arturos”, Tese doutorado PUCSP, 2011; Santos, Juana, *Os Nagôs e a morte*, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1975, entre outros.

filhos. Estabelece elos com o passado para iluminar o presente e reviver na memória suas lembranças significativas.

### **Maria do Rosário**

Maria do Rosário, carinhosamente conhecida como Tia Induca, tem 89 anos é uma das matriarcas da comunidade dos Arturos. Juntamente com sua irmã já falecida, assumiram ao lado da mãe Carmelinda, o comando da comunidade, após o falecimento de seu pai Arthur Camilo. Desde 2009 ela se encontra com a saúde bem frágil, submeteu-se a amputação de uma perna e está acamada sem poder andar nem falar. No entanto, continua lúcida: pelo olhar, percebemos sua compreensão de tudo o que é falado ao seu redor. Todos acreditam que ela se comunica com o olhar, sobretudo na época dos festejos de Congado.

Essa mulher nasceu na região da Mata do Macuco, em Esmeraldas, cidade próxima a Contagem. Recebeu esse nome, por ter nascido no dia do aniversário de Nossa Senhora do Rosário, dia 7 de outubro.

Reside na casa paterna que fica no centro da comunidade. Sua cunhada Maria Auxiliadora, mais conhecida como Dodora, esposa de seu irmão Mário, é quem cuida dela junto às duas filhas, Antônia (Totonha) e Maria Ângela (Pirusca).

Dona Maria do Rosário teve uma vivência marcante com o mundo rural. Trabalhou na roça para ajudar no sustento da família numerosa. Depois mais velha, passou a cuidar da família dos Arturos ao lado da irmã e da mãe. Sempre zelou muito por todos, cuidou dos sobrinhos e sobrinhas, educou-os também para a manutenção da tradição que os pais lhe deixaram. Na comunidade é conhecida como uma pessoa séria, severa e exigente com todos. É mais reservada e quieta, no entanto, quando se torna amiga, se abre de maneira muito carinhosa e generosa. Há cerca de quatro anos, ela exercia grande autoridade sobre todos da comunidade. Comandava todo trabalho da cozinha nos dias dos preparativos das festas de Congado, preparava os biscoitos em forno à lenha na casa paterna com as outras mulheres Arturos.

Como não teve praticamente acesso ao estudo devido ao trabalho desde tenra idade e às dificuldades de acesso à escola, aos 80 anos voltou a estudar para aprender a ler melhor e também a escrever. Foi aluna muito aplicada, como afirmou Cristina, sua sobrinha. Sua vida foi de extrema dedicação, para cuidar tanto dos

irmãos menores como dos sobrinhos e da família inteira. Um momento de grande alegria para ela é a chegada dos festejos do Congado, principalmente da festa de Outubro, na qual ela vestia o manto e coroa, e tornava-se a segunda Rainha do Império. Em suas lembranças, conta um pouco dos festejos do Congado, da importância de seguir a tradição herdada de seus pais e de ser transmitida de pai pra filho. É Maria do Rosário quem narra:

*Pra mim o Congado é uma grande coisa, muita coisa que eu aprendi.  
Pra nós é isso, coisa de religião e nós toda vida acompanhava papai,  
então eu vou fazer como ele queria, fazer a mesma coisa embora  
agora não é como era mais, né ? (...)*

Há alguns anos, ela reclamava das mudanças que têm ocorrido no Congado em razão desse ter se modificado e não seguir as tradições transmitidas pelo pai. Este fato faz parte do processo de transição vivenciado pela comunidade, como já apontado neste trabalho.

Ao recordar as festas, Tia Induca fala que a Festa da Libertação, em maio, e a Festa da Nossa Senhora do Rosário, em outubro, são na verdade uma só, festa, como ela afirma:

*No 13 de maio é sofrimento, o que os negros sofreram, eu até choro  
de ver aquele sofrimento, mas é preciso mostrar pra ver o que é. Eles  
cantam aquela música na missa, Nossa Senhora, aquelas palavras é  
muito triste, que eles falam, os branco tava pra dentro, os negro tava  
pra fora de casa, o negro não podia rezar, quando entrava os  
soldado, se falasse alguma coisa ainda apanhava, isso é muito,  
quem pensa o que tá ouvindo aquelas palavras, é muito triste, é uma  
dor no coração ver aquilo (...)*

Neste momento afloram memórias silenciadas do tempo da escravidão e do o preconceito e racismo contra a população negra que continua a existir. Memórias subterrâneas (Pollack, 1989), revividas por meio de imagens representadas na

encenação da época da abolição.<sup>33</sup> É um momento que possibilita a recriação da escravidão.

A matriarca continua falando das festas, agora a de outubro e de como a festa de Nossa Senhora do Rosário também é maravilhosa, e como a Santa Ihes dá força pra realizar a festa e pra tudo na vida.

*Nossa Senhora é quem nos dá força, se não fosse Nossa Senhora do Rosário nós não conseguia fazer a festa não. Essa festa eu vou falar com ocê, todos que recebe pra fazer a festa de Nossa Senhora do Rosário, é a coroa grande. Tem gente rico que fazia, agora qualquer pobre faz, tendo fé em Nossa Senhora faz. Eu fiz uma promessa pra Nossa Senhora e daí queria retribuir a graça que eu alcancei. Daí me comprometi de realizar a festa de Nossa Senhora do Rosário, todo meu suor eu retribui, comprei um saco de arroz, feijão, comprei tudo, frango, bastante frango pra fazer a festa. Ainda recebi ajuda no dia da festa de várias pessoas, eu achei aquilo pra mim uma coisa maravilhosa (...).*

Em uma as últimas conversas que teve comigo em 2009 (época em que ainda falava) Tia Induca nos contou sobre a Igreja do Rosário que foi derrubada por Newton Cardoso<sup>34</sup>, e que muitas das imagens dos santos desapareceram. Ela afirmou que teve uma imagem de Nossa Senhora do Rosário que foi parar no Rio de Janeiro, na casa de um militar, o que foi descoberto, mas até hoje não conseguiram reavê-la.

Falou sobre a preocupação da saída de um Padre querido que apoia muito a comunidade e já foi rei festeiro junto a ela. Tia Induca tinha receio que viesse outro Padre que não os apoiasse tanto como esse. Ao continuar sua narrativa, lembrou-se da Igreja da comunidade, que foi feita para que dessem continuidade ao Congado, mas que também caiu, conforme afirma:

---

<sup>33</sup> Sobre as festas de Congado nos Arturos, cf. Oliveira, Rosangela, "Arturos: Unidos pela festa", Dissertação Mestrado PUCSP, SP, 2005; Vieira, Camila C. "No giro do Rosário: dança e memória corporal na Comunidade dos Arturos", Dissertação Mestrado USP, SP, 2003; entre outros.

<sup>34</sup> Político tradicional de Contagem e que foi prefeito durante três mandatos: 1973 a 1977, 1983 a 1986, 1997 a 1998.

*Daí um dia caiu a Igrejinha nossa. Só que deu tempo antes de desabar tudo de pegar todas as imagens. Por isso que tem que ter muita fé, se não se tem fé, não dá. Foi muita fé mesmo que fez com que nós pudesse tirar as imagens. Neste momento só havia mulheres na comunidade, os homens tinham ido tudo trabalhar.*

Maria do Rosário traz, nessas lembranças, os conflitos que a população negra muitas vezes teve que travar com a Igreja, o desrespeito a sua religião e a recorrente falta de compreensão e valorização das suas tradições, sobretudo por parte do poder político. Embora no estado de Minas Gerais existam inúmeros Congados, ainda é presente esta questão da aceitação por parte das Igrejas permitindo com que os grupos entrem na Igreja ao toque de tambores, para dançar e cantar em louvor aos Santos de devoção. Há sempre o receio de algum padre não aceitar ou não dialogar bem com a comunidade. Nestas memórias, surgem reminiscências do tempo que os negros não podiam sequer entrar na Igreja, como foi narrado acima.

Essa mulher sempre primou pela união da família e pela manutenção das raízes e conhecimentos da tradição, honrando os ensinamentos transmitidos pelos pais.<sup>35</sup>

### **Izaíra Maria (em memória)**

Dona Izaíra Maria da Silva, chamada carinhosamente de Tia Tita, foi a outra matriarca da Comunidade dos Arturos, que morava na casa paterna e ficou ao lado da mãe Carmelinda e da irmã no comando da Comunidade. Faleceu em fevereiro de 2007 por problemas de saúde. Nasceu na Mata do Macuco também no município de Esmeraldas. Tia Tita, era Rainha do Treze de Maio quando saía com a realeza usando sua coroa, durante a festa da Libertação.

Igualmente às irmãs, trabalhou tanto na roça como de lavadeira e nos serviços domésticos nas fazendas próximas da comunidade. Também ajudou a criar

e cuidar de muitos sobrinhos e sobrinhas. De personalidade alegre e falante, todos se recordam saudosos das muitas histórias que ela gostava de contar, principalmente histórias de assombração e do tempo antigo, quando colocava as crianças todas sentadas em roda.

Na cozinha organizava, ensinava e cozinhava juntamente com as outras mulheres durante o período dos festejos. Era comum encontrá-la sentada na beira do fogão à lenha em que fazia comidas gostosas, mesmo que fosse a comida do cotidiano, com muito capricho e cuidado. O doce de jiló era seu destaque culinário, ela fazia com alegria e provava para as pessoas como do amargor do jiló poderia sair um doce maravilhoso. Seus sobrinhos e sobrinhas contam que ela sempre foi mais liberal. Nas saídas para a Igreja, deixava as crianças brincar e correr com muito mais liberdade.

Izaíra Maria era uma mulher muito vaidosa, usava brincos e colares, e também gostava muito de viajar, de sair com o Congado para apresentações fora da comunidade. Em suas lembranças sobre o Congado, relata os festejos da seguinte maneira:

*Ah, eu sinto muito feliz, só esse ano eu tive uma reserva, que eu não pude fazer como eu queria (...) mas o que eu posso fazer, eu faço com muita alegria. Eu faço faxina toda, mas trabalho igual uma condenada e dou conta de tudo, e não sinto cansada e sou muito feliz, e todas as vezes que o Congado vai sair, que eu vou sair com eles, eu vou com meu uniforme, não saio a paisana acompanhando eles pra beleza não. Eu ponho minha coroa, ponho minha vestimenta e vou.*

Continuando sua narrativa ela se lembra de uma saída com o Congado:

---

<sup>35</sup> Nossas conversas no período da pesquisa do doutorado de 2008-2011 foram escassas, devido aos problemas de saúde que já estavam avançados, Tia Induca falava pouco, estava mais recolhida. Por isso não consegui aprofundar sobre outras questões da vida, do trabalho e da Mãe Carmelinda. As lembranças do Congado fazem parte do período anterior. Estão mais relacionados à minha dissertação de mestrado. No entanto, achei importante a menção, pois nesses 12 anos que frequento a Comunidade e participo de seus festejos, sempre conversei com ela e nossos assuntos giravam em torno, da família, do Congado, da tradição dos pais, e da preocupação com a continuidade, do jeito que foi transmitido por Arthur Camilo e Carmelinda Maria, por essa razão, escolhi estas narrativas.

*(...) Há muito tempo eu na ia pra Congonhas do Campo, depois que eu fui acidentada; daí o padre chegou aqui e convidou os meninos pra ir, e eu brinquei com ele: eu vou! Daí, no dia eu 'prontei, não dava conta de descer lá embaixo, fui no cruzeiro, fui na casa de Intina, voltei, aí deu bolo sabe? Mas quando foi na hora, eu já tinha até desistido, a turma toda tinha desistido, que eu tava no quarto trocando de roupa (...) você tá trocando de roupa? Mas o ônibus vem (...) eu tornei vesti e fui, não sentava o calcanhar no chão, a minha devoção era tão grande, que lá eu acompanhei, eu fui a primeira a chegar na Igreja, uma distância como daqui a casa de padrinho, assim eu cheguei na Igreja (...) e quando foi na hora da procissão, não queriam que eu fosse acompanhar a procissão, mas eu com aquela fé, disse:*

*- Se eu vim até aqui, eu vou acompanhar. E eu falei eu vou a pé. Acompanhei a procissão, subi, desci, sentei calcanhar no chão e dei a volta (...) dessa data que eu machuquei, essa foi a primeira vez que eu saí, foi lá (...).*

Tia Tita fala da saída do Congado para Montes Claros. Enfatiza a força, e a importância do Congado e da devoção:

*Depois de maio, eu fui pra Montes Claros. Glaura falou:*

*- Vamos ficar aqui na pracinha eu fico com você o tempo todo.*

*Eu falei:*

*- Eu não vim aqui pra ficar na pracinha, eu vim acompanhar o Congado.*

*Andei o tempo todo, mas andei quase como daqui a Igreja e voltei, com aquela fé viva, mas sempre uniformizada. Não saio com o Congado, eu não vou bancar a beleza de desfilas com outra roupa (...) a veste é de Nossa Senhora. E pra mim é um valor muito grande o Congado, viu? Eu gosto demais, e tem aquela devoção grande, como eu te contei (...) voltei a andar graças a Nossa Senhora do Rosário. É uma missão muito grande que a gente tem com Nossa Senhora, a gente fala assim, a pessoa acha que é exagero, mas não é, a gente alcança a graça assim na palma da mão.*

Estas narrativas marcam a força que têm o Congado e a devoção a Nossa Senhora do Rosário na vida dessas mulheres, assim como em toda a comunidade. As duas irmãs, Maria do Rosário e Izaíra Maria (em memória), foram responsáveis pela manutenção da união entre os filhos e a família. Deram prosseguimento aos ensinamentos do pai e da mãe. Na casa paterna, centralizaram a autoridade dos pais, transformaram a casa em um espaço sagrado e de poder, além de um elo simbólico entre todos da Comunidade.

### **As Netas de Carmelinda**

Estas narrativas seguirão sob a forma de fragmentos, pois foram muitas as netas de Carmelinda Maria e Arthur Camilo entrevistadas.<sup>36</sup> As memórias desta geração se concentram nas mudanças do tempo passado, da infância para os tempos atuais, o trabalho, os estudos, os casamentos, os jovens e as mudanças que vem ocorrendo na Comunidade.

A maioria das mulheres desta geração começou a trabalhar muito cedo, as que têm mais de 50 anos, começaram a trabalhar entre 6 e 7 anos de idade, quando acompanhavam a mãe e (ou) o pai tanto na roça quanto no auxílio aos serviços domésticos. Como demonstram algumas narrativas:

*Nós mexíamos na roça com papai, capinava, roçava, empilhava lenha, serviço que a gente tinha era esse. Eu, ah comecei (...) desde criança, desde criança minha filha. Trabalhava na roça, depois fui trabalhar de doméstica. Comecei como babá, olhando menino dos outros e hoje, ainda trabalho como doméstica. (Maria das Graças-Cota, 61 anos)*

Outra neta diz:

*Comecei trabalhar com 7 anos e ainda tenho que trabalhar até hoje, pois trabalhei muito tempo sem carteira assinada, agora vou*

---

<sup>36</sup> Só para lembrar, procurei entrevistar pelo menos uma neta, ou mais, quando possível, filhas da primeira geração dos Arturos. Outra coisa importante a ser ressaltada é que algumas mulheres que eram irmãs preferiram fazer a entrevista juntas, por se sentirem mais a vontade e também para aproveitar o tempo delas, pois estas mulheres me receberam na grande maioria em seus horários de descanso e algumas na hora de realizar os trabalhos domésticos em sua própria casa.

*aposentar por idade mesmo. Hoje eu cuido de idoso. (Neusa, 56 anos)*

Duas irmãs, Helena e Maria Inês falam do tempo antigo e de como o trabalho era mais difícil e mais rigoroso conforme narram:

*Tempo antigo eu acho mais rigoroso, hoje você chega na casa de família você trabalha, se a patroa não dá certo você saí, antigamente não, antigamente a gente ficava desempregada, vivia na casa das pessoas, lá vai ficar pra sempre, mesmo sem estar gostando tem que ficar, e hoje não, se não deu você arruma outro. Eu acho que neste sentido é melhor.*

*(Maria Inês, 52 anos)*

A outra irmã diz:

*Eu também a mesma coisa, antigamente a gente trabalhava, eu trabalhei muito tempo na roça sabe? Plantar, arar com meu pai, depois saí fui pra fazenda trabalhar em fazenda. Depois que eu casei e daí fui trabalhar em casa de família. Mas hoje eu acho muito melhor, porque hoje em dia, não precisa estar procurando serviço o serviço que tá procurando a gente, eu vejo assim (...) você tá trabalhando e as pessoas estão te convidando pra você estar trabalhando na casa do outro oferecendo a você esse serviço. Antigamente não tinha isso, sua mãe tinha que te por onde fosse, fazendeiro, daí tinha que ficar. Aí era mais difícil, hoje em dia é mais fácil. Tem carteira assinada, tem sábado, tem domingo, férias, os direitos mais garantidos, antes não tinha.*

*(Helena, 59 anos)*

E Maria Inês completa a narrativa da irmã em relação às mudanças ocorridas dos tempos passados para os de hoje:

*E olha que era serviço antes de segunda a segunda, não tinha uma folga. No sábado você tem folga, hoje no domingo. Eu mesma quando comecei a trabalhar foi com 8 anos olhando menino dos*

*outros, era direto. Eu vinha em casa era à noitinha, era 7 horas da noite.*

*(Maria Inês, 52 anos)*

Nas narrativas de Helena, Maria Inês, Neusa, Maria das Graças (Cota) entre outras mulheres, netas de Carmelinda, que foram entrevistadas, as experiências de trabalho são semelhantes, praticamente iguais: trabalhar desde cedo, o contato com trabalhos na roça em fazendas, e depois em casa de família. Estas vivências trazem à tona memórias de um tempo de continuidade da escravidão, que revelam que não havia descanso, eram obrigadas a trabalhar nas casas mesmo a contragosto. Sem direitos trabalhistas garantidos como em boa medida ocorre até hoje. Todas as mulheres enfatizaram que embora elas continuem em empregos domésticos há melhores condições e reconhecimento de seus direitos que outrora não havia. Há um sentimento que algumas coisas melhoraram e que possuem uma liberdade de escolha que no passado foi negada.

As mulheres que têm entre 40 e 50 anos, começaram a trabalhar aos 12 e 13 anos de idade, às vezes um pouco mais tarde, mas nas mesmas funções. Em geral iniciaram como babás, e nos serviços domésticos. Lembranças dos tempos difíceis e do não reconhecimento e valorização de seu trabalho se encontram com as narrativas acima. Como testemunha Maria Aparecida (Lia):

*Eu trabalho desde os 13 anos e no momento estou em casa. A minha vida todinha foi casa de família, minha todinha, nunca assinei uma carteira, nunca trabalhei fichado, contrato de 3 meses e só. E minha vida toda foi em casa de família, lavando o banheiro dos outros. Minha vida toda, não tive o prazer um dia de assinarem minha carteira, assinou foi pouco tempo 3 meses, única assinatura que teve na minha carteira na minha vida toda.*

*(Maria Aparecida – Lia – 49 anos).*

Lia e sua irmã Delma, falam que em vista do tempo antigo, hoje em dia está bem melhor:

*Em vista de antigamente hoje tá bem melhor. Porque na idade nossa, se nós tivéssemos trabalhado, fichado com carteira assinada, teria mais possibilidade de aposentar agora e antigamente não tinha esse negócio de carteira assinada e agora não, tudo tem. Se você trabalhar 3 dias na casa de uma pessoa é obrigado a assinar a carteira e antigamente não tinha isso não, a gente trabalhava lá e mal, mal, recebia o pagamento.*

*(Maria Aparecida – Lia – 49 anos e Delma, 41 anos)*

Outra neta diz do tempo que começou a trabalhar:

*Ah eu comecei a trabalhar com 12 anos, como babá. Até hoje ainda tenho contato com eles. Eu e o pessoal que minha mãe trabalhava, ela lavava e passava roupas pra ele e daí os filhos dele foram casando e eu trabalhei praticamente na casa de todos eles, olhando os meninos deles. E eu to aí graças a Deus. Agora eu trabalho de serviços gerais, trabalho de faxina mesmo, quatro andares subo e desço todo dia, por isso que eu estou em forma (risos). Tenho carteira assinada e tudo direitinho, graças a Deus.*

*(Isabel, 40 anos)*

Nas lembranças relacionadas ao trabalho, emerge a questão do estudo. A necessidade de interrompê-lo ou a falta dele e as dificuldades enfrentadas por estas mulheres, em sua maioria, para conseguir estudar. Como Maria Madalena (Miria) narra:

*O primeiro trabalho que eu tive foi na casa de família, trabalhei muito tempo na casa de família, assim que eu saí da escola, tive que sair da escola com 13 anos, não pude mais completar meus estudos, que formei em quatro anos. Depois que eu fiz 8ª série, depois que eu estava trabalhando o meu patrão incentivou eu fazer o ginásio. Naquela época de 5ª até 8ª série (...) Ele falou, tem que fazer o ginásio tem que fazer o ginásio, aí eu fui fazer, comecei já com 21 anos o ginásio. Fui bem graças a Deus, não perdi nenhum ano, formei na 8ª série, achei que era tudo aquilo o auge. Naquela época formou até 8ª série, tava bom demais, parei aí porque não tinha mais*

*condições. Contagem não tinha colegial, eu já estava trabalhando e precisava trabalhar para ajudar meus pais e não deu mais, parei na 8ª série.*

Neste depoimento, a narradora tece por meio da memória detalhes sobre como conseguiu dar continuidade a seus estudos:

*Nessa época trabalhava com uns padres na casa paroquial, e foi ele que me incentivou a fazer o tal ginásio, ah você tem que estudar, porque faz muita falta, você é inteligente eu tenho certeza que vai dar certo. E eu incentivei com aquilo e o diretor que era Mauro Costa na época do colégio, também gostava muito de mim, tinha muita amizade, Frei Adalberto, 'tadinho, foi lá e conversou com ele:*

*- Eu quero que Maria estuda, pois ela é muito inteligente, eu tenho certeza.*

*Daí já era mês de abril, ele falou:*

*- Aí, mas vai começar muito atrasado, as aulas já começaram em fevereiro já é 21 de abril, 22 de abril, feriado no dia seguinte, mas vou ver se encaixo ela aqui.*

*Com uma semana depois ele mandou recado:*

*- Seu lugar tá vago, tá reservado, você pode vir (...)*

*Eu falei:*

*- Aí meu Deus com a idade que eu estou (...) esqueci tudo o que eu sabia, começar tudo de novo (...).*

*Mas fui, peguei meus caderninhos, e fui (...) e deu certo, graças a Deus não tive dificuldade, os primeiros meses foram difíceis, mas eu já estava fazendo as primeiras provas, eu de nada recordava né? Mas daí com a ajuda das minhas colegas, trabalho, professor me ajudou muito, dando trabalho, fazendo as provas de novo, me ajudaram demais, o diretor muito amigo, aí eu fiz as provas, tirei boas notas e aí fui e aí formei, não perdi nenhum ano, graças a Deus e fui até formar a 8ª série. E não estudei mais porque não tinha mais condições, porque se fosse agora eu não teria parado não, porque hoje tem tudo de graça (...) Antigamente tinha que pagar a passagem, tinha que pagar colégio, como é que vai? Não tinha jeito*

*não. Ganhava muito pouco trabalhando em casa de família, não tinha jeito.*

*(Maria Madalena – Miria – 65 anos)*

Delma concorda que hoje está bem mais fácil estudar, tudo mais estabelecido, antes as dificuldades do estudo eram bem maiores, como relembra:

*Eu estudei até 6ª série, estudei até a segunda semana de aula da 6ª série, porque antigamente tinha que comprar os livros, como era muita gente aqui em casa, mãe não tinha condições de comprar pra gente e na escola tavam cobrando. Meu tio ia receber um dinheiro, não veio, daí eu tive que sair da escola. Hoje não, os meninos de hoje tem tudo na mão. E tem muitos ainda que não querem e antigamente não. Ângela e Lia, minhas irmãs, estudaram até a 4ª série, (...) daí saímos pra trabalhar pra ajudar nossa mãe. Lia tentou voltar depois de velha mas saiu (...) quem sabe um dia a gente volta.*  
*(Delma, 41 anos)*

Em suas lembranças, Maria Lúcia, primeiro relembra seus filhos e analisa como algumas coisas melhoraram, mas que ainda há dificuldades para continuar os estudos, e em seguida busca lembranças de sua própria vida com relação aos estudos, indicando as transformações das novas gerações:

*Esse mercado de trabalho hoje melhorou sim, porque hoje, os pais tanto aqui da comunidade, como meus filhos mesmo, eu batalhei pra eles estudarem, mas ainda tá muito difícil. Igual minha filha, acabou de formar agora e tá aqui sem como, com medo de fazer tentar fazer, fazer um curso pra faculdade, mas como? Não temos muitas condições de pagar um lugar, entendeu então (...). As pessoas chegam num limite você tem que ir tentando dando uma parada pra ver.*

*Eu não consegui estudar muito não, também porque era oportunidade que a gente não tinha, eu trabalhava o dia inteiro (...) é, a gente tinha oportunidade até a 4ª. série, tava bom demais (...). Aí, depois casava,*

*ia cada um cuidar da sua família e pronto. E hoje não, hoje não existe mais não, mulher tá trabalhando, tá estudando e criando filho e a vida tá continuando, antigamente a gente parava.*

*(Maria Lúcia, 43 anos)*

Na geração das netas de Carmelinda é comum o entrelaçar da memória do trabalho com a dificuldade enfrentada para dar continuidade aos estudos, pois são mulheres que começaram a trabalhar muito cedo, ainda crianças, e as famílias tinham que arcar com os custos de material escolar e fardas. Tiveram que ajudar os pais no sustento da casa, cuidar dos irmãos mais novos, enfrentar cotidianamente as limitações de recursos e a pobreza, transmutados em esforço contínuo de conquista da sobrevivência para o grupo. A necessidade de custear os estudos era mais um fator que dificultava e na prática inviabilizou que muitas delas pudessem estudar.

Essas narrativas refletem a situação de grande parte das mulheres negras da sociedade da época, que sempre trabalharam muito, de alguma forma, reviveram as limitações de integração social do tempo da escravidão. Uma realidade ainda não superada completamente nos dias de hoje.

Muitas netas de Carmelinda ainda trabalham como domésticas. As dificuldades de integração plena na sociedade encontram seu maior exemplo no fato das empregadas domésticas constituírem a única classe a não ter direito a usufruir dos direitos das leis trabalhistas. O direito ao recolhimento do FGTS é uma prerrogativa do empregador e não uma obrigação, como o é para todas as outras profissões.

As experiências das mulheres Arturos, revelam nos depoimentos como ainda há dificuldades na ascensão social e na construção de uma vida digna das mulheres negras brasileiras. Como é patente nos dados do censo apresentados no primeiro capítulo, as mulheres Arturos, em sua maioria, ganham em média um salário mínimo e exercem atividades profissionais em grande parte desvalorizadas socialmente condizentes com a baixa escolaridade.

Desse modo, todas as dificuldades enfrentadas por estas mulheres demonstram que, por mais que hoje haja melhorias, elas ainda ocupam postos de trabalho com baixa remuneração e na prática, vivem a experiência da exploração e exclusão que caracterizou a realidade da população negra, depois da abolição.

Apesar do reconhecimento expresso durante as entrevistas, de que existam avanços, elas continuam a se sentir exploradas e não ainda plenamente incorporadas à sociedade.

A melhoria das condições gerais de vida se dá em função de políticas que beneficiam toda a população: distribuição de material e fardamento escolar e aumento da formalização do trabalho, por exemplo. Uma barreira que dificulta o avanço na escolaridade perpassa as condições sócio-econômicas, mas é, sobretudo, determinada pelo racismo, que de forma cíclica interfere na renda.

Em um artigo intitulado *Evolução e desigualdade na educação brasileira*, Jorge Abrahão de Castro (2009)<sup>37</sup>, apresenta uma série de dados sistematizados a partir das PNADs realizadas pelo IBGE entre os anos de 1992 e 2007.

Do estudo apresentado pelo pesquisador do IPEA podemos concluir que nos 15 anos que abrangeu a pesquisa, os índices relacionados à progressão da escolarização e queda do analfabetismo melhoraram para o conjunto da população. No entanto, negros e mais pobres frequentam menos a escola e o analfabetismo é maior nessa faixa.

De acordo com os dados apresentados por Castro, em 1992, pessoas com mais de 15 anos brancas tinham em média 6,1 anos de estudo. Na mesma faixa etária, a população negra, tinha em média 4 anos. Em 2007, brancos tinham em média 8,1 anos de estudo contra 6,3 anos dos negros. No quinto de menor renda, brancos tinham em média 5,6 anos de estudo, contra 4,8 anos dos negros. No quinto de maior renda, brancos estudavam em média 10,5 anos e negros 9,5 anos.

Em relação ao analfabetismo, em 1992, 10,6% da população branca era analfabeta, enquanto na população negra o percentual era de 25,7%. Em 2007, 6,1% da população branca era analfabeta, contra 14,1% da população negra. No quinto de menor renda 13,6% dos brancos eram analfabetos contra 20,5% dos negros. Na quinta porção de maior renda, 1,3% dos brancos eram analfabetos e 3,6% dos negros.

Os dados sistematizados por Abrahão são claros e demonstram que há barreiras em relação à escolaridade a serem transpostas pela população negra. Diminuiu o analfabetismo e aumentou o tempo médio de permanência na escola para pessoas com mais de 15 anos. No entanto, nas duas situações, a população

negra continua com índices piores do que a população branca, incluso aí, os que se autodeclararam pardos.

Durante as entrevistas, ao mesmo tempo em que as mulheres Arturos reconheciam que havia uma melhora geral do quadro, pontuavam percepções de como em relação a elas, há ainda dificuldades intransponíveis. Por exemplo, ao mesmo tempo em que melhoraram as condições de contratação, aumentaram também as exigências, dificultando a obtenção de emprego entre as novas gerações, como afirmaram duas mulheres Arturos:

*Ah não, pra jovem era melhor antigamente, pois de todo jeito tinha um servicinho pra ele, era roçar pasto, era tudo (...) hoje não, quando um filho não intera 18 anos não arruma um serviço, você tem que cuidar do seu filho até 18 anos, porque não ficha, não aceita, né? Então, eu acho mais difícil hoje. Hoje tem filho de 18 anos aí que tá difícil, não arruma um serviço fácil. Antigamente não, antigamente tinha, era igual o povo capinava, tinha lote pra capinar, meus filhos tudo mexia com charrete, era esses 'trens' todo, então tinha mais serviço, ocupava o tempo todo, pegava o serviço na parte da tarde, ou estudava na parte da tarde. Tinha olaria lá embaixo, tinha cerâmica ali, eu acharia sabe melhor tempo antigo do que hoje pra criar os filhos (...) ah, tempo antigo era melhor. Hoje não tem uma família que não tenha um filho que não arruma um serviço fácil, antigamente não tinha essa situação não. (Maria Inês, 52 anos)*

*Eu acho que tá bem mais difícil, o pessoal tá exigindo mais hoje, assim mais estudo pra eles, hoje em dia realmente é mais difícil conseguir, antigamente o serviço igual babá: hoje babá tem que saber ler e escrever mesmo, antigamente não, era só você estar lá olhando. Hoje não tá tudo mais difícil de conseguir. (Isabel, 40 anos)*

As novas exigências que surgiram no mercado de trabalho impõem barreiras aos jovens da comunidade. Pois a maioria dos homens, em especial, geralmente

---

<sup>37</sup> Castro, Jorge A. Evolução e Desigualdade na educação brasileira, Educ. Soc. Campinas, vol.30, n.108, p.673-697,out.2009. Disponível <http://www.cedes.unicamp.br>

tem que parar de estudar ao completar o ensino fundamental II para trabalhar em serviços braçais, e muitas vezes conclui o ensino médio em supletivos, mas não consegue emprego em outras áreas. Entre as mulheres jovens, a maioria conclui o ensino médio e raras cursam o supletivo. No entanto, poucas são as que conseguem trabalhar fora da prestação do serviço doméstico ou serviços gerais, como veremos ao longo deste capítulo.

No desenrolar das lembranças é constante o relato das dificuldades de outrora que são revividas pela juventude de hoje com outra roupagem, porém mantém-se a percepção da dificuldade concreta de participar da fruição da riqueza produzida na sociedade. Ao contrário, as falas trazem uma constatação implícita aos relatos de que mudou o cenário, mas as dificuldades persistem. As falas revelam, ou melhor, desvelam o sentimento de que a juventude atual encontra as mesmas barreiras de integração ao vivenciar as dificuldades associadas à escolaridade, renda e preconceito racial.

De acordo com Maurice Halbwachs (2006), podemos pensar na memória coletiva tecida nestas narrativas, como uma corrente de pensamento contínuo, que retém o passado somente no que ainda está vivo. Neste sentido, tanto as dificuldades do mercado de trabalho, como as relacionadas à escolarização, se mantêm presentes entre a comunidade dos Arturos, mesmo que tenham ocorrido mudanças.

No entrelaçar de lembranças, o trabalho é algo muito marcante na vida dessas mulheres. Neste sentido, coerentes com a história da maioria das mulheres negras brasileiras, que trabalharam desde a escravidão, no período pós-abolição e até os dias atuais. Constituíram sua identidade no trabalho. São mulheres que desde pequenas começaram a trabalhar junto às mães. Nestas lembranças do trabalho, outra neta continua a narrativa sobre sua vida, seus filhos e o casamento.

*Ah eu já trabalhei muito. Eu sou fichada há 24 anos, de carteira assinada que eu tenho graças a Deus, eu trabalho desde os meus 18 anos, desde os 18 anos que eu trabalho fichada, antes eu trabalhei numa firma Embrax, trabalhei lá 11 anos, daí saí de lá, a Bárbara, minha filha, tava com 2 aninhos, fiquei 1 ano e 6 meses parada, pra ficar mais em casa, tomar conta de casa, não vou sair pra trabalhar não. Já tinha o Washington, que é meu outro filho que tá com 21*

*anos e Bárbara, hoje tá com 15 anos. Sabe, mas eu sempre tive muita ajuda de minha mãe sabe, nós duas saímos pra trabalhar na mesma firma, eu trabalhava de manhã e ela trabalhava a tarde, aí na parte da manhã ela ajudava a olhar meus meninos pra mim, a gente mora aqui no mesmo terreiro né? (...). Eu sempre tive uma pessoa, paguei uma pessoa pra olhar os meninos pra mim, mas mesmo assim ela sempre corria o olho, sabe como é que (...) oh vó (...) mesmo tendo alguém, mas eles sempre queriam estar na casa da avó, ao ladinho da avó, e ela assim lá ajudando a olhar os meninos pra mim, vendo se eles estavam sendo bem cuidados pra mim enquanto eu tava trabalhando.*

*Agora to trabalhando na indústria, tem 12 anos que eu estou lá, eu sou operadora de produção, eu trabalho na estamperia geral, faz peças pra carro, pra Volks, pra Ford, indústria metalúrgica. Aí eu trabalho lá na estamperia. É muito bom, eu gosto muito de trabalhar lá sabe.*

Mas Ângela Maria, faz questão de falar que antes de trabalhar em firmas, começou trabalhando como babá, depois como doméstica e em seguida como manicure e cabeleireira em casa, como ela mesma narra:

*Eu comecei desde os 11 anos. Desde os 10 anos eu ficava tomando conta dessas criancinhas, tomando conta nada, só ajudando elas, as mães tavam ali por perto e eu lá olhando fingindo que tava trabalhando (...) (sorri) (...) pra mim tava trabalhando desde 10 anos, ajudava a olhar as crianças (...). Daí, depois minha mãe pagou para eu poder fazer o curso de manicure. Aí eu comecei fazer unha, depois comecei a trabalhar em casa de família, depois comecei a mexer no cabelo com tranças, coisas afro mesmo, essas trancinhas, daí fazia em casa também. Daí ia salvando um dinheirinho, aí depois eu falei, quer saber de uma coisa, eu vou trabalhar em indústria, porque trabalhar assim, hoje tem depois você fica 1 mês, 2 meses sem ter, porque você fica tendo que esperar o pessoal, ter dinheiro pra estar podendo arrumar o cabelo, arrumar a unha. Que não é coisa de quem tem dinheiro, você arruma quem faz, não vou cobrar nada não, às vezes eu fazia a unha das meninas, elas faziam a*

*minha, a gente trocava, arrumava o cabelo delas, elas arrumavam o meu cabelo, enfim, com isso a gente ia praticando.*

Ângela Maria continua sua narrativa lembrando-se dos estudos e a partir dele outra inserção no mercado de trabalho:

*Mas daí surgiu essa oportunidade, estudei, me formei no 1º grau, de 5ª a 8ª série, aí eu já tava com 18 anos, eu tomei bomba, daí completei 18 anos eu entrei na Embrax. Logo depois que eu entrei na Embrax, depois de 2 meses eu casei, aí já ficou mais difícil, trabalhar, ser dona de casa, logo engravidei, fiquei com aquela vida mais corrida ainda. Daí é que não sobrou mais tempo pra estudar. Continuei trabalhando, e a vida só corrida, daí não sobrava mais aquele tempo, mais aquele tempinho que a gente tinha pra ficar reunido lá sentado conversando, ficar proseando igual antigamente, daí não sobrou mais, já era aquela vida corrida, era casa, serviço, ajeitar obrigação de casa, aí acabou, aí foi só assim.*

*(Ângela Maria – Pirusca – 42 anos)*

As lembranças de Ângela Maria são imagens engajadas em outras imagens, o que segundo Halbwachs (2006), constitui *uma imagem genérica reportada ao passado*. Ao lembrar-se do trabalho, aparecem os filhos, o casamento, as dificuldades de estudar e as saudades do tempo de mais conversas.

O tempo do passado é rememorado pela maioria das mulheres desta geração como um tempo mais difícil, em relação a moradia, alimentação, recursos, mas ao mesmo tempo bem melhor, como veremos nestas narrativas:

*Ah eu sinto saudades das reuniões que a gente fazia, família toda unida. Chegava de tarde assim a gente sentava naquele terreiro de vovó ali, era bater peteca, era bater corda, acabou isso tudo, a gente não vê mais. Hoje é cada um na sua casa dividido, eu acho que a televisão tirou muito assim (...) as novelas. Acabou com o espaço, com tudo, a gente não consegue mais reunir lá no quintal lá, bater uma peteca contar uma história, brincar de pegador, de esconde,*

*esconde, no meu tempo a gente fazia tudo isso, hoje acabou não tem mais. (Dalvina, 63 anos)*

No modo de conviver uns com os outros Dalvina explica:

*Mudou muito, porque hoje eu não vou na casa de fulano, eu não converso com fulano, eu não vou na casa de beltrano, ainda tem diferença, e na nossa época nossas mães não deixavam a gente ser assim. A minha mãe era Juventina, minha mãe que é Tetane, Tia Maria mãe da Cota, e aí elas ensinavam a gente a se unir, qualquer coisinha que a gente tinha entre a gente, a gente conversar mesmo. Nossa época era diferente, não tinha isso não, de não conversar com esse, com aquele, de ficar de mal na nossa comunidade, nossa época não tinha isso não (...) então acabou muitas coisas, então eu acho meio estranho, eu quase nem participo, porque é tudo tão diferente daquilo que a gente criou, aquilo que minha avó ensinou, que meu avô ensinou. Se tinha uma festinha lá em dia de sábado qualquer, um que batesse um cavaquinho, um violão, pra nós era baile. Aí dobrava noite mesmo, nossa muito bom. Hoje é tudo diferente. (Dalvina, 63 anos)*

*Saudades das brincadeiras de roda, de contos de história (...) antigamente nós sentávamos em roda, não tinha televisão, não tinha luz, nós ficávamos sentados ouvindo histórias de Tia Tita, Tia Induca, minha avó, era brincadeira de roda, brincadeira de passar anel, essas coisas assim que hoje em dia não tem mais. De domingo a gente tava tudo no terreiro de vovó brincando, de domingo papai que fazia as petecas para nós (...) matava a galinha e daí fazia para nós as petecas com as penas, para nós brincarmos. Na época a gente não tinha dinheiro pra comprar brinquedo, então tínhamos que fazer as petecas, bonecas de sabugo de milho, e a gente era bem feliz, (...) nossa (...) era muito feliz (...). Você não via uma briga, um aborrecimento, sabe, não tinha. Era todo mundo unido, todo mundo se divertindo, participando. Hoje em dia eu já vejo assim muita diferença. Muito 'disse me disse', muita separação, antigamente não, era todo mundo igual, todo mundo se vestia igual, todo mundo comia*

*a mesma coisa, a gente era mais pobre, mas era mais feliz. (Cristina, 43 anos)*

Cristina em suas lembranças enfatiza como havia mais união e divisão da alimentação na época de sua avó Carmelinda. As lembranças daquele tempo fizeram abrir um sorriso com um olhar distante, saudoso, como se fosse algo que estivesse tão longe, *guardado* no passado.

*Aqui era assim, se eu matava um porco, papai e mamãe matavam um porco, todo mundo ganhava um pedaço e dividia pra todo mundo. Hoje em dia não, é cada um pra si, mesmo que fosse um pedacinho todos ganhavam. No tempo de vovó era mesma coisa, ela matava um porco, dividia tudo, um pedaço de toucinho, tudo era dividido. Todo mundo comia e experimentava. Fazia um biscoito, fazia um bolo (...). Hoje em dia muito pouca pessoa faz isso, hoje em dia é cada um pra si (...) mas ainda têm algumas pessoas que ainda fazem (...) mas é muito pouco. Na época dela todos faziam isso, era Tia Aparecida, mamãe. Também eram menos pessoas, daí todo mundo dividia, era aquela união. Ninguém fazia uma festa, se fazia uma festa, convidava todo mundo, hoje em dia não, já tem aquela divisão, um faz uma festa aqui outro ali, tem vezes que você não é convidado. (Cristina, 43 anos)*

Ângela Maria continua a lembrar das plantações que havia na comunidade antigamente, arroz, mandioca, feijão, cará, inhame. Também se lembra da criação de porcos e galinha, que existem ainda hoje e que os bois ficavam mais para fornecer o leite. Era um tempo melhor, de mais fartura e mais tempo pra conversar como ela mesma diz: *“Tudo o que nós lembramos mais é o que praticávamos, nós fazíamos as plantações e isto fica no aprendizado.”* O lembrar para as sociedades que tem a oralidade como base de transmissão dos seus saberes é muito intenso, o aprendizado se dá por meio da realização, aflorando na memória aquilo que é aprendido no gestual corporal. O aprendizado dos Arturos é transmitido dessa maneira entre as gerações. Está no corpo, na palavra, nas ações e nos gestos.

Outras netas recordam da casa, cozinha da avó Carmela e do tempo da infância:

*Era muito gosto, bom demais, a cozinha de vovó ali ficava cheia, as mães com os filhos, iam as mães com os filhos todos, não tinha nem banco. Daí cozinava cará, nós catávamos o feijão, desde pequeninha dava para nós a varinha e nós íamos cantando e batendo o feijão. E não tinha água da rua, a gente tinha que levar a lata de água na cabeça. A gente pegava água no poço que era lá embaixo. (Lia, 49 anos)*

*De noitinha, ao cair da noite, a gente tinha aquele costume de ir lá na casa de vovó, ela sempre reunia os filhos, daí a gente sentava lá, então ela colocava assim uma tampa com a brasa ali, e ali ficava todo mundo em volta esquentando, com foguinho, contando casos de assombração, oh meu Deus do céu (...) e eu lá sentada, lá ouvindo, eles todos juntavam aquela reunião lá, cada um queria contar mais prosa do que o outro né? Aí um contava, daqui a pouco era meu pai, depois meus tios, e nós lá, só de antena ligada, depois ficávamos tudo com medo de voltar pra casa com medo de assombração, então era assim, aquela reunião ali todo dia de tarde, todo dia a noite, ficava todo mundo ali primeiro em volta da fogueirinha esquentando (...). Ainda não tinha luz elétrica aqui, tinha lamparina, lamparina de querosene (...). Aí depois que eles vieram colocar luz, eu já tava bem grandinha quando vieram colocar luz elétrica aqui. (Ângela Maria – Pirusca – 42 anos)*

Neste embalar de lembranças, Ângela Maria se volta para seu cotidiano, de como é corrido e como ela não tem mais tempo para conversar com seus filhos que também saem pra trabalhar, estudam e cada um tem suas obrigações, como diz:

*O tempo tá tão corrido que acaba passando, tá muito curto o tempo, muito curto, não é (...) quando a gente encontra é raro ter um momento assim pra sentar com eles e conversar, até a vida deles tá muito corrida porque eles saem pra fazer curso, eu digo hoje. Igual eles levantam, começa aquela vida corrida de sair, fazer curso, ter trabalho de escola, e também tem as obrigações em casa que eles ajudam, no caso dos meus. Chega tem as obrigações de casa pra*

*ajudar, daí às vezes para um pouquinho assim e conversa, mais eu mais a Bárbara a gente conversa muito, porque o Washington sai pra trabalhar, sai cedo, quando chega em casa a noite eu que já saí pra trabalhar, daí quando eu chego ele já tá dormindo, então aí é desencontro que nunca dá mais tempo pra gente poder sentar e ficar conversando igual antigamente eles faziam com a gente. (Ângela Maria, 42 anos)*

Ao narrarem sobre este tempo saudoso, distantemente localizado na infância, e na juventude dessas mulheres, há uma recriação da memória coletiva de sentimentos vivenciados que se perderam ao longo do tempo, entre todos da comunidade. Voltar no tempo passado possibilita pensar melhor sobre o presente, identificando o que não mais existe, mas que poderia ser melhorado. As experiências dessas mulheres colaboram assim para *ressignificar* a história da comunidade, com os fragmentos de suas memórias. Ecléa Bosi enfatiza que “os termos – narrativa e oralidade – se desenvolveram no tempo, falam no tempo e do tempo, recuperando na própria voz o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente” (2003, p.45)

Desse modo, as netas de Carmelinda mostram como o tempo da cidade cada vez mais interfere no cotidiano da Comunidade. As narrativas das filhas de Carmelinda se concentram na experiência da vida rural, na continuidade dos trabalhos nas fazendas, nas relações e modos de vida baseados na vida da roça e do campo. Já as narrativas das netas de Carmelinda revelam a transição entre o rural e o urbano, ou seja, o tempo da infância e adolescência estaria mais concentrado numa vida marcada por plantações e colheitas, tempo pra conversa, mais união e compartilhamento, que se modificaram conforme a cidade se aproximou, transformando o cotidiano e as relações dentro da Comunidade.

Georg Simmel (1973), em suas reflexões sobre a *Metrópole e a vida Mental*, mostra que a vida nas grandes cidades contrasta com a vida da cidade pequena e com a vida rural, pois os relacionamentos na vida rural são sentidos de maneira mais profunda e emocional, enquanto nas metrópoles, os relacionamentos acabam sendo mais racionalizados, propiciando a expansão do individualismo.

O pensamento de Simmel ajuda a iluminar e compreender as mudanças nas relações sociais que ocorreram dentro da comunidade dos Arturos, como foram

mencionadas pelas netas de Carmelinda. Com o crescimento da cidade, a vida que outrora era rural, adquiriu o padrão de urbanidade. Constituíram-se outras maneiras de viver e de interagir no espaço com as próprias pessoas da comunidade. Este reflexo pode ser percebido nos muros e grades, que algumas famílias decidiram erguer tanto para se proteger da violência que penetrou na comunidade, quanto também para marcar sua individualidade, e se resguardar mais da vida coletiva. A busca por uma vida mais separada do grupo é reflexo das mudanças ocorridas no espaço que provocaram, por um lado, novas formas de organização espacial, e por outro, diferenciações nas relações sociais.

Em síntese, na medida em que o município de Contagem passou por processo de urbanização, a comunidade também se transformou. A organização espacial da comunidade se modificou juntamente à cidade. As relações na comunidade também se modificaram, assim como na cidade as relações se tornaram mais pragmáticas. As formas de interação familiar se modificaram, porque as relações intrafamiliares se alteraram na transição entre os meios rural e urbano.

Entre a geração das filhas de Carmelinda e a geração das netas, o município de Contagem deixou de ser um entreposto de produtos agrícolas e pecuários e passou a integrar a metrópole. Estas mudanças incidiram sobre o espaço, o cotidiano e as relações familiares da comunidade.

É importante perceber como a memória trabalha o tempo, um tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. Neste sentido, o tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive de maneira diferente, assim como cada pessoa. (Bosi, 2003, p.53)

Nas memórias destas mulheres Arturos, a questão do tempo passado, saudoso, de mais dificuldades, mas com mais união e amizade, transparece em todas as entrevistas. As lembranças do trabalho e das dificuldades para estudar também fazem parte das memórias de grupo e demarcam as fronteiras do pertencimento econômico, étnico e social da comunidade.

Os dias de hoje conformam um cotidiano diferente do rural e criam novas situações na vida dessas mulheres, como reflexo da sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo. Racionalizou as horas de vida. De acordo com Ecléa Bosi, o tempo da mercadoria na consciência humana esmaga o tempo da amizade, do familiar e do religioso. A memória os reconquista na medida em que é um

trabalho sobre o tempo, que abarca esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil (Bosi, 2003).

Estas transformações trazem conflitos e contradições entre as gerações dos Arturos, sobretudo as dos mais novos, que carregam a vivência da cidade mais presente em suas memórias. O passado que outrora trazia dificuldades em função das limitações materiais que impunha, agora é referência de um tempo de maior amizade, de mais solidariedade, no qual a família era o centro da vida de cada um dos Arturos. O presente traz do passado a percepção da exclusão, das dificuldades a serem superadas. O tempo atual engole os laços familiares e cria novas formas de comportamento que excluem um cotidiano passado idealizado como bom, de mais união e menos individualismo.

## **4.2 Mulheres mais jovens: as bisnetas – olhando para o passado e transformando o presente**

Nas narrativas das bisnetas de Carmelinda Maria, quase os mesmos assuntos das outras gerações guiaram nossas conversas, contudo coloridos por outras experiências: o tempo da infância, adolescência, um passado de mais união, respeito e reconhecimento pelos mais velhos, o trabalho, o racismo, a juventude da comunidade e de fora também, os estudos, os casamentos, os filhos, a tradição, projetos e aspirações futuras. Neste fragmento enfocarei alguns destes aspectos, deixando a tradição, a relação com os mais velhos e o racismo para serem discutidos ao longo deste capítulo.

As experiências do passado são rememoradas, com saudade, como um tempo de mais leveza, união e alegria. Há um encontro de pensamentos com as mulheres das outras gerações. Esta memória perpassa a percepção de um tempo mais voltado para o próprio grupo, de mais proximidade nas relações, de menos violência e mais liberdade. Assim narram algumas bisnetas:

*Ah eu tenho saudades assim, a gente era mais unido quando a gente era mais novo, mesmo que tinha aquelas briguinhas aquelas coisas mas, era mais unido, a gente tinha mais oportunidades, porque que nem quando eu era criança, teve colônia de férias uma vez quando eu era criança,, vieram outras crianças de outros bairros vizinhos e*

*todo mundo brincava junto. Hoje já não tem isso, você não vê mais uma criança brincando igual a gente brincava antigamente, até devido ao perigo que vai chegando mais próximo, antigamente a gente brincava até tardão na rua, os pais deixavam sem perigo. Hoje a gente já não tem essa confiança em deixar as crianças, então eu acho que dá saudades aquele tempo a gente podia sentar na rua tranquilo, sem preocupar muito, acho que é o que mais eu tenho saudades é da liberdade.*

*(Daniela, 27 anos)*

*Na minha época era muito melhor, jogava pique bandeira na rua, queimada, a gente soltava papagaio, hoje não vejo assim... aqui na comunidade.*

*(Cíntia, 26 anos)*

*Eu vejo assim, continua boa, mas acho que no meu tempo era melhor, eu acho que a união era mais um pouco, tinha mais lazer que hoje não tem, a gente fazia piquenique, era campeonato de peteca de vôlei, nossa era bom demais. E hoje em dia já falta, já falta aquele espaço, eu acho.*

*(Janaína, 30 anos)*

*Ah a união, a união antigamente eu vou te falar era um vivendo pro outro, hoje em dia não é... hoje em dia é um contra o outro, tem aquela competição, hoje em dia tem isso, antigamente não tinha. Pelas coisas que eles contam não tinha isso antigamente isso, os irmãos eram todos unidos, era todo mundo se dando bem com todo mundo, hoje em dia não é, infelizmente não é.*

*(Andresa, 26 anos).*

Ao se lembrarem das relações sociais do passado, de um tempo melhor, essas mulheres refletem sobre o que hoje já não mais existe, principalmente em relação à juventude, fato que permeia todas as gerações. Como seguem nestes fragmentos narrativos:

*Mudou sim, mudou tudo hoje em dia não tem mais respeito com ninguém, os mais novos não tem mais respeito com os mais velhos, no meu tempo as mães obrigavam a gente a respeitar os mais velhos, hoje as mães falam para os meninos não respeitarem, ou se a gente vai falar já acham ruim. Bem ao contrário de antes.*

*(Tatiana, 30 anos)*

*Igual estava falando, os jovens aí, a cabeça dos jovens hoje está muito diferente, dos antigos, até na minha idade, eu acho que a gente tem o respeito, agora os que tão vindo depois de nós, tá vindo tudo como se diz errado. Não tá tendo o mesmo respeito, a convivência, não tá procurando manter a convivência, o ensino que teve da educação. O respeito um com o outro de antigamente, não tá procurando ter, os jovens de hoje tá cada um vivendo sua cabeça, tá vivendo seu tempo, quer aproveitar, é curtir... o ensinamento mesmo eles estão deixando a desejar.*

*(Andrea, 31 anos)*

Outra bisneta reforça a presença do tempo rural em suas lembranças e vê as mudanças sociais como inevitáveis:

*Tenho saudades assim do meu avô, do que ele fazia do que ele representa sabe, de vida rural eu tenho lembranças sabe... de mexer com vaca sabe, essas coisas e hoje em dia não tem tanta, eu achava que era melhor antigamente... modificou as relações daquele tempo rural... é... mas mesmo que eu quisesse, se tivesse disponível, não teria mais como porque a gente tem que sair, então não tem como ter aquela vida mais, mas era bom, era gostoso, coisa de fruta, quando chegava época de algumas frutas a gente reunia, jabuticaba, chegava época a gente ia para o pé, pegava a fruta no pé era bom, a gente reunia, era bom era muito gostoso... tinha mais liberdade, mais tranquilidade... hoje em dia é mais complicado, tem mais violência... as drogas chegaram, pois a gente não tá separado do mundo, o que tá aí fora, tá aqui dentro também, infelizmente...*

*(Viviane, 25 anos)*

Estes trechos de narrativas são significativos para pensarmos como as lembranças podem apresentar aspectos da vida desta geração e também para além dela, aspectos da nossa sociedade em seu tempo atual. A importância de evocar essas lembranças está, portanto, em relacionar o que do passado faz sentido no presente. Como afirma Paul Connerton:

No que se refere à memória em geral, podemos observar que a nossa experiência do presente depende em grande medida do nosso conhecimento do passado. Entendemos o mundo presente num contexto que se liga casualmente a acontecimentos e a objetos do passado e que, portanto, toma como referência acontecimentos e objetos que não estamos a viver ao vivermos o presente. E viveremos o nosso presente de forma diferente de acordo com os diferentes passados com que podemos relacioná-lo. (Connerton, 1993, p.2)

Nesta perspectiva, é possível pensar como estas jovens relacionam seu passado recriando o seu presente de acordo com o que faz sentido para elas e também com o que é vivido em suas experiências com o mundo. Há uma percepção de diálogo entre a comunidade e os seus valores com o mundo lá fora, mostrando que as transformações são contínuas e inevitáveis.

No tecer dessas memórias, as mulheres desta geração, destacam em suas narrativas como há algumas modificações nos casamentos e relacionamentos dentro da comunidade, indicando mudanças dentro do grupo social. As duas irmãs Cristiane e Scheila narram:

*Mudou, mudou muito porque casamento antigo era mais bonito era mais respeitado, eu ainda tive a sorte de pegar o tempo antigo: tinha horário pra namorar, tinha horário pra chegar em casa, era até 10 horas da noite, e ai seu eu passasse... meu pai punha ela pra me vigiar, aí se eu desse um beijo no meu marido eu tinha que dar dinheiro pra ela (Cristiane) comprar uma bala pra ela não contar... risos... e agora hoje não, hoje em dia ela vai namorar, dormem na casa dos namorados, na minha época não era assim não aí se tivesse... antigamente era assim meu pai colocava dia e horário... Eu podia só pegar na mão. Eu vigiei a Patrícia e ela me vigiou. Agora mudou, ninguém vigiou a Cristiane. E eu sou nova mas peguei coisas*

*do tempo antigo, por isso que eu vejo que houve mudanças. Minha avó falava ai se você beijar na boca você vai engravidar, não deixa pegar no seu corpo, minha avó falava isso, a mulher tem que tomar conta do corpo dela. Eu fiquei muito com minha avó Juventina eu usava saia comprida, agora hoje não usam roupas que... namorar então..*

*(Scheila, 36 anos)*

E a sua irmã Cristiane completa:

*Antes tinha muito isso, você tinha que casar virgem, se não era vergonha, antes casava uma grávida era mal falada, mal falada mesmo. Viu filho de fulano tá grávida... era mal falada, hoje é normal gravidez nos Arturos, hoje é normal, antes era mal falada.*

*(Cristiane, 31 anos)*

Scheila explica a razão dos muitos casamentos entre primos na comunidade, emendando em outras memórias, como conta:

*A maioria era casado com primo mesmo, por conta da convivência. Maioria primo com primo, depois o pessoal foi saindo... Antes não podia sair... eu lembro que a gente ia para o terreiro de Vó Carmela que era de terra, terra vermelha, nós ficávamos brincando de cirandinha, cantava desafio, passa anel, aquele tanto de moça ali sentada. Dormia com as galinhas né modo de dizer, cedo. Cota, Tia Inês, essas meninas mais velhas. Eu lembro de vovó sentada no fogão de lenha e a gente lá brincando de cirandinha, aquela rodona, aí eu lembro dela vagamente lembro dela, com aquele lencinho branco na cabeça, amarrado pra trás. Mas era muito bom, e quando minha avó esquentava pegava um negócio de ferro assim, e punha lá na sala pra esquentar só pra contar história pra nós, só história ruim de lobisomem não eram muito boas não e sorriu...*

Com entusiasmo Scheila continua narrando, associando por meio de suas memórias, a vida e os casamentos dentro da comunidade:

*Não tinha televisão aqui nos Arturos. Só tinha TV na casa de tio Bill. A única casa que tinha TV era na casa de tio Bill, um caixote grandão. Às vezes tia Anita deixava a gente assistir. Então era a gente brincando de rouba bandeira esse trens. Queimada, rouba bandeira, nossa vida era essa, nós não saíamos muito pra fora, por isso que casava muito com primo mesmo. Brincava com primo, crescia com ele, então namorava com ele. Eu comecei namorar com meu marido com 9 anos e me casei com 17 anos.*

*(Scheila, 36 anos)*

Outras bisnetas apresentam seu olhar sobre estas mudanças:

*Ah mudou porque antigamente casava muito primo com primo, hoje o pessoal vai buscar fora, casa mais com os de fora. Eu acho que casar com primos é porque antigamente não se saía muito para o lado de fora, na festa só ficava primo com primo e o desejo aparecia então tinha que acontecer... agora não, nós saímos muito pra fora, vem bastante gente de fora aqui na nossa festa.*

*(Renata, 23 anos)*

*Ah eu acho que mudou sim, porque antigamente o pessoal casava naquela intenção de construir família, de viver pra casa para o marido, pra filho, hoje os jovens já casam com aquele pensamento vou casar se não der certo eu separo, acaba que vai naquela de repente... E casa mas quer continuar fazendo as mesmas coisas da época de solteiro, acho que isso atrapalha, porque quando a gente é solteiro a gente tem que ter uma postura, depois que a gente casa a gente tem que ter uma postura diferente né... aí eu acho que, alguns, nós jovens, as vezes temos uns pensamentos que de repente nos atrapalham, em relação a isso assim, eu acho que os casamentos de antigamente eram mais duradouros do que os de hoje.*

*(Daniela, 27 anos)*

Nos encontros de memórias, a maioria das narrativas dessa geração conta sobre as mudanças que vem ocorrendo modificando a configuração da comunidade,

pois há uma abertura, como foi falado no segundo capítulo para os relacionamentos fora da comunidade, embora ainda haja casamentos entre primos e namoros que continuam florescendo dentro da própria comunidade. O fato marcante que as jovens enfatizam é que hoje há mais separações entre as gerações mais novas, há também a possibilidade de “amigar”, morar junto antes de casar, o que antes não era permitido. No entanto, em caso de separação, não é possível o cônjuge morar dentro da comunidade com outro parceiro ou parceira. Essas mudanças são visíveis para as gerações mais novas, pois as gerações de 40 anos em diante em geral não se separam.

Desse modo, percebe-se que as relações estão se modificando bastante, pois já é comum entre os Arturos, que as namoradas dos filhos homens durmam na casa junto à família, com as filhas ainda não acontece isso. O que talvez deva acontecer também com alguns jovens nas grandes cidades. O número de filhos também reduziu muito em relação às outras gerações, acompanhando o processo de decréscimo demográfico da população brasileira. Em geral as novas famílias têm dois filhos, chegando raramente a três, diferente da segunda geração que tinha em média 5 filhos, diferindo também da primeira geração, que tinha em média 8 ou mais filhos. As mulheres Arturos contaram que teve um político que passou pela comunidade e promoveu uma esterilização em grande parte das mulheres que já tinham dois a três filhos, mesmo se fossem jovens. O que vem ocorrendo com frequência na comunidade é a gravidez precoce na adolescência, como contam algumas jovens:

*Olha as meninas, aqui nos Arturos tá um problema... quer dizer eu vejo como um problema... cada um tem um pensamento. As meninas aqui nos Arturos estão engravidando muito jovens, a minha geração não era assim. Todo mundo pensava em casar depois ter filho... agora a outra geração depois da minha não, as meninas estão tudo com menino no braço, entendeu, não pensam em voltar pra escola, pelo menos formar para adquirir um emprego, pra depois pensar em casar, ter um filho, depois ter filho, entendeu? Eu acho que é mais por aí, eu creio muito nisso, eu achava que eu tenho primeiro que ter meu emprego, casar e depois ter filho. Hoje em dia não, tá ao contrário, as meninas pensam não sair da casa de pai e mãe, ter filho*

*namorar, morar junto e fica por isso mesmo... não correm atrás de um serviço, não batalham para ter uma faculdade, nem nada, entendeu...*

*(Andressa, 26 anos)*

*Antes aqui nos Arturos a pessoa ia casar depois que ia ter os filhos, agora não, as adolescentes, adolescente que eu falo 14, 16 anos já engravidam antes de casar, umas são mães solteiras, os casamentos hoje não são muito duradouros. (Ernestina, 28 anos)*

*Eu acho que assim, eu tenho uma linha de pensamento que eu acredito que é por questão de reconhecimento também, tem até uma pesquisa que fala que quando uma jovem fica grávida num grupo, provavelmente as demais também vão, por causa da atenção, do carinho, reconhecimento, é meio louco, mas é real, porque se não porque as meninas iam...*

*(Viviane, 25 anos)*

É interessante perceber que em geral as gerações dos Arturos continuam a ter filhos cedo, só que a diferença agora é pela gravidez precoce e sem o casamento, trazendo novas configurações familiares, pois muitas dessas meninas continuam morando com os pais, criando seus filhos sem necessariamente se casarem. A percepção da jovem Viviane sobre esta questão da gravidez na adolescência na comunidade é significativa, demonstrando uma reflexão e outro olhar para a problemática. Concordo com Viviane e também penso que uma das possibilidades do aumento da gravidez durante a adolescência na comunidade dos Arturos estaria ligado a alguns aspectos: primeiro, um distanciamento dos pais, de conversarem sobre a sexualidade com as filhas, estes assuntos não são colocados, são silenciados. Há jovens na comunidade que fazem sua primeira consulta com o ginecologista quase aos 20 anos de idade. Há um constrangimento de se falar da sexualidade, de doenças sexualmente transmissíveis, e essas conversas em geral são feitas entre as mulheres de maneira muito íntima, mais recolhida, de forma “envergonhada”. Nem mesmo o nome de doenças como a “HIV/AIDS” são pronunciados na comunidade. Outro aspecto estaria relacionado a uma falta mesmo de perspectiva de estudos, trabalhos, outras aspirações para o futuro que vão além

da constituição de um núcleo familiar. De fato somente um trabalho de pesquisa mais aprofundado poderia elucidar estas questões de maneira mais adequada<sup>38</sup>. Deve-se ressaltar ainda que esta problemática abrange toda sociedade brasileira, sobretudo nas classes sociais menos favorecidas.

Contudo, acho interessante pontuar a fala de Andressa sobre a gravidez precoce, que em seu entender atrapalharia de certa forma a trajetória de estudos e trabalhos para estas meninas, indicando mudanças de perspectivas de vida e realização com relação às aspirações futuras e aos estudos, colocando-os antes da vontade de se formar família e de se ter filhos, modificando a trajetória dessas jovens. Este pensamento pode estar atrelado a uma independência maior das mulheres e este movimento de saída da comunidade compartilhando outras relações e desejos, não mais concentrados apenas na realização da maternidade e do núcleo familiar.

Desse modo, ao mesmo tempo em que se mantém em geral a tradição de gravidez e casamentos precoces na comunidade, mudanças vem ocorrendo com uma parcela das mais jovens, que estão se casando mais tarde, e também tendo filhos mais tarde. Este movimento é mais das mulheres, pois os homens em geral até 30 anos já estão casados e constituíram família. Neste contexto, vão se modificando as configurações familiares da comunidade, sobretudo com relação às mulheres da comunidade.

Em nossas conversas o trabalho também é central na vida dessas mulheres, só que com perspectivas diferentes, marcando algumas permanências e transformações em relação às outras gerações. Em todas as narrativas, houve muito entusiasmo e vigor de falar sobre o trabalho:

*No momento eu estou desempregada, mas eu já trabalhei fora,  
trabalhei em restaurante, eu era atendente lá, mas antes de eu*

---

<sup>38</sup> Segundo Simone Costa: “A gravidez na adolescência pode significar uma necessidade de compensar insatisfações e tristezas, como uma busca mágica de um objeto de amor. Assumir a maternidade representa, ainda, um exercício efetivo do controle sobre seu corpo, sua fertilidade e seu poder de “ser mulher”. Em outras palavras, a gravidez para muitas adolescentes se coloca não apenas como indesejada, não planejada, ou como dizem, um acidente, mas também pode vir a representar a concretização de um projeto de vida. Esta experiência envolve questões complexas, incluindo diversos setores da vida cotidiana como saúde, educação, economia e cultura (Costa, Simone Santos S. “A Gravidez Desejada em Adolescentes de Classes Populares”, In: Werneck, J. Mendonça, M. e White, E. C.(orgs): O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe, Rio de Janeiro, Pallas: Criola, 2000, p.129).”

*trabalhar lá, eu fui trabalhar na casa de uma Dona, olhando a Fernanda, mas sem ser olhando menino em casa, lá foi o primeiro emprego sem ser em casa de família.*

*(Walquiria, 22 anos)*

*Ah com 10 anos eu já olhava criança, eu já arrumava uma casa de uma prima ganhava um dinheirinho. Sempre, sempre trabalhei, e hoje eu trabalho de auxiliar de cozinha, pretendo um dia ser cozinheira se Deus abençoar.*

*(Ernestina, 28 anos)*

*Trabalho, sempre trabalhei, trabalhei na prefeitura de Contagem de recepcionista, depois fui professora de dança afro, depois fui para o Palácio das Artes como atriz e agora estou como operadora de caixa num hortifrutti próximo daqui.*

*(Renata, 23 anos)*

*Ah eu sempre trabalhei ensinado menino 'para casa', levando e buscando menino pra escola, porque eu queria ter meu dinheiro, entendeu, pra não ter que ficar dependendo do meu pai e da minha mãe pra ter que às vezes comprar um chocolate que eu tava querendo, entendeu... Porque hoje pra criar filho não é fácil não, pra pai e mãe colocar o arroz e feijão dentro de casa é bravo, tem que ralar... então pra eu não ter que ficar pedindo, me dá isso, aquilo, eu sempre trabalhei sempre corri atrás, entendeu...pra ter o meu dinheiro, era pouco, mas era o meu dinheiro, eu fazia o que queria com ele, eu comprava minhas calcinhas, meus perfumes, sabe meus cremes que eu queria, que todo mundo tava usando, o que eu queria ter, as vezes eu pedia ao meu pai ele não tinha pra dar, ganhava pouco não podia me dar.*

*(Andressa, 26 anos)*

*Eu comecei a trabalhar com 17 anos, eu era educadora numa creche, depois trabalhei num supermercado como operadora de caixa, depois trabalhei com telemarketing e depois fui fazer estágio*

*na minha área mesmo que é Serviço Social. Hoje faço estágio na Política Pública de Educação.*

*(Viviane, 25 anos)*

As mulheres desta terceira geração em geral começaram a trabalhar com a mesma idade da geração das netas, entre 12 e 13 anos de idade. Algumas que começaram um pouco mais tarde com 17 e 20 anos, mas foram poucas, a maioria começou com a mesma idade e com funções semelhantes, cuidar de crianças. Assim como as outras gerações, a maioria das bisnetas de Carmelinda se iniciou no mundo do trabalho pelos trabalhos domésticos. Contudo, há uma mudança de perfil, pois a maioria das mulheres mais novas desta geração, que estão na faixa dos 20 e 30 anos passaram em sua maioria pelos serviços domésticos, mas hoje estão ocupando outros espaços no mercado de trabalho, como operadoras de caixa de supermercado, padaria, em lojas, agências de *telemarketing*, agentes sanitárias, professoras de dança, cabeleireiras entre outros. O salário continua baixo, mas a visibilidade e o que estes trabalhos propiciam em termos de contato com o mundo, com outras tecnologias, com outras pessoas já modificam um pouco suas trajetórias.

Na faixa entre 30 e 40 anos dessa geração, o serviço doméstico predominou, como sugerem algumas narrativas:

*Olha eu não trabalho todos os dias, eu trabalho de 15 em 15 dias de doméstica. E eu acho muito bom sair pra trabalhar, igual eu que fico muito em casa pra mim é muito importante porque eu convivo mais lá fora quando eu saio, eu tenho mais, como eu vou falar... Eu tenho mais importância, porque eu fico em casa no dia a dia eu fico muito atarefada, muito cansada então quando eu saio assim eu acho muito bom ter o meu serviço, eu adoro meu trabalho.*

*(Cássia, 36 anos)*

*Eu trabalho duas vezes na semana, na casa de uma dona ali embaixo, mas de carteira assinada não, mas eu tive uma oportunidade de trabalhar, mas no momento eu to cuidando da minha casa e dou uma mão a uma dona ali embaixo, mas acho importante, porque, como se diz hoje a renda de um, como eu sou casada a renda só do meu marido se for pra olhar tudo , alimentação,*

*contas, estudo para os meninos fica meio apertado, daí eu procuro estar fazendo sempre alguma coisa pra poder tá ajudando, tá ajudando, ganhar mais um dinheirinho.*

*(Andreia, 31 anos)*

*Oh eu já trabalhei... comecei a trabalhar nova, com uns 13 anos, eu era baba, eu olhava os meninos da Goretti, o Caio no caso eu tomava conta dele. Trabalhei um bom tempo tomando conta dele. Depois fui trabalhando em casa de família, fui criando a idade, aí já fui pra empresa trabalhar em cozinha, normalmente eu trabalho nessa área de auxiliar de cozinha, saladeira. Atualmente eu 'tô desempregada 'tô correndo atrás, pra ver se acho alguma coisa. (Janaína, 30 anos)*

A escolaridade aparece mais uma vez como uma barreira, embora a maioria dessas mulheres desta geração tenha estudado o suficiente para completar o ensino médio. Das mulheres entrevistadas apenas duas tinham feito até a 8ª série. Como aponta esta bisneta que afirma que as coisas estão melhorando, mas que ainda há muitas barreiras:

*Ah ainda tem uma barreira muito grande ao trabalho, em firma, você pode contar é raro as mulheres dos Arturos que trabalham em firma, que fez 3º. ano, que estudou ali, mas não acha, não acha, é difícil, nossa entrar, tem que arrumar alguém pra por, se não tiver alguém lá dentro pra colocar você, você não vai não, aí tem que encarar casa dos outros mesmo encarar faxina mesmo. Graças a Deus aqui na nossa comunidade ninguém tem preguiça de trabalhar, pega o que aparecer na reta. Mas com relação a trabalho assim, é difícil.*

*(Scheila, 36 anos)*

As dificuldades são muitas, mas, contudo, esta terceira geração vem modificando o perfil das mulheres dos Arturos, em relação a sua inserção no mercado de trabalho e também nos avanços de escolaridade. A maioria das mulheres abaixo dos 30 anos na comunidade completou o ensino médio, ou está cursando. Algo significativo está começando a acontecer na comunidade, há duas

jovens que estão completando a graduação, o ensino superior, são as primeiras mulheres da comunidade, descendentes de Carmelinda a seguirem este caminho. Como conta Viviane:

*Eu faço serviço social na PUC, estou no último semestre... A dificuldade é grande pra estudar, é difícil, mas é significativo porque até mesmo para as outras gerações. Porque quebra assim um pouco esse paradigma, porque as pessoas começam a ver que é possível, porque talvez falte um pouco de estímulo, de incentivo, até então era uma coisa que tava muito longe, uma coisa que era normal para as outras pessoas assim, aqui era meio distante sabe, como se não fosse possível. Eu creio que a partir de agora outras pessoas vão começando, eu digo assim, eles já veem... se eu disser não, eu vou completar o ensino médio e não vou trabalhar assim hoje não, eu vou completar ensino médio, vou fazer línguas, vou prestar vestibular... já tá vindo este movimento... já tá fluindo...*

Viviane continua a narrar um pouco da sua trajetória na faculdade:

*Minha trajetória na faculdade foi tranquila, foi tranquila, porque foi um curso que eu escolhi mesmo, e aí as dificuldades ao longo do curso que eu tive, que a gente nunca deixa de ter... (suspiro) eu superei... Mas agora como tá acabando... na verdade a graduação é uma porta de entrada para o mundo acadêmico, daqui pra frente tem mais coisas...*  
(Viviane, 25 anos)

Juntamente a Viviane, há muitas outras mulheres na comunidade dos Arturos que desejam fazer graduação, há sonhos e desejos de se tornarem enfermeiras, advogadas, psicóloga, profissionais de educação física, entre outras profissões, e estão lutando para isso. Certamente este movimento iniciado por Viviane, Luana<sup>39</sup>, serve de estímulo para as outras gerações batalharem por este espaço, possibilitando novas trajetórias e inserção em outros espaços no mercado de

---

<sup>39</sup> Luana é a outra jovem da comunidade que está se formando em Marketing.

trabalho e também na sociedade, mudando o lugar historicamente reservado às mulheres negras o da subalternidade. De acordo com Marina Mello:

Embora o desenvolvimento capitalista não possa prescindir do trabalho feminino e a consciência dessa importância tenha sido capitalizada pelos movimentos feministas, o fato de que expressivo número de mulheres negras esteja excluído do acesso à educação de qualidade (submetidas a ocupações parcamente remuneradas) reforça, legítima e perpetua as situações e as condições dessa sujeição. (Mello, 2009, p.366)

Neste sentido, as narrativas das três gerações de mulheres da comunidade dos Arturos, se encontram em algumas realidades vividas pelas mulheres negras na nossa sociedade. A maioria dessas mulheres iniciaram seus trabalhos cuidando de crianças, sendo domésticas, sobretudo as mulheres de 30 anos em diante, começando em geral muito cedo e mesmo as jovens que conseguiram outros trabalhos, ainda continuaram mal remuneradas. Há alguns dados que comprovam esta disparidade em relação ao salário mensal para demonstrar esta exclusão, confirmando a realidade vivenciada pelas mulheres Arturos. Segundo o DIEESE, em seu Anuário das Mulheres Brasileiras publicado em 2011:

**Tabela 4:** Rendimento médio nominal mensal de todos os trabalhos, segundo sexo e cor/raça Brasil 2006 e 2009- DIEESE

| <b>Tabela comparativa rendimento médio mensal segundo sexo e cor/raça em reais - Brasil</b> |             |             |
|---|-------------|-------------|
|   | <b>2006</b> | <b>2009</b> |
| <b>Mulheres Negras</b>  | 399,00      | 558,00      |
| <b>Mulheres não Negras</b>  | 1.035,00    | 1.001,00    |
| <b>Homens Negros</b>  | 602,00      | 839,00      |
| <b>Homens não Negros</b>  | 1.238,00    | 1.534,00    |

Fonte: Dieese<sup>40</sup>

Outro dado importante para nossa análise é o do trabalho doméstico remunerado no Brasil, que é majoritariamente desempenhado por mulheres negras,

<sup>40</sup> Fonte IBGE, Pnad- Elaboração DIEESE- acessado em 24/05/2012- <http://www.dieese.org.br/anu/anuariomulheresbrasil> (Obs: Negros = pretos e pardos; Não Negros = brancos e amarelos)

segundo dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada); mulheres brancas – 13,4% em 1996 e 12,6% em 2006; mulheres negras 23% em 1996 e 21,7% em 2006. <sup>41</sup>

Estes dados estatísticos confirmam a situação de exclusão e desigualdade que vivem as mulheres negras brasileiras, indicando que há mudanças, mas que há ainda um abismo em relação às mulheres e homens brancos. A grande concentração das mulheres negras no trabalho doméstico remunerado é proveniente do legado do modelo patriarcal e racista da sociedade brasileira. Contudo, como a própria realidade das jovens mulheres Arturos exemplifica, começam a haver transformações dentro dessas realidades, embora ainda haja um longo caminho a ser percorrido.

### **4.3 Silêncios, Percepções e Realidade – Lembranças do Racismo**

O racismo, enquanto realidade e conceito, tem sido objeto de exaustivos estudos e interpretações. Seu significado exprime várias conotações, nem sempre com um denominador comum. Ao utilizarmos esse conceito no cotidiano não lhe é atribuído o mesmo tratamento de conteúdo e significado; por esta razão, falta consenso quanto à busca de soluções contra o racismo (Oliveira, 2006).

A definição de racismo se dá pela existência de um grupo racial que se concebe como superior e que segrega e domina outro segmento racial considerado inferior. De outro modo, segundo Munanga: *o racismo é esta tendência de considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas* (Munanga, 2004, p.8). Neste sentido, o nascimento do racismo se baseia na eleição de caracteres biológicos para justificar comportamentos. É neste estabelecimento de relação intrínseca entre caracteres biológicos e qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais que acontece a hierarquização em chamadas “raças” superiores e inferiores (idem, p.9).

De acordo com Eliana de Oliveira:

---

<sup>41</sup> Fonte IPEA- Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça (3ª edição) Brasília, setembro de 2008-

O Brasil desenvolveu e adota o racismo mais eficaz do mundo: aquele cujo funcionamento não pode ser aferido, aquele que não tem um padrão, não é palpável nem evidente. Ele existe é praticado e sofrido todos os dias, mas não tem peso nem medida. Assim, nós temos no Brasil uma sociedade produzida como utopia, feita para parecer que, aqui, entre negros e brancos, tudo vai bem, reina a paz racial e toda e qualquer equação étnica está bem resolvida. (Oliveira, 2006: 11)

Há todo momento verifica-se a tentativa de negar o racismo, velando e desfocando o debate no discurso de “somos todos brasileiros”, somos todos “mestiços”, possibilitando que toda a ideologia construída no início do século XX perdure até os dias atuais. Modificações ocorreram desde os tempos da escravidão sempre com muita luta e resistência da população negra e também dos movimentos sociais, no entanto a discriminação racial e as desigualdades socioeconômicas se mantêm nas estruturas da sociedade brasileira.

A desigualdade econômica e o racismo enfrentado cotidianamente por toda população negra brasileira, marcam outras experiências de vida, numa sociedade que ainda padece com o mito da “democracia racial”.

O mito da democracia racial atrasou em muito as discussões e debates sobre os conflitos étnico-raciais, prejudicando os avanços da população negra brasileira em sua totalidade. Desde os tempos da abolição da escravidão os ex-escravizados e seus descendentes não tiveram acesso aos direitos mínimos de cidadania e de inclusão social e econômica na sociedade brasileira. Ao contrário, foram segregados, despossuídos e a fim de satisfazer as necessidades materiais imediatas de sobrevivência sua e de seus familiares, tiveram que lutar pela inclusão social, cultural e econômica em uma sociedade com práticas racistas.

Ainda hoje as desigualdades permanecem, não apenas pelos resíduos da abolição, mas também pela opressão e inferioridade em que foi colocada a população negra brasileira, submetida a uma “seleção social”<sup>42</sup> que vigora até hoje em nossa sociedade. Esta situação se reflete nas desigualdades no mercado de trabalho, em que ainda se verificam desníveis salariais entre brancos e negros, diferenças em anos de estudo na educação, em taxas de desemprego, acesso à saúde, violência policial, pobreza e analfabetismo. As desigualdades são imensas e

---

<http://www.ipea.gov.br/portal/-acessado em 24/05/2012>

<sup>42</sup> Termo utilizado por Clóvis Moura in: CAVALLEIRO, Eliane, *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*, São Paulo, Contexto, 2000, p.28.

perpassam a questão econômica como muitas pesquisas e censos apontam e comprovam<sup>43</sup>, revelando que a sociedade brasileira é racista e excludente.

Neste cenário, as mulheres negras são as que têm os menores salários, atividades profissionais na maioria das vezes desvalorizadas, como já foi mencionado neste trabalho; têm as maiores taxas de mortalidade materna, devido ao acesso dificultado ao atendimento de saúde e a condições de vida precárias, entre outras desigualdades sociais. As mulheres negras sofrem a mais pesada carga de discriminação, vivendo uma situação de dupla diferenciação: por serem mulheres e por serem negras. No entanto, sempre houve muita resistência desde o tempo da escravidão, como afirma Nilma Gomes:

A trajetória das mulheres negras, desde quando elas foram trazidas como escravas para o Brasil foi de luta e resistência. A mulher negra, apesar de desagregada de sua família e tendo que trabalhar na roça, na casa-grande, amamentando crianças brancas enquanto lhe era negada a própria maternidade, e considerada objeto de prazer para satisfazer aos desejos dos senhores, conseguiu estabelecer-se com dignidade no espaço público, ao lado dos homens, superando-os não raro em vários aspectos. (1995, pp. 115-116)

As mulheres negras continuam, desde os tempos passados, lutando e resistindo nas mais diferentes esferas da vida social. Enfrentam barreiras e preconceitos na sociedade, no mercado de trabalho, nos espaços profissionais que alcançam, revelando relações de desigualdade, racismo, exclusão de oportunidades, reafirmando a discriminação sofrida pelas mulheres negras em nossa sociedade. De acordo com Teresinha Bernardo:

A violência do racismo, visualizada nas taxas de mortalidade infantil, na expectativa de vida, nas taxas de rendimento e no salário real, faz com que se torne importante perceber, por um lado, como as mulheres negras representam o racismo sofrido desde a década de 1930 até os anos 90; por outro, as características do mito da democracia racial, que constitui uma outra dimensão do racismo, à medida que encobre, desfoca a discriminação, criando a ilusão da harmonia racial. (2003, p.158)

Neste sentido, as mulheres da comunidade dos Arturos, trazem suas lembranças do racismo, comprovando como este mito vigora ainda em nossa

---

<sup>43</sup> Dados estatísticos do IPEA, DIEESE, IBGE.

sociedade e é eficaz no imaginário coletivo, fazendo prevalecer ações racistas e discriminatórias.

Maria Madalena (Miria) e Maria das Graças (Cota) narraram experiências do tempo passado, mas que estão vivas no presente:

*Na fazenda onde minhas tias e meus tios trabalhavam, eles sempre eram discriminados, eram muito judiados, apesar de não ter mais escravidão, mas eles judiavam. Eu me lembro de Parafuso, o marido de Juventina, na fazenda de Joviano Camargos, ele sofreu demais nessa fazenda, eles faziam gato e sapato com ele. Lá um dia eu tenho uma revolta com isso quando eu penso... ele trabalhava na roça e na hora de almoçar parava o serviço e chamava todo mundo pra almoçar, e uma vez fizeram a maior covardia com ele, colocaram areia na comida dele, na hora que ele vai abrir a marmitta a marmitta cheia de areia, e eles davam aquele risadão alto e achavam graça, não é mãe? É tem muita coisa, ele sofreu muito. Dona Conceição, mãe de Maria Madalena complementa falando: “ele foi falar, ainda falaram ‘comida de negro é assim mesmo’...”*

*(Maria Madalena, 65 anos)*

Ao refletir sobre os dias de hoje Maria Madalena afirma sobre o sofrimento e as desigualdades para a população negra que ainda permanecem em nossa sociedade:

*Ah com certeza, com certeza ainda sofre, sofre sim, primeiro lugar é do branco, depois se sobrar é do negro, por mais que eles falem em igualdade racial, igualdade, igualdade, mas a gente vê que não é assim não.*

*(Maria Madalena, 65 anos)*

No testemunho de Maria das Graças (Cota), o passado é pinçado na memória e revelado no corpo, no momento em que se lembra do que aconteceu em sua infância:

*Ah eu estudei até a segunda série, mas minha segunda série hoje não vale nada, pelos estudos de hoje, do que a gente aprende estudar. Quase não tenho estudo, leio muito pouco, assino muito pouco. Era tudo mais difícil a vida, e também os fazendeiros não deixavam a gente estudar não minha filha, era muita dificuldade; eu tenho mancha para as pernas toda por aqui a fora olha... porque eu ia pra escola e ajudava a trabalhar, mas os fazendeiros não deixavam os pobres viverem não. A gente apanhava e caía. Olha minhas pernas aqui é cheia de manchas. Não podia ir pra escola, a gente tinha até medo de ir pra escola, eles faziam a maior covardia com a gente. No tempo da escravidão né?... era muito difícil.*

*(Maria das Graças, 61 anos)*

Maria das Graças ao narrar este acontecimento, relacionado diretamente a seus estudos, trouxe esta lembrança como se ela tivesse de fato vivenciado o período da escravidão, o que na verdade de certa maneira ocorreu, apesar dela ter nascido em 1949, bem depois da abolição da escravatura. O que revela como as relações escravistas foram mantidas por muitas décadas após a declaração de seu “término”. Interessante foi ela falar que nunca sofreu nenhuma discriminação e racismo, mesmo contando esta experiência. Como diz Teresinha Bernardo: *a negritude está no corpo, se nasce e se morre com ela e, junto com a marca que está no próprio corpo, o negro possui uma outra, que está na história – a escravidão* (2007, p.125). Neste sentido, pensar no passado é voltar ao que foi a escravidão e que está para sempre marcado na memória e no corpo de toda a população negra, mesmo que não se tenha consciência disso. Neste momento nossa conversa ficou muito difícil para mim e aquilo que Walter Benjamin disse se concretizou: “O narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história” (1994, p.201). Foi muito doloroso ver as marcas corporais de Maria das Graças, um silêncio se calou em meu peito, se transformando em lágrimas que tentei esconder.

Continuando Maria das Graças diz dos dias de hoje e de como ela percebe algumas melhorias em relação ao passado, mas também algumas permanências:

*Agora o povo aceita melhor, né? Tem muito valor a mulher negra hoje, tem, ah tem, agora tem, de primeiro não tinha. Mas ainda tem muito preconceito, muito preconceito. Ainda existe pra arrumar um serviço, infelizmente ainda existe.*

*(Maria das Graças, 61 anos)*

No mercado de trabalho é constante a percepção de que há uma barreira “étnica”, dificultando a obtenção de emprego, como contam algumas mulheres da comunidade:

*Eu acho que até agora mudou, mas tem, ter tem, o branco entra o preto fica pra fora, como afirmam duas irmãs Teresa e Ieda. E a outra irmã Neusa continua falando: Ainda o negro quase ainda não tem vez, na empresa que eu trabalho tem mais gente branca do que negra como nós... quase todo mundo só escuro, mas não fica lá... e Teresa complementa: Mais pretos ficam desempregados, os brancos empregam mais...*

*(Teresa, Ieda e Neusa, 66, 57 e 56 anos respectivamente)*

*Tem muita ainda, tem muita discriminação ainda, racismo né: eu já sofri, eu fui numa empresa fazer uma entrevista daí tinha duas brancas lá e fui eu e minha prima a Catinha, a gente notou diferença da moça que atendeu a gente lá na hora; ela falou: “não tem mais vaga a psicóloga não vai poder atender vocês”. Aí a gente falou não pode atender nós duas somente ou aquelas duas também não? Daí ela falou: “aquelas duas ela vai atender sim”, daí a gente notou que tinha uma diferença sim, ainda tem, existe uma diferença da mulher negra na nossa sociedade.*

*(Scheila, 36 anos)*

*Eu não passei esse momento ainda não, mas a gente sente que existe uma diferença, porque às vezes a pessoa não precisa nem falar é só a maneira de olhar do jeito que a pessoa te recebe você vê se tá tendo preconceito ou não. Agora eu já presenciei na casa de uma outra dona que eu trabalhei, foi, teve lá uma pessoa de cor mais escura do que eu, elas arrumaram o cabelo dela lá, a dona tinha*

*guardado o dinheiro e não sabia onde tinha guardado o dinheiro, aí a outra já tinha ido embora, daí ela chegou lá dentro e falou comigo: “Oh Andreia, eu não tô achando o dinheiro será que fulana pegou?” Daí eu falei porque você está achando isso? Daí ela falou: “ah porque essas pessoas assim a gente não pode confiar”. Aí eu me senti ofendida por aquilo também, porque eu me considero uma cor negra, ela por ter sido a pessoa mais escura que eu, eu me senti ofendida com a maneira que ela fez, com o jeito que ela falou, que pessoa daquele jeito a gente não pode confiar, eu me senti ofendida a menina já não tava mais lá e só dela ter vindo comentar comigo eu me senti ofendida por ela ter vindo comentar comigo, a gente vê que como se diz infelizmente ainda existe a discriminação e o preconceito.*

*(Andreia, 31 anos)*

Nessas narrativas, misturam-se experiências individuais e outras vividas pelos outros, mas que marcam a memória destas pessoas, pois fazem sentido por estarem presentes em suas vidas constituindo a memória coletiva do grupo do qual estas mulheres fazem parte. Segundo Maurice Halbwachs (2006), a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo e retém do passado somente aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Desse modo, o racismo presenciado e vivido por estas mulheres continua a existir na sociedade brasileira, atualizando por meio da memória, percepções significativas do presente.

Nas lembranças de Neusinha e Cristina, o racismo foi vivenciado no comércio, e está ancorado no imaginário racista que preconiza a superioridade do branco ao situar o negro como ser inferior, como sugerem as duas seguintes narrativas:

*Uma vez eu fui comprar uma roupa pro casamento de meu filho, me parece que foi do casamento do meu menino mais velho, eu saí na hora do almoço pra estar comprando o vestido, foi eu e minha colega, e ali na Goitacazes, tinha uma loja lá que eu não me lembro mais o nome, eu cheguei e vi um vestido muito bonito. Aí quando eu fui entrando assim na loja, as moças atendentes todas loiras né, uma*

*loja muito bacana, mas foi onde eu encontrei o vestido que me agradou, tava na vitrine daí eu entrei e perguntei: qual o preço do vestido? Elas foram saindo e entrando lá pra dentro e a outra falou assim: não esse vestido aí já tá vendido. Daí eu fiquei muito chateada sabe... daí bom... daí minha colega falou: “se ele está vendido porque ele está na vitrine?” Daí ela não deu idéia não. Daí eu voltei nós voltamos pra loja no meu serviço, daí conversando lá no refeitório na sala de descanso nossa e o escritório do meu patrão era bem em cima dava pra escutar tudo. Daí eu conversando na cozinha falando pras meninas daí elas falaram: “que isso Neusinha, desaforo, fizeram isso com você? É bom que a gente não entra mais lá nunca, perdeu não você, mas a gente também, nunca mais entra lá pra comprar”.*

Neusinha continua sua narrativa contando que foi chamada pelo seu chefe para contar o acontecido:

*Daí ele me chamou lá na sala pra conversar depois do horário de almoço. Meu chefe falou: “É Neusinha, não é porque que eu to aqui que eu to ouvindo, mas o que aconteceu com a senhora? Daí eu contei porque assim pra ele, pois ele era um patrão mas era um amigo principalmente meu porque ele era bacana demais. Daí eu contei pra ele a história, ele falou: “é um absurdo né?”, eu falei é, mas infelizmente porque a gente é preto, pobre então é assim mesmo que a gente encontra as coisas... Ele falou: “não você é um ser humano como elas mesmos, e nós vamos lá, daqui a pouco nós vamos lá”... eu falei deixa pra lá, ele falou: “deixa pra lá não”.*

*Mas o patrão foi lá, você aguarda aqui, eu vou chegar e perguntar, daí chegou e perguntou: “quanto é o preço de uma roupa pra festa, e esse vestido aqui tá a venda? Qual o valor do vestido? Daí ela pegou e falou; daí ele me chamou e falou porque que ela teve aqui e vocês falaram que o vestido tava vendido? E pelo que ela me falou e a amiga dela falou elas chegaram lá contando vocês deveriam não ter feito isso não olha eu só não vou levar esse caso a frente porque eu tenho certeza que se eu perguntar a ela, ela vai falar que não, mas tome cuidado como vocês recebem as pessoas, ela é ser*

*humano igual a vocês, pra mim ela vale mais do que vocês, ela tem um valor maior do que vocês.” Você faça o favor, chamou Dona Neusinha, entra no vestiário e veste o vestido daí eu falei eu não quero o vestido não, não experimente nem que você jogue ele fora mas que ele vai ser seu ele vai ser..” daí elas falaram não é porque nós estávamos apertada não sei que... tentou sair fora... ele falou: “podia estar chamando seu patrão ou um gerente de você e estar explicando a situação, mas eu tenho certeza que ela não vai querer ou a senhora vai querer Dona Neusinha?” Eu falei: - Ela precisa de trabalhar como eu. Então ele falou: “quer saber, não experimenta esse vestido não, pega esse vestido e leva chegar lá se servir bem se não servir a senhora dá para os outros, você faz o que quiser, mas que senhora vai levar o vestido vai”. Mas falou com ela assim que eu fiquei toda sem graça, foi essa vez que eu fiquei muito, me senti muito mal esse dia, depois me senti bem alta na frente delas, eu me senti muito bem, não por ele ter chegado e escrachado elas, mas pra elas entenderem que tem alguém também com a gente, ao lado da gente que pode ser mais do que gente.*

*(Neusinha, 54 anos)*

Cristina narra sua experiência:

*Eu uma vez eu fui comprar roupa no bairro preto (em BH), e chegou lá eu que tinha o cheque, mas a minha colega uma moça muito bonita, clara, muito bem vestida, eu não tava tão mal vestida assim não, mais pela cor né, a moça vendedora estava fazendo pouco caso de mim, só queria atender ela, ela mesmo percebeu que a vendedora só dava atenção para ela, fazendo pouco caso de mim. Eu queria ver uma roupa ela nunca me mostrava só mostrava pra ela, eu falava eu to junto com ela, daí minha colega falou pode mostrar pra ela também, nós estamos juntas, a vendedora falou: “não vou atender a senhora primeiro depois eu atendo ela”. Daí ela fez a moça descer várias roupas percebendo a situação de não querer me atender e daí a moça perguntou: você agradeceu com alguma roupa? Daí minha colega falou assim: “Não eu não agradei com nenhuma roupa não e sabe por quê? Porque quem vai pagar é ela e não eu”; porque era eu*

*que ia pagar, porque eu que tinha o cheque. Ela era bonita tudo, clara, era branca tudo, mas não tinha cheque, dinheiro, quem tinha o dinheiro era eu. Aí foi onde que... eu senti super mal sabe, a moça não mostrou uma peça de roupa pra mim mostrou só pra ela, daí minha amiga falou: "eu não vim pra comprar roupa, quem veio pra comprar era ela, mas você desfez muito dela então..." nossa eu fiquei muito chateada.*

*(Cristina, 43 anos)*

As lembranças de situações de racismo narradas por estas duas mulheres revelam os mecanismos perversos que se desenvolvem na psique das pessoas que praticam o racismo, ao atribuir à população negra uma inferioridade em relação à população branca. Pois ao não querer atender e vender as roupas e os vestidos, o que estas vendedoras queriam dizer é que pela aparência física, pela "cor" da pele, há uma seleção das pessoas e associação com quem tem o poder econômico e quem deve ou não estar ali naquele espaço. Pra quem sofre o racismo, os danos psíquicos deixam marcas profundas, a começar pelo sentimento de baixa autoestima, de ser maltratado e desvalorizado como se não fosse nem ser humano, atos de extrema violência. Há ainda nestas situações uma supervalorização da "brancura", o ideal do branqueamento, ao ressaltar a beleza construída neste padrão hegemônico que vigora na sociedade brasileira, se perpetuando e se reproduzindo. De acordo com Nilma Gomes:

O branco, no pensamento social brasileiro, não é visto apenas como superior ao negro, mas como modelo ideal a ser seguido. [...] A ideologia do branqueamento age de uma forma impiedosa. É através dela que, no Brasil, milhares de negros são levados a assimilar os valores e a cultura do grupo branco como legítimos, negando a herança dos ascendentes africanos, desconsiderando a real contribuição da raça negra na formação de nossa sociedade e vivendo a construção de uma identidade étnico/racial fragmentada. O branqueamento é um exemplo visível do racismo brasileiro. (1995, p. 82-83)

Este pensamento é revelado na narrativa de uma jovem que diz:

*Ah é muito complicado, muito complicado... Igual a gente fala na sociedade quando a gente para pra ver a propaganda, raramente*

*você vê uma mulher negra, pra fazer uma propaganda de um xampu, de um sabonete, porque tudo na mídia usa a mulher, tudo é o corpo da mulher que é exposto na televisão, pra tudo... Raramente você vê o homem fazendo a propaganda de alguma coisa, sempre é o corpo da mulher... Dificilmente você vê uma mulher negra fazendo a propaganda, entendeu? E é assim, a gente sente, tem um certo preconceito justamente da mídia, principalmente da mídia, né, porque tem tantas mulheres negras bonitas por aí, porque não uma negra pra estar fazendo aquela propaganda, né? É só mulher branca, é loura, é perfeita é corpão... Por que não uma negra também, né? É complicado... mas devagarzinho vai indo...*

*(Andressa, 26 anos)*

Estes valores são intensamente internalizados nas mentes, demonstrando o quanto o racismo é mantido e reproduzido pelos meios de comunicação. A percepção de Andressa é comum em outras narrativas das mulheres Arturos, pouco elas se vêem representadas na televisão, mas em todas as falas há uma visão de que começa a haver mudanças, mesmo que de forma lenta. Joel Zito Araújo (2006), em sua análise sobre a mídia, afirma que em praticamente todas as telenovelas latino-americanas e brasileiras prevalece a ideologia da branquitude, como formadora do padrão ideal de beleza e, ao mesmo tempo, como legitimadora da ideia de superioridade do segmento branco. Ainda segundo este autor:

*A escolha dos galãs, dos protagonistas, celebra modelos ideais de beleza europeia em que quanto mais nórdicos os traços físicos, mais destacado ficará o ator ou atriz na escolha do elenco. E, no lado contrário, os atores de origem negra e indígena serão escalados para representar os estereótipos de feiura, da subalternidade e da inferioridade racial e social, de acordo com a intensidade de suas marcas físicas, seu formato de rosto, suas nuances cromáticas de pele e textura de cabelo, portanto, de acordo com seu grau de mestiçagem. (Araújo, 2006, p.77)*

E transpondo pra vida cotidiana, este ideário acompanha o imaginário social, demarcando diferenças até mesmo nos relacionamentos, como conta esta jovem sobre o que já sofreu:

*Já sofri, e eu acho que o preconceito ele nunca vai acabar eu acho que tem sim. Se você vai numa vaga de emprego tem uma negra e de uma pele mais clara eles dão a vaga para a de pele mais clara, independente do currículo da negra ser melhor, eles dão. Eles às vezes não dão muito pra não deixar na cara, mas na maioria das vezes acontece isso. Igual eu brinco com o pessoal lá no meu trabalho: igual todo mundo é branco, então pra namorar, às vezes eles gostam da negra, mas pra mostrar para os colegas eles querem estar com uma loira, não quer sair com a negra, a negra é para ficar ali no cantinho, escurinho tudo, a branquinha não; eu vou mostrar pra sociedade que eu estou com uma loira, mas com a negra não. Às vezes pode gostar mas não sai com ela, não assume pra sociedade que está com uma negra.*  
(Renata, 23 anos)

Nesta reflexão, foi possível perceber pelo olhar que a própria narradora falava de si mesma, de uma memória subterrânea, segundo Michel Pollack (1992) de algo escondido e que de repente aflora. Essa memória fica escondida nos grupos informais, dos amigos, das famílias, etc.

A narrativa de Renata revela como o imaginário construído em cima da representação do negro como exótico-sensual que atrai e dá prazer, sobretudo das mulheres negras que carregam desde os tempos da escravidão este estereótipo, perdura e se reproduz, e comprova o racismo “encoberto” e “velado” que existe no Brasil.

Uma lembrança sempre presente que apareceu em quase todas as narrativas refere-se ao espaço da escola como um lugar em que o racismo mais deixou marcas para estas mulheres. Como aparecem em algumas narrativas:

*Quando a gente tava na escola e as meninas da escola eram todas branquinhas, a gente era preto, não tinha nem direito uma roupa pra usar, minha mãe fazia assim... comprava este saco que hoje a gente passa no chão (tecido do pano de chão) e tingia de azul uma hora, outra não, e fazia aquelas roupas até na mão mesmo, e a gente ia*

*pra escola, e aquilo a gente era muito discriminada, por quê? Ser negra e ser pobre. Então era uma discriminação fora de série. Até hoje ainda tem.*

*(Dalvina, 63 anos)*

*Já sofri e já chorei e muito, até hoje quando eu lembro assim dá até vontade de chorar de novo, ver a discriminação pela gente ser negro, principalmente quando a gente era pequeno, que usava aquelas trancinhas, aquelas trancinhas sabe... muitas vezes já arrancaram as trancinhas minhas, me chamaram de neguinha dos Arturos. Com muita honra graças a Deus, mas é engraçado, a gente é preto e não quer nem saber dos outros ficar chamando a gente de negra, dava assim, dá impressão assim que a gente também é racista que é preto e não quer aceitar, mas não é, é por causa da maneira que eles falaram com a gente de abuso né, a gente passava eles ria, dava aquelas gargalhadas, aquelas pretinhas ... aquele negócio. Uma vez na sala de aula uma professora negra também, tratava com indiferença a gente porque a gente era negra e ela era preta também, mas só que quando ela explicava matéria a gente levantava o dedo porque não entendeu pra ela explicar pra gente, observava isso, tinha eu e mais duas pretinhas, outras moreninhas na escola, e outro que era preto, o nome dele era Renato, mas o cabelo dele era bom, lembro dele até hoje, quando era as pessoas mais claras ela falava: "o que foi queridinha, passando a mão na cabeça , você não entendeu? Deixo explicar pra você..." depois a gente esperava, passava um tempo, a gente perguntava e ela gritava: "o que foi não entendeu não? Não vou explicar mais não, eu expliquei uma, duas, três vezes"; daí a gente falava: eu não entendi uai, e era sempre assim, ela passava a mão na cabeça das pessoas branquinhas.*

*(Ângela Maria, 42 anos)*

*Eu já sofri, mas, mais velado como a gente fala né... tá aí na mídia, assim no dia a dia... fala que é preconceituoso, só que a pessoa não aceita né... em lojas que você chega pra comprar no shopping a pessoa te trata diferente, por que será? ...na própria faculdade... teve*

*um episódio assim que eu até hoje assim eu pergunto por quê?  
Sendo que eu era uma boa aluna...  
(Viviane, 25 anos)*

A voz de Viviane ficou meio calada, ela respirou fundo, percebi o quanto é difícil e doloroso falar sobre isso... E prosseguiu contando:

*A professora me expôs em frente de todo mundo, falando que eu não sabia nada, como assim né? Ela não sabe as minhas notas, não sabe quem... né, porque?... até hoje eu não sei porque, não e nem quero mais saber... é ...mas a questão de morar aqui, acho que talvez melhore a questão do reconhecimento em quem tá ativo na cultura, porque quando os meninos saem e fazem uma apresentação as outras pessoas olham pra eles com outros olhos, nesse ponto eles têm o reconhecimento. Mas no geral no dia a dia, ele é um negro como outro qualquer. É tudo...  
(Viviane, 25 anos)*

Um silêncio se fez novamente, um suspiro e olhar distante e tristonho tomou conta do semblante de Viviane ao narrar este acontecimento em sua vida. Outra narradora também narra um fato relacionado aos seus estudos, mas desta vez relacionado aos próprios colegas:

*Sofri muito mesmo, só que assim, por exemplo, eu voltei estudar, já casada com meus filhos já com uma idade assim, com uns 30 e poucos anos. No primeiro trabalho que teve do curso de enfermagem, primeiro trabalho que teve assim é, os grupos foram formados de 5 e o nosso grupo acabou ficando com 3 pessoas, eu, a Cristina do Joaquim e uma outra negra também que não tinha ido na escola, ninguém tinha posto o nome dela, então a gente colocou. E isso doeu muito, doeu, mas também o professor na época foi maravilhoso, ele olhou aquilo, deixou quando foi no outro dia que tava todo mundo ele sentou pra conversar mesmo, não aceitou, daí falou ali que ele iria distribuir os grupos, formar os grupos, não ia deixar mais ninguém escolher com quem queria fazer o trabalho. Aí*

*tinha um pessoal que não foi, não tava na aula no dia, e daí falou eu não aceito você falar isso porque eu não estava aqui e colocaram meu nome no grupo sem eu também estar aqui, então agora eu quero agora fazer o trabalho junto com ela, aquela coisa eu tive que mostrar mesmo...*

E Isabel segue sua narrativa afirmando como se colocou diante dessa situação:

*Falei: não, vocês vão me respeitar por aquilo que eu sou e não pela minha cor, eu vou mostrar pra vocês que eu tenho tanta capacidade como qualquer outra pessoa aqui e fiz realmente... E me orgulho muito, não briguei, não xinguei nem nada, mantive a calma e conversei muito com Cristina, falei vamos Cristina, não vou desistir não porque? Então foi uma época que eu fiquei muito cansada, muito cansada mesmo, que eu tive que superar tudo mesmo, trabalhava levantando 4 horas da manhã, estudava, ia para o serviço, voltava em casa dormia meia hora, seis e meia estava de novo na escola, chegava da escola tornava estudar, aí comecei a fechar prova os trabalhos tinha que fazer o melhor mesmo, até exagerei um pouquinho sabe, nossa no final eu tava até cansada, mas eu tinha que mostrar que eu também tinha capacidade, aí eu passava a ser respeitada, aí quando tinha outros trabalhos todo mundo queria fazer junto com a gente, inclusive prova, eu levava cada cutucão pra passar cola, e eu sempre estava fechando nas provas era uma questão de honra mesmo. É eu acho assim elas tem que me respeitar pela capacidade que eu tenho, não pela minha cor, eu lutei muito. Cristina várias vezes tentou desistir eu falei não, você não vai desistir não, você vai estudar sim, nós vamos nos ajudar. E assim nós conseguimos concluir. Eu só não consegui fazer faculdade, ou trabalhar com isso.*

*(Isabel, 40 anos)*

Nessas duas últimas narrativas há um imperativo que perpassa toda população negra no Brasil: a necessidade de provar o seu conhecimento, tendo que se mostrar mais competente que a população branca, demonstrando o quanto a

teoria da inferioridade racial, divulgada no final do século XIX e início do século XX, continua introjetada pela nossa sociedade (Gomes, 1995).

Em todas estas narrativas, a violência do racismo se manifesta de maneira “explícita” no espaço escolar ou no entorno dele. Digo explícitas, pois não há como considerar estes atos e situações relatados por estas mulheres como algo implícito ou escondido, não é declarado abertamente, mas é visível, nos gestos, palavras e atitudes, algo que marca profundamente quem são, no caso, essas mulheres negras e assim ocorre com toda população negra, e aos lugares a que pertencem. Atos que formam feridas que muitas vezes levam uma vida inteira para cicatrizar e muitas vezes nunca cicatrizam, pois são reificados a cada instante, uma vez que vivemos numa sociedade racista e excludente.

A escola representa, depois da família, o principal espaço de socialização de crianças, jovens e adultos. É neste espaço também, que os alunos aprendem e reproduzem as tradicionais assimetrias entre negros e brancos, assim como alguns preconceitos e pensamentos tão arraigados na sociedade dominante. Neste sentido, afloram inúmeras desigualdades sociais, econômicas, étnico-raciais, entre tantas outras. O racismo está presente no cotidiano escolar, ferindo e marcando profundamente crianças, adolescentes e adultos negros.

Segundo Eliane Cavalleiro:

O silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola. De modo silencioso, ocorrem situações, no espaço escolar, que podem influenciar a socialização das crianças, mostrando-lhes diferentes lugares para pessoas brancas e negras. A escola oferece aos alunos, brancos e negros oportunidades diferentes para se sentirem aceitos, respeitados e positivamente participantes da sociedade brasileira. A origem étnica condiciona um tratamento diferenciado na escola. (Cavalleiro, 2000, p.98)

Desse modo, é na escola que há a difusão e perpetuação do preconceito e discriminação<sup>44</sup>. Embora estas práticas não se iniciem na escola, a partir de relações diárias contam com o seu reforço na difusão de valores, crenças, comportamentos e atitudes de hostilidade em relação ao grupo negro (ibid. 2000).

Esses comportamentos podem ser identificados nas vozes dessas mulheres, no momento em que se lembraram das experiências marcantes do tempo da escola, imbricados com o que sofreram e sofrem com o racismo.

As questões relacionadas ao racismo estão entrelaçadas com a escola em muitas das lembranças dessas mulheres, mas também com fatos ocorridos constantemente envolvendo as crianças e jovens Arturos neste espaço. No ano passado, houve inclusive uma mobilização por parte de algumas mulheres e mães da comunidade em relação a estes problemas: um menino Arturo de 12 anos de idade foi agredido por uma professora que gritou com ele, e ofendeu: “Você tem que ir para o pasto comer capim, igual todos os Arturos, você só fala nos Arturos, você vai ficar sem estudo como todos lá.” Houve mobilização por parte de algumas pessoas da comunidade, sobretudo da mãe do menino e de outra mãe de uma menina também da comunidade colega de sala do menino, que foram até a escola reclamar e pedir explicações para a diretora. O fato não se expandiu, foi silenciado pela escola, a professora negou que tivesse dito isso, apesar de testemunhas terem ouvido, e tudo ficou restrito ao subliminar. Este modo de resolver as práticas racistas, tanto na escola como na sociedade brasileira não é novidade, o silêncio ainda permanece na maioria das vezes na tentativa de ocultar os fatos.

A relação entre a escola e a comunidade dos Arturos se apresenta reiteradas vezes como um foco de conflito constante, pois a escola não dialoga com a comunidade valorizando as suas tradições.

---

<sup>44</sup> Preconceito – podemos entendê-lo como um julgamento negativo, na maior parte das vezes e prévio em relação às pessoas ocupantes de qualquer outro papel social significativo. Ele é mantido apesar de os fatos o contradizerem, pois não se apóia em uma experiência concreta. Ele sinaliza suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a indivíduos pertencentes a uma mesma “raça”, religião ou a “outras raças, credos, religiões etc.” Preconceito, deste modo, envolve aspectos emocionais e cognitivos. Inclui pré-julgamento rígido e julgamento errado dos grupos humanos (Pettigrew apud Cavalleiro, 2000, p.23). Segundo Hasenbalg (1981) a essência do preconceito racial “reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não-brancos, constitui a justificativa para exercitar o domínio sobre os povos de cor” (Apud Cavalleiro, 2000, p.23). Discriminação Racial – É a conduta (pode ser de ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos tais como raça, o sexo, a idade, a opção religiosa, a orientação sexual e outras. Podemos considerar que a discriminação é em última análise a materialização do racismo, do preconceito e do estereótipo.

As escolas que os Arturos frequentam ficam fora da comunidade, embora próximas, e pertencem à rede municipal, até o Ensino fundamental I, e a partir do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio passam para a esfera da rede estadual. No passado já houve escola de educação infantil dentro da própria comunidade em que pessoas da comunidade trabalhavam, mas que agora não existem mais. Assim, uma creche que há pouco funcionava dentro da comunidade, organizada e mantida pela própria comunidade, também deixou de funcionar por dificuldades de manutenção.

Na escola, muitas crianças Arturos relataram que sofrem preconceitos por serem congadeiros (dançarem o Congado). Eles são chamados de “macumbeiros”, os “pretinhos dos Arturos macumbeiros”. Essas frases foram relatadas por várias crianças. E as crianças disseram que as professoras e professores silenciavam nesses momentos. Há outras falas também de momentos de discriminações como por exemplo me relatou uma menina de oito anos da comunidade: vendo um menino branco de braço quebrado, falou: “queria quebrar meu braço também, pra ver se nascia outro braço branco em mim”, fomos conversando sobre o que ela falou e daí ela completou falando que: “na escola tem uma menina que me chama de pretinha do rosário, de feia, uma branca azeda, e minha professora não diz nada”.

O silêncio das professoras e professores relatados nessas falas revelam o despreparo dos professores para lidar com a questão étnico-racial, valorizar as tradições afro-brasileiras, e compreender a diversidade e as diferenças como algo positivo, bom e necessário. Essas falas podem durar uma vida inteira para cicatrizarem, repercutir na construção da identidade da criança e em baixa autoestima, atrapalhando o processo de aprendizagem e desenvolvimento da pessoa como um todo. E até mesmo para os outros alunos, repercute negativamente, pois o silêncio revela a concordância, a reificação do racismo e a discriminação.

Para os jovens Arturos, a escola também não aparece atraente, há um alto índice de reprovação e evasão escolar, sobretudo no ensino médio. No entanto, tentam de um jeito ou de outro terminar o ensino médio e até mesmo o ensino fundamental II, a maioria recorrendo ao supletivo.

Há uma dualidade vivida pelos Arturos, proveniente da convivência da oralidade com a cultura escrita, o que gera um fosso entre a escola e os alunos

Arturos, e também entre outros quilombolas ou indígenas, que possuem outras culturas, valores, formas de conhecimento e visões de mundo contrastantes com as estabelecidas no currículo oficial de ensino.

A escola desvaloriza e tem dificuldade para reconhecer essas tradições, aprendizados, modos de viver e a importância da oralidade para essas comunidades: há uma dificuldade de se perceber a diversidade na sala de aula, a formação de cada aluno é diversa também, cada qual traz sua história, seus aprendizados vindos de casa, da família, suas particularidades, e a escola tem uma tendência homogeneizante que ignora a experiência fora dela.

Pensando nos Arturos e em suas festas, vemos o quanto esses saberes transmitidos de geração para geração, valores considerados essenciais pelo grupo, são desenvolvidos, numa espécie de *currículo invisível*, dando às crianças o necessário conhecimento sobre suas origens, sobre o valor dos seus antepassados, mostrando quem é quem no presente e apontando para perspectivas futuras (Moura, 2005).

De acordo com Moura, “*currículo invisível* seria a transmissão dos valores, dos princípios de conduta e das normas de convívio, ou, numa palavra, dos padrões socioculturais inerentes à vida comunitária, de maneira informal e não explícita, permitindo uma afirmação positiva da identidade dos membros de um grupo social. Essa transmissão internalizada, que se desenvolve sob formas diversas, proporciona um sentimento de pertencimento, ampliando-se gradualmente à medida que se alarga a experiência do educando. Jovens e crianças reproduzem/recriam em sua experiência cotidiana, na vida familiar e nas celebrações grupais esse valores que são passados de geração para geração”. (Moura, 2005:73)

A importância dos rituais de devoção, o dever de trabalhar, o respeito à família, os valores éticos, a honestidade, o orgulho e a beleza da negritude, o amor a sua tradição e o pertencimento a um grupo que carrega a história de seus ancestrais, são valores essenciais que marcam o que é ser um Arturo, fortalecendo a cada dia a identidade e o sentimento de pertencimento dos jovens e crianças Arturos, assim como para todos da comunidade, orientando a sua vida na sociedade. Segundo Glória Moura, há uma significação positiva na contínua reafirmação desses valores, possibilitada pela festa que potencializa o seu significado, enquanto expressão de uma forma de pertencimento. Nesse sentido há

um modo de educação não formal utilizada entre os moradores dos quilombos (Moura, 2005). Este processo de ensino/aprendizagem acontece de diferentes maneiras que perpassam os festejos e as vivências cotidianas do sagrado, seja por meio oral, gestual e até mesmo corporal.

Seria fundamental que houvesse um diálogo entre o currículo escolar tradicional, que acaba impondo valores da cultura dominante, sem qualquer referência às historicidades e particularidades vividas e aprendidas pelos alunos em seu contexto de origem, com as experiências educativas das comunidades negras quilombolas. Pois o que acontece é a imposição de um currículo que não faz sentido para esses alunos, não valoriza suas tradições e histórias, e cria um sentimento de exclusão para esse aluno, que não consegue ver qualquer relação entre os conteúdos ensinados e sua própria experiência de vida.

Todavia neste trabalho, não é nosso objetivo aprofundar questões específicas sobre educação e relações étnico-raciais, assim como o significado da escola para os Arturos. Mas é importante revelar que esta problemática é algo que acompanha e marca a trajetória da comunidade, sendo trazida em muitas lembranças dessas mulheres, assim como comentadas por elas e pelas crianças no cotidiano. Numa dimensão ampliada, esta questão atinge toda população negra brasileira, sendo a escola um espaço de socialização importante em que muitas vezes se consolidam e se reproduzem ideias preconceituosas e racistas, como já foi dito anteriormente.

Este fato ainda revela que esta mobilização de procurar a escola parte das mulheres, que por serem as mães, cuidarem e serem responsáveis pelos filhos, tomam a frente dessas questões. Além de demonstrar que há uma preocupação que estes atos não sejam silenciados, pressupondo consciência sobre o racismo enfrentado tanto na escola como na vida.

#### **4.3.1 Percepções sobre o vivido**

São diversas as experiências de racismo entre as diferentes gerações, e se encontram e se distanciam em alguns aspectos. As mulheres mais jovens da terceira geração, em sua maioria afirmaram não ter sofrido racismo, pelo menos “não concretamente”, como disse Walquiria, de 22 anos. No entanto, foi comum afirmarem que alguém conhecido tenha vivenciado o racismo, ou de comentarem que ainda é muito presente no Brasil este problema, embora percebam pequenas

mudanças. Como a jovem Leidiane de 20 anos afirmou: *“Eu nunca passei por racismo não, mas minhas amigas sim... as pessoas olham pra gente, pelo olhar a gente já sente.”* Nesta afirmação, é possível perceber que ao falar do “outro”, Leidiane está na verdade falando de si mesma, assim como as outras jovens que falaram não “concretamente”, no entanto na “sutileza” dos gestos, nos olhares e ações o racismo está vivo, é sentido, só que permanece no espaço do “não dito”. Segundo Claude Olievenstein: “é a ambivalência que caracteriza o jogo entre o dito e o não dito. O não dito é maleável e móvel. O não dito é aquilo que é íntimo, aquilo que se sente como intransmissível, como experiência em si e para si”. (Olievenstein, 1989, pp. 13-14)

Dentre a geração de mulheres mais velhas, apenas duas mulheres afirmaram nunca ter passado por racismo, preconceito e discriminação, contudo, não quiseram falar sobre este assunto, logo mudaram e começaram a conversar sobre outra coisa, percebi que houve certo incomodo ao esbarrar nesse tema. Pode ser que estas mulheres, que não quiseram falar sobre o racismo, o sintam, mas que seja indizível ou esteja localizado na “memória subterrânea” (Pollack, 1989), e que falar sobre isto é muito difícil, pois traz lembranças duras e doloridas que continuam a existir nos gestos e olhares, sejam ocultas ou descobertas.

Neste contexto, foi possível perceber que há diferenças nas percepções do racismo conforme as gerações, de acordo com a idade as experiências ganham outro significado, pois acompanham as mudanças históricas vivenciadas por cada geração. A geração mais jovem, já percebe mudanças, pois há um movimento na sociedade que vem revelando mais estas questões, seja por meio da mídia, das políticas de ações afirmativas, leis 10.639/03 e 11.645/08<sup>45</sup> na educação; um debate que começa a ter maior visibilidade para toda a sociedade brasileira e certamente estas novas gerações passaram a perceber a questão sob outra ótica. O racismo ainda está vivo, fere e traz sofrimentos a toda população negra, mas começa a ser desvelado e sair do silêncio, todavia há muito a ser feito e transformado em diferentes aspectos de toda a sociedade brasileira.

---

<sup>45</sup> Lei 10.639/03 – Esta Lei altera a Lei 9.394/96 – que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”; e 11.645/08- Lei de inclusão da temática indígena no currículo oficial – Lei para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira , Africana e Indígena”.

Outra questão significativa que se destacou entre as narrativas das jovens, é em relação ao sentimento de pertencimento e à formação da autoestima, em razão de pertencerem a uma comunidade negra. As mulheres das outras gerações se dividem em suas opiniões sobre a questão: uma parte acredita que há uma diferenciação se aproximando da geração mais jovem e outra parte não vê este pertencimento como diferencial em relação às outras mulheres negras, modificando sua autoestima ou formando uma identidade diferenciada. Nos testemunhos das jovens esta questão surge em tom vibrante e entusiasmado:

*Ah eu acho que tem, tem uma diferença sim e um respeito também, como tem o nome Arturos, como que tem uma diferença, como tem um respeito, porque igual a gente nós somos dos Arturos, mas não moramos lá, e hoje igual no Praia (bairro) aqui, hoje a gente falar que nós somos dos Arturos eu me sinto muito respeitada, através disso. Às vezes a gente andando no ônibus a gente escuta o pessoal comentando da comunidade, ao mesmo tempo em que você fica satisfeita, com o jeito que eles vê lá a comunidade acho que isso pra gente é um orgulho.*

*(Andreia, 31 anos)*

E Cássia, sua prima complementa:

*Pra mim também é, porque igual assim quando a gente sai com o congado a gente tá chegando é a coisa mais maravilhosa é você ver a pessoa parada dizendo: o Arturo chegou o Arturo estava cantando.*

*(Cássia, 36 anos)*

*Eu acho que sim, dá uma força, porque a gente pode falar eu sou de lá, eu tenho uma história coisas que as outras não tem, a gente tem uma história que conta, sabe de tudo do passado mais ou menos e elas não, as outras que não são de uma comunidade não tem uma história, tem uma história, mas não assim interessante como a nossa.*

*(Tatiana, 30 anos)*

*Traz uma diferença, mesmo que indiretamente traz, eu acho por causa da cultura mesmo, uma pessoa que nasce aqui já cresce aprendendo algumas coisas que uma pessoa negra que não mora em um contexto igual aqui não vai ter. Traz uma autoestima, uma identidade, o fortalecimento que o grupo dá através da tradição.*  
(Viviane, 25 anos)

Essas narrativas deixam transparecer o quanto este sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade que é reconhecida pelas pessoas da cidade e também fora dela, contribui para a autoafirmação individual. Há um entrelaçamento determinado pelo pertencimento à família dos Arturos e pela manutenção de suas tradições culturais. O saber, a própria história, suas origens e a continuidade que dão aos ensinamentos ancestrais aparecem como valores formadores da identidade coletiva do grupo. É fundamental dizer que esse pertencimento a uma comunidade negra e o fato de se carregar um nome ancestral reconhecido pela sociedade é significativo para fortalecer a identidade coletiva.

Outras jovens continuam enfatizando a visibilidade da comunidade dos Arturos, relacionando com a questão de assumir positivamente a negritude, como elas narram:

*Com certeza, você autoafirmar na sociedade que você tem seu espaço, que você tem... acabar com esse rótulos que negro não tem espaço não; igual eu brigo muito lá no meu serviço: eles falam “ei morena, ei mulata...”, eu digo não, por que vocês ficam falando isso comigo? Por que ser negro é defeito pra vocês? Por que então não falar negra, você acha que chamar de negra tá ofendendo? É defeito isso? Não, não é...*  
(Renata, 23 anos)

*[...] Assim, tem muitas mulheres, quanto homens que na verdade não se reconhecem como negros quer ver: às vezes eu brinco que me chamam de morena eu digo: “eu não sou morena, eu sou negra”, porque as pessoas acabam procurando palavrinhas para poder substituir a palavra negra, não sei o que eles pensam, eles acham que é uma ofensa, mas não é, eu não acho que é uma ofensa, é o*

*que você é... então assim, eu acho que o jovem, o jovem em si, a mulher jovem negra em si, precisa primeiramente se reconhecer como negra, sempre ela prefere falar que é mulata, morena, mas não se reconhece, eu graças a Deus eu me reconheço como negra.*

*(Miriam, 22 anos)*

A mesma narradora continua a falar de como este sentimento vem sendo construído ao longo dos anos:

*Agora a gente é mais reconhecido, mas antigamente, assim bem antes não, quando a gente era jovem, a gente tinha assim até uma certa vergonha da gente ser negra. Hoje não, hoje eu posso falar que eu tenho orgulho de ser negra, eu saio na rua com topete, eu sou negra, não me chama não de, eu sou negra pronto, eu gosto de ser negra, e qualquer coisa que falar mal dos negros eu defendo mesmo, hoje eu amo, antes eu tinha vergonha, pelo fato dos negros, de eu nem saber o que era, mas hoje não, hoje eu tenho orgulho.*

*(Miriam, 22 anos)*

É possível perceber nestas afirmações o quanto o pertencimento à comunidade e ao Congado traz um fortalecimento e uma construção de uma identidade racial positiva. De acordo com Nilma Gomes:

A identificação racial se constrói em um longo processo, que se inicia desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções, afetividade e primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (1995, p.117)

Neste contexto, as jovens dos Arturos têm o apoio da comunidade<sup>46</sup> que possibilita estimular nelas o orgulho e a beleza de serem negras e de se assumirem, ato refletido fora da comunidade em suas atitudes, gestos, falas, e que contribui para o enfrentamento das discriminações, racismo e preconceitos existentes na sociedade.

As mulheres das outras gerações se dividem em relação a esse sentimento de valorização da comunidade, como sendo um marcador diferencial: uma parte delas partilha desse sentimento juntamente às mulheres mais jovens, sentem orgulho de pertencer à família dos Arturos e uma parte não vê nenhuma relação ou diferença de como isto possa repercutir no mundo fora da comunidade. Talvez por não sentirem a tradição como fator de mobilização de diferenças em relação ao mundo externo e a comunidade e também por sentirem a tradição apenas como continuidade de seus antepassados e não como fonte de transformações e mudanças, como o fazem as gerações mais jovens, inseridas em outro momento histórico.

Contudo, a realidade do racismo permeia as lembranças de todas estas mulheres, deixando marcas visíveis e outras que fazem parte do indizível, do silêncio, das memórias que calam fundo na alma. Estas memórias se entrelaçam tecendo identidades que partilham sentimentos comuns se transformando a cada momento. Segundo Michael Pollack:

Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (1989, p.204)

---

<sup>46</sup>O termo comunidade, neste trabalho, pode ser entendido a partir de um conjunto de indivíduos ligados afetivamente por um sentimento de pertencimento a um “nós”. Segundo Max Weber: *comunidade* seria uma relação social quando a atitude na ação social – no caso particular, em termo médio ou no tipo puro – inspira-se no *sentimento* subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da *constituição de um todo*. A *comunidade*, para o referido autor pode apoiar-se sobre toda espécie de fundamentos, afetivos, emotivos e tradicionais: uma confraria *pneumática*, uma relação erótica, uma relação de piedade, uma comunidade “nacional”, uma tropa unida por sentimentos de camaradagem. Este tipo é expresso com maior adequação pela comunidade familiar. Comunidade só existe propriamente quando, sobre a base desse sentimento, a ação está reciprocamente *referida* – não bastando a ação de todos e de cada um deles frente à mesma circunstância – e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo. (Weber, Max. “Comunidade e sociedade como estruturas de socialização”, In: Fernandes, Florestan. *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*, São Paulo, Ed. Nacional e Editora da USP, 1973, p.140-142)

De acordo com o pensamento deste autor, as narrativas destas mulheres sobre o racismo revelam um contínuo reconstruir de suas identidades enquanto mulheres negras, jovens e adultas pertencentes a uma comunidade quilombola, portadora de tradição ancestral, reconhecendo como sua existência individual está imbricada na coletividade.

Neste sentido, as memórias caminham para o Congado, uma tradição que guia e sustenta a comunidade dos Arturos, revelando dinâmicas que *ressignificam* as experiências das mulheres Arturos.

#### **4.4 Entre o Congado e a Vida Cotidiana: as mulheres da comunidade negra dos Arturos**

Pretendemos finalizar este capítulo, demonstrando a participação das mulheres Arturos no Congado, no passado e no presente e como esta participação feminina se configurou e se modificou. Nas narrativas das diferentes gerações seguidoras de Carmelinda Maria, buscamos identificar também a percepção que elas têm sobre si mesmas e sobre os homens dentro da comunidade a partir da vida cotidiana que se entrelaça com o Congado. Por fim, o que as mulheres dos Arturos pensam sobre as transformações que ocorrem em relação à juventude e à tradição.

##### **4.4.1 O Congado**

O auto dos Congos é um elemento histórico de antigas epopeias angolanas e conguesas, que rememoram as coroações de antigos reis da África. Estes autos populares pertencem à categoria das danças dramáticas, figurando costumes e fatos da vida tradicional africana, que são ressignificadas no Brasil.

Era nas sedes de comarca ou paróquias do Brasil colonial que se apresentavam os reis congos, acompanhados de um cortejo. A eleição e a coroação dos reis se davam principalmente em datas de festas religiosas de devoção negra; as mais comuns eram de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Segundo Glaura Lucas:

A expressão religiosa do Congado, e mais especificamente a do Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais desenvolveu-se no interior do sistema escravista brasileiro, resultando do violento processo de imposição cultural sofrido pelos negros. Os negros reelaboravam valores alheios à sua concepção de mundo, reinterpretando o catolicismo, por meio de sua própria cosmovisão. Nos rituais de Congado, portanto, estão presentes valores e saberes africanos, principalmente vinculados à cultura bantu, os quais, trazidos para o novo mundo, se mantiveram às imposições da cultura dominante, com ela se mesclaram, e se transformaram continuamente em sua trajetória brasileira. (Lucas,1999,p.5)

O ritual do Congado envolve uma rede de símbolos, gestos e saberes que são reinterpretados, trazendo uma ontologia africana *ressignificada* nos meandros do catolicismo. Esta tradição é muito importante para a comunidade, que segue cultivando o que aprendeu com seus pais, dando continuidade a esses festejos e ritos que lhes conferem unidade e inteligibilidade social, além de oferecer-lhes momentos preciosos de diálogo com sua ancestralidade e sua memória histórico-social.

Outro tempo se instaura nestes momentos de festejos: é o tempo sagrado, do retorno às origens, alimentando a fonte primordial de vida, de busca da força dos antepassados para se enfrentar o presente, o cotidiano. Ao dançar, cantar, louvando a grande mãe do Rosário, os Arturos se unem em filhos e irmãos, recriando o passado, unindo vivos e mortos. O grupo se fortifica quando dança e canta junto, diante da Senhora Sagrada. As vestes, o canto, a dança, os instrumentos, a alma toda se manifesta, exteriorizando toda fé e devoção, formando o Rosário de Maria (Vieira, 2003).

O Congado dos Arturos se apresenta fazendo o cortejo da realeza, sendo guiado pela Guarda de Moçambique, que veste azul e branco, as cores do manto de Nossa Senhora, tendo à sua frente a Guarda de Congo, “abrindo os caminhos”, vestindo branco e rosa, simbolizando as rosas de Nossa Senhora. Antigamente, disseram que representações eram realizadas como se fossem embaixadas, mas que foram se perdendo ao longo do tempo, e hoje realizam assim as festas de Congado. Seguem em procissão percorrendo os caminhos de seus ancestrais e de seus antepassados, refazendo as trilhas sagradas da sua história (ibid, 2003).

O enfoque escolhido será da participação das mulheres nesta tradição, que guia a comunidade e que apareceu em todas as entrevistas, não vindo dissociado

da vida cotidiana. Ouso dizer que o Congado é uma prática que remete ao passado e *ressignifica* o presente da comunidade, transitando por toda memória em um movimento contínuo de ir e vir das lembranças dessas mulheres.

#### **4.4.1.2 As mulheres dos Arturos no Congado**

Nas lembranças das mulheres mais velhas, netas de Dona Carmelinda, surgem imagens de como era o Congado antigamente, quando ainda realizado na cidade de Contagem, próximo à casa de Cultura e à casa de José Aristides, um “forte babalaô”, conforme mencionado na comunidade, chefe supremo do Congado no Brasil, amigo de Arthur Camilo. Como narra Dalvina:

*Então o congado nem era feito aqui na comunidade, a gente mudava pra Contagem, na época de Contagem a gente mudava daqui pra poder ficar mais perto do Zé Aristides, porque a festa era feita lá, então... Ficava todo mundo junto, todo mundo no mesmo lugar, alugávamos uma casa, dormíamos todos juntos, comíamos junto, fazíamos tudo junto. Dormíamos em cima das folhas de banana. A gente tirava as folhas de banana eu mais Juventina, e colocávamos no chão e dormíamos todos em cima. A casa do Zé Aristides hoje é na rua Bernardo Monteiro. Pra lá do cruzeiro, então era lá que era festejada a festa. Íamos na Igreja do Rosário, a antiga Igreja do Rosário que agora já desmancharam né? Na igreja do Rosário e também no cruzeiro o cortejo. E como a gente alugava uma casa para aqueles dias de Congado, que era sábado, domingo e segunda, os Congados iam visitar aquela casa que a gente estava, alojada por alguns dias, 3 dias praticamente.*

*(Dalvina, 63 anos)*

Naquele tempo o acesso à cidade era mais difícil, havia um grande isolamento entre a cidade e a Comunidade que ficava na Zona Rural de Contagem. Assim, o Congado ia andando, diferente dos dias de hoje em que o Congado segue o cortejo à pé até a atual Igreja do Rosário, mais próxima da comunidade e vai de

ônibus ao cruzeiro, pra levantar os mastros<sup>47</sup> de aviso da festa, marcando a origem do Congado perto da casa de José Aristides.

A participação das mulheres no Congado antigamente era restrita, elas não podiam dançar, somente os homens dançavam o Congado, enquanto as mulheres ajudavam na parte da cozinha, conforme narram as mulheres Arturos mais velhas, que relembram o tempo do avô. Somente após a morte do avô elas começaram a dançar, formando a guarda do Congo. Como algumas mulheres explicam:

*No tempo do meu avô as mulheres não dançavam só ficavam na parte de cozinha e tudo e agora não é liberado, sabe as mulheres estarem participando, porque também é um reforço pra eles (Conceição – Neusinha – 54 anos)*

*Antigamente não dançava mulheres... Não existia congo de mulheres... quem abriu o congo foi eu, Helena, Dora e Nini aqui... Não existia congo de mulher aqui, era mais difícil, Joaquim meu irmão custou aceitar mulher, não gostava de jeito nenhum dizia: “ah não tem jeito de mulher dançar”. Depois com o tempo foi aceitando, ele foi aceitando, de primeiro mulher não dançava, só acompanhávamos, tocávamos, mas não fardávamos. (Maria das Graças – Cota – 61 anos)*

*Era mais os homens, não tinha mulheres, depois que foi liberando. Agora é congo, é moçambique... todas as mulheres arrasam, afirmou Teresa. Tem guarda de Moçambique hoje que é composta só por mulheres em alguns lugares aí fala Neusa. (Neusa e Teresa, 56 e 66 anos resp.)*

Os atos de dançar e sair da cozinha ou de apenas ficar tocando, sem a farda (veste festiva), foram conquistas alcançadas pelas mulheres numa comunidade patriarcal, em que os homens até hoje possuem maior visibilidade. Este movimento

---

<sup>47</sup> O mastro é colocado nos locais sagrados, portando um estandarte que representa a figura dos santos de devoção. As bandeiras de devoção simbolizam Nossa Sra. Do Rosário, Divino Espírito Santo, Princesa Isabel, São Jorge Guerreiro, São Benedito e Santa Efigênia. A representação simbólica do mastro é o sinal concreto da união entre céu e terra, os vivos e os mortos, corpo e alma, ligando os indivíduos aos antepassados (Vieira, 2003, p.79).

se deu após o falecimento do patriarca, mas não parece ter havido um “confronto” de posições, ou mobilização. Na explicação dessas mulheres veio como um reforço e possibilidade de continuidade. A narrativa de Dona Conceição Natalícia (Tetane), é representativa de muitas outras mulheres para explicar esta questão:

*No tempo de mamãe, começou a dançar não tinha muito tempo não, de primeiro era os homens só que dançavam, depois que foi formando o grupo das femininas, ensinando as filhas, porque se não ensinasse as filhas os véio iam acabando, elas também não sabiam ensinar, aí foi fazendo o grupo das femininas pra ajudar a ensinar os filhos né, aí formou-se esse grupo, no tempo de mamãe Juventina dançava, Tereza dançava, e tinha as meninas de Tio Pedro, elas tudo dançava, mas essas já foi tudo né... Aí já essas agora já aprendeu, ensinô. Igual às meninas de comadre Lucinha, elas dançam e agora os meninos delas também já sabem, passa delas já sabem seguir pra frente. Por isso que arrumou o grupo feminino pra ajudar, porque vai fracassando, um vai morrendo, outros vai largando, se deixar acabar né, e assim vai renovando, renovando, nunca que vai fracassar. Igual agora Deus já levou muitos dançantes, rainha, rei, mas tá completo, porque vai saindo um, vai chegando outros né, e se não ensinasse ia até parando ia até acabar, de tudo, ninguém sabia, por isso que eles esforça igual eles apanham os meninos pra dançar, ensinam os meninos como é, como é que não é, ensinam pra não deixar acabar. Se não acaba, se a raiz apodrece acaba, acabou, e assim não, assim vai sempre renovando.*

(D. Conceição Natalícia – Tetane, 93 anos)

A narrativa deixa transparecer como ainda é forte a transmissão dos ensinamentos entre as gerações, e como a continuidade da tradição está na passagem entre pais, mães e filhos, sempre girando e movimentando o Rosário e a vida. E como as mulheres são importantes neste processo de aprendizagem, ensinando os filhos, elas trazem esta continuidade, pois ao dançarem, os filhos as acompanham: elas dançam, cuidam dos filhos e vão dando prosseguimento à herança deixada pelos pais, avós e bisavós. É comum na comunidade que no momento de falecimento dos pais, esses pedirem para seus filhos e filhas darem

continuidade ao Congado, dançando, e seguindo a tradição, que alguém da família possa levar adiante aquele compromisso. Como percebemos na narrativa de Maria das Graças:

*Quando papai adoeceu, papai adoeceu ele sempre pediu que queria que um da gente ficasse se ele falecesse, ficasse mantendo, só que na hora ninguém quis, ah é muita responsabilidade pegar isso, “eu quase não venho aqui na festa” meus irmãos falaram, eu não sirvo, você que acompanha, daí sobrou pra mim né... (sorriu) Aí eu fiquei responsável, desce lá embaixo eu recebo em casa, eu danço no Moçambique por causa disso.*

*(Maria das Graças – Cota, 61 anos, filha de Seu Geraldo Arthur, Rei Congo falecido em 2006)*

Para a geração mais jovem, que cresceu vendo as mulheres dançando, há outra visão sobre a participação das mulheres, focalizam mais as danças como afirmam estas jovens:

*Eu acho que a importância da mulher é em qualquer lugar ela tem que ter seu lugar, eu sou mulher e posso fazer muitas coisas, o Congado nunca teve disso de ser de homem, de ser de mulher, criança, jovem adulto, velho, nunca teve disso. Então o Congado é pra todo mundo participar e pra mim é isso, tá participando e pronto.*  
*(Miriam, 22 anos)*

*Eu acho assim, que devido a ter o congo e moçambique, o congo é mais feminino, eu acho que a importância de nós mulheres é muito grande na questão do congo, porque para o canto as vozes são mais bonitas, a dança, o jeito da dança do congo então é importante a mulher na dança do congo, é bem mais diferente, mais agitado. O moçambique os homens vão parando, dançam mais lento, são mais velhos também, e daí o congo não.*  
*(Walquiria – Tica, 22 anos)*

A dança do Congo é mais vibrante e saltitante, com movimentos “espirais” de quadril, é uma guarda composta mais por mulheres, crianças e jovens. Já o Moçambique, é composto essencialmente por homens, embora algumas mulheres participem, é uma dança mais lenta, em um movimento pendular que pulsa em direção à terra. É a guarda que traz a coroa, os reis e rainhas, tendo a função muito importante de guardar e proteger o Reinado até o fim do cortejo.

Há a guarda das cozinheiras, quando as mulheres que trabalharam na cozinha durante os festejos, depois de cumpridas suas tarefas, saem da comunidade dançando o Moçambique, muito alegres e entusiasmadas. Quando há muitas apresentações fora da comunidade em pagamentos de visita, se necessário a guarda das cozinheiras também participa e sai da comunidade. A farda utilizada é branca com saiotte amarelo e em sua maioria é composta por mulheres, já que elas constituem a maioria no espaço da cozinha. A importância das mulheres na guarda das cozinheiras é narrada por Maria Lúcia, que ressalta a força das mulheres dentro do Congado:

*Eu acho assim a mulher a importância dela é em tudo, a mulher só por estar viva ela é importante em todos os aspectos. No Congado então... que antigamente aqui, eu era muito nova, não podia dançar mulher, mas é o que eu falo as mulheres são muito guerreiras, é uma conquista das mulheres dançar no Moçambique. Elas trabalham o dia inteiro, desde a matina elas ‘tão de pé e depois de fazer tudo vai as cozinheiras atrás, e a maioria mulheres, os homens não dão conta, eles vão porque fica feio ir aquele monte de mulher pra cima e eles não irem, tem que dar conta de acompanhar.*

*(Maria Lúcia, 43 anos)*

Na abertura do Congado, há o ritual do Candombe. Os três tambores sagrados, chamados de Santana, Santaninha e Jeremias, são tocados apenas pelos filhos de Arthur Camilo, pela primeira geração, e na impossibilidade desses, tocam os homens da segunda geração, netos de Arthur Camilo e Carmelinda Maria. As mulheres e as crianças podem dançar e cantar em frente aos tambores, mas não tocá-los. Antigamente este ritual era mais fechado e reservado somente aos adultos, conforme narrado pelos filhos de Arthur Camilo e Carmelinda Maria. O Candombe é

uma dança conduzida pelo toque dos tambores sagrados, que têm a função de invocar os antepassados por meio do canto e da dança, funcionando como intermediários entre os vivos e os mortos. Estes tambores ficam guardados num quarto atrás da Igreja da comunidade, sendo cuidados, tocados e iluminados somente pelos iniciados do sexo masculino. É necessário tocar o Candombe para que se realize o festejo do Congado, é como se fosse a raiz do Congado, como afirmam os Arturos.<sup>48</sup> Este ritual acontece geralmente uns dois a três dias antes da festa, assim como no Sábado de Aleluia e em dezembro pra encerrar o Congado. É um ritual mais interno, não podendo ser fotografado ou filmado por pesquisadores e visitantes.

O Congado envolve uma rede de símbolos e significados, a começar pelo Candombe, seguido pelo levantamento das bandeiras, dos mastros, e do cortejo nos dias da festa, quando as guardas de Congo e Moçambique trazem a realeza seguindo a trilha sagrada dos ancestrais.

Sobre as rainhas e reis, algumas mulheres falam de Dona Carmelinda e das mulheres mais velhas da Comunidade que carregam as coroas:

*Vovó vestia de Rainha do Império, depois que vovô morreu, mas só aqui. Vestia com o pai da tia Dodora, o Joaquim Quadros que vestia de rei. Ela assumiu essa responsabilidade do vovô, continuou a tradição e dela passou pra Tia Tetane, a coroa dela passou pra Tia Tetane, a filha mais velha.*

(Cristina, 43 anos)

A coroa, quando falece uma rainha ou um rei, é passada para a filha ou filho mais velho, ou alguém da família, desde que tenha um elo de “sangue”, como eles falam na comunidade. Outra neta e rainha Conga nos narra detalhes sobre o reinado:

*Sou rainha Conga, que é a coroa maior que está na minha mão. E tem a Perpétua que tá com a Tia Tetane, que ainda não passou pra*

---

<sup>48</sup> Para um aprofundamento sobre o Candombé, cf. Pereira, Edmilson de A., *Os tambores estão frios: herança cultural e sincretismo religioso no ritual do Candombé*, Mazza, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2005

*ninguém, não dividiu ainda pra ninguém. Tá com ela e com tia Induca, tá com as duas. Depois que vovó faleceu a coroa ficou com Induca e Tetane. E a Induca não podia sair, ela sempre ficou com a liderança da cozinha, de olhar tudo, porque tudo ficava na mão dela. Cozinha, compra, fazer biscoito, comida, tudo passava pela mão dela. Tita toda vida foi a rainha no 13 de maio, com Tio Raimundo. Saía em maio e em outubro ela tava aqui ajudando.*  
(Maria Lúcia, 43 anos)

Sobre a responsabilidade da coroa dona Conceição Natalícia (Tetane) narra:

*Eu não tô saindo, mas graças a Deus toda vez que vai sair elas são firmes vai a Goretti, Maria Lucia que é rainha, quando elas vai... comadre Dodora ficou no lugar de Tita, e vai levando pra frente, agora se não praticar outros para irem acompanhando vai indo acaba. Por que não tem quem pegue, não sabe né? Aquilo ali tem que ter uma ciência muito firme, um rei, uma rainha, muita responsabilidade, não pode qualquer uma e elas não sabendo coitada e ruim é pra elas, saber o que, que tá fazendo ali.*  
(Conceição Natalícia – Tetane, 93 anos)

E Maria Lúcia continua narrando sobre a responsabilidade em ser uma rainha:

*É uma responsabilidade muito grande, mesmo por eu ser uma neta, de estar dando continuidade dos meus antepassados, é uma responsabilidade muito grande, que está na minha mão e que eu tenho que passar para meus filhos, para meus netos, pra mim eu ganhei isso, foi me dado, e eu abracei com muito carinho e eu faço por amor, o cargo de rainha, às vezes eu posso estar cansada daí eu visto de rainha e acabou. A gente dentro do Congado não sente cansaço. Às vezes levanto os mastros todos, depois dos mastros se tiver alguma coisa pra fazer eu faço depois encosto um pouquinho, porque mastros de aviso você sabe como é que é, porque minha responsabilidade é muito grande, eu tenho que preparar tudo, além da coroa eu tenho responsabilidade da coroa dos mandamentos deles, eu tenho com filhos, neto, com pai, porque a gente fica*

*preocupada. (...) Porque todo mundo que mexe com Nossa Senhora do Rosário é pela fé. Quando eu vou, pego mesmo, deixo casa, sempre deixei marido, até criança minha eu deixo, já deixei pra mim poder seguir, e eu sei que eu deixei, mas Nossa Senhora tomou conta de tudo pra mim, então eu vou assim, pra mim sair pra ela, eu vou de corpo e alma, sem olhar pra trás e vou, eu sei que eu nunca deixei, eu chego lá tá tudo no lugar.*

*(Maria Lúcia, Rainha Conga, 43 anos)*

O compromisso de ser rainha é muito grande, há uma entrega que interfere até mesmo na vida cotidiana, como é possível perceber nesta narrativa. Rainhas e Reis incorporam as forças celestes como representantes do sagrado, tornam-se representantes dos santos católicos, mas também da força e poder ancestral de cada grupo (Oliveira, 2011).

Entre o Congado e a vida cotidiana, essas mulheres tecem sua trajetória, conquistam seus espaços pra dançar e assumem compromissos rituais de rainhas e princesas; e a lida diária, dos filhos, do marido, da casa, se transforma e fica “suspensa” que seja por algumas horas, nos momentos rituais.

#### **4.4.2 Mulheres e Homens no Congado e na Vida**

Dentro dos festejos do Rosário, mulheres e homens dividem as tarefas necessárias. Cabe às mulheres a parte de enfeitar a Igreja e o galpão da casa paterna acompanhadas das crianças e de alguns jovens; de cuidar do altar, da limpeza da Igreja, enfeitar os mastros, bandeiras e toda comunidade amarrando bandeirinhas, feitas e cortadas por elas mesmas. Na cozinha também exercem uma importante função, com os preparos de todas as comidas, sempre atentas ao tempero e aos ensinamentos da avó Carmelinda, e das tias Maria do Rosário (Induca) e Izaíra Maria (Tita), assim como com o fazer dos biscoitos e broas, tarefa que perdura por dias seguidos e noites a fio. Tudo é realizado na casa paterna, no forno de barro. São feitos biscoitos de polvilho branco, de “Papa-Ovo”, rosquinha, roscas maiores, biscoito “corre-corre” e de “cubu”, à base de fubá. Os biscoitos são preparados usando gamelas e bacias grandes e alguns são assados na folha de bananeira. Estas receitas são passadas desde os tempos de Carmelinda entre as

gerações de mulheres Arturos, dando continuidade aos aprendizados e ensinamentos. No espaço da cozinha nesses dias que antecedem as festas, assim como no próprio dia da festa, é o momento que as mulheres aproveitam para conversar, colocar os assuntos em dia do cotidiano e do que está acontecendo na comunidade, se divertirem e beberem cerveja e vinho. É uma “confraternização” que ocorre nestes momentos, com muita alegria, risadas e brincadeiras. As mulheres de fora que chegam pra ajudar são bem recebidas. Há alguns homens que ajudam no dia da festa na cozinha, servindo e limpando as mesas, carregando panelas, limpando a carne e cortando quando chega na véspera, geralmente no sábado. Contudo, neste universo predomina a presença feminina.

Os homens cuidam da comunidade capinando algum trecho que seja necessário, enfeitando também com bandeirinhas a área externa, e cuidando dos tambores. Muitos cuidam das suas gungas<sup>49</sup>, os dançantes do Moçambique, e aproveitam também pra conversar entre os homens, beberem um pouco, nos barzinhos próximos da comunidade, ou na porta das casas mesmo. No dia da festa, alguns trabalham como fiscais do cortejo. Há mulheres que são fiscais também, que acompanham o cortejo com a função de levar água para os dançantes das guardas e se necessário for, acompanham as crianças aos banheiros.

No cotidiano as mulheres dos Arturos são responsáveis por cuidar dos filhos, da casa, do marido, e também de trabalharem fora da comunidade para dividirem o sustento familiar com o homem. As filhas que não são casadas também seguem a mesma trajetória das mães, só que em algumas funções um pouco diferentes como vimos ao longo deste capítulo. A maioria começa como empregada doméstica, e ainda há muitas mulheres exercendo esta profissão, ou sendo serventes em cantinas de escola, cozinheiras em restaurantes, fábricas, e algumas, ainda poucas mulheres na indústria, nos setores de peças e acessórios. As gerações mais jovens, já começam a ocupar outros espaços, como em caixas de supermercados, em padarias, em lojas de hortifrutigranjeiros, como agentes sanitárias, em lojas, em agências de *telemarketing*, restaurantes, etc.

Os homens em sua maioria trabalham como motoristas de caminhão em empresas, de ônibus escolares e de turismo, vigias, seguranças, funcionários de

---

<sup>49</sup> Gungas são usadas nos tornozelos e representam a lembrança da escravidão. São latinhas com esferas de sementes, ou chumbo, que são amarradas nos tornozelos, cerca de 4 latinhas em cada tornozelo, nos dançantes do Moçambique.

serviços gerais na prefeitura de Contagem e alguns poucos ainda trabalham na roça capinando para os outros. Os mais jovens trabalham em geral no setor de metalurgia, na área de autopeças, em fábricas, alguns são motoristas também, ou trabalham em *telemarketing*, entre outras atividades.

As mulheres mais velhas que ficam mais na comunidade e que já se aposentaram assumem os cuidados de saúde sempre dispostas a levar ao médico, fazer curativos, dar banho, preparar comida, dar remédio ou simplesmente fazer companhia. São mulheres que acolhem, dão conselhos, carinho e amparo às pessoas da família, e também a quem lá chegue. São aprendizados que partiram da “raiz”, dona Carmelinda que aprendeu com sua avó Maria do Amparo e os transmitiu a suas filhas, que deram continuidade espalhando estes cuidados para outras mulheres que foram entrando na família assim como para todos da comunidade.

Nas vozes das mulheres elas contam como a presença de Carmelinda juntamente com as filhas Maria do Rosário e Izaíra Maria foi fundamental para que elas tivessem mais espaço e força na comunidade podendo participar com mais autonomia das decisões e de tudo o que acontecia. A mãe Carmelinda viveu cerca de 26 anos após o falecimento do marido Arthur Camilo, e acompanhada das duas filhas passou a exercer a liderança da comunidade.

*Eu acho que sim, porque Tia Induca era muito respeitada. E tudo que ela falava era respeitado, tudo passava por ela, mesmo quando a gente não concordava, quando ela “batia o pé”, tinha que ser o que ela queria. E vovó, a gente sempre respeitou muito ela em tudo aqui, acho que ela deu muita força, ela era muito guerreira, nossa muito guerreira.*

*(Cristina, 43 anos)*

*Eu acho que sim deram força pras mulheres aqui dentro. Porque Induca falava tava, até ultimamente uns tempos atrás quando tia Induca estava com saúde, ela não aceitava igual eu separei do meu primeiro marido e ela não aceitava mulheres aqui dentro que separava do marido e juntava com outro, não só eu, como Cota, e muita gente que aqui separou ela não aceitou, o Mauricinho, se teimasse ela vinha mesmo e punha pra fora mesmo. Ela não tinha medo de ninguém, nem de homem, nem de mulher. E esse respeito*

*que ela falou eu não vou aceitar um e não vou aceitar ninguém, agora que mudou demais. Mas o respeito dela...*

*(Mônica, 41 anos)*

*Ajudou muito, tudo o que a gente sabe dentro da comunidade partiu delas. E ainda hoje eu to olhando a Induca lá na cama que dó, no tempo da festa ela sabia de tudo, agora hoje ela nem sabe, eu tenho saudades.*

*(Dalvina, 63 anos)*

*Eu vejo uma característica muito delas que ficou muito centralizado nelas, igual agora que tia Tita morreu e Tia Induca tá nessa situação eu não vejo outra pessoa que tenha influencia igual elas, era uma característica delas mesmo. É, era uma característica delas mesmo, talvez por elas terem ficado na casa de meus bisavós, e também têm atitude, porque se elas não tivessem iam acabar... mas igual elas assim eu não vejo ninguém não, talvez por elas não terem casado, e não terem essa influência direta de estarem submissas ao homem...*

*(Viviane, 25 anos)*

*Eu acho que sim, é porque no caso elas mandavam e desmandavam, até nos homens, elas mandavam, em tudo, tudo que elas mandavam eles faziam, eu acho que nesse sentido as mulheres têm mais esse poder, mais espaço, as mulheres tão mais pra frente do que os homens, pode ser um pouco disso também, por elas serem mulheres, comandarem. As mulheres hoje comandam mais as coisas aqui nos Arturos, por causa disso, mais inspirados nela.*

*(Tatiana, 30 anos)*

*Ah deu, Nossa Senhora, portanto tudo que a gente vive hoje é o passado que elas presenciaram, passou o passado pra gente. As mulheres aqui até... (deu uma gargalhada)... os homens até falam né, ficam com um pouco de ciúmes, mas todas as mulheres aqui estão na frente.*

*(Maria Lúcia, 43 anos)*

Essas narrativas deixam transparecer que após o falecimento de Arthur Camilo, houve uma transição de poderes na comunidade, não em direção ao matriarcado, pois a comunidade nunca abandonou seu caráter patriarcal, em constante reverência ao seu fundador, assim como no fato dos presidentes da Irmandade serem sempre homens. Mas certamente modificaram-se as relações de gênero, a começar pelo fato das mulheres terem permissão para dançar, assim como por terem adquirido mais espaço, pois três mulheres seguiam no comando simbólico da comunidade. A narrativa da jovem Viviane é muito significativa no momento em que comenta sobre suas tias, que tiveram força por não terem se casado e não precisarem se submeter aos homens. Tiveram mais autonomia e liberdade para conduzirem suas vidas. Este pensamento é reflexo de uma geração que possui outro olhar sobre a mulher na sociedade, influenciado pelas atuais mudanças históricas.

A vida das mulheres se modificou bastante desde o tempo dos fundadores Arthur Camilo e Carmelinda Maria, a começar pelo trabalho fora, a que o patriarca tanto se opunha, mas que foi inevitável diante das contingências, assim como também pelas transformações históricas por que passaram as novas gerações. É necessário ressaltar, contudo, que as mulheres Arturos de fato sempre trabalharam, igualando-se aos homens no serviço da lavoura, na colheita, nas casas de fazenda, a diferença está em se trabalhar na cidade. Algumas narrativas que se seguem são representativas do pensamento das mulheres Arturos sobre estas mudanças na inserção no mercado de trabalho, como narram:

*Olha o que mudou muito, há tempos atrás as mulheres aqui não trabalhava fora, então assim trabalhava mais assim mesmo, igual eu tava falando plantava, trabalhava assim, ia lá lavava uma roupa, lavava uma roupa para esse pessoal fazendeiro aí... pessoal lavava, mas tipo assim só que, não era assim, parece que elas eram mais presentes no lar, hoje não, hoje a gente já sai trabalhava fora em indústrias né, já tem mais assim, já vive mais é igual assim no meu caso, na nossa época na época a gente plantava, na época antiga a gente tinha aquele tempo pra estar plantando, plantava o arroz, feijão, o milho, hoje não, praticamente a gente compra tudo lá fora, não planta mais. Ah mudou, mudou, antigamente a gente via a*

*mulher mais presente na família, de você ter aquele tempo disponível, você poder estar fazendo aquela comida todo dia na hora do almoço, comer aquela comida. Hoje não a gente faz assim você não vai estar então deixa o almoço pronto pra janta, ou então deixa a janta pronta para o almoço entendeu? E antes não você fazia todo dia a comida, tudo cozido em fogão de lenha... Então a vida está muito corrida você tem que correr com suas obrigações dentro de casa pra poder sair pra trabalhar lá fora, mudanças do dia a dia, de correria, de ter que sair correndo pra trabalhar fora praticamente ficar o tempo integral todo lá dentro da empresa, lá fora né?*  
(Ângela Maria – Pirusca, 42 anos)

As mulheres da geração mais jovem fazem outras associações em relação ao machismo, e a como estão vendo a si mesmas e sua relação com os homens na comunidade:

*É por mais que elas saíam para o mercado, os filhos, ainda tem um machismo muito grande, porque elas vão trabalhar, tem outra mentalidade, mas elas não se absterm de fazer marmitta, de fazer a janta, de cuidar dos meninos como se tudo fosse só elas...*  
(Viviane, 25 anos)

*Ah no dia a dia eu acho as mulheres bem mais dada a tudo e ajuda a comunidade, às vezes fora da comunidade, às vezes tem muito mais chance lá fora e aqui dentro do que os homens, tudo que precisa se juntar 10 mulheres, 2 mulheres e juntar 10 homens as 2 mulheres fazem melhor que os 10 homens, nós já limpamos toda a comunidade uma vez, eram 99% de mulheres e um, dois, três homens, então só por aí você vê. Porque quando a gente quer, se junta as mulheres e elas querem fazer elas conseguem agora se é os homens é aquela moleza... Eu acho que as mulheres hoje aqui são muito mais evoluídas do que os homens, com o pensamento bem melhor do que os homens. As mulheres elas estudam mais, acabam concluindo, os homens acabam parando de estudar, as mulheres estão indo pra faculdade, estão fazendo cursos técnicos, até tirar a carteira de motorista, tem mais mulheres tirando a carteira hoje do*

*que homens, as mulheres aqui praticamente todas da minha idade pra baixo todas têm, se não tem estão tirando, só por aí você dá pra ver o balanço, porque antes era uma coisa que era mais pra homem e hoje as mulheres daqui estão dominando tudo.*

*(Tatiana, 30 anos)*

A mesma narradora comenta sobre os homens que:

*(...) aqui parecem que pararam um pouco no tempo, arrumam um trabalho acham que tá bom, esquece que um dia vai ser mandado embora, só fica naquilo, não procuram estudar, fazer cursos técnicos, em aprender outras coisas só ficam ali, se arrumo um de motorista é motorista a vida toda, se arruma numa empresa acha que vai ficar ali o resto da vida, quando é mandado embora não conseguem.... Os homens daqui não tentam melhorar eles acham que tudo está sempre bom, então portanto que as mulheres são mais evoluídas porque elas estão sempre querendo melhorar, e os homens daqui infelizmente não, é isso aí mesmo... não, tipo uma ambição, tem carro, todos aqui tem eu acho, eles pensam até menos em ter uma casa e mais de ter um carro. Tenho carro, to bem, ganha 500 reais e acha que tá bom não preocupa pra eles estão bom, tem carro, tem um dinheiro pra colocar gasolina, pronto.*

*(Tatiana, 30 anos)*

Devido às transformações que vêm ocorrendo na sociedade, estas novas gerações já acompanham outro momento da mulher nos Arturos. Em sua maioria trabalham fora, dividem as despesas da casa e dos filhos com o marido, e quando solteiros, os filhos muitas vezes auxiliam no orçamento da casa. Há também uma mudança significativa em relação à conquista das mulheres da geração de 30 anos para baixo, que como disse Tatiana, têm tirado carteira de motorista, o que é um fenômeno muito recente, pois na comunidade, há poucos anos atrás, somente os homens dirigiam, e ainda são poucas as mulheres que o fazem, mas certamente estas mulheres representam transformações nas relações com os homens na comunidade.

Todavia este movimento engloba as mulheres da sociedade como um todo, vindo desde a década de 70 com sua maior inserção no mercado de trabalho. O contexto da modernização socioeconômica levou um maior número de mulheres ao mercado de trabalho, retirando-as da esfera doméstica em direção às ruas. No entanto, é preciso lembrar sempre, que esta realidade pertence à mulher branca burguesa, e que não é possível falar numa categoria única de “mulher geral e abstrata”, “mulher genérica”, mas mulheres concretas, inseridas em classes sociais historicamente determinadas, e também marcadas pelo seu componente étnico (Giacomini, 1988, Oliveira, 2008). Ou seja, há especificidades muito diferentes que são vivenciadas pelas mulheres negras que não podem ser diluídas na “categoria” mulher e, sobretudo, na realidade da mulher branca.

No cotidiano, o imaginário de mulheres brancas e o de mulheres negras revelam concepções diferentes de vida e de família e suas inserções sociais são distintas e previamente determinadas pelas origens sociais, raciais e étnicas. (Oliveira, 2006)

As mulheres negras como já foi mencionado em outras partes deste trabalho, sempre trabalharam e atuaram de maneira determinante na escravidão, fazendo parte tanto dos ciclos do açúcar, ouro e café, quanto no período pós-abolição, em fábricas desde o início da industrialização do país, e foram também as principais protagonistas do trabalho doméstico e da implantação do comércio ambulante (Schumacher & Vital Brasil, 2007). Desse modo, a trajetória das mulheres negras se construiu de maneira diferente das mulheres brancas, desde a formação familiar, até as relações e inserções no mercado de trabalho e na sociedade como um todo; o acesso à escolaridade, aos serviços de saúde e ao lazer, demarca significativas diferenças.

Neste contexto, houve um movimento pelo mundo, tanto das feministas como de outros movimentos sociais, como da própria economia que começou a impulsionar mudanças na vida das mulheres, mas isto atinge de maneira diferenciada as mulheres negras e pobres do Brasil, demarcando outras especificidades e outras realidades. Na comunidade dos Arturos, este movimento acompanhou-se, no meu entender, da expansão da cidade, e das mudanças sociais desencadeadas, modificando a comunidade e as atividades das mulheres. Elas antes se restringiam ao trabalho rural, nas fazendas, na colheita, na lavoura, ou

como lavadeiras de roupa dos fazendeiros, e posteriormente passaram em sua maioria a exercer o emprego doméstico, em “casas de família” como dizem, nas cidades de Contagem e Belo Horizonte. A percepção ampliada desta mudança pode ser demonstrada na narrativa desta jovem que diz:

*Eu acho que as mulheres conquistaram mais espaço, mas eu acho que não é uma particularidade daqui, elas estão só seguindo o que tá acontecendo com as outras também, no mercado de trabalho, antes não tinha de todo mundo sair pra trabalhar, tinha aquela coisa de ficarem muito em casa, uma coisa que é cultural também, mas que um pouco restringe muita coisa, da cultura mesmo do dia a dia, então hoje não, a gente já saí, já estuda, muitas voltaram a estudar, o próprio ensinamento, eu creio que este movimento é o que está acontecendo na sociedade em geral, elas não estão alheias a isso entendeu.*

*(Viviane, 25 anos)*

As mulheres Arturos acompanham as transformações que estão ocorrendo na sociedade como um todo, demarcando as diferenças vivenciadas entre as gerações de mulheres de acordo com seu tempo vivido. De acordo com Núbia Gomes e Edimilson Pereira:

A mudança das funções da mulher na Comunidade deve ser observada pelo lado qualitativo, pois implica na inserção em novas formas de relação social. A esposa, a mãe, a trabalhadora e a filha do Rosário vão se combinando no decorrer do tempo, de modo a compor um perfil complexo da mulher dos Arturos. As novas gerações contribuem para aprofundar os pontos críticos dessas alterações. (2000, p.197)

Há reflexos dessas mudanças nas relações sociais da comunidade e especialmente nas relações entre homens e mulheres dos Arturos. Em geral as mulheres mais jovens da Comunidade são mais críticas e veem que há ainda muita sobrecarga para as mulheres nas atividades do cotidiano da casa, das tarefas domésticas, e dos cuidados com os filhos, sendo as narrativas abaixo substancialmente representativas deste pensamento:

*Ah eu acho que ainda sobrecarrega muito as mulheres, porque o marido não ajuda em casa, muitos afazeres pra fazer de casa, filhos, tudo é a mulher. Tem umas que trabalham fora pra ajudar o marido, então eles deveriam ajudar mais.*

*(Paula, 30 anos)*

*Aqui são as mulheres, até para uma reza, pra tudo as mulheres aqui pegam mesmo, os homens se não tiverem eles fazem falta, mas as mulheres sabem fazer muita coisa, as mulheres aqui não tem medo de serviço, não tem medo da vida não. Elas lutam todas, você vê que todo mundo aqui saí pra trabalhar, todo mundo cuida da sua vida, cuida de suas responsabilidades, e ainda saem pra trabalhar fora. E dão conta em dia de festa estão ali. Todo mundo dá conta disso tudo, e é só as mulheres. Sabe os homens mesmo quando chegam tá tudo pronto, tem homem aqui que só pega a roupinha branca. Ao contrário da mulher que tem que desde o aviso até o fim, até a festa. (Maria Lúcia, 43 anos)*

*Ainda sobrecarrega muito as mulheres, principalmente a festa nossa aqui, a festa nossa aqui ainda é uma festa das mulheres, nossa Deus as mulheres que seguram os homens não sabem de nada da cozinha, pelo menos colocam as coisas lá... Eu fico mais na cozinha de baixo na casa de Tia Dodora, as coisas não são assim, a gente vê a correria que é, as mulheres ainda são muito sobrecarregadas, ainda é...*

*(Scheila, 36 anos)*

As mulheres acima dos 50 anos em geral acham que há igualdade em relação à divisão das tarefas e trabalhos, conforme afirmam estas narrativas:

*Ah não, aqui é dividido. As mulheres com os homens, só aquelas que não têm marido como a Nilza, eu, por exemplo, daí tem mais aquela responsabilidade, mas aqui as mulheres casadas com os homens dividem, aqui as mulheres e os homens tudo é dividido, as mulheres trabalham, põem o dinheiro delas dentro de casa, os homens*

*também né? E no congado também, depender deles mesmo esses trem eles arrumam né? Ajudam enfeitar, eles ajudam.*

*(Maria das Graças – Cota, 61 anos)*

*(...) ah já, bastante.... antigamente elas eram mais dependentes dos seus maridos, agora elas saem, trabalham, todo mundo saí tem sua independência né? Hum... e tem igualdade sim entre os homens e as mulheres aqui, tem, se eles têm que chegar num fogão eles chegam, você vê os homens sempre nos ajudam na cozinha... e a gente também o que der pra gente fazer cá fora a gente faz, então, tem igualdade sim, absoluta.*

*(Maria –Beata- 49 anos)*

Contudo, apesar de no cotidiano a maioria das mulheres mais jovens perceberem desigualdades entre homens e mulheres, no Congado a maioria afirmou que há funções estabelecidas para ambos os sexos, como foi relatado por algumas mulheres Arturos:

*No Congado há rei e rainha, há cozinheiro e cozinheira, não tem assim uma divisão, há uma igualdade.*

*(Cíntia, 26 anos)*

*Não que tenha essa diferença de homem e de mulher, não, você vê na cozinha, tem homem que fica na cozinha, tem homem que prefere não dançar o Congado pra ajudar as mulheres na cozinha, entendeu, não tem essa diferença não.*

*(Andressa, 26 anos)*

*No congado já assumem mais cada um sua função, tem homem que ajuda na cozinha, pegar as coisas pesadas.*

*(Paula, 30 anos)*

*Acho que não tem essa separação de homem e mulher, aqui tá bem equilibrado, a gente trabalha de igual para igual dentro do Congado... Mas acho que as mulheres aqui vivem uma luta constante no dia a dia, os homens aqui são bem parados, são bem relaxados, poucos são os que assumem e tomam a frente e não deixam as mulheres*

*sobrecarregarem tanto, nós com aquela dupla jornada.. acho que na vida assim, a mulher é mais sobrecarregada.*

*(Isabel, 40 anos)*

É possível pensar no Congado, a partir dessas narrativas, como um “mediador” das relações entre os homens e as mulheres, pois no Congado a maioria sente uma equiparação na divisão do trabalho e nas funções e papéis que cada um exerce dentro do ritual. Durante o trabalho de campo, em todas as entrevistas, foi muito difícil falar das relações entre homens e mulheres dentro da comunidade, a maioria das mulheres trazia para o Congado a explicação dessa relação. Segundo Paul Thompson (1992) é importante estar atento ao que não está sendo dito, aos silêncios e a seus significados, sendo que, em sua interpretação, os significados mais simples são os mais convincentes.

Neste sentido, percebo que há outro olhar e outra percepção das relações de gênero<sup>50</sup> na comunidade, do masculino e feminino, que não pode ser enquadrado no que se entende pelas relações de gênero pautadas nas teorias feministas. Seria necessário, a meu ver, um estudo mais aprofundado das relações de gênero da comunidade, visando estabelecer relações com as experiências de outras mulheres de outras comunidades negras quilombolas, pois pode ser que haja outras configurações e visões sobre esta questão, demarcando o quanto estas relações são construídas de acordo com a realidade cultural, social, regional e identitária.

Nosso objetivo não foi focalizar as relações de gênero, mas saber como as mulheres Arturos percebem as relações entre o masculino e feminino dentro da comunidade. Relações que se apresentam como complementares, sobretudo dentro dos festejos e outras de oposições e tensões no cotidiano, conforme reveladas por algumas mulheres entrevistadas durante a pesquisa de campo.

Todavia é importante mais uma vez ressaltar que, entre as gerações, há visões diferenciadas do feminino e masculino no cotidiano em alguns aspectos, se aproximando e se distanciando das experiências das outras gerações. Em conversas fora do trabalho de campo, pude observar que começa a haver outro olhar das mulheres mais jovens, questionando a violência doméstica, numa busca de se sair do silêncio para a denúncia, revelando outras percepções e atitudes. Essa mudança que vem surgindo entre a geração mais jovem, pode influenciar modificando talvez, em alguns aspectos as trajetórias passadas, presentes e futuras das outras gerações.

Percebemos desse modo, que os olhares das mulheres Arturos sobre os homens e sobre elas mesmas, assim como as relações entre o trabalho dos homens e das mulheres, e o lugar que estas mulheres ocupam dentro da comunidade e da família marcam continuidades e rupturas de costumes e comportamentos, acompanhados pelas transformações sociais, históricas, econômicas e espaciais vividas pela comunidade.

Neste sentido as mulheres Arturos seguem na busca de conquistar novos espaços e maior participação, tanto na tradição do Congado como no cotidiano. Inspiradas pela força da fundadora Carmelinda e de suas filhas e também sujeitas às transformações sociais vivenciadas ao longo do tempo. Este movimento de mudanças propicia a saída das mulheres da comunidade para o mercado de trabalho, a independência de ganhar seu próprio dinheiro e muitas vezes a necessidade de sustentar a casa e criar os filhos. A relação entre homens e mulheres da comunidade, portanto se modifica ao longo das gerações, recriando novos espaços femininos.

---

<sup>50</sup> O termo gênero como categoria de análise foi introduzido nos estudos feministas na década de oitenta. Para Verena Stolcke: o conceito analítico de “gênero” se destina a desafiar a máxima essencialista e universalista do reducionismo biológico, interpretando as relações entre homens e mulheres como formulações culturais resultantes da imposição de significados sociais, culturais e psicológicos sobre identidades sexuais. Como consequência, tornou-se necessário distinguir entre “gênero” como criação simbólica, “sexo”, o que se refere ao fato biológico de a pessoa ser fêmea ou macho, e “sexualidade”, que tem a ver com preferências e comportamentos sexuais (Stolcke, 1991,p.103). A teoria do gênero problematiza e permite uma nova discussão sobre a maneira pela qual os fatos naturais das diferenças entre os sexos são relacionados, ao deslocar essa questão do “essencialismo biológico”. Nesse sentido, Stolcke afirma que simultaneamente, o conceito de gênero como forma sócio-histórica de desigualdade entre mulheres e homens chama a atenção para outras categorias de diferença que se traduzem em desigualdade, tais como raça e classe, colocando o cruzamento entre elas. (ibid,p.104)

## 4.5 Transformações e Encontros

As memórias tecidas sobre a comunidade a partir das narrativas femininas possibilitaram pensar sobre a relação do presente com o passado e sobre as modificações e permanências que ocorreram nessas experiências vividas. Neste sentido, as gerações de mulheres dos Arturos que foram entrevistadas se encontraram e se distanciaram em suas lembranças e pensamentos.

Um pensamento e uma preocupação sempre presentes em todas as narrativas relacionam-se à tradição do Congado, e as modificações que vem ocorrendo ao longo das gerações. Interessante foi perceber que há aproximações e divergências entre as gerações com relação a estas questões.

A geração mais jovem traz algumas mudanças em seus comportamentos e em sua maneira de vivenciar a tradição, por pertencer a outro tempo, em que não se há mais tanta conversa, contar histórias ao pé do fogão de lenha, o tempo de se ouvir as pessoas mais velhas, devido à urbanidade, a modernidade, as novas tecnologias e contatos com a metrópole, tomando parte deste tempo modificando-o em diferentes aspectos. No entanto, segundo Maurice Halbwachs:

[...] conforme a idade e também as circunstâncias, ficamos admirados, sobretudo, das diferenças ou das semelhanças entre as gerações que ora se fecham sobre si mesmas e se afastam uma da outra, ora se juntam e se confundem. (2006, p.75)

Neste sentido, as mulheres jovens e as mais velhas se aproximam no pensamento de que há uma crescente perda de respeito aos mais velhos, e à continuidade das tradições. Como narram algumas mulheres:

*Nós tínhamos muito respeito por eles, diferente dos dias de hoje que os filhos, netos, já não têm aquele respeito. Depois que os dois morreram vovô e vovó, muita coisa mudou. Hoje um passa na porta do outro sem pedir nem nada, não fala... Os tios a gente respeitava todo mundo, eles podiam bater, mas na época ninguém apanhava, pois a gente tinha a maior educação, mas podiam bater, mas nem precisava... A saudade da gente é essa, a gente não tinha luxo, não tinha nada, mas... tem gente que dá benção para nós, mas o jovem*

*de hoje não faz isso mais, fica até morrendo de raiva... a saudade que a gente tem é essa, é respeito mesmo.*

*(Maria das Graças – Cota, 61 anos)*

*Ah igual todo mundo falava, Tia Juventina mesmo, que ela era minha madrinha a gente conversava muito, ela contava as coisas do meu avô e da minha avó, falava, que ela era muito rígida com eles, pegava firme com eles, igual eles falavam pra gente, se a criação de hoje fosse a mesma de antigamente, não estaria como está hoje, era outra criação, diferente do que está hoje. Eles sempre comentavam isso com a gente.*

*(Andressa, 26 anos)*

A comunidade passa por um momento em que os jovens estão modificando sua relação com os mais velhos e com o passado. Algumas jovens dizem que é preciso buscar o passado e aprender com os mais velhos, e concordam que hoje a juventude da comunidade não mais se interessa nem se envolve com as tradições. Para os mais velhos, há falta de respeito e desinteresse por parte dos jovens. As jovens, por sua vez, reivindicam mais espaço, ou seja, esperam ter suas idéias e opiniões mais ouvidas, principalmente, em relação ao Congado. Como dizem algumas jovens:

*Os jovens estão muito desinteressados da comunidade. Eu estou muito triste, eu acho que daqui uns anos o Congado vai acabar. Na minha geração era diferente, todo mundo participava, tinha mais interesse.*

*(Janaína, 30 anos)*

*Muita gente deixou de dançar, só tá diminuindo, só diminuindo. Eu acho que muitas vezes eles não procuram saber a opinião da gente, igual eu sou Arturos, eu sou bisneta, acho assim que pela comunidade, deveria ter reuniões, saber a opinião da comunidade que não tem, dos jovens também, isso influencia muito nas pessoas estarem largando o Congado... Os jovens têm vontade de se*

*candidatar, a gente mesmo os jovens, o sangue mesmo, os jovens sabe, só que as pessoas que estão aí há vários anos não dão oportunidade.*

*(Ernestina, 28 anos)*

*Os jovens não querem saber de mais nada, os mais velhos têm que lutar para a tradição não acabar. Os jovens que estão crescendo não querem saber o que os adultos querem passar pra ele, não é que pode morrer é que depende deles para o Congado e a tradição não acabar, porque se os jovens não quiserem acaba, daí acaba.*

*(Aline, 22 anos)*

Todas estas transformações integram a experiência vivida por essas gerações influenciadas pelas mudanças trazidas pela modernidade. Perdem-se progressivamente as tradições contadas pelos mais velhos, os ensinamentos, o modo de educar, o respeito, a obediência, valores tão significativos e essenciais outrora transmitidos pela oralidade, de geração para geração. A presença de novas tecnologias, como a televisão, retira o tempo das conversas, das narrativas, de contar e ouvir histórias e propicia o individualismo. A narrativa está acabando e com ela os narradores, como afirmou Walter Benjamin (1994). Este fato viria segundo este autor, como consequência do choque da modernidade. Nas sociedades pré-capitalistas a narrativa era a forma artesanal de comunicar a experiência da tradição cultural. O narrador como um artesão, que conhece todas as etapas da produção, tecia com os fios da memória histórias que ofereciam um sentido para as relações sociais e para a vida em comunidade. Para Benjamin (1994), nas sociedades capitalistas foi perdida essa forma de comunicação. O ritmo de vida na sociedade pré-capitalista permitia ainda o tempo de experimentar e contar. Já o habitante das grandes cidades, premido pelo relógio, já não atinge mais esse estado de distensão para ouvir e vivenciar as narrativas (Ferrari, 1991).

É neste tempo que se encontram as novas gerações, no seu ir e vir para o centro da cidade, o ritmo do trabalho, dos acontecimentos repetitivos e mecanizados que fazem parte deste universo metropolitano, modificando as relações humanas. Há um conflito na comunidade entre o tempo de agora e o tempo do passado. Estes conflitos do tempo entre as gerações também foram encontrados em outras

comunidades quilombolas, como as estudadas por Djalma da Silva (2005). Segundo este autor, citando Alfredo Bosi (1994) há uma distinção entre o “tempo do calendário agrícola, da cronometria”, que pertencia ao ciclo interno da comunidade, acompanhando o ritmo da vida rural e a introdução de novos elementos no tempo de hoje diferenciando-se do tempo do passado (Silva, 2005).

Os Arturos também vivenciam este tempo que se modificou, marcando esta passagem do rural para o urbano, modificando toda organização social da comunidade. As relações entre as gerações conforme narradas pelas mulheres Arturos, também se modificaram diante desse processo.

As mudanças, a meu ver, são inevitáveis, marcando experiências diferenciadas de acordo com o tempo vivido de cada geração. Contudo, ao mesmo tempo em que há uma percepção da possibilidade de se acabar a tradição há uma reflexão sobre a mesma e o desejo dessa própria geração de evitar que isso ocorra. Há um elo entre as gerações presentes e passadas, mediado pelos tempos vividos. De acordo com Carlos Brandão:

O presente não se interpreta por si mesmo, mas está envolvido em um discurso de valores entre tempos. Assim todas as coisas que existem agora e por meio das quais as pessoas se enfrentam e compartilham a vida são definidas por um confronto com tempos anteriores e pelas formas como os mesmos tipos de sujeitos e relações existiram em cada um deles. (2009, p.23)

Olhando para o passado e para os ensinamentos transmitidos pelos mais velhos da comunidade, a geração mais nova vai se formando, a partir da memória que os mais velhos e os antepassados Arturos deixaram para o grupo. Todavia, no confronto dos tempos, delineiam-se as transformações do ontem e do agora, se reconfigurando a memória social da comunidade a partir das vivências das novas gerações, que se distanciam e se encontram em suas dinâmicas e modos de ser.

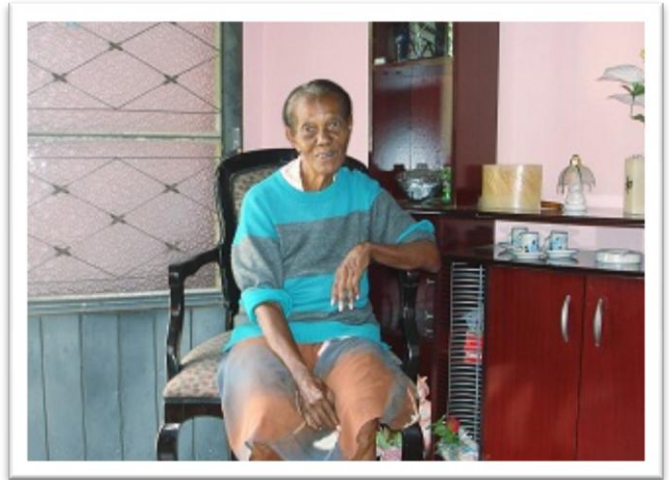
Procurei demonstrar, por meio das narrativas femininas das descendentes de Carmelinda Maria e Arthur Camilo, como estas mulheres estão tecendo suas vidas e quais as percepções têm de sua comunidade como também da sociedade. As lembranças do passado *ressignificam* o presente, orientando-o e transformando-o. O caminho escolhido seguiu o fluxo da memória, pinçando fragmentos significativos

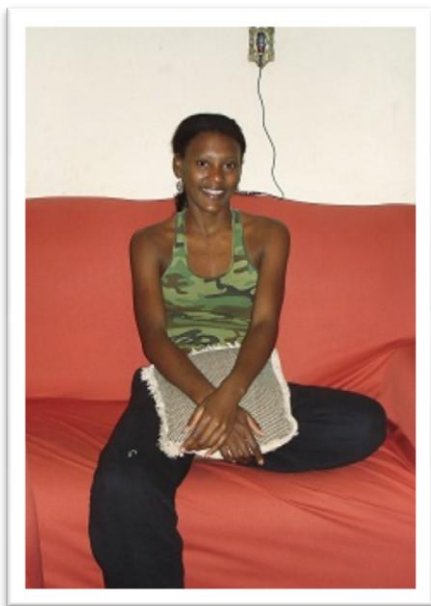
que iluminavam tanto o passado como o próprio presente, em um ir e vir contínuo, entre as três gerações: de filhas, netas e bisnetas.

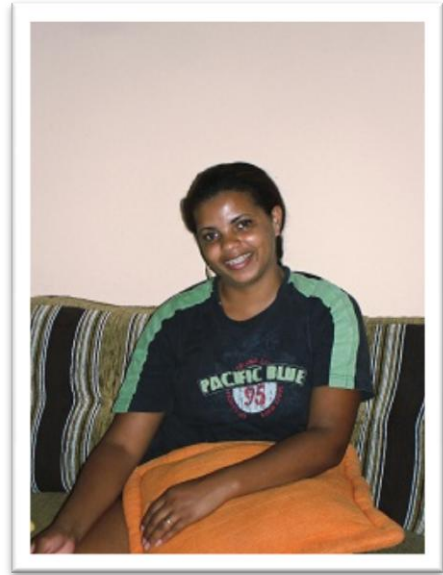
As narrativas escolhidas pretenderam entrelaçar por meio de lembranças um pouco da história das mulheres Arturos: no mercado de trabalho, nos estudos, no Congado e na vida cotidiana. Os diálogos vividos entre o masculino e feminino, o rural com o urbano e as experiências do racismo, marcam outras trajetórias de vida. Por fim, pensar em como os diferentes tempos modificam os olhares sobre a vida e a tradição, diante de uma sociedade que não valoriza as tradições orais, a sabedoria dos mais velhos, o tempo de narrar e tecer histórias. Daí a importância dessas memórias, pois segundo Jacques Le Goff: “A memória é o antídoto do esquecimento; a memória é a fonte de imortalidade”. (2003, p.434)

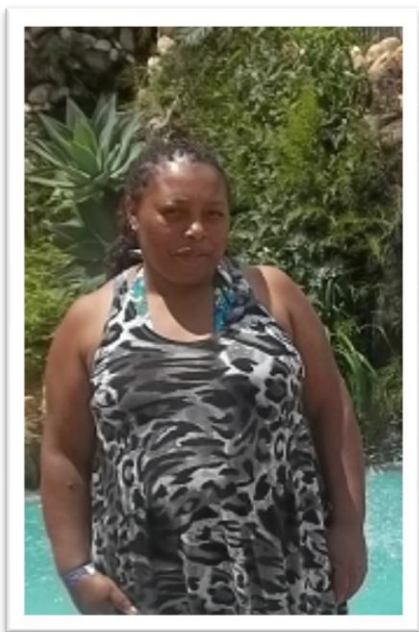
Nessa perspectiva, considero importante o relato etnográfico e a interpretação das memórias femininas da comunidade dos Arturos, por entender que são reveladoras de muitos significados e de sabedoria, podendo contribuir com outros olhares sobre a vida e a história.

As mulheres Arturos são construtoras da história da sua comunidade. Suas experiências se entrelaçam com de outras mulheres quilombolas e mulheres negras brasileiras. São mulheres que reinventam suas vidas, nos variados papéis que desempenham: com muita luta, trabalho, solidariedade, devoção, alegria e força. Seguem trilhando os caminhos consolidados por Carmelinda Maria, reelaborando em suas trajetórias o passado que ecoa no presente.









## Considerações Finais

Pesquisar sobre a vida de Carmelinda Maria, por meio da memória de suas descendentes, possibilitou recriar em certo sentido, a história da comunidade dos Arturos, destacando as vivências cotidianas deste agrupamento familiar. Tendo como fio condutor a memória: as narrativas das mulheres Arturos, foram tecendo a história dessa mulher, que aparece tão pouco nas recordações públicas da comunidade, e até mesmo em trabalhos acadêmicos e livros escritos sobre os Arturos.

Ao recordar a mãe, avó e bisavó, estas três gerações de mulheres voltam ao passado e a trazem para o presente, no movimento reversível da memória, recontando a história da comunidade. Nessas lembranças outras histórias foram tecidas, dessas próprias mulheres em suas trajetórias de vida. Os fatos mais marcantes que vieram nessas narrativas femininas foram: as lembranças familiares, relacionadas às mudanças das gerações e dos tempos, os casamentos, os filhos, os nascimentos, o racismo, o trabalho na roça, na cidade, a juventude e a tradição do Congado dentro de todo este processo. Segundo Carmélia Miranda: “as memórias femininas trazem como marco os locais do privado, da família, da prole, diferente da memória dos homens, que demarcam mais o espaço público, da rua, dos bares, reuniões, futebol, entre outros”. (2009, p.90)

Há desse modo, uma sucessão de etapas da memória que se divide em marcos significativos da vida. Poderia-se dizer também que as lembranças da população negra se concentram em alguns pontos mais marcantes, diferentes de outros segmentos populacionais. Assim como, certamente as memórias de populações indígenas são diferentes das de outras sociedades, em função da forte influência da oralidade, pois há sociedades em que a tradição oral se mantém viva como fonte primordial de ensinamentos e transmissão de saberes. Outros fatores também estão atrelados a esta formação, como a classe social do indivíduo, o grupo ao qual pertence, a tradição cultural em que se insere, entre outros. Paul Connerton ao citar Halbwachs reflete sobre o pensamento deste autor nessa questão:

Maurice Halbwachs foi o único cientista social que reconheceu a importância da memória social, mas também dedicou atenção às

formas pelas quais a memória é socialmente construída. Defende em seus trabalhos que é através da pertença a um grupo social-nomeadamente o parentesco, as filiações de classe e de religião-que os indivíduos são capazes de adquirir, localizar e evocar as suas memórias. [...] Toda recordação, por muito pessoal que possa ser, mesmo a recordação de acontecimentos que só nós presenciáramos, ou a de pensamentos e sentimentos que ficaram por exprimir, existe em relação com todo um conjunto de ideias que muitos outros possuem: com pessoas, lugares, datas, palavras, formas de linguagem, isto é, com toda a vida material e moral das sociedades de que fazemos parte, ou das quais fizemos parte (1993, p.44).

Neste sentido, nossas memórias, são construídas e reconstruídas ao longo da nossa existência de acordo com a memória social do grupo ou sociedade da qual fazemos parte, podendo ser mais colorida e viva na medida em que são mais valorizadas e utilizadas. E todas as memórias mesmo as mais individuais estão referenciadas a um quadro espacial socialmente específico imbricado com a memória coletiva do grupo ao qual pertencemos. As nossas memórias estão localizadas no interior dos espaços materiais e mentais do grupo (ibid,p.45).

Além desses fatores, o olhar feminino e masculino é diferenciado sobre a vida e os acontecimentos em alguns aspectos, demarcando outras experiências e memórias.

Nas memórias das mulheres Arturos, o trabalho aparece como construtor da identidade, estando sempre presente no cotidiano dessas mulheres. Assim como as lembranças do racismo, e das discriminações sofridas ao longo da vida, sendo marcantes com relação ao mercado de trabalho, na escola e na sociedade como um todo. Esta percepção floresce em geral, sobretudo nas gerações mais jovens, devido às modificações relacionadas, a meu ver, com as experiências vivenciadas no tempo presente, de outra realidade que começa a ser desvelada.

Algumas jovens dos Arturos enfatizaram a educação como o meio de ultrapassar esta barreira historicamente consolidada, para que tanto adquiram a possibilidade de ascensão social, quanto ocupem o espaço que sempre lhes foi negado, modificando a sua trajetória.

De acordo com Kabengele Munanga (1996) é preciso que haja programas e medidas concretas de ações para que ocorram mudanças reais na sociedade brasileira, efetivando políticas públicas que visem combater o racismo, a discriminação, nas mais diferentes áreas: como no mercado de trabalho, saúde,

educação, cultura, esporte, lazer, habitação, na representação dos partidos políticos, nas instâncias de poder, legislativo, executivo, etc. É preciso que haja mudanças reais, e que o problema do racismo e discriminação no Brasil deixe de ser escondido e passe a ser assumido como um problema de toda sociedade brasileira, como enfatiza Kabengele Munanga:

Quando a questão do racismo no Brasil começar a sair dos livros, artigos, dissertações dos pesquisadores, quando deixar de ser problema do negro para se tornar preocupação de todas as forças e instituições do país, quando sairmos da fase do belo discurso e das boas intenções sem ações correspondentes poderemos dizer então que entramos na verdadeira fase de engajamento para transformar a sociedade: estaremos saindo do pesadelo para entrar num sonho, e do sonho para entrar numa verdadeira esperança. (ibid, pp.218-219)

É necessário, portanto, que este debate seja realmente enfrentado, modificando esta visão que o problema da população negra é apenas econômico, há que se trabalhar com a questão racial como um problema nacional, de toda sociedade brasileira, para que possamos avançar e vislumbrar mudanças reais.

Seria importante também, que houvesse políticas de ações afirmativas específicas para população negra das comunidades quilombolas, para que conseguissem trabalhar e estudar em faculdades públicas, pois ainda recebem baixos salários, que acaba sendo utilizado apenas para sustento próprio e/ou da família. Essas limitações demonstram que ainda há barreiras que necessitam ser transpostas e superadas para que comece a mudar a realidade da sociedade brasileira.

As novas gerações de mulheres Arturos em sua maioria colocaram como grande desejo e sonho a realização nos estudos alcançando outra profissão, mudando a trajetória historicamente demarcada das mulheres negras. Este fato traz mudanças de comportamento dentro do próprio grupo, pois os estudos possibilitam uma ampliação da realidade e outro olhar sobre a vida. A educação, ainda é vista como um caminho para mudanças na realidade socialmente estabelecida, educação entendida como Marina Mello (2009) afirma: “em um sentido lato: que não apenas forma, mas, sobretudo, transforma por meio da conscientização que dá coragem e alento para o enfrentamento de tais disparidades (p.365)”.

Um dado relevante que encontramos com essa pesquisa foi como o sentimento de pertencimento a uma comunidade negra reverbera de maneira diferenciada nas jovens da comunidade, possibilitando um fortalecimento da autoestima e de uma construção positiva da identidade negra, transformando suas ações e percepções diante da sociedade racista brasileira. O grupo, a comunidade com sua história e memória social mantida por meio da prática de suas tradições forma e fortalece a identidade do que é ser um Arturo auxiliando de maneira diferenciada no enfrentamento do racismo.

Outro aspecto relevante destacado nas memórias das jovens mulheres da comunidade é que a interação em outros espaços no mercado de trabalho e na vivência com as novas tecnologias e com a cidade promove mudanças tanto nos casamentos, nos projetos de vida, alterando o comportamento e a composição familiar. Em busca de independência rompem de certa maneira com o “machismo”, tornam-se mais autônomas e livres, tiram carta de motorista, saem sozinhas para se divertir, até mesmo as jovens casadas, algumas vezes saem sem os maridos, o que é bem diferente nas gerações acima dos 40 anos. O que pudemos perceber é que a experiência do espaço urbano modifica as relações sociais dessas mulheres, configurando um novo posicionamento das mulheres na comunidade.

As transformações que ocorreram na comunidade em função da expansão da cidade, acarretaram modificações no espaço e também nas relações sociais entre todos os Arturos. Neste sentido, as mulheres Arturos foram ao longo dos anos modificando sua trajetória tanto fora da comunidade, com os empregos na cidade, trazendo novas sociabilidades, como dentro com relação às tradições culturais e sua participação. Houve após a morte do patriarca Arthur Camilo, um momento de expansão e conquista de mais espaço por parte das mulheres da comunidade, que segundo essas, se intensificou durante a condução da comunidade por três mulheres, Carmelinda Maria e suas duas filhas que não se casaram e ficaram ao lado da mãe. Este poder ainda que simbólico, pois a comunidade sempre foi patriarcal e regida por um homem na presidência da Irmandade, possibilitou entre algumas conquistas, maior participação na tradição cultural com a possibilidade das mulheres dançarem o Congado. Nessa caminhada, juntamente a esta conquista, muitas outras foram acontecendo acompanhadas pelas mudanças históricas entre as gerações. É relevante enfatizar o Congado, pois é um marco na conquista de

ocupação de um espaço diferenciado em que as mulheres da comunidade alcançam um maior reconhecimento e igualdade, em relação aos homens, como mencionado no quarto capítulo dessa pesquisa. Homens e mulheres dentro dos festejos do Congado têm seus espaços reconhecidos, sendo as mulheres as geradoras da festa, pois a elas cabe o universo da culinária, que é essencial dentro desses rituais, como também a condução e organização da Igreja, dos enfeites dos mastros, bandeiras, dos cuidados com as roupas-fardas dos dançantes, dos mantos e coroas, sem estes também não aconteceria o ritual, enfim por quase tudo. Além de contribuírem com suas vozes nos cantos e na dança, marcando sua presença e força para comunicar com o sagrado. As desigualdades e a invisibilidade e submissão ao poder masculino se modificam dentro do ritual do Congado, possibilitando que outras relações de poder entre homens e mulheres sejam estabelecidas. Desse modo, as mulheres da comunidade, recriam espaços de poder dentro dos festejos do Congado, sublimando talvez o próprio cotidiano.

Na tessitura das memórias de Carmelinda e das diferentes gerações de mulheres dos Arturos, foi se desvelando um pouco da vida dessas mulheres e de sua importância dentro da comunidade e também fora dela. Conforme afirmam Almeida e Jesus: “As mulheres Arturos são as matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva” (2008, p.7). O equilíbrio familiar, a educação dos filhos e a coesão do grupo são responsabilidades das mulheres. Fora da comunidade também fazem sua história dialogando com a modernidade, com as novas tecnologias e suas tradições, reinventando e *ressignificando* suas práticas sociais de acordo com suas experiências vividas.

A comunidade dos Arturos vive constante transição, com as novas gerações, que trazem rupturas, conflitos, transformações, mas também desejo de continuidades. Há um brilho do passado que incide sobre o presente, marcando na memória coletiva da comunidade a força da oralidade e dos ensinamentos dos mais velhos mesmo que haja mudanças. Este caminho deverá ser trilhado e descoberto entre as gerações dos Arturos, e a tradição cultural do Congado e seus rituais contribuem para transmissão da memória social da comunidade fortalecendo a identidade e a união da família dos Arturos.

Essa pesquisa, portanto, procurou saber quem foi Carmelinda Maria, desvendar um pouco de sua história por meio dos romances entrelaçados de suas

filhas, netas e bisnetas, tecendo narrativas significativas das mulheres Arturos. Considerando de fundamental importância ouvir e dar voz a mulheres comuns, que possuem um legado de ensinamentos e experiências representativo da história de mulheres negras brasileiras que tanto lutaram e lutam, recriando estratégias de vida, poder e sobrevivência.

Algumas questões foram encontradas e refletidas e outras ficaram para ser posteriormente preenchidas por outros que busquem respondê-las. Penso que este é o processo dos nossos trabalhos e pesquisas que sempre estarão inacabados, pois o conhecimento é inesgotável e a cada momento junto com ele nos transformamos mudando também nosso pensamento. Poderia dizer que este trabalho é apenas um começo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. R. e JESUS, S., “**Narrativas, memórias e identidades: mulheres da comunidade negra dos Arturos**”, História, imagem e narrativas – No. 7, ano 3, setembro/outubro/2008- ISSN 1808-9895- <http://www.historiaimagem.com.br>

ANJOS, Rafael S. A. dos, **Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil-1ª Configuração Espacial**, Brasília, Ed. Autor, 1999.

ARAÚJO, Joel Zito, “**A força de um desejo: a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual**”, In: Racismo II- Revista da USP, São Paulo- ISSN 0103-9989- pp. 72-79, março/abril/maio de 2006.

ARIÈS, Philippe, **História Social da Criança e da Família**, Rio de Janeiro, LTC, 1981.

ASSIS, Maria Isabel de, “**Mulheres negras: lembranças do vivido e sentido**”, In: CARVALHO, Marília e PINTO, Regina P.(orgs.), Mulheres e Desigualdades de Gênero, São Paulo, Contexto, 2008.

BARROS, Myriam L. de, **Autoridade & Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_, “**Três gerações femininas em famílias de camadas médias**”, In: VELHO, Gilberto e DUARTE, Luiz Fernando (orgs.), Gerações, Família e Sexualidade, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2009.

BENJAMIN, Walter, “**O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**”, In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri, **Matéria e Memória**, São Paulo, Martins Fontes, 1999.

BERNARDO, Teresinha, **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**, São Paulo, EDUC, Pallas, 2003.

BERNARDO, Teresinha, **Memória em Branco e Negro: Olhares sobre São Paulo**, São Paulo, EDUC: Editora UNESP, 2007.

BORGES, Rosangela, SANTOS, Gevanilda e SANTOS, Maria José P. **“A juventude negra”**, In: ABRAMO, Helena W. e BRANC, Pedro Paulo M. (orgs.) *Retratos da Juventude Brasileira: Análise de uma pesquisa nacional*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2008.

BOSI, Alfredo, **“Cultura como Tradição”**, In: BORNHEIM, Gerd.A. et.al. *Tradição/Contradição*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

\_\_\_\_\_, **“O Tempo e os Tempos”**, In: NOVAES, A. (org.), *Tempo e História*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa, **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**, São Paulo, Edusp, 1994.

\_\_\_\_\_, **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**, São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Carlos R., **A Clara Cor da Noite Escura: escritos e imagens de mulheres e homens negros de Goiás e Minas Gerais**, Uberlândia, EDUFU; [Goiânia]: Ed. da UCG, 2009.

CANDIDO, Antônio, **Os Parceiros do Rio Bonito**, São Paulo, ed. 34, 2001.

CARNEIRO, Sueli e SANTOS, Thereza, **Mulher Negra; Política Governamental e a mulher**, São Paulo, Nobel – Conselho Estadual da Condição feminina, 1985.

CARRIL, Lourdes, **Quilombo, Favela e Periferia: a longa busca da cidadania**, São Paulo, Annablume: FAPESP, 2006.

CARVALHO, Maria Celina P., TURATTI, Maria Cecília M. e SCHMITT, Alessandra, **“A Atualização do Conceito de Quilombo: Identidade e Território nas Definições Teóricas”**, In: *Ambiente & Sociedade*-Ano V- No 10-1º semestre de 2002, pp.1-8

CAVALLEIRO, Eliane, **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**, São Paulo, Contexto, 2000.

CHALHOUB, Sidney, “**Exclusão e Cidadania**”, In: Revista História Viva- Temas Brasileiros, São Paulo, N.3, p.38-41, nov.2006.

CONNERTON, Paul, **Como as Sociedades Recordam**, Celta editora, Oeiras,1993.

CUNHA JR. Henrique, “**Afrodescendência e Espaço Urbano**”, In: *Espaço Urbano e Afrodescendência – Estudos da Espacialidade Negra Urbana para o debate das Políticas Públicas*, Fortaleza, UFC Edições, 2007.

DEBERT, Guita G., **A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**, São Paulo, Edusp-Fapesp, 1999.

DIAS, Maria Odila L. da, S., **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**, São Paulo, Brasiliense, 1995.

DURHAM, Eunice R., “**Família e Reprodução Humana**”, In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher 3*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1983.

ELIADE, Mircea, **Mito do Eterno Retorno**, São Paulo, Mercuryo, 1992.

FERNANDES, Florestan, **A integração do negro na sociedade de classes**, São Paulo, Ática, 1965.

FERRARI, Sonia C. M., “**Sobre o conceito de experiência em Walter Benjamin**”, São Paulo, Dissertação de Mestrado- FFLCH-USP,1991.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito, **Quem pariu e bateu, que balance! mundos femininos, maternidade e pobreza:Salvador, 1890-1940**, Salvador, CEB, 2003.

FIGUEIREDO, Luciano, **O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII**, Rio de Janeiro, José Olympio, Brasília, Edunb, 1993.

\_\_\_\_\_, “**Mulheres nas Minas Gerais**”, In; DEL PRIORE, Mary (org.), *História das Mulheres no Brasil*, São Paulo, Contexto, 2004.

FLORENTINO, M.; GOÉS, J.R., ***A paz das senzalas: Famílias escravas e tráfico Atlântico, Rio de Janeiro, c.1790- c.1850***, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.

FRAGA FILHO, Walter, ***Encruzilhadas da Liberdade: Histórias de Escravos e Libertos na Bahia (1870-1910)***, Campinas, ed. Unicamp, 2006.

FREYRE, Gilberto. ***Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*** - 51ª. edição, São Paulo, Global, 2006 (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil;1).

\_\_\_\_\_, ***Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano***, 16ª. edição, São Paulo, Global, 2006 (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 2).

GARCIA, Antonia dos S., ***Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais: Salvador, cidade D'Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum***, Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

GEERTZ, Clifford, ***A interpretação das culturas***, Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.  
GIACOMINI, Sônia Maria, ***Mulher e Escrava: Uma Introdução Histórica Ao Estudo da Mulher Negra no Brasil***, Petrópolis, Vozes, 1988.

GODINHO, Tereza M., ***“O Lugar da mulheres no quilombo Kalunga”***, São Paulo, Dissertação de Mestrado da PUC-SP, 2008.

GOMES, Flávio dos S., ***“Quilombos do Rio de Janeiro no século XIX”***, In: REIS, João José e GOMES, Flávio dos S.(orgs.), ***Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil***, São Paulo, Companhia das Letras, 1996

GOMES, Nilma Lino, ***A mulher negra que vi de perto***, Belo Horizonte, Mazza, 1995.

GOMES, Núbia Pereira de M. & PEREIRA, Edimilson de Almeida, ***Negras raízes mineiras: os Arturos***, Belo Horizonte, Mazza, 2000.

GUIMARÃES, Carlos M., ***“Mineração, quilombos e Palmares- Minas Gerais no século XVIII”***, In: REIS, João José e GOMES, Flávio dos S.(orgs.), ***Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil***, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

GULLO, Daniela, **“A Conquista Feminina nas Congadas: O Primeiro terno de Mulheres em Catalão-GO”**, Goiás, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de História da UFGO, 2005.

GUSMÃO, Neusa Maria M. de & VON SIMSON, Olga, **“A Criação Cultural na Diáspora e o Exercício da Resistência Inteligente”**, Ciências Sociais Hoje-ANPOCS, São Paulo, Vértice editora, 1989.

GUSMÃO, Neusa Maria M. de, ***Terra de Pretos, Terra de Mulheres: Terra, Mulher e Raça num Bairro Rural Negro***, Brasília, Fundação Cultural Palmares, 1996.

HALBWACHS, Maurice, ***A Memória Coletiva***, São Paulo, Centauro, 2006.

HALL, Stuart, ***Da diáspora: identidades e mediações culturais***, Belo Horizonte, UFMG, 2003.

HIRATA, Helena, Laborie, Françoise et alii, ***Dicionário crítico do feminismo***, São Paulo, UNESP, 2009.

LE GOFF, Jacques, ***História e Memória***, Campinas, Ed.Unicamp, 2003.

LEITE, Ilka B., **“Os Quilombos no Brasil: Questões Conceituais e Normativas”**, In: *Etnográfica*, Vol. IV(2) 2000, pp.333-354

LEMOES, Rosália de O., **“A Face Negra do Feminismo: problemas e perspectivas”**, In: WERNECK, Jurema, MENDONÇA, Maisa e WHITE, Evelyn (orgs.), *O Livro da Saúde das Mulheres Negras - Nossos Passos Vêm de Longe*, Rio de Janeiro, Pallas/ Criola, 2006.

LÉVI- STRAUSS, Claude, **“La Familia”**, In: *Polémica sobre el origen y La universalidad de la familia*, Barcelona, Anagrama, 1976.

LUCAS, Glaura, **“Os sons do Rosário: Um estudo etnomusicológico do Congado Mineiro- Arturos e Jatobá”**, São Paulo, Dissertação Mestrado -ECA-USP, 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw, ***Argonautas do Pacífico Ocidental***, São Paulo, Abril Cultural, 1976.

MARTINS, Leda M., ***Afrografias da Memória***, Belo Horizonte, Mazza, 1997.

MATTOS, Hebe Maria, ***Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil Século XIX***, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

\_\_\_\_\_, **“Remanescentes das Comunidades dos Quilombos: memória do cativo e políticas de reparação no Brasil”**, In: Revista USP-Racismo I, São Paulo, dezembro/janeiro/fevereiro de 2005-2006, pp.104-111

MATTOS, Hebe M. e RIOS, Ana L., ***Memórias do Cativo: Família, trabalho e cidadania no pós-abolição***, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

MELLO, Marina P. de A., **“Nem Tia Nastácia nem Globeleza...Vamos levar as mulheres negras para as salas?”** In: Revista Sociedade e Cultura, Goiânia, V.12, N.2, p.365-366/Dez 2009.

MIRANDA, Carmélia A. S., ***Vestígios recuperados: experiências da comunidade negra rural de Tijuçu- BA***, São Paulo, Annablume, 2009.

MOURA, Clóvis, ***Os Quilombos e a Rebelião Negra***, São Paulo, Brasiliense, 1987.

MOURA, Maria da Glória da V., ***Ritmo e Ancestralidade na Força dos Tambores Negros: o currículo invisível da festa***, São Paulo, Tese de Doutorado da Faculdade de Educação- USP, 1997.

\_\_\_\_\_, **“O Direito à Diferença”**, In: *Superando o Racismo na Escola*, MUNANGA, Kabengele (org.), Brasília, MEC, 2005.

MOTT, Maria Lúcia de B., ***Submissão e Resistência: A mulher na luta contra a escravidão***, São Paulo, Contexto, 1988.

MUNANGA, Kabengele, **“Origem e histórico do quilombo na África”**, In: Revista USP, São Paulo (28): 57-63, Dezembro/ Fevereiro 95/96.

MUNANGA, Kabengele, **“As facetas de um racismo silenciado”**, In: SCHWARCZ & QUEIROZ,(org.), ***Raça e diversidade***, São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo:Estação Ciência:Edusp,1996.

MUNANGA, Kabengele, ***Uma abordagem conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia***, São Paulo, USP, 2004.

\_\_\_\_\_, **“Algumas considerações sobre ‘raça’, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos”**, In: Revista USP- Racismo I, São Paulo, dezembro/janeiro/fevereiro de 2005-2006, pp.46-57.

NASCIMENTO, Elisa, L., ***O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil***, São Paulo, Summus, 2003.

NASCIMENTO, Silvana de S., **“Faculdades femininas e saberes rurais: uma etnografia sobre gênero e sociabilidade no interior de Goiás”**, São Paulo, FFLCH-USP, Tese de Doutorado, 2005.

O'DWYER, Eliane C. (org.), ***Quilombos: identidade étnica e territorialidade***, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.

OLIEVENSTEIN, Claude, ***O Não-Dito das Emoções***, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.

OLIVEIRA, Eliana de, ***Mulher negra professora universitária: trajetória, conflitos e identidade***, Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

OLIVEIRA, Márcia Maria M. de, **“Mulheres da fronteira: Identidade negra de mulatas na cidade de São Paulo”**, São Paulo, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais - PUC-SP, 2008.

OLIVEIRA, Rosângela P. de, **“Morte tradicional em sociedade moderna: Os ritos de morte na Comunidade dos Arturos”**, São Paulo, Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC-SP, 2011.

PARRA, Gilson, **“Uma Investigação sobre a transmissão de valores entre as gerações do ponto de vista psicanalítico – Um Estudo com Grupos Socioeconômicos Desfavorecidos”**, São Paulo, Dissertação de Mestrado em Psicologia Social – PUC-SP, 1999.

PERROT, Michelle, ***Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros***, (Tradução Denise Bottmann), Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle, **Mulheres Públicas**, São Paulo, Editora UNESP, 1998.

PICCOLO, Fernanda D., “**Desigualdades sociais, práticas educativas e juventude numa favela carioca**”, In: VELHO, G. e DUARTE L. (orgs.), *Juventude Contemporânea: Culturas, Gostos e Carreiras*, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de M., “**Nas Veredas da Sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos de antigos quilombolas**”, São Paulo, Dissertação de Mestrado em História PUC-SP, 1999.

POLLAK, Michael, **Memória, Esquecimento, Silêncio**, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

\_\_\_\_\_, **Memória e Identidade Social**, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, pp.200-212,1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**, São Paulo, CERU, 1983.

\_\_\_\_\_, “**Relatos Oraís: do dizível ao indizível**”, In: Textos CERU- “Olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz”, São Paulo, Ed. Humanitas, 2008.

QUINTÃO, Antônia Aparecida, “**Lá vem meu Parente: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (séc. XVIII)**”, São Paulo, Tese de Doutorado do Departamento de História- USP, 1997.

RAMOS, Donald, “**O Quilombo e o Sistema escravista em Minas Gerais do século XVIII**”, In: REIS, João José e GOMES, Flávio dos S.(orgs.), *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

RATTS, Alecssandro J. P., “**(Re)Conhecer Quilombos no Território Brasileiro- Estudos e Mobilizações**”, In: FONSECA, Maria Nazareth S. *Brasil Afro- Brasileiro*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

REIS, Isabel Cristina F. dos, “**Uma negra que Fugio, E Consta que Já tem Dous Filhos: Fuga e Família Entre Escravos na Bahia Oitocentista**”, In: *Afro-Ásia*, 23 (1999), pp.29-48.

REIS, João José, “**Quilombos e Revoltas Escravas no Brasil**”, Revista da USP, São Paulo (28), pp.14-39, Dez/Fev 95/96.

REIS, Rute R. dos, “**As vozes que fazem o gênero: O feminino e o masculino nas famílias negras**”, São Paulo, Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC-SP, 2011.

RIBEIRO, Matilde, “**Relações Raciais nas Pesquisas e Processos Sociais: Em Busca de Visibilidade para as Mulheres Negras**”, In: VENTURI, Gustavo, RECAMAN, Marisol e OLIVEIRA, Suely (orgs.), *A mulher brasileira nos espaços público e privado*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004.

RUSSELL-WOOD, Anthony John R., *The Black Man in Slavery and Freedom in Colonial Brazil*, London and Basingstoke Companies and representatives throughout the World, First Published 1982, by MACMILLIAN PRESS LTD.

SABARÁ, Romeu, *Comunidade Negra dos Arturos e o Drama do Campesinato Negro Brasileiro*, São Paulo, Tese de Doutorado da FFLCH-USP, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth I. B., *Gênero, patriarcado, violência*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Mulher Negra, Homem Branco*, Rio de Janeiro, Pallas, 2004.

SANTOS, Milton, *A Urbanização Brasileira*, São Paulo, EDUSP, 2005.

SCHUMAHER, Schuma e VITAL BRAZIL, Érico, *Mulheres Negras do Brasil*, Rio de Janeiro, SENAC, 2007.

SEBASTIÃO, Ana Angélica, “**Feminismo negro e suas práticas: algumas implicações na construção do simbólico**”, In: CARVALHO, Marília e PINTO, Regina P.(orgs.), *Mulheres e Desigualdades de Gênero*, São Paulo, Contexto, 2008.

SILVA, Djalma Antônio da, “**O Passeio dos Quilombolas e a Formação do Quilombo Urbano**”, São Paulo, PUC/SP, Tese de doutorado em Ciências Sociais, 2005.

SILVA, José Graziano da, ***A nova dinâmica da agricultura brasileira***, Campinas, Unicamp, IE, 1996.

SIMMEL, Georg, “**A Metrópole e a Vida Mental**” (tradução de Sérgio Marques dos Reis) In: Fenômeno Urbano, Rio de Janeiro, Zahar editores, 1973.

SLENES, Robert, W., ***Na Senzala Uma Flor: esperanças e recordações na formação da família escrava- Brasil Sudeste, século XIX***, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

SOARES, Cecília C. M., ***Mulher Negra na Bahia no século XIX***, Salvador, Eduneb, 2007.

STOLCKE, Verena, “**Sexo está para gênero, assim como raça para etnicidade?**”, Cadernos Cândido Mendes, estudos afro-asiáticos, no. 20, 1991

TEIXEIRA, Heloísa M., “**Família e reprodução escravas em Mariana (1850-1888)**”, In: Estudos Afro-Asiáticos, Ano 26, no. 3, 2004, pp.507-538.

THOMPSON, Paul, ***A voz do Passado: História Oral***, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

VALENTE Ana Lúcia E. P. & GUSMÃO, Neusa Maria M. de, “**Dois Mulheres Negras: histórias de religiosidade popular e resistência**”, Cadernos de Campo, Departamento de Antropologia-USP, 1991.

VANSINA, Jan, ***La tradición oral***, Barcelona, Nueva Colección Labor, 1967.

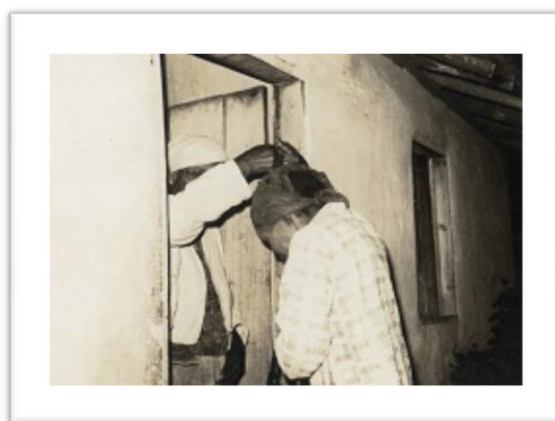
VERNANT, Jean-Pierre, “**Aspectos Míticos da Memória**”, In: *Mito e Pensamento Entre os Gregos-estudos de psicologia histórica*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

VIEIRA, Camila C., “**No Giro do Rosário: Dança e Memória Corporal na Comunidade dos Arturos**”, São Paulo, Dissertação de Mestrado- FFLCH-USP, 2003.

WOORTMANN, Klaas, ***A Família das Mulheres***, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1987.

- ANEXO A -** Carmelinda e alguns de seus filhos
- ANEXO B -** Congado
- ANEXO C -** Mulheres nos preparativos da cozinha no dia da festa do Congado
- ANEXO D -** Legendas das Fotografias
- ANEXO E -** Questionário Censo Comunidade dos Arturos

**ANEXO A - Carmelinda e alguns de seus filhos**





## ANEXO B - Congado





**ANEXO C - Mulheres nos preparativos da cozinha no dia da festa do Congado**



## ANEXO D - Legendas das Fotografias

### • Capa Capítulo 1

**Foto 1:** Retrato de Carmelinda Maria e Arthur Camilo

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

**Foto 2:** Vista da Igreja e do espaço da Comunidade dos Arturos

**Fonte:** Luana Carolina (Jovem dos Arturos)

### • Capa Capítulo 2

**Foto 1:** Convite Festa Nossa Senhora do Rosário-ano de 2004

**Foto 2:** “Arturos de Primeira Linha”

**Fonte:** Luana Carolina (Jovem dos Arturos)

### • Capa Capítulo 3

**Foto 1: Carmelinda Maria da Silva**

**Fonte:** Acervo Comunidade dos Arturos- autor desconhecido

### • Capa Capítulo 4

**Conjunto de fotos** – Algumas filhas, netas e bisnetas de Carmelinda Maria e Arthur Camilo:

Filhas de Carmelinda e Arthur Camilo ao centro da página;

— **Foto-** Conceição Natalícia(Tetane);

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

— **Foto (esquerda)** - Izaíra Maria (Tita);

**Fonte:** Acervo da comunidade- autor desconhecido;

— **Foto (direita)**- Maria do Rosário (Vestida de Rainha);

**Fonte:** Mariana Simões e Maria Gorete.

— **Fotos** – Netas de Carmelinda Maria e Arthur Camilo;

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

— **Fotos:** Bisnetas de Carmelinda Maria e Arthur Camilo;

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

— **Fotos do final do Capítulo 4** - fotografias de netas e bisnetas de Carmelinda Maria

**Fonte:** Camila Camargo Vieira; Luana Carolina (Jovem dos Arturos); Mariana Simões e Maria Gorete

- **Anexo A: Carmelinda e alguns de seus filhos**

**Conjunto de fotos- “Carmelinda Maria alguns de seus filhos”**

- **Foto1:** Carmelinda Maria ao lado da filha Izaíra Maria (Tita) e Joaquim Bonifácio (Bil) seu filho- cumprimentando uma senhora no Congado  
**Fonte:** Acervo Comunidade dos Arturos - Autor desconhecido
- **Foto2:** Carmelinda Maria- “saudando” uma mulher em sua casa- gesto de cumprimento do Congado  
**Fonte:** Acervo da Comunidade dos Arturos - Autor desconhecido
- **Foto 3:** Retrato Carmelinda Maria vestida de Rainha com Joaquim Quadros de Rei  
**Fonte:** Camila Camargo Vieira
- **Foto 4:** Retrato filha de Carmelinda Maria e Arthur Camilo - Maria do Rosário (Vestida de Rainha)  
**Fonte:** Camila Camargo Vieira
- **Foto 5:** Conceição Natalícia(Tetane) - Filha Carmelinda Maria e Arthur Camilo  
**Fonte:** Camila Camargo Vieira
- **Foto 6:** Maria do Rosário - Filha de Carmelinda Maria e Arthur Camilo - ao centro vestida de Rainha, com Maria Auxiliadora, Maria Gorete e Dona Lucinha  
**Fonte:** Mariana Simões e Maria Gorete
- **Foto 7 (canto esquerdo):** Mário Brás - Filho de Carmelinda Maria e Arthur Camilo  
**Fonte:** Luana Carolina
- **Foto 8 (canto direito):** Antônio Maria - Filho de Carmelinda e Arthur Camilo  
**Fonte:** Luana Carolina
- **Foto 9:** Juventina de Paula (falecida) - Filha de Carmelinda Maria e Arthur Camilo  
**Fonte:** Acervo Comunidade dos Arturos: Autor desconhecido
- **Foto 10:** Maria do Rosário e Izaíra Maria (falecida) - Filhas de Carmelinda, com Maria ao meio, que também morava na casa “mãe”  
**Fonte:** Acervo da Comunidade dos Arturos - Autor desconhecido

- **Anexo D: Congado**

**Foto 1:** Igreja Comunidade

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

**Foto 2:** Guarda do Congo

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

**Foto 3:** Guarda do Congo

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

**Foto 4 e 5:** Reis e Rainhas - Realeza na mesa da casa dos pais, momento do agradecimento do alimento

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

**Foto 6 (direita):** Mulheres no Moçambique

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

**Foto 7 (esquerda):** Rainhas e Reis caminhando na comunidade

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

**Foto 8:** Rainha

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

**Foto 9:** Mulheres no Moçambique dançando

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

**Foto 10:** Representação da escravizada Anastácia na Festa da Abolição- jovem dos Arturos

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

**Foto 11:** Guarda das cozinheiras

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

- **ANEXO C: Mulheres nos preparativos da cozinha no dia da festa do Congado**

**Conjunto de fotos** - Mulheres da Comunidade nos preparativos da cozinha no dia da festa do Congado

**Fonte:** Camila Camargo Vieira

## ANEXO E - Questionário Censo Comunidade dos Arturos

### Questionário Censo Comunidade dos Arturos:

#### A. Quantas pessoas moram na casa?

1. até 3
  2. entre 4 e 6
  3. entre 7 e 10
  4. entre 11 e 13
  5. + de 14
- Quantas \_\_\_\_\_

#### B. Quantas famílias moram na casa?

1. Uma
  2. Duas
  3. Três
  4. Quatro
  5. Cinco
  6. + de Seis
- Quantas \_\_\_\_\_

#### C. Cada família tem quantos filhos? (Resposta Múltipla. Quando mais de uma família tiver a mesma quantidade de filhos coloca quantidade de famílias que tem aquela quantidade de filhos entre parêntesis). Não incluir os filhos dos filhos de Arthur e Carmelinda.

1. Um ( )
  2. Dois ( )
  3. Três ( )
  4. Quatro ( )
  5. Cinco ( )
  6. Entre 6 e 8 ( )
  7. Entre 9 e 11 ( )
  8. + de 12
- Quantas \_\_\_\_\_

#### D. Quantas pessoas trabalham?

1. Até duas
  2. Entre 3 e 4
  3. Entre 5 e 7
  4. Entre 8 e 10
  5. + de 11
- Quantas \_\_\_\_\_

#### E. Qual a idade das pessoas que trabalham? (Se tiver mais de uma pessoa marca para todos. Se uma faixa tiver mais de uma pessoa trabalhando coloca numero no parêntesis).

1. Entre 14 e 16 anos ( )
  2. Entre 17 e 19 anos ( )
  3. Entre 20 e 23 anos ( )
  4. Entre 24 e 27 anos ( )
  5. Entre 28 e 33 anos ( )
  6. Entre 34 e 37 anos ( )
  7. Entre 38 e 40 anos ( )
  8. Entre 41 e 44 anos ( )
  9. Entre 45 e 50 anos ( )
  10. Entre 51 e 55 anos ( )
  11. Entre 56 e 60 anos ( )
  12. Entre 61 e 65 anos ( )
  13. + de 66 anos
- Quantos anos \_\_\_\_\_ ( )

#### F. Quais profissões são exercidas por aqueles que trabalham? (Deixar aberta. Na hora de tabular vemos como criar categorias com base nas respostas). Do lado de cada profissão colocar Sexo e Idade.

Profissão: \_\_\_\_\_ Salário ( ) SM Sexo ( ) Idade ( )  
Profissão: \_\_\_\_\_ Salário ( ) SM Sexo ( ) Idade ( )  
Profissão: \_\_\_\_\_ Salário ( ) SM Sexo ( ) Idade ( )  
Profissão: \_\_\_\_\_ Salário ( ) SM Sexo ( ) Idade ( )

Profissão: \_\_\_\_\_ Salário ( ) SM Sexo ( ) Idade ( )  
 Profissão: \_\_\_\_\_ Salário ( ) SM Sexo ( ) Idade ( )  
 Profissão: \_\_\_\_\_ Salário ( ) SM Sexo ( ) Idade ( )  
 Profissão: \_\_\_\_\_ Salário ( ) SM Sexo ( ) Idade ( )  
 Profissão: \_\_\_\_\_ Salário ( ) SM Sexo ( ) Idade ( )  
 Profissão: \_\_\_\_\_ Salário ( ) SM Sexo ( ) Idade ( )

**G. Onde trabalham?** (Deixar aberta. Na hora de tabular vemos como criar categorias com base nas respostas).

**H. Qual salário ?** (Registrar faixa salarial para todos q trabalham. Se tiver mais de uma pessoa com a mesma faixa salarial coloca numero no parêntesis). **Referencia de Salário Mínimo – R\$ 510,00**

- |                         |                   |
|-------------------------|-------------------|
| 1. 1 salário Mínimo ( ) | 7. 7 SM ( )       |
| 2. 2 SM ( )             | 8. 8 SM ( )       |
| 3. 3 SM ( )             | 9. 9 SM ( )       |
| 4. 4 SM ( )             | 10. 10 SM ( )     |
| 5. 5 SM ( )             | 11. + de 10 SM    |
| 6. 6 SM ( )             | Quantos _____ ( ) |

**I. Vínculo empregatício ?** (Registrar vínculo empregatício para todos q trabalham. Se tiver mais de uma pessoa com o mesmo vínculo empregatício coloca numero no parêntesis).

- |                          |                              |
|--------------------------|------------------------------|
| 1. Carteira Assinada ( ) | 3. Autônomo ( )              |
| 2. Diarista ( )          | 4. Sem carteira assinada ( ) |

**J. Qual sua opinião sobre o passado e hoje com relação ao mercado de trabalho, vc acha que melhorou ou piorou comparando o passado com os dias de hoje?**

**K. Se melhorou, o que melhorou e se piorou o que piorou ou se nada mudou o que vc pensa sobre isso, e por que?**

**L. Como vc vê a participação da mulher no Congado e no dia a dia?**

**M. Quem sempre trabalhou fora na sua casa?**

- |          |           |
|----------|-----------|
| 1. Homem | 2. Mulher |
|----------|-----------|

3. Apenas o homem

4. Apenas a mulher

**N. Qual a sua escolaridade de todos** (Registrar escolaridade para todos q moam na casa. Se tiver mais de uma pessoa com a mesma escolaridade coloca numero no parêntesis).

1. Fundamental ( )

4. Universitário ( )

2. 1º grau ( )

5. Parou de estudar ( )

3. 2º grau ( )

6. Não estudou ( )

**O. Vc participa do congado? Como?**

**P. Vc acha importante fazer parte de uma comunidade negra? Por que?**

**Vc acha que poderia melhorar alguma coisa aqui na comunidade dos Arturos? Se acha, o que?**